

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARIANE SOUZA DE QUADROS

**A PIONEIRA DAS EMISSORAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS:
UMA HISTÓRIA DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PORTO ALEGRE
2024

MARIANE SOUZA DE QUADROS

**A PIONEIRA DAS EMISSORAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS:
UMA HISTÓRIA DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto

PORTO ALEGRE
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Quadros, Mariane Souza de
A pioneira das emissoras universitárias
brasileiras: uma história da Rádio da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul / Mariane Souza de
Quadros. -- 2024.
211 f.
Orientador: Luiz Artur Ferraretto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Rádio da Universidade. 2. Universidade Federal
do Rio Grande do Sul. 3. História. 4. Rádio. 5. Rádio
educativo. I. Ferraretto, Luiz Artur, orient. II.
Titulo.

MARIANE SOUZA DE QUADROS

**A PIONEIRA DAS EMISSORAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS:
UMA HISTÓRIA DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Aprovada em: 27 de março de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto (orientador)
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Izani Pibernat Mustafá
PPGCOM – Universidade Federal do Maranhã - Imperatriz

Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
PPGJOR - Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt
PPGCOM - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Thais Helena Furtado (suplente)
PPGCOM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

A todos que se dedicaram a guardar e registrar a história da Rádio da Universidade, especialmente seus servidores e ex-servidores que conservaram reportagens e notas de jornais, fotografias, áudios e outros tipos de materiais de valor inestimável para a realização desta pesquisa.

Aos entrevistados neste estudo, por dispor do seu tempo e suas memórias para relembrar fatos importantes e, muitas vezes, tão longínquos de suas trajetórias.

Aos colegas da rádio, em especial os do jornalismo, que sempre estiveram dispostos a colaborar com esta pesquisa: Silvia Secrieru, memória viva da emissora; André Grassi, pelos materiais e lembranças emprestados; Claudia Heinzelmann, pela compreensão e pelos momentos relembrados; Pedro Palaoro e Deborah Rodrigues, pelo apoio diário, dando-me mais tempo para esta empreitada.

Ao meu orientador, o professor Luiz Artur Ferraretto, por guiar a realização deste estudo, pela paciência com essa pesquisadora em formação e pela generosidade em compartilhar seu conhecimento.

Às professoras Izani Mustafá e Valci Zuculoto, pelas contribuições valiosas para esta pesquisa; e ao professor Fernando Morgado, pela valiosa ajuda na conclusão deste estudo.

Aos pesquisadores do Núcleo de Estudos Radiofônicos (NER/UFRGS), por todo o aprendizado.

Aos colegas servidores da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e da biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, sempre solícitos ao tirar dúvidas e dar encaminhamento às demandas, pessoas que, como muitos técnicos em educação desta universidade, superam as dificuldades impostas pela falta de pessoal e de condições de trabalho, pela ausência de democracia interna e, no último período, por uma pandemia mundial, a fim de seguir prestando um serviço público de qualidade.

À UFRGS, instituição que cumpre um papel fundamental na formação de profissionais e pesquisadores, na produção de conhecimento e cultura, na extensão e nos serviços à comunidade, por meio do trabalho e dedicação de seus servidores técnico-administrativos em educação e docentes, bem como de seus estudantes.

Por fim e mais importante, meu agradecimento a minha família, pelo apoio e carinho de sempre, em especial meus pais Maria do Carmo Souza de Quadros e Valdir Santiago de Quadros e minha irmã, Caroline Souza de Quadros, assim como meu companheiro, Gabriel Focking, que acompanhou e apoiou toda esta trajetória.

RESUMO

Esta pesquisa buscou recuperar a trajetória da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, primeira emissora universitária do Brasil, desde seu período experimental - ainda em ondas curtas - até o ano em que completou 60 anos, transmitida pelos 1.080 AM, em 18 de novembro de 2017. Desta forma, conta-se aqui uma história da primeira emissora universitária do Brasil. Para embasar o estudo, utilizou-se a economia política de comunicação em sua vertente crítica (MATTELART; MATTELART, 1999 e MOSCO, 1998; 2008; 2009), bem como a teoria da história (HELLER, 1993) e os conceitos de história e memória (LE GOFF, 2023; MARTINS, 2019; SILVA; SILVA, 2018). Foram abordados os conceitos contemporâneos de rádio (FERRARETTO, 2001, 2021; GAMBARO, 2019; LOPEZ, 2010; KISCHINHEVSKY, 2016; e MEDITSCH, 2001, 2010) e trabalhadas as definições de *posicionamento*, *identidade*, *segmento* e *formato de programação* (FERRARETTO, 2014; KOTLER; ARMSTRONG, 2007; NEWTON, 2006; RICHERS, 1991; WARREN, 2005). Ademais, ao buscar um panorama da história do rádio brasileiro, utilizou-se os estudos de Ferraretto (2012) e Zuculoto (2012). Discorreu-se sobre a regulação da radiofonia no Brasil e a lacuna deixada pela Constituição Federal de 1988 em relação ao sistema público e estatal; as principais iniciativas de educação pelo rádio no país; e o rádio universitário como meio de transmissão de conhecimento, cultura e de divulgação institucional. A realização deste estudo incluiu a pesquisa bibliográfica e documental e a realização de entrevistas, utilizando-se principalmente como metodologia a *história das instituições* (SCHUDSON, 1993) e a *história oral* (DELGADO, 2006; LANG, 1996; MEIHY, 1996; THOMPSON, 1992). O objetivo central foi, a partir dos dados disponíveis, identificar como a emissora foi se transformando em termos de *posicionamento*, *identidade*, *segmento* e *formato de programação* ao longo do tempo. Buscou-se identificar os diferentes momentos da trajetória da emissora; detalhar as concepções dos diferentes gestores sobre os objetivos da emissora em relação ao público-alvo e conteúdo; além de recuperar e comparar as diferentes grades de programação adotadas ao longo dos anos. Ao final, conclui-se que a emissora possui um *esboço de posicionamento e identidade* que, como uma decorrência não planejada, delineiam um *formato de programação* baseado na música de concerto com concessões ao institucional, ao jornalismo, ao educativo e ao acadêmico (ensino laboratorial). Fala-se em esboço porque são construídos de forma empírica pelo transcorrer do tempo, não se identificando um planejamento.

Palavras-chave: Rádio da Universidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. História. Rádio. Rádio educativo. Rádio universitário.

ABSTRACT

This research sought to recover the trajectory of the Radio of the Federal University of Rio Grande do Sul, the first university broadcaster in Brazil, from its experimental period - still on shortwave - to the year in which it turned 60 years old, broadcast by 1,080 AM, on November 18, 2017. In this way, a story of the first university broadcaster in Brazil is told here. To support the study, the political economy of communication was used in its critical aspect (MATTELART; MATTELART, 1999 and MOSCO, 1998; 2008; 2009), as well as the theory of history (HELLER, 1993) and the concepts of history and memory (LE GOFF, 2023; MARTINS, 2019; SILVA; SILVA, 2018). Contemporary concepts of radio were addressed (FERRARETTO, 2001, 2021; GAMBARO, 2019; LOPEZ, 2010; KISCHINHEVSKY, 2016; and MEDITSCH, 2001, 2010) and worked on the definitions of positioning, identity, segment and programming format (FERRARETTO, 2014; KOTLER; ARMSTRONG, 2007; NEWTON, 2006; RICHERS, 1991; WARREN, 2005). In addition, when seeking an overview of the history of Brazilian radio, the studies of Ferraretto (2012) and Zuculoto (2012) were used. The regulation of radio in Brazil and the gap left by the Federal Constitution of 1988 in relation to the public and state system were discussed; the main radio education initiatives in the country; and university radio as a means of transmitting knowledge, culture, and institutional dissemination. The accomplishment of this study included bibliographic and documentary research and interviews, using mainly the history of institutions (SCHUDSON, 1993) and oral history (DELGADO, 2006; LANG, 1996; MEIHY, 1996; THOMPSON, 1992). The main objective was, based on the available data, to identify how the station has been transformed in terms of positioning, identity, segment and programming format over time. We sought to identify the different moments of the station's trajectory; detail the conceptions of the different managers about the objectives of the broadcaster in relation to the target audience and content; in addition to recovering and comparing the different programming grids adopted over the years. In the end, it is concluded that the station has a draft of positioning and identity that, as an unplanned consequence, outline a programming format based on concert music with concessions to the institutional, journalism, educational and academic (laboratory teaching). We speak of sketches because they are constructed empirically over time, and no planning is identified.

Keywords: University Radio. Federal University of Rio Grande do Sul. History. Radio. Educational radio. University radio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS, CONCEITOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANALISAR A RÁDIO DA UNIVERSIDADE	16
2.1 Economia política da comunicação	16
2.2 Teoria da história	17
2.3 Rádio como instituição social, rádio expandido e rádio hipermidiático	20
2.4 Posicionamento, identidade, segmento e formato de programação	23
2.5 Procedimentos metodológicos	27
2.5.1 <i>Questão ética</i>	31
3 HISTÓRIAS DO RÁDIO NO BRASIL: A FORMAÇÃO DO CAMPO COMERCIAL E EDUCATIVO	32
3.5 Histórias do rádio no Brasil	32
3.5.1 <i>Rádio comercial</i>	32
3.5.2 <i>Rádio não comercial</i>	35
3.6 Regulação do sistema de radiodifusão: outorga comercial e educativa	38
3.7 Educação pelo rádio no Brasil	42
3.7.1 <i>Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena)</i>	42
3.7.2 <i>Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte) e a Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam)</i>	43
3.7.3 <i>Projeto Minerva</i>	44
3.7.4 <i>Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred)</i>	45
3.8 O rádio universitário como meio de transmissão de conhecimento, cultura e de divulgação institucional	46
4 UMA HISTÓRIA DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1950-2017)	50
4.1 A implantação da Rádio da Universidade (1950-1959)	50
4.1.1 <i>Brasil: oposição entre o nacionalismo e o desenvolvimentismo</i>	51
4.1.2 <i>Rádio da universidade: as transmissões experimentais, o fechamento em 1953 e a inauguração oficial</i>	53
4.2 Os primeiros passos de uma emissora universitária em meio a um período turbulento da história brasileira (1960-1969)	71
4.2.1 <i>Brasil: da resistência em 1961 à ditadura civil-militar de 1964</i>	72

4.2.2 Rádio da Universidade: a nova sede, a ocupação em 1964, o tensionamento com a Feplam e a chegada da primeira mulher à direção da emissora	77
4.3 A busca da ampliação do público ouvinte (1970-1979)	93
4.3.1 Brasil: entre a repressão e o milagre econômico	94
4.3.2 Rádio da Universidade: a luta para o aumento da potência e a criação do Centro de Teledifusão Educativa (CTE)	98
4.4 A luta contra o sucateamento da emissora (1980-1989)	109
4.4.1 Brasil: a redemocratização e a crise econômica	109
4.4.2 Rádio da Universidade: entre repensar a sua programação e garantir a continuidade da emissora	112
4.5 A modernização da rádio universitária (1990-1999)	124
4.5.1 Brasil: a estabilização econômica e a redução do Estado	125
4.5.2 Rádio da Universidade: a mudança para o CD, a chegada da internet e a abertura da programação para o jornalismo	128
4.6 A emissora universitária oscila entre a diversidade de conteúdo e a segmentação (2000-2010)	144
4.6.1 Brasil: O Partido dos Trabalhadores chega ao governo	144
4.6.2 Rádio da Universidade: diferentes visões sobre o papel da emissora universitária	146
4.7. A Rádio da Universidade em meio às mudanças no cenário político e radiofônico (2010-2017)	160
4.7.1 Brasil: As jornadas de junho de 2013 e o fim do ciclo de governos petistas	161
4.7.2 Rádio da Universidade: a tentativa de migração para a FM e as comemorações dos 60 anos	167
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	185

1 INTRODUÇÃO

Em 18 de novembro de 1957, uma segunda-feira à noite, a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entra oficialmente no ar, transmitindo as suítes de *Descobrimento do Brasil*, do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos na frequência 1.080 kHz, em amplitude modulada (AM). A escolha dessa trilha sonora não é por acaso e vai permear toda a história da emissora, dedicada à difusão da música de concerto¹ até os dias atuais, mais de 65 anos depois. Esta pesquisa busca recuperar essa trajetória da Rádio da Universidade, no intuito de contar uma história da emissora até o ano em que completa 60 anos, em 2017.

A história da Rádio da Universidade começa no dia 1º de julho de 1950, quando recebe outorga para operar em ondas curtas. A iniciativa de criar uma estação radiofônica parte do professor de eletrotécnica Antônio Alberto Goetze, que tem o objetivo de realizar estudos práticos sobre irradiação e construção de transmissores (STOSCH, 1987, p. 25). Essa outorga permite conteúdos somente de caráter educativo e não inclui a possibilidade de veiculação de músicas ou qualquer programa de natureza recreativa. Dessa forma, a programação é composta por transmissões de palestras, ensinamentos e informações do Observatório Astronômico da universidade. Em janeiro do ano seguinte (1951), é realizada uma inauguração simbólica e, nos dois anos subsequentes, a rádio busca obter uma nova outorga do Governo Federal, em ondas médias (AM), e que permita a irradiação de música (GOETZE, 1951; STOSCH, 1987, p. 97).

Ao final do ano de 1952, a Rádio da Universidade já contava com alguns locutores, escolhidos por concurso. Também integra a equipe o músico Armando Albuquerque, responsável pela programação musical (mesmo sem a devida autorização governamental, a emissora já veiculava música). Na noite de 31 de dezembro de 1953, a emissora é retirada do ar, após notificação do Ministério da Viação e Obras Públicas (MVOP) para que os programas musicais sejam encerrados imediatamente (ATENTADO..., 1954, p. 11). Entre os anos de 1953 e 1957, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por meio do reitor, Elyseu Paglioli, empreende esforços para garantir uma outorga definitiva para a sua emissora, bem como os equipamentos necessários para transmitir em ondas médias (AM), por meio da frequência de 1.080 kHz. Como já mencionado, a inauguração oficial ocorre na noite de 18 de novembro de

¹ A expressão *música de concerto* tem sido utilizada para se referir à tradição musical, também conhecida como clássica ou erudita, por ser mais objetiva, no sentido de designar o repertório que é apresentado em salas de concerto, e por se distanciar de possíveis valorizações atreladas às ideias de erudição, elite intelectual ou social ou de paradigma musical (NOGUEIRA, 2012).

1957, data que é utilizada como o marco inicial do veículo, que se torna assim a primeira emissora de radiodifusão de uma universidade brasileira.

Ao longo dessa trajetória de 60 anos da Rádio da Universidade, objeto deste estudo, a história do rádio se desenvolve influenciada por mudanças como o surgimento da TV, da frequência modulada, da transistorização, das redes via satélite e, por fim, do advento da telefonia móvel e da internet, trazendo transformações profundas para o meio (FERRARETTO, 2012). Como será tratado mais adiante, o próprio conceito de rádio se modifica nesse período, assim como as emissoras radiofônicas são levadas a realizar mudanças ao longo do tempo a fim de manter um público ouvinte, tarefa imprescindível especialmente em um contexto em que o modelo comercial de rádio é o predominante. A própria instituição que mantém a emissora, a UFRGS, também passa por mudanças, assim como a sociedade brasileira, que vê suas cidades crescerem, a democracia avançar e retroceder, entre outras alterações.

Até o momento em que se encerra esta pesquisa, em janeiro de 2024, a Rádio da Universidade segue transmitindo em AM, pela frequência de 1.080 kHz, sob o prefixo ZYK 280 e com uma potência de 10 kW, bem como via internet, além de disponibilizar parte de seu conteúdo em plataformas digitais de áudio. Apesar de não possuir uma outorga educativa², a emissora não veicula publicidade e apresenta objetivos condizentes com as emissoras desse modelo. Segundo o site da Rádio da Universidade, sua finalidade é “irradiar cultura, educação e entretenimento da melhor qualidade” (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). A programação é transmitida 24 horas por dia e composta por programas de cunho jornalístico e cultural, veiculados entre as 10h e às 20h, que permeiam uma seleção musical dedicada à música de concerto. Dentro da estrutura da universidade, está vinculada ao Centro de Teledifusão Educativa (CTE), órgão ligado à Secretaria de Comunicação Social (Secom) da UFRGS. Uma vez que não veicula comerciais, é financiada exclusivamente com verbas da instituição de ensino.

A emissora surge com o objetivo manifesto de transmitir cultura, educação e entretenimento de qualidade, sendo uma forma de contato da UFRGS com a sociedade. Em uma visita à página da rádio, lê-se a afirmação de que se mantém “fiel à sua proposta original” (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). Ao longo desta pesquisa, questiona-se de que forma procurou-se cumprir esse objetivo ao longo do tempo, ou seja, se a rádio e as pessoas que por ela passaram

² A outorga educativa de radiodifusão foi criada pelo Decreto-Lei 236, de 1967, e a Rádio da Universidade obteve sua outorga mais de uma década antes, em 28 de maio de 1956. Além disso, opera em ondas médias (OM), enquanto as outorgas educativas são concedidas apenas para a frequência modulada (BRASIL, 1967).

possuíam uma concepção clara e única sobre seu *posicionamento*³, *identidade*, *segmento* e *formato de programação*, ou apenas uma ideia difusa, que não se traduziu em uma grade de programas que atraísse o público desejado. Aliás, questiona-se se a emissora definiu o público para o qual deseja falar, se essa audiência pretendida é a sua comunidade universitária, ou se são os apreciadores da música de concerto, ou se é o público mais amplo possível. Mesmo que não dependa de receitas publicitárias, a rádio precisa construir sua audiência, inclusive como forma de justificar o investimento público realizado na emissora.

Dessa forma, este estudo busca reconstruir a trajetória da Rádio da Universidade, situando-a no contexto do rádio no Brasil e nos projetos educativos pelo rádio. Inicialmente, destaca-se o Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena), que funciona de 1958 a 1963 (PIMENTEL, 2004), tendo como ações principais a produção e distribuição de cursos radiofônicos de educação básica. A seguir, entre 1965 e 1967, já durante a ditadura civil-militar, é desenvolvido o Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte), voltado ao ensino de nível médio e que, no Rio Grande do Sul, dá origem à Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam), cuja primeira sede é o prédio da Rádio da Universidade (GOLIN; FREITAS 2020). Já em 1970, é criado o Projeto Minerva, que buscava atender às pessoas que não tinham a possibilidade de frequentar a escola, oferecendo cursos que hoje equivalem ao Ensino Fundamental e Médio (PIMENTEL, 2004). O projeto perde força junto com o regime civil-militar e suas transmissões são encerradas em 16 de outubro de 1989 (FERRARETTO, 2001, p. 162). Por fim, aborda-se o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred), considerado o último projeto nacional de transmissão de programas educativos e culturais (PIMENTEL, 2004, p. 85). O sistema funcionou de 1983 a 1998, com o intuito de constituir uma cadeia nacional para a produção e difusão de programas que abordassem as diversas manifestações culturais brasileiras.

Ao recuperar a trajetória da Rádio da Universidade em seu contexto de época, procura-se responder à pergunta: qual o posicionamento, a *identidade*, o *segmento* e o *formato* adotados pela emissora ao longo de seus 60 anos? Portanto, a pesquisa teve o objetivo central de, a partir dos dados disponíveis, identificar como a emissora foi se transformando, em termos de *posicionamento*, *identidade*, *segmento* e *formato de programação*, ao longo do tempo. Objetiva-se também:

³ Trata-se aqui de posicionamento de mercado, conceito que será tratado mais detalhadamente adiante. Em resumo, refere-se a como a emissora se coloca e se diferencia em relação às demais rádios e mesmo em relação a outros veículos de comunicação. Mesmo sendo uma instituição sem fins lucrativos, considera-se que a Rádio da Universidade está em um contexto de rádio comercial predominante e que, portanto, disputa o público dentro desses moldes.

(1) Apontar os principais acontecimentos da história da Rádio da Universidade, buscando identificar diferentes momentos de sua trajetória.

(2) Detalhar as concepções dos diferentes gestores da Rádio da Universidade sobre os objetivos da emissora em relação ao público-alvo e conteúdo.

(3) Recuperar e comparar as diferentes grades de programação adotadas ao longo dos anos.

A fim de compreender o cenário em que se situa a Rádio da Universidade, busca-se apoio na economia política de comunicação (MOSCO 1998; 2008; 2009), bem como na teoria da história, em Agnes Heller (1993). Além disso, aborda-se o conceito de rádio como instituição social e criação cultural (MEDITSCH, 2001, 2010; GAMBARO, 2019), considerando ainda a ideia de rádio hipermidiático (LOPEZ, 2010) e rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), para compreender as mudanças pelas quais o meio passou ao longo dos anos.

A seguir, com o objetivo de situar a história da Rádio da Universidade no contexto do rádio no Brasil, apresenta-se a periodização de Luiz Artur Ferraretto (2012) sobre o veículo, com foco nas emissoras comerciais; e a recuperação histórica de Valci Zuculoto (2012) sobre a radiofonia não comercial. Da mesma forma, fez-se uma breve discussão sobre dois tipos de outorgas de rádio, a comercial (preponderante) e a educativa – modalidade utilizada pela maioria das emissoras universitárias – a fim de esclarecer as diferenças e principais características de cada modelo. Busca-se posicionar a Rádio da Universidade como uma emissora que, apesar de não possuir uma outorga educativa, se inclui nessa modalidade por sua ligação com uma instituição de ensino. Para abordar e compreender o significado de rádio educativo, faz-se uma recuperação dos principais projetos de educação pelo rádio idealizados pelo governo brasileiro ao longo dos anos, uma preparação para, no decorrer da pesquisa, identificar as influências dessas iniciativas na programação da emissora objeto deste estudo.

Por fim, aborda-se dois conceitos considerados pertinentes quando se fala no rádio universitário: a transmissão de conhecimento e cultura e a divulgação institucional. A partir de Roquette-Pinto, discute-se a gênese da ideia de difusão educativa pelo rádio, no intuito de compreender que cultura e que conhecimento são considerados importantes nessa concepção. Da mesma forma, a utilização do rádio como forma de aproximar a universidade pública da sociedade é discutida a partir do conceito de *divulgação institucional*.

A Rádio da Universidade é considerada a primeira emissora universitária do país (KISCHINHEVSKY et. al, 2018), porém, apesar desse pioneirismo, são escassas as pesquisas

acadêmicas abordando esse veículo universitário⁴. Localizaram-se dois artigos de Cida Golin e Ana Laura Colombo de Freitas que recuperam as primeiras décadas dessa trajetória: *A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da Universidade (UFRGS)* (GOLIN; FREITAS, 2019) e *A rádio da Universidade entre as décadas de 60 e 70: a consolidação do perfil cultural e de programação* (GOLIN; FREITAS 2020). Além disso, o trabalho de conclusão de curso *Rádio da Universidade – 30 anos: a história de sua implantação* (STOSCH, 1987), produzido por Sérgio Stosch junto à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), foi de fundamental importância como registro dos primeiros anos de funcionamento da emissora.

A partir de levantamento realizado em repositórios das principais universidades do país, grupos de pesquisa, bancos de dados e bibliotecas digitais, verificou-se o restrito número de pesquisas sobre a Rádio da Universidade. No repositório da UFRGS, não consta nenhuma dissertação ou tese sobre a emissora. Foram identificados três trabalhos de conclusão de curso (TCC): *Na trilha dos filmes em cena: um panorama do cinema no rádio de Porto Alegre*, de Caroline da Silva (2005); *Rádios universitárias federais gaúchas: um estudo da programação jornalística*, de Vicente Fernandes Dutra Fonseca (2007); e *Fronteiras da ciência: divulgação científica no rádio*, de Francisco Guimaraens Guazzelli (2014). Ainda, recuperaram-se dois TCCs produzidos na UFRGS, mas que não constam no repositório da Universidade: *Nativismo no rádio do Rio Grande do Sul: o fortalecimento da identidade cultural do povo gaúcho*, de autoria de Marcos Almeida Pfeifer (2009); e *Universidade é notícia? Estudo de caso sobre o jornalismo da Rádio da UFRGS*, produzido por Renato Nunes Wolff (1992). Ademais, em relação à expressão *rádio educativo*, foram localizadas 64 ocorrências no repositório da UFRGS.

Em consulta à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTC), foi localizada a pesquisa *Rádio educativo: relações entre legislação e programação - estudo das emissoras educativas da região metropolitana de Porto Alegre*, de Paulo Muccillo Torino (2001). Na plataforma, também foram encontradas outras 33 pesquisas sobre rádio educativo.

Também foi pesquisada a expressão rádio educativo nos seguintes repositórios, obtendo como resultados: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS): sete trabalhos; Universidade de Brasília (UnB): quatro pesquisas; e Universidade de São Paulo (USP): 59 ocorrências. A busca ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes retornou 23 estudos sobre rádio educativo.

⁴ Levantamento realizado em abril de 2023.

Dessa forma, entende-se ser relevante a realização desta pesquisa no sentido de recuperar a história da emissora, dado seu pioneirismo dentre as universitárias, de forma a contribuir para os estudos sobre rádio educativo. Também se buscou, a partir desta visão histórica, discutir os rumos da emissora em particular e das rádios educativas em geral, considerando conceitos como *posicionamento, identidade, segmento e formato de programação*.

Não se tem a pretensão aqui de contar *a* história da emissora, mas sim *uma* história, no sentido de que o passado nunca se encerra totalmente revelado e há sempre a possibilidade de se descobrir novos indícios ou provas (FERRARETTO, 2020, p. 12). Ancorando-se também na concepção de Marialva Barbosa (2010, p. 11) e seguindo caminho semelhante ao de Ferraretto (2020, p. 12), compreende-se que, ao contar uma história, não se tem a ilusão de ser possível trazer o passado na íntegra para o presente, apenas de apresentar uma interpretação dos fatos dentre tantas outras possíveis.

Para desenvolver este estudo, busca-se apoio na *história das instituições*, a partir de Michael Schudson (1993, p. 215), considerando o desenvolvimento dos meios de comunicação enquanto instituições sociais. O método de investigação se alia ao propósito da pesquisa, que aborda o rádio como instituição social e a Rádio da Universidade, em particular, como um veículo que também se constitui como instituição nas suas relações com as demais emissoras, com a sociedade e com a própria universidade que a mantém. Recorre-se ainda ao método da *história oral*, para o registro da experiência vivencial e, em alguns casos, também de informações factuais (MEIHY, 1996, p. 75).

Existem registros da história da Rádio da Universidade – entrevistas, matérias de jornais, site da emissora, entre outros –, mas, como mencionado anteriormente, não há um estudo científico que busque compilar essa trajetória. Dessa forma, esta pesquisa se apoia no trabalho de pesquisadores, jornalistas e servidores da UFRGS que registraram partes dessa trajetória. Além dos artigos de Cida Golin e Ana Laura Freitas (2019; 2020), é importante destacar o trabalho de conclusão de curso de Sérgio Stosch, professor, jornalista e ex-diretor da Rádio da Universidade. Depois de quase 20 anos de experiência como radialista e mais de 10 como funcionário da emissora universitária, decide cursar jornalismo na PUCRS. Seu TCC aborda a história da implantação da rádio, e o pesquisador teve acesso a documentos do arquivo pessoal de Goetze. Muitos dos materiais consultados sobre esse período estão disponíveis apenas na pesquisa de Stosch que, infelizmente, não está acessível em meio eletrônico, e somente foi recuperada porque outro ex-diretor da rádio, Ilgo Wink, possui uma cópia.

Portanto, esta pesquisa utiliza os seguintes instrumentos para buscar os dados relevantes a fim de contar uma história da Rádio da Universidade:

a) *Pesquisa bibliográfica, documental e em arquivos eletrônicos*: consulta a documentos que permitam reconstruir uma história da Rádio da Universidade e busca por arquivos governamentais públicos, como leis e portarias relativos à emissora, além de notícias de jornais de diferentes épocas que registraram fatos relacionados a ela. Foram utilizados ainda os arquivos da Rádio da Universidade, que incluem artigos de jornais e revistas sobre a emissora, assim como fotografias e, ainda, arquivos administrativos relevantes para conhecer o passado da instituição.

b) *Pesquisa em gravações da Rádio da Universidade*: utilização do arquivo de vozes da emissora, que ao longo dos anos registrou parte de sua trajetória, por exemplo, em programas especiais exibidos nas datas de aniversário.

c) *Entrevistas pessoais* com atuais e antigos gestores, ex-funcionários e demais fontes relacionadas a momentos considerados relevantes da história da emissora. As entrevistas com gestores e ex-gestores buscaram, além de recuperar episódios da história da Rádio da Universidade, investigar quais eram os objetivos pensados para a estação radiofônica, a compreensão sobre o seu papel em relação à universidade e à comunidade, o seu público-alvo e como isso se relaciona com a formatação de uma programação. Objetivou-se compreender se havia plano e objetivos claros e definidos e se estes se alteraram no decorrer dos anos. Com ex-funcionários, o objetivo foi recuperar fatos ocorridos, como era o trabalho à época, bem como qual era a sua compreensão a respeito do papel da emissora. Também foi realizada uma entrevista com uma fonte específica – a jornalista Cremilda Medina – para registrar um fato considerado relevante: a ocupação da Rádio da Universidade em uma tentativa de resistência ao golpe civil-militar de 1964. Medina era estudante da UFRGS à época e participou da ocupação.

Adotou-se as entrevistas em profundidade do tipo semiaberta, técnica que se caracteriza por abordar determinado assunto partindo das informações, experiências e percepções do informante, com a finalidade de posteriormente apresentar os dados obtidos de forma estruturada. A técnica possibilita flexibilidade e dinamicidade para o entrevistado e entrevistador, sendo adequada para investigações que buscam intensidade nas respostas e não quantificação ou representação estatística.

Após a *Introdução*, a pesquisa está dividida desta forma:

(1) O capítulo dois, *Referenciais teóricos, conceitos e procedimentos metodológicos para analisar a Rádio da Universidade*, aborda o cenário em que se situa a Rádio da Universidade, a partir da economia política da comunicação (MATTELART; MATTELART, 1999 e MOSCO, 1998; 2008; 2009). Em seguida, discorre sobre a teoria da história em Agnes Heller (1993) e os conceitos de história e memória (LE GOFF, 2023; MARTINS, 2019; SILVA; SILVA, 2018). Trata do conceito contemporâneo de rádio (FERRARETTO, 2001, 2021;

GAMBARO, 2019; LOPEZ, 2010; KISCHINHEVSKY, 2016; e MEDITSCH, 2001, 2010) e trabalha as definições de *posicionamento*, *identidade*, *segmento* e *formato de programação* (FERRARETTO, 2014; KOTLER; ARMSTRONG, 2007; NEWTON, 2006; RICHERS, 1991; WARREN, 2005). Descreve a estrutura metodológica da pesquisa e suas etapas, desde a fase exploratória, com as investigações da bibliografia pertinente, até a fase empírica, com a coleta e análise de dados. Apresenta e justifica a escolha da metodologia de estudo, apoiada principalmente na *história das instituições* (SCHUDSON, 1993) e na *história oral* (DELGADO, 2006; LANG, 1996; MEIHY, 1996; THOMPSON, 1992).

(2) O capítulo três, *Histórias do rádio no Brasil: a formação do campo comercial e educativo*, começa traçando um panorama da história do rádio no país, com os estudos de Luiz Artur Ferraretto (2012) e Valci Zuculoto (2012). Após, aborda a evolução da regulação da radiofonia no Brasil e a lacuna deixada pela Constituição Federal de 1988 em relação ao sistema público e estatal. A fim de compreender o contexto e a trajetória de uma emissora com finalidade educativa como a Rádio da Universidade, discorre sobre as principais iniciativas de educação pelas ondas radiofônicas implementadas no país; e sobre o rádio universitário como meio de transmissão de conhecimento, cultura e de divulgação institucional.

(3) O capítulo quatro, *Uma história da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1950-2017)*, narra a história da emissora. Essa trajetória é contextualizada em relação à história do país e do rádio, até o ano de 2017, quando a estação completa 60 anos.

(4) Por fim, no capítulo cinco, *Considerações finais*, parte-se do cruzamento das discussões teóricas com a trajetória da emissora, para então refletir sobre qual foi o *posicionamento*, *a identidade*, *o segmento* e o *formato de programação* adotados pela Rádio da Universidade, se existiram e/ou se foram modificados ao longo do tempo, acompanhando as evoluções do rádio e da sociedade. Analisa-se se o *posicionamento* e o público-alvo desejados se refletiram em um planejamento de programação. Por fim, avalia-se se foi confirmada a hipótese inicial, de que a Rádio da Universidade nunca definiu um *posicionamento* que gerasse um *formato de programação*, talvez com a exceção de alguns momentos que não tiveram continuidade ao longo dos anos. Em suma, este capítulo discute se os objetivos iniciais foram efetivamente alcançados e aponta para novas possibilidades de estudo.

Ademais, para conhecimento, o projeto que deu origem a esta pesquisa foi submetido à aprovação da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Comitê de Ética em Pesquisa, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizado pelas resoluções 466/2012 e 510/2016, do Ministério da Saúde.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS, CONCEITOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANALISAR A RÁDIO DA UNIVERSIDADE

Este estudo parte da economia política da comunicação, em sua vertente crítica (MATTELART; MATTELART, 1999 e MOSCO, 1998; 2008; 2009), a fim de abordar o cenário em que se situa a Rádio da Universidade. Para fazer uma reconstrução da trajetória da emissora, a pesquisa baseou-se em Agnes Heller (1993), do ponto de vista histórico, e nos conceitos de *história e memória*, a partir de Jacques Le Goff (2023). A seguir, traz-se o conceito de rádio (FERRARETTO, 2001, 2021; GAMBARO, 2019; LOPEZ, 2010; KISCHINHEVSKY, 2016; e MEDITSCH, 2001, 2010) e as definições de *posicionamento, identidade, segmento e formato de programação* (FERRARETTO, 2014; KOTLER; ARMSTRONG, 2007; NEWTON, 2006; RICHERS, 1991; WARREN, 2005).

2.1 Economia política da comunicação

A economia política da comunicação permite compreender a trajetória da Rádio da Universidade dentro do contexto de uma sociedade capitalista, na qual informação e cultura são também mercadorias. Propõe o “estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder, que mutuamente constituem a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos informacionais” (MOSCO, 1998, p. 98). Vincent Mosco (2009, p. 98) destaca o conjunto de qualidades centrais que caracterizam a abordagem da economia política da comunicação:

(1) *Análise da história e suas mudanças sociais*: relaciona-se à preocupação da economia política em compreender as diferentes transformações vividas pela sociedade ao longo dos anos.

(2) *Totalidade social*: refere-se à análise do objeto de forma mais abrangente, com o objetivo de “estabelecer a totalidade do político e do econômico, partindo de sua mútua influência e seu relacionamento com as esferas de atividades sociais e simbólicas” (MOSCO, 1998, p.99).

(3) *Filosofia moral*: é abordado a partir de dois aspectos centrais. Primeiro, a preocupação com os valores morais, culturais ou espirituais que predominam e que conseqüentemente modelam os comportamentos sociais. Segundo, com a consideração dos princípios que devem incidir na mudança social: “a economia política contemporânea tende para o ponto de vista

moral filosófico que coloca em primeiro plano a extensão da democracia a todos os aspectos da vida social” (MOSCO, 2009, p. 100).

(4) *Práxis social*: refere-se à unidade do pensar e do fazer. Apoiados nessa concepção, teóricos ligados à economia política tendem a compreender “a vida intelectual como um meio de transformação, e a intervenção social como uma forma de conhecimento” (MOSCO, 1998, p. 100). Em outras palavras, a *práxis social* entende que o conhecimento é um produto contínuo da combinação entre teoria e prática, ponto relevante para esta pesquisa que pretende produzir conhecimento que seja ferramenta para as mudanças necessárias e coadunadas a princípios como a democratização da comunicação, da educação e da cultura.

Outro foco predominante da economia política da comunicação relaciona-se à concepção de *indústrias culturais*, em uma revisão da expressão *indústria cultural*, termo que foi cunhado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, e que se refere a um movimento do sistema capitalista que consiste em transformar bens culturais em mercadoria, criando um mercado consumidor.

A partir de 1975, a economia política se encaminha para uma reflexão que não versa mais sobre a “indústria cultural”, mas sobre as “indústrias culturais”. A passagem do singular ao plural revela o abandono de uma visão demasiado genérica dos sistemas de comunicação. No momento em que as políticas governamentais de democratização cultural e a ideia de serviço e monopólio público são confrontadas com a lógica comercial num mercado em vias de internacionalização, trata-se de penetrar na complexidade dessas diversas indústrias para tentar compreender o processo crescente de valorização das atividades culturais pelo capital. (MATTELART; MATTELART, 1999, p. 113).

Dessa forma, esta pesquisa considera as questões suscitadas pela economia política da comunicação para compreender, por um lado, o funcionamento do rádio no Brasil, notadamente o rádio comercial, modelo predominante no país; e, por outro, a própria atuação da Rádio da Universidade.

2.2 Teoria da história

Além da perspectiva histórica da economia política da comunicação, este estudo, que busca fazer um relato histórico científico, apoia-se em Agnes Heller (1993), considerando que os fatos acontecem em fluxo, como uma corrente ininterrupta de eventos. Portanto, cabe à historiografia a tarefa de organizar o material histórico, destacando determinados *elos* dessa corrente, a fim de ampliá-los. Segundo a filósofa Heller, “destacar significa distinguir entre o *presente* de uma idade, evento, ou instituição passada e, respectivamente, seu próprio passado e futuro. O que foi *destacado* é sempre o *presente do passado*” (HELLER, 1993, p. 181). A autora

observa que teorias diversas vão *destacar* eventos diversos dentro a cadeia de acontecimentos, o que pode fazer parecer que esse destaque é um ato arbitrário. No entanto, a filósofa ressalta que cabe à teoria refutar essa percepção, mostrando a relevância de cada ampliação e, por consequência, fazendo o leitor aceitar tal destaque como algo evidente (HELLER, 1993, p. 181). E esse destaque, explica, trata-se da “apreensão da descontinuidade na continuidade, ou seja, o princípio de organização de qualquer trabalho historiográfico e, assim, é uma ideia universal constitutiva em historiografia” (HELLER, 1993, p. 182).

Além dos apontamentos trazidos por Heller, outro desafio deste trabalho que se propõe a reconstruir a história da Rádio da Universidade consiste no fato de que os registros existentes dessa trajetória estão atualmente dispersos: em breves relatos, em notícias de jornais, em entrevistas gravadas e boa parte apenas na memória de pessoas que participaram dessa história. E a memória tem algo de pessoal, mas não necessariamente individual, pois a memória é também coletiva. Jacques Le Goff vai resumir a diferença entre a memória coletiva e a “história dos historiadores”:

[...] há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. (LE GOFF, 2013, p. 29).

O registro da *história dos historiadores* é a historiografia. Portanto, pode-se dizer que existem basicamente dois formatos de escritas da história:

[...] as produzidas pelas *peças comuns* ao longo do tempo e o tempo todo, a partir das carências percebidas e (eventualmente) resolvidas discursivamente e [2] as produzidas pelas “peças incomuns” - os especialistas, os historiadores profissionais - que enunciam, em narrativas metodicamente organizadas, a base empírica verificada de suas pesquisas, o argumento que descreve, interpreta e explica o objeto dessas pesquisas. Definamos em que consiste esse segundo tipo de narrativa, conhecido como historiografia. [...]
Historiografia é, por conseguinte, o termo que se utiliza para designar a totalidade dos produtos narrativos científicos que tratam da história humana, de seu fazer e desfazer. (MARTINS, 2019, p. 24-25).

Sem pretender aprofundar a discussão sobre o que é história, busca-se apoio na conceitualização de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2018). O conceito de história está em constante mutação e debate, sendo que diferentes correntes de pensamento vão trazer respostas diversas. Dessa forma, não é possível trazer uma definição única e definitiva sobre o termo, mas é possível abordar as linhas gerais em torno do debate da natureza da história. Aqui, destacam-se duas abordagens: de Marc Bloch, que enfatiza a verdade como um dos princípios

fundamentais da história, cabendo ao historiador a tarefa de julgar os fatos, buscando conhecer a verdade. E a abordagem de Eric Hobsbawm, que ressalta o sentido e a função política da história, ou seja, que as ações do presente buscam justificativa no passado e na história. Portanto, é dever do historiador denunciar e se opor aos *maus usos* da história.

Em *Rádio no Brasil: histórias a serem contadas*, Luiz Artur Ferraretto aponta a importância da pesquisa histórica em rádio, em contraste com o número reduzido de trabalhos científicos sobre o tema. Também enfatiza as diferenças entre a pesquisa acadêmica histórica, a memória e o relato jornalístico, lembrando que todos são relevantes:

No processo de construção da narrativa histórica, há espaço para o científico, para o memorialístico e para o jornalístico, desde que, dentro do proposto por quem se dedicar a tais tarefas, sejam realizadas com a consciência de seus limites e de seus diferentes graus de relevância. Pelo viés da ciência, o pesquisador pode trilhar o caminho da história – o acontecido e sua importância para a sociedade – ou o da memória – a reação provocada, ou não, no indivíduo. Tem enorme rol de possibilidades à sua frente. De fato, há significativa quantidade de objetos não explorados. Afinal, cada estação de rádio, com seus programas e profissionais, entra nessa categoria. Como história é narrativa, a cada olhar arguto surgem novos enfoques. (FERRARETTO, 2020, p. 18).

Já o relato jornalístico, inclusive quando em formato de grande reportagem, “não pode ser confundido com um estudo histórico, mesmo quando envereda pela biografia ou pela reconstituição de um fato determinado” (FERRARETTO, 2020, p. 15). Isso porque esse tipo de relato, por mais que seja embasado na verdade e na pesquisa, segue regras próprias do jornalismo e não o rigor científico que envolve a justificativa via teoria e metodologia definidas e explicitadas. Isso não significa, como bem observa o autor, que os relatos históricos de caráter biográfico ou jornalístico sejam menos importantes, pelo contrário, são registros relevantes e, inclusive, fontes de pesquisa para a sistematização científica histórica.

As distinções entre o relato jornalístico, a memória e a historiografia são importantes para este estudo que busca, a partir da abordagem científica, contar uma história da Rádio da Universidade. Para atingir esse objetivo, serão usadas como fontes os relatos jornalísticos feitos sobre o objeto, assim como a memória de pessoas que passaram pela emissora, registradas por meio de entrevistas concedidas à pesquisadora e a terceiros, por meio de gravações. Dessa forma, é imprescindível considerar as características de cada uma dessas fontes, suas qualidades pertinentes (e impertinentes) para a pesquisa científica, de forma a extrair a informação mais precisa possível.

2.3 Rádio como instituição social, rádio expandido e rádio hipermidiático

Dentro do período histórico que vai ser abordado neste estudo – a história da Rádio da Universidade, de 1950 a 2017 – o rádio como meio passou por mudanças que impactaram, inclusive, na sua conceituação. Inicialmente, desde o surgimento das primeiras emissoras radiofônicas (entre o final da década de 1910 e início da década de 1920), o rádio é definido como um “meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas” (FERRARETTO, 2001, p. 23), caracterização que vai ser pertinente até o início do século 21. No entanto, as evoluções tecnológicas – com destaque para a internet e telefonia celular – apresentam novas possibilidades para este meio de comunicação, uma vez que o rádio pode ser ouvido e transmitido a partir de diferentes tecnologias.

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas, desde a década passada, o veículo também se amalgama à TV por assinatura, seja por cabo ou DTH (*direct to home*); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita, pela captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em OC [ondas curtas], ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas *web radios* [...]. Tal pluralidade pode ser estendida aos modos de processamento de sinais – analógico ou digital [...], enfim vive-se uma realidade, para usar a expressão de Valério Cruz Brittos, onde prepondera intensa multiplicidade de oferta. (FERRARETTO, 2007, p. 2).

Essa nova concepção, ainda fortemente centrada na questão tecnológica, é influenciada pelas ponderações de Mariano Cebrián-Herreros, apontando que, do ponto de vista da difusão, já não se pode mais pensar em *rádio*, no singular, sendo necessário adotar uma ideia de *rádios*, no plural (2001, p. 47). Ferraretto (2021, p.15) destaca que a teoria de Henry Jenkins sobre convergência, cultura participativa e inteligência coletiva vai influenciar para que o conceito de rádio se distancie do viés estritamente tecnológico, adotando uma compreensão mais ampla. Por *convergência*, Jenkins compreende três componentes distintos, mas interligados: em relação aos *conteúdos*, que passam a ser transmitidos por diversos suportes de mídia; em relação aos múltiplos *mercados midiáticos*, que passam a cooperar entre si; e, por fim, convergência em relação ao *público*, que vai adotar um comportamento migratório entre os diversos meios de comunicação, “em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, 2008, p. 27). Já a *cultura participativa* é a expressão desse novo comportamento do público, em oposição a uma concepção antiga de passividade dos espectadores: produtores e consumidores não são mais papéis estanques, à medida que as novas tecnologias de comunicação ampliam as possibilidades de produção de conteúdo com poucos recursos. E a *inteligência coletiva*

refere-se à impossibilidade de uma pessoa saber de tudo, mas a probabilidade de atingir esse todo a partir do acúmulo de conhecimentos de uma coletividade de indivíduos.

Ao refletir sobre a relação entre o tecnológico e a sua utilização, Eduardo Meditsch propõe pensar o rádio como uma instituição social:

Dessa forma, não é adequado identificar o invento da comunicação sem fio com o surgimento do rádio como meio de comunicação de massa. Não foi o invento de uma técnica que marcou a sua criação, mas o invento de um determinado uso social para uma constelação de técnicas (eletricidade, o áudio, a telefonia, a transmissão por ondas, etc.), que se cristalizaria numa nova instituição. (MEDITSCH, 2001, p. 33).

Posteriormente, Meditsch vai caracterizar a instituição social do rádio como uma criação cultural:

Há mais de uma década, começamos a questionar o conceito de rádio atrelado a uma determinada tecnologia, procurando demonstrar que, melhor do que isso, seria pensar no rádio como uma instituição social, caracterizada por uma determinada proposta de uso social para um conjunto de tecnologias, cristalizada, em uma instituição. Consideramos hoje melhor ainda pensar esta *instituição social* como uma *criação cultural*, com suas leis próprias e sua forma específica de mediação sociotécnica, numa analogia ao que propõe a ciência do jornalismo para definir o jornal. Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas vincula-se a uma ideia objetivada e apoiada numa instituição social que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lidar vida, mas sim à especificidade do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem. (MEDITSCH, 2010, p. 204).

O rádio como instituição social é o objeto de tese de Daniel Gambaro (2019) que, ao buscar apoio nas teorias das ciências sociais para discutir o conceito de *instituição*, referencia-se, dentre outros autores, em Anthony Giddens. O sociólogo britânico aponta o elemento histórico na estruturação das instituições que pode ser entendida em função de como acontece de as atividades sociais se ‘alongarem’ através de grandes extensões de espaço-tempo (GIDDENS, 2003, p. 23). Dessa forma, destaca, as instituições são as práticas sociais de maior extensão espaço-temporal, são “os aspectos mais duradouros da vida social” (GIDDENS, 2003, p. 28).

Para Gambaro, considerar o rádio como instituição social significa analisá-lo a partir de sua constituição histórica, bem como compreendê-lo como o resultado de conformações e divergências. Citando uma palestra do professor Tim Wall, da Birmingham City University, observa que, por um lado, “o rádio é mais que as tecnologias”, porém, ao mesmo tempo, o meio “só pode (e deve) ser compreendido a partir de seu passado: o que foi um dia explica e influencia aquilo que hoje é” (GAMBARO, 2019, p.30). Segundo o autor, a instituição social radiofônica não é apenas um meio de comunicação, é uma estrutura social resultante de práticas discursivas, calcadas em conexões e interações entre atores humanos e não humanos.

Nesse sentido, observa que essa instituição social “não está ligada a somente uma forma de linguagem – a sonora – tampouco em uma única forma de transmissão – a difusão. A instituição social do rádio é, de fato, o registro de um imaginário complexo, que organiza uma variedade de formas de produção cultural” (GAMBARO, 2019, p. 27). Além dos produtos culturais, o rádio como instituição, define, ou melhor, institui, quais são as ferramentas utilizadas, como serão os processos e quais os procedimentos produtivos.

Como instituição, o rádio se relaciona e sofre influência de outros meios de comunicação, já institucionalizados ou em processo de institucionalização, cenário que se observa desde o surgimento da televisão e que se acentua com a internet⁵:

O rádio é uma instituição social. São inúmeras práticas discursivas concorrentes, originadas das muitas traduções entre tecnologias, agentes econômicos, atores políticos e sociedade, que determinam o que conhecemos sobre o rádio. Para compreendermos a multiplicidade de atributos do meio, precisamos rastrear as diferentes conexões que se realizam sob a prática radiofônica. Mais: é necessário desvendar se conexões feitas em outras épocas continuam ativas, [...]. Talvez estejamos próximos de um momento em que muitas dessas relações, essas conexões que resultam em usos e práticas, serão desfeitas. (GAMBARO, 2019, p. 428).

O pesquisador aborda a questão da institucionalização também como uma força que impede ações ousadas, levando seus agentes a repetirem fórmulas que talvez não funcionem mais, impedindo assim inovações que permitam acompanhar os movimentos da audiência. Partindo dessa premissa, propõe que se questione *o que se afirma* sobre o rádio, a fim de tornar possível explorar o que o rádio *pode vir a ser*, visualizando suas potencialidades dentro deste cenário de novas tecnologias. Entende-se que a abordagem da instituição social pode ser aplicada tanto ao rádio como meio quanto ao objeto deste estudo.

Por fim, no sentido de compreender melhor esse rádio em tempos de convergência (JENKINS, 2008), faz-se relevante destacar dois conceitos contemporâneos sobre o meio. O *rádio hipermidiático*, proposto por Debora Lopez (2010) a partir do estudo de duas emissoras de radiojornalismo – Central Brasileira de Notícias (CBN) e a BandNews, ambas de São Paulo; e o *rádio expandido*, na formulação de Marcelo Kischinhevsky (2016).

Para Lopez, as novas tecnologias de informação provocam um processo de revisão e reestruturação do rádio, que não abandona suas características, não deixa de ser rádio, mas adéqua suas rotinas e sua narrativa às possibilidades geradas pelos novos espaços de difusão de informação (2010, p. 115). Dentre essas novas possibilidades, a narrativa multimídia é

⁵ As pressões exercidas sobre o rádio a partir do surgimento de novos meios de comunicação serão abordadas com mais detalhes no item 3.5, *Histórias do rádio no Brasil*.

ênfatisada pela autora: o áudio segue sendo o foco, mas pode ser acrescido de fotos ou vídeos, criando uma matéria ampliada para um site de notícias.

Trata-se do rádio hipermidiático, que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte *web* da emissora. (LOPEZ, 2010, p. 119).

Kischinhevsky vai caracterizar o rádio como *meio expandido*, no sentido de que ultrapassa a transmissão em ondas hertzianas e “transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13). Consequentemente, a forma de escuta se modifica, pois ocorre também por diferentes dispositivos (rádios, celulares, computadores) e em tempos diversos (ao vivo ou sob demanda). O autor observa que “o rádio a pilha tem novos companheiros, que permitem não apenas a escuta em múltiplos ambientes e temporalidades, mas também a produção, a edição e a veiculação de áudios com agilidade crescente e muitas vezes sem fronteiras” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 14). Para Ferraretto, os dois conceitos podem ser entendidos como complementares, pois “ao se expandir, o rádio passa a ser hipermidiático. Acrescente-se: sem deixar de ser uma instituição social relevante, constantemente recriada culturalmente” (2021, p. 45). A articulação dos conceitos de rádio hipermidiático e rádio expandido – que abordam as múltiplas formas de produzir, distribuir e consumir conteúdos radiofônicos na atualidade – aliados à caracterização de rádio como uma instituição social (ou criação cultural) e que, consequentemente, está em constante alteração conforme se modifica a sociedade, auxilia na compreensão do cenário atual das emissoras, que necessitam acompanhar essas mudanças no sentido de manter e ampliar seu público ouvinte.

2.4 Posicionamento, identidade, segmento e formato de programação

O *posicionamento* é um conceito advindo do marketing e, portanto, pensado inicialmente para emissoras comerciais que dependem da venda de espaços publicitários para financiar seu negócio e que vão obter mais ou menos receita conforme os índices de audiência. No caso de uma emissora sem fins lucrativos e financiada por verbas públicas, como a Rádio da Universidade, não há o imperativo de aferir receitas a partir dos índices de audiência, o que não significa que construir seu público ouvinte seja menos importante. Considerando que a emissora está inserida em um contexto no qual o rádio comercial é predominante, entende-se que definir

o seu *posicionamento* em relação ao conjunto de rádios é igualmente relevante, pois, qualquer que seja o público que a Rádio da Universidade pretenda conquistar, deve-se inferir que este também estará em disputa por outras emissoras comerciais. Portanto, apesar de seu caráter não comercial, a emissora universitária necessita se posicionar nesse cenário.

Philip Kotler e Gary Armstrong⁶ caracterizam o *posicionamento* como um conjunto complexo de percepções, impressões e sensações que o público tem sobre determinado produto em relação aos produtos concorrentes (2007, p. 180). Portanto, o *posicionamento* é firmado na mente das pessoas, em um processo que pode ou não ser planejado e fomentado por quem quer vender o produto ou serviço. Os consumidores são bombardeados a todo o momento por múltiplas mensagens de diversos produtos, e o *posicionamento* é a forma de organizar mentalmente essas informações. Está relacionado aos atributos considerados importantes e àqueles que diferenciam determinado produto/serviço dos demais. Além disso, essa diferença deve ter valor para as pessoas, evidenciando assim a necessidade de conhecer o público-alvo de determinado produto (KOTLER; ARMSTRONG, 2007, p. 181-182). No mesmo sentido, Al Ries e Jack Trout (2009, p. 184) enfatizam que o “exercício de posicionamento é a busca do óbvio. Os conceitos óbvios são os mais fáceis de comunicar, porque fazem mais sentido para o destinatário da mensagem”.

Ao pensar no *posicionamento* aplicado ao rádio, Gregory Newton (2006) afirma que a percepção do ouvinte sobre determinada emissora é extremamente relevante para construir um relacionamento. O *posicionamento*, segundo o autor, relaciona-se justamente com essa percepção, com o que é único em determinada estação radiofônica. Assim, depende da reflexão sobre quais características serão importantes, diferentes e críveis para os ouvintes, de forma que esta rádio se distinga das demais e leve o público a escolhê-la, não apenas dentre outras emissoras, mas também dentre outras mídias (NEWTON, 2006, p. 36).

Para ter sucesso, uma estação precisa se encaixar confortavelmente no estilo de vida do público-alvo. O diretor de promoção trabalhará em estreita colaboração com o diretor de programação e a equipe de produção no posicionamento da estação. O objetivo é criar uma imagem de estação que, na mente do público, corresponda à sua autoimagem. Em outras palavras, a estação deve se adequar ao estilo de vida desejado pelo ouvinte, desde a música até o logotipo; desde slogan até a mensagem do DJ entre as músicas. (NEWTON, 2006, p. 35, tradução nossa).

Conforme observa Newton, o *posicionamento* também é influenciado pela relação que o ouvinte estabelece entre a imagem que ele tem da emissora e de si próprio. Assim, se um

⁶ Trazemos aqui dois autores da área do marketing para melhor compreender o conceito de *posicionamento*, bem como o modo de pensar do empresariado, inclusive dos proprietários de empresas de comunicação. Considerando a predominância das rádios comerciais no país, faz-se relevante entender a perspectiva de seus gestores.

ouvinte busca uma rádio jovial que sempre toca os últimos lançamentos musicais, é também porque ele se vê como uma pessoa jovem que deseja estar sempre a par das novidades. Ao construir o seu *posicionamento*, a emissora deve também pensar em como ela pode desempenhar um papel importante na vida do ouvinte e como pode se encaixar na sua rotina (NEWTON, 2006, p. 36). Uma vez pensado o *posicionamento*, este deve ser construído junto ao público a partir de todos os aspectos da emissora, desde a música tocada, os tipos de programas veiculados, as chamadas, a forma como locutores e apresentadores se comunicam com o ouvinte, até a identidade visual e a apresentação nas mídias sociais.

Além do *posicionamento*, é necessário pensar na *identidade* da emissora. A *identidade* também tem relação com a percepção do ouvinte e se manifesta como uma personalidade da rádio, sendo a maneira de envolver o seu público e criar empatia. Assemelha-se à ideia de *posicionamento*, porém traz um componente mais próximo do emocional, pois envolve o sentimento de pertencimento, do uso do rádio como companheiro, a sensação de que a emissora representa “os anseios, os interesses, as necessidades e/ou os objetivos de cada ouvinte” (FERRARETTO, 2014, p. 41).

Em *Radio, the book*, Steve Warren (2005) explica que a *identidade* de uma emissora é o resultado do que a estação representa para os seus ouvintes, de forma que eles possam apreender essa *identidade* imediatamente ao ouvir a emissora ou ao ver sua marca, seu nome. Para se chegar a uma identidade sólida e facilmente identificada e reconhecida pelo público, a consistência é imprescindível:

Uma das coisas que leva a uma identidade eficaz é a consistência. Desenvolver e usar slogans, ditados, maneiras de fazer as coisas e uma programação consistente, para que o público seja exposto à identidade da estação dia após dia. Deve haver um fio de familiaridade e semelhança que permeia o som de uma estação de rádio, independentemente do horário em que o ouvinte escolhe sintonizar. Muitos elementos de programação podem variar de hora a hora ou dia a dia, mas ainda deve haver algo familiar - algo que o público não consegue identificar - mas algo que diz a eles que esta estação é diferente, que é única e tem uma identidade própria. (WARREN, 2005, p. 97, tradução nossa).

A fim de definir seu *posicionamento* e *identidade*, uma emissora precisa ter claro para quem deseja falar, ou seja, em qual *segmento* vai atuar. A segmentação considera a heterogeneidade do público, “o que justifica uma concentração dos esforços de marketing em determinadas fatias específicas do mercado” (RICHERS, 1991, p. 15). Como veremos mais adiante, foi uma estratégia necessária e imposta às emissoras radiofônicas diante da concorrência com a televisão que, a partir dos anos 1960, passou a ser o meio que fala para o público como um todo.

O *segmento* é um grupo mensurado e definido de ouvintes, geralmente destacado por aspectos geográficos, demográficos e socioeconômicos, ou seja, características como idade, gênero, local de domicílio, classe de renda, ocupação (FERRARETTO, 2014, p. 48). Segundo Raimar Richers, pode ser caracterizado ainda por padrões de consumo, pelos benefícios procurados, por estilos de vida e por tipo de personalidade (RICHERS, 1991, p. 19-21). Ao tratar-se especificamente das emissoras radiofônicas, o foco em um determinado *segmento* não precisa necessariamente permear a programação como um todo, podendo englobar apenas alguns programas ou algumas faixas horárias.

Resumindo, portanto, define-se segmentação como um processo em que, a partir da conciliação entre os anseios, interesses, necessidades e/ou objetivos do emissor e do receptor, além da identidade construída pelo primeiro, foca-se o rádio, em qualquer uma de suas manifestações comunicacionais, em dada parcela do público. (FERRARETTO, 2014, p. 49).

As definições de *posicionamento*, *identidade* e *segmento* vão guiar a construção de um *formato*, que consiste na filosofia de atuação da emissora, a forma como o segmento é abordado e a programação ou programa trabalhado (FERRARETTO, 2014, p. 76). O formato combina uma série de elementos de forma a atrair e fidelizar o *segmento* desejado, por exemplo: a frequência, o tamanho e os horários dos blocos musicais; a quantidade de inserção de notícias; a utilização ou não de comentaristas; a frequência dos comerciais; entre outros. Ferraretto observa que, no Brasil, não se desenvolveu a prática de criação de formatos baseados em planejamento pensado a partir de pesquisas junto ao público ouvinte. De forma geral, a pesquisa tem sido substituída pela intuição dos gestores e pela importação de modelos estrangeiros, especialmente dos Estados Unidos (FERRARETTO, 2014, p. 53).

O *posicionamento*, a *identidade*, o *segmento* e o *formato* escolhidos somente serão válidos se assim forem percebidos pelo público e essa percepção se dá, principalmente, por meio da *programação*. Caracterizada pelo conjunto de conteúdos que são veiculados por uma emissora, a programação tem geralmente os programas como unidades básicas, que serão ordenados dentro do período de transmissão. No entanto, é mais que uma mera organização de conteúdos:

A programação relaciona dois processos que envolvem anseios, interesses, necessidades e/ou objetivos: (1) de quem produz o conteúdo e (2) ou de quem o recebe. Essa articulação, longe de ser algo instintivo ou simples, engloba, necessariamente, uma reflexão apurada, um planejamento exaustivo e um acompanhamento constante. (FERRARETTO, 2014, p. 39).

Os tipos principais de programação são: (1) linear, mais comum no Brasil, que traz conteúdos mais homogêneos, com um formato definido e pouca variação entre si; (2) em mosaico, comumente adotado por estações menores e com menos recursos, tipo que se caracteriza por

conteúdos extremamente variados, segmentados por horários; (3) em fluxo, que é um modelo de programação de emissão constante, como se fosse um só grande programa, e que é muito utilizado pelas rádios musicais (FERRARETTO, 2014, p. 70).

Para que a programação efetivamente represente o *posicionamento* e a *identidade* de uma emissora, deve ser observada uma regularidade ao longo do tempo, o que não significa que não possa haver mudanças.

Muitas estações de rádio apresentam identidades altamente conflitantes simplesmente porque não sentem que vale a pena o esforço de converter as velhas identidades em novas. O tipo de identidade da estação que funciona é o tipo que você constrói a partir da consistência. [...] Você simplesmente não pode fazer isso se tirar o foco dos ouvintes, apresentando uma variedade de características e imagens da estação que são diferentes e conflitantes. (WARREN, 2005, p. 97, tradução nossa).

Portanto, em um cenário de transformações nas mídias e nas formas de se comunicar, uma *identidade* que fazia sentido há 50 anos, por exemplo, pode não ter mais o mesmo efeito. Especialmente no presente cenário de grande concorrência e de convergência, como será tratado mais adiante, adotar a prática de refletir, planejar e acompanhar os processos de construção de um *posicionamento*, *identidade*, *segmento* e *formato de programação* são necessidades para manter um público ouvinte. Isso vale para as emissoras comerciais, mas deve ser pensado também para as não comerciais, que somente conseguirão atingir seus objetivos de difusão de cultura e conhecimento se efetivamente chegarem até o público.

2.5 Procedimentos metodológicos

O objetivo desta pesquisa foi reconstruir a história da Rádio da Universidade para, a partir dos dados disponíveis, identificar qual o *posicionamento*, a *identidade*, o *segmento* e o *formato de programação* adotados pela emissora. Não se pretendeu contar a história da emissora, mas *uma história*, no sentido de que o passado nunca se encerra totalmente desvelado e há sempre a possibilidade de se descobrir novos indícios ou provas (FERRARETTO, 2020, p. 12). Ancorando-se também na concepção de Marialva Barbosa (2010, p. 11), em caminho semelhante ao seguido por Ferraretto, (2020, p. 12), compreende-se que, ao contar uma história, não se tem a ilusão de ser possível trazer o passado na íntegra para o presente, apenas de propor uma interpretação dos fatos, dentre tantas outras possíveis.

A fim de desenvolver este estudo que se insere na Comunicação Social, mas também dialoga com a História, buscou-se apoio em Michael Schudson (1993, p. 215) e no que o autor denomina *história das instituições*, que considera o desenvolvimento dos meios de comunicação enquanto instituições sociais. Este método de investigação se alia ao propósito do presente

estudo, que aborda o rádio enquanto instituição social e a Rádio da Universidade, em particular, como um veículo que também se constitui enquanto instituição nas suas relações com as demais emissoras, com a sociedade e com a própria universidade que a mantém.

A *história das instituições* parte do questionamento sobre como se desenvolveu determinada instituição em uma abordagem ampla, que “se interessa pelas forças sociais externas às instituições dos meios de comunicação ou da indústria submetida ao estudo somente na medida em que afetam essa indústria ou instituição” (SCHUDSON, 1993, p. 216). Neste sentido, de acordo com Marialva Barbosa, é necessário apreender a complexidade dessa trajetória:

Construir história da imprensa é, pois, fazer o mesmo movimento da “escrita da história”. É perceber a história como processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais e culturais, falas e não ditos. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política. (BARBOSA, 2008, p. 5).

Portanto, ao contar esta história da emissora universitária, fez-se necessário relatar fatos históricos que influenciam a sua trajetória, como momentos marcantes da história do rádio, da política nacional e da história da UFRGS, sem pretender nos aprofundar nesses pontos, mas abordando-os na medida necessária para compreender suas relações com a Rádio da Universidade. Da mesma forma, quando se olhou para dentro da emissora, para seus ex-gestores e funcionários, buscou-se compreender como era a visão desses personagens sobre o *posicionamento* da rádio como veículo de comunicação e de que forma essa visão foi traduzida em uma programação a fim de atingir os ouvintes pretendidos. A evolução tecnológica foi abordada, porém como um dos elementos que ajuda a explicar as transformações da Rádio da Universidade. Como pondera Schudson:

[...] a história da comunicação, tal como a descrevo questiona o modo como os media, constitui-se e são constituídos pelo eu, pela experiência do tempo e do espaço, pela noção de público, pelo conceito e experiência da política e a sociedade, bem como das linguagens por meio das quais as pessoas entendem e vivenciam qualquer parte do mundo. (SCHUDSON, 1993, p.218-220, tradução nossa).

Ao considerar que a pesquisa se apoia em entrevistas para a recuperação de fatos históricos, utiliza-se também a metodologia da *história oral*, buscando, como destaca José Carlos Sebe Bom Meihy (1996, p. 75), o registro da experiência vivencial e, em alguns casos, também informações factuais, seja para conhecer fatos não registrados por outros meios (como documentos e reportagens), bem como para complementar informações já documentadas.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões; factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p. 15).

Mesmo reconhecendo que a história oral é um documento objetivo que vale por si, conforme Meihy (1996, p. 75), pressupõe-se “a existência de lacunas espaciais e temporais” e aceita-se “a subjetividade implícita no relato, tanto da parte do narrador, quanto do pesquisador que procede a sua coleta” (LANG, 1996, p. 37). Paul Thompson aponta três características importantes do relato oral, enfatizando que a subjetividade, ou a intuição reflexiva, nem sempre se constituem em uma desvantagem:

O valor histórico do passado lembrado, apoia-se em três pontos fortes. Primeiro, [...] ele pode proporcionar, e de fato proporciona, informação significativa e, por vezes, única sobre o passado. Em segundo lugar, pode também transmitir a consciência individual e coletiva que é parte integrante desse mesmo passado. Mais do que isso, a humanidade viva das fontes orais atribui-lhes uma terceira força que é excepcional. [...] A presença *viva* das vozes subjetivas do passado também nos limita em nossas interpretações e nos permitem, na verdade, obriga-nos a testá-las em confronto com a opinião daqueles que, sempre de maneira fundamental, saberão mais do que nós. (THOMPSON, 1992, p. 195)

Como mencionado anteriormente, existem registros da história da Rádio da Universidade – entrevistas, matérias de jornais, site da emissora, entre outros. Dessa forma, esta pesquisa não partiu do zero, pois se baseou no trabalho de pesquisadores, jornalistas e servidores da UFRGS que buscaram registrar partes dessa trajetória. Além dos artigos de Golin e Freitas (2019; 2020), é importante destacar o trabalho de conclusão de curso de Sérgio Stosch, que abarca o período de 1950 a 1957, com o caminho percorrido até a inauguração oficial da rádio. Portanto, esta pesquisa utilizou os seguintes instrumentos para buscar os dados relevantes a fim de contar uma história da Rádio da Universidade:

(1) *Pesquisa bibliográfica, documental e em arquivos eletrônicos*: consulta a documentos e registros fotográficos que permitam reconstruir uma história da Rádio da Universidade. Busca em arquivos governamentais públicos, como leis e portarias, relativos à rádio, além de notícias de jornais de diferentes épocas que registrassem fatos relacionados à emissora. Recorreu-se aos arquivos da Rádio da Universidade, que incluem artigos de jornais e revistas sobre a emissora, assim como fotografias e, ainda, arquivos administrativos que possam ser relevantes para conhecer o passado da instituição.

(2) *Pesquisa em gravações da Rádio da Universidade*: utilização do arquivo de vozes da emissora, que ao longo dos anos registrou parte de sua trajetória, por exemplo, em programas especiais exibidos nas datas de aniversário.

(3) *Entrevistas pessoais*: com atuais e antigos gestores, ex-funcionários e demais fontes relacionadas a momentos considerados relevantes da história da emissora.

Adotou-se a entrevista em profundidade do tipo semiaberta, técnica que se caracteriza por abordar determinado assunto partindo das informações, experiências e percepções do informante, com a finalidade de posteriormente apresentar os dados obtidos de forma estruturada. A técnica possibilita flexibilidade e dinamicidade para o entrevistado e entrevistador, sendo adequada para investigações que buscam intensidade nas respostas e não quantificação ou representação estatística. As entrevistas em profundidade partem de “teorias e pressupostos definidos pelo investigador, [a fim de] recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p. 62). Portanto, os dados obtidos são também fruto da interpretação e reconstrução realizada pelo pesquisador, vinculado à realidade.

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE, 2005, p. 62).

No tipo semiaberto, o pesquisador prepara um roteiro-base de temas ou tópicos a serem abordados (questões semiestruturadas) durante a entrevista, com a liberdade de poder adaptar e adicionar perguntas conforme o transcorrer da conversa, buscando assim extrair o máximo de informações de cada tema elencado. Dessa forma, abre-se “espaço para o entrevistado acrescentar elementos que não estavam previamente definidos. Respostas fora do roteiro podem ser levadas em conta, mas o pesquisador procura, ao mesmo tempo, evitar que a conversa se disperse” (MARTINO, 2018, p. 115).

A elaboração da lista de questões parte do problema de pesquisa, mas devem ser suficientemente abertas para que o tema possa ser abordado inicialmente de forma ampla. É a partir das respostas do entrevistado que a questão vai sendo aprofundada a partir de novos questionamentos do pesquisador, até considerar que está esgotado aquele tema. Só então passará para a próxima pergunta. Dessa forma, a entrevista semiaberta “é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador” (DUARTE, 2005, p. 66). Como se trata de uma pesquisa que tem uma abordagem histórica, entendeu-se que é relevante a utilização da entrevista semiaberta de forma a melhor aproveitar as informações trazidas pelos entrevistados.

2.5.1 Questão ética

A questão ética foi respeitada, sendo garantida a possibilidade de anonimato dos entrevistados, caso assim desejarem, bem como a possibilidade de desistência em qualquer fase do estudo, ou que se recusem a participar. As entrevistas seguiram as determinações das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Ministério da Saúde.

Logo, como forma de resguardar a observação estrita da questão ética, o projeto de pesquisa foi submetido à aprovação da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Comitê de Ética em Pesquisa, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 HISTÓRIAS DO RÁDIO NO BRASIL: A FORMAÇÃO DO CAMPO COMERCIAL E EDUCATIVO

O capítulo começa traçando um panorama da história do rádio no país, com os estudos de Ferraretto (2012) e Zuculoto (2012). Após, aborda a evolução da regulação da radiofonia no Brasil e a lacuna deixada pela Constituição Federal de 1988 em relação ao sistema público e estatal. Portanto, a fim de compreender o contexto e a trajetória de uma emissora com finalidade educativa como a Rádio da Universidade, esta parte discorre sobre as principais iniciativas de educação pelas ondas radiofônicas implementadas no país; e sobre o rádio universitário como meio de transmissão de conhecimento, cultura e de divulgação institucional.

3.5 Histórias do rádio no Brasil

Para refletir sobre a trajetória da Rádio da Universidade desde 1950, é necessário conhecer a evolução do rádio no Brasil, situando a emissora universitária em seu contexto de época. Para isso, utiliza-se a proposta de periodização do rádio no país de Luiz Artur Ferraretto (2012), focada no rádio comercial, modelo predominante no Brasil; e a recuperação histórica de Valci Regina Mousquer Zuculoto (2012), referência de uma trajetória da radiofonia não comercial brasileira.

3.5.1 Rádio comercial

As primeiras transmissões de rádio no país começam a ocorrer no final da década de 1910 e são impulsionadas por interesses econômicos. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e da necessidade da produção destinada a abastecer o conflito no continente europeu, as grandes indústrias buscam novos mercados, como o Brasil:

As demonstrações públicas da tecnologia de transmissão sonora à distância promovidas pela *Westinghouse Electric and Manufacturing Company* e pela *Western Electric Company* durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro [...] vão atrair e reforçar o interesse de aficionados pelo novo meio, então ainda confundido com a radiotelefonía. São eles que se organizam, quase como um *hobby*, em clubes e sociedades dedicadas à escuta e à transmissão, a base das primeiras estações de rádio brasileiras. (FERRARETTO, 2012, p. 8).

Esta é a *primeira fase*, que o autor denomina de *implantação* do rádio, e que segue até a segunda metade da década de 1930. É caracterizada pela instalação das primeiras emissoras radiofônicas, como a do Rádio Clube de Pernambuco, de Recife. Ferraretto, ao corroborar o

que é defendido por pesquisadores brasileiros da radiofonia na Carta de Natal⁷, destaca haver indícios suficientes apontando “esta sociedade de amadores do sem fio como a primeira a irradiar som via ondas eletromagnéticas de um ponto de transmissão para vários de recepção” (2021b, p. 10). Essas primeiras emissoras radiofônicas são organizadas como entidades associativas, ainda sem objetivo comercial:

Dentro dos valores burgueses, portanto em voga, as irradiações têm pretensão educativo-cultural, incluindo, além de música gravada e ao vivo, até mesmo palestras de cunho científico. Neste quadro, expressões musicais mais populares como samba vão encontrar, de início, resistência para serem veiculadas. Os clubes e sociedades de rádio são orientados, assim, por um associativismo idealista de elite misturado a certo entusiasmo tecnológico: voltada à ilustração dos ouvintes, impõe-se uma perspectiva cultural e científica. (FERRARETTO, 2012, p. 9).

Além disso, na fase de implantação, o caráter elitista do rádio é influenciado pelos altos custos envolvidos, que incluíam, além da compra do aparelho, o pagamento para se tornar sócio da emissora e a obtenção de uma licença para a escuta (FERRARETTO, 2012, p. 8 - 9).

A *segunda fase*, que Ferraretto denomina de *difusão* do rádio, tem início nos anos 1930 e segue até a segunda metade dos anos 1960. Caracteriza-se pela regulamentação da publicidade do rádio, nos anos de 1931 e 1932, impulsionando que as emissoras abandonem o modelo de clubes e sociedade – que já vinha demonstrando sinais de insustentabilidade, com o aumento da inadimplência dos sócios (FERRARETTO, 2012, p.10). Dessa forma, a regulamentação da publicidade é o *primeiro ponto de corte* da periodização do autor, marcando o momento em que as emissoras começam a abandonar o modelo associativo pelo comercial. As rádios passam a se estruturar como empresas de comunicação, tendo como fonte de financiamento e lucro a venda de espaço publicitário. Consolida-se no país o modelo de radiodifusão brasileiro: público, porque pertencente ao Estado, mas passível de exploração comercial, por meio de outorga. Na fase de difusão, “emissoras procuram atingir a maior parcela possível do público em potencial, que é tomado como um todo e por uma média de gosto” (FERRARETTO, 2012, p. 11). Nesse sentido, adotam uma programação focada em humorísticos, novelas e programas de auditório.

A partir de meados dos anos 1950, o rádio comercial passa por importantes transformações, fortemente impactadas pela disseminação da televisão, entrando na sua *terceira fase*, identificada como de *segmentação* (FERRARETTO, 2012, p. 13), que tem início no final da década de 1950 e segue até o início do século 21. Os *pontos de corte* que marcam a transição para esta fase são a chegada da televisão, da transistorização e da frequência modulada. A TV passa a

⁷ Ao reconhecer o pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco, os pesquisadores do Grupo Temático História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia referendam o dia 6 de abril de 1919 como a data inicial da radiodifusão no Brasil (ALCAR, 2019).

disputar (e ganhar) o lugar de destaque nos lares brasileiros, até se tornar o principal meio de comunicação de massa; as radionovelas e programas radiofônicos de auditório migram para a televisão, que possui o atrativo de combinar som e imagem. Por outro lado, a transistorização dá mobilidade ao rádio:

Radinhos de pilha tornam-se comuns a partir do início dos anos 1960, ocorrendo o mesmo com os autorrádios na década seguinte, época em que começam também a surgir mais e mais estações em frequência modulada. Com a posse de estações em AM e FM, um mesmo empresário, quase ao natural, obriga-se a oferecer conteúdos diferenciados em uma e outra, fugindo da ilógica possibilidade de concorrer com si próprio. (FERRARETO, 2012, p. 14).

A transistorização também permite a transmissão “direto do palco dos acontecimentos” (FERRARETO, 2012, p.15). Pressionadas pela perda de público para a televisão, as emissoras de rádio se veem na necessidade de se reinventar, buscando novos formatos: o rádio começa então a se modificar, abandonando o entretenimento para as massas – que foi dominado pela TV – e apostando na segmentação para públicos específicos. As emissoras procuram construir um relacionamento com o ouvinte e, portanto, apostam em um novo estilo de locução, adotando a coloquialidade de um interlocutor que simula uma conversa com o público. Em relação às transformações socioeconômicas desta fase, como a predominância da população urbana em relação à rural e a redemocratização do país (final dos anos 1970 e início dos anos 1980), criam-se as condições para a segmentação do rádio, que passa a falar para diferentes públicos: o jovem classe média e média alta – rádio musical jovem; as classes mais empobrecidas – rádio popular; e o adulto classe média e alta – emissoras focadas no radiojornalismo (FERRARETO, 2012, p. 14-15).

Ademais, a telefonia celular, no início dos anos 1990, e a internet no formato comercial, em 1995, vão impactar no rádio de forma ainda mais contundente do que a televisão e, dessa forma, são os *pontos de corte* escolhidos por Ferrareto (2012, p. 17-18) para o início da *quarta e última fase*, da *convergência*, que segue até os dias atuais. O rádio transcende as ondas herztianas, se fazendo presente também na TV por assinatura e na internet. Para além da segmentação, as emissoras passam a compreender que é fundamental estar com o sinal disponível para o seu público nos mais diferentes suportes tecnológicos. As mudanças provocam um repensar do conceito de rádio, que já não pode ser caracterizado por sua tecnologia (emissão por ondas) e começa a ser compreendido como uma instituição social. O celular, depois acrescido da internet, aumenta a interatividade do público com as emissoras radiofônicas, outra característica importante deste período. A convergência coincide ainda com a hegemonia do sistema capitalista. Ferrareto (2012, p. 21) enfatiza que, nesta fase, há incertezas sobre as possibilidades de comercialização das transmissões on-line.

3.5.2 Rádio não comercial

Conforme já mencionado anteriormente, a Rádio da Universidade não possui uma outorga educativa, mas se insere nesse campo da radiofonia por sua ligação com uma instituição de ensino e por sua atuação ao longo do tempo. Para a pesquisadora Valci Zuculoto, no Brasil, “a história do rádio público está estreitamente ligada às dos rádios educativo e estatal” (ZUCULOTO, 2012, p. 18-19) e, portanto, seu estudo sobre *A programação das rádios públicas brasileiras* é uma referência para esta pesquisa. Como será abordado mais adiante, não é possível dizer que exista rádio público no Brasil em sentido estrito. Porém, o termo é utilizado pela autora (e por diversos pesquisadores da área), para designar as emissoras não comerciais⁸ (estatais, educativas, culturais e universitárias) que, mesmo sendo vinculadas a governos, têm “missão pública” e, nesse sentido, “podem e devem, sobremaneira pela programação, ser produzidas, ouvidas e analisadas como possíveis construtoras da radiodifusão pública no Brasil” (ZUCULOTO, 2012, p. 19). A história do rádio público brasileiro, de acordo com Zuculoto, tem sua *primeira fase* – denominada *pioneira* – do final dos anos 1920 até o início dos anos 1940:

[...] embora tenha seu início histórico demarcado em 1936, precisa ser analisada desde os anos 20 do século passado, quando a radiofonia geral é implantada no Brasil, já que, neste período, ainda não havia a divisão em sistemas comercial e não comercial. (ZUCULOTO, 2012, p. 67).

O marco de 1936 se refere à doação da Rádio Sociedade (hoje Rádio MEC), do Rio de Janeiro, para o então Ministério da Educação e Saúde. No mesmo ano⁹, ocorre a fundação da Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, pertencente ao governo do estado de Minas Gerais. Neste período, o sistema comercial radiofônico ainda está se constituindo no Brasil, com as emissoras tendo que abandonar o modelo associativo, que se demonstrou insustentável financeiramente. Não existe ainda diferenciação legal entre emissoras educativas e comerciais e, conforme destaca Zuculoto, as emissoras pioneiras – como a Rádio Sociedade – são privadas e, em sua maioria, têm finalidade educativa. Edgar Roquette-Pinto, responsável pela estação radiofônica até sua doação, defendia a concepção de um rádio comprometido em promover a

⁸ Apesar de não ser o tema deste estudo, registra-se que, dentre as emissoras não comerciais, incluem-se as comunitárias, reguladas pela lei 9.612, de 20 de fevereiro de 1998.

⁹ Em 1936 têm início às transmissões da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, emissora comercial pertencente à empresa do jornal *A Noite* que é estatizada quatro anos depois, por meio da encampação promovida pelo presidente Getúlio Vargas. Porém, segue funcionando uma como uma rádio comercial, tanto administrativamente e financeiramente, quanto em relação à programação (ZUCULOTO, 2012, p. 114)

educação e a cultura para a população. Com essa finalidade, a Rádio Sociedade irradia principalmente “música erudita, concertos, palestras científicas” (ZUCULOTO, 2012, p. 92). Ademais, é relevante apontar um fato sobre a doação: Roquette-Pinto decide entregar sua emissora por não desejar transformá-la em comercial, buscando manter seu caráter educativo. O governo de Getúlio Vargas agradece e informa que a emissora vai ser incorporada ao Departamento de Imprensa e Propaganda, ao que Roquette-Pinto se insurge, afirmando que a emissora está sendo entregue para a educação do Brasil e não para um governo (TAVARES, 1997, p. 5-6). Dessa forma, a estação é incorporada ao então Ministério da Educação e Saúde, mantém a linha de programação pensada por seu criador e passa a se chamar Rádio MEC.

A *segunda fase* do rádio público, que segue de meados dos anos 1940 até o início da década de 1970, é caracterizada pela autora como a fase da *ênfase do ensino pelas ondas radiofônicas*¹⁰. Neste período, as emissoras não comerciais passaram a buscar um modelo educativo, privilegiando o ensino formal e “transformando estúdios radiofônicos em verdadeiras salas de aula” (ZUCULOTO, 2012, p. 123). A Rádio MEC, segundo a pesquisadora, é a principal referência desse modelo. Ainda deste período, é relevante salientar o impacto da ditadura nas rádios públicas:

A partir do golpe militar de 64, ao mesmo tempo em que também sofrem os efeitos da ditadura, especialmente da censura e demais restrições impostas pela ditadura, as emissoras educativas começam a se beneficiar de políticas de integração nacional com estímulo ao incremento da radiodifusão e aqui, principalmente com os estímulos ao desenvolvimento da educação radiofônica. (ZUCULOTO, 2012, p. 68-69).

Uma das iniciativas do regime militar na área de educação radiofônica é o projeto Minerva, criado em 1970 e coordenado pelo Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE). Segundo Zuculoto (2012, p. 126), é a maior expressão do período em que o rádio público consolida um perfil voltado à educação e à cultura. A Rádio MEC, do Rio de Janeiro, e a Cultura¹¹, de São Paulo, cita, são duas expoentes desse perfil. A pesquisadora destaca ainda que é nesta segunda fase que surgem as primeiras emissoras universitárias: a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1957; e a Rádio da Universidade Federal de Goiás, em 1962.

Segundo Zuculoto, os anos 1970 e 1980 são a *terceira fase*, a *Época de Ouro do rádio educativo*. É o “período de consolidação da radiofonia educativa mais voltada para o ensino

¹⁰ Destaca-se a atuação diferenciada da Rádio Universidade, pertencente à Universidade Católica de Pelotas (UCPel), fundada em 25 de julho de 1967. Apesar de pertencer a uma instituição de ensino, possui uma programação que se aproxima das emissoras comerciais, com jornalismo, cobertura esportiva e anunciantes (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS, 2017).

¹¹ A Rádio Cultura foi fundada em 1936 e permaneceu privada até 1969, quando foi doada para a Fundação Padre Anchieta, mantida pelo estado de São Paulo.

instrucional, sob a influência da legislação, dos avanços das tecnologias da comunicação e da intensificação das políticas dos governos militares” (ZUCULOTO, 2012, p. 69). A autora aponta que a ditadura civil-militar investiu fortemente em um projeto instrucional pelas ondas do rádio: o já mencionado projeto Minerva, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (que atuava em frentes diversas, incluindo o rádio) e os projetos educativos da Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam). Essas iniciativas não influenciaram apenas as programações das emissoras educativas, mas também das comerciais, já que, desde o ano de 1967¹², todas as emissoras eram obrigadas a transmitir uma programação educativa produzida por órgãos públicos, em colaboração com outras entidades educacionais. Também é um período de criação de muitas emissoras e fundações de rádio e televisão educativas, como o Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, vinculado ao governo baiano, que foi instituído em 1965 e em 1978 vai fundar a Educadora FM. Por outro lado, foi um período de forte interferência dos militares nas linhas de programações de emissoras como a Rádio MEC, além de afastamentos e demissões de funcionários.

Já a década de 1980 é marcada pelo Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred)¹³, com a formação de uma rede de emissoras para a produção e transmissão de programas em cadeia nacional, sob liderança da Rádio MEC. Na visão de Zuculoto, embora o Sinred tenha sido criado sob tutela governamental, “acabou usado pelas emissoras para tentarem trilhar um caminho de programação que traduzisse melhor – e de forma mais autônoma e descentralizada – sua missão educativa e cultural e que as diferenciasse das rádios comerciais” (ZUCULOTO, 2012, p. 142). O rádio educativo, conforme a autora, também é impactado pela popularização da televisão e pelo surgimento das emissoras em frequência modulada (FM), que vão se dedicar principalmente à programação musical. Assim como as rádios comerciais apostam na segmentação, as recém-criadas Cultura FM, de São Paulo (criada em 1971, mas com programação própria apenas em 1977), e MEC FM, do Rio de Janeiro (no ar desde 1983), vão buscar seu nicho em uma programação exclusiva ou majoritariamente dedicada à música de concerto.

Conforme Zuculoto (2012, p. 163), os anos 1990 são a *quarta fase* da história do rádio público, marcada pelo *boom das FMs educativas e universitárias*. Segundo Marlene Blois (1996¹⁴, p.127 apud ZUCULOTO, 2012, p. 166), o número de outorgas FM educativas saltou de apenas 20 em 1984 (com 14 em efetivo funcionamento) para 424 reservas de outorgas em

¹² Obrigação introduzida pelo decreto-lei nº 236/1967.

¹³ Instituído oficialmente em 1983, funcionou até 1998.

¹⁴ BLOIS, Marlene. **Florescem as FM Educativas no Brasil**. Radiografia do rádio educativo no Brasil e os fatores favoráveis à ocupação dos canais de FM educativos. Rio de Janeiro: UFG, 1996. Tese de livre-Docência em Comunicação Televisão e Rádio. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1996.

1995 (com 50 em operação), dentro de uma política governamental de ocupação desse espectro. Uma dessas novas emissoras é a Cultura FM, do estado do Rio Grande do Sul. Nesta fase, Zuculoto destaca também uma experiência de rede desenvolvida entre 1994 e 2002:

Denominada Rede Universitária de Rádio, consistiu na cobertura das Reuniões Anuais da SBPC – Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência. E em algumas de suas sete edições, chegou a reunir a maioria das emissoras de rádio estatais, educativas, culturais e universitárias daquela época. Então, estas totalizavam não mais de 200 espalhadas por todo o país. (ZUCULOTO, 2012, p. 166-167).

Segundo a autora, esta fase também é o momento em que as emissoras educativas buscam se repensar e se articular, por meio dos Encontros Nacionais de Rádios, TVs e Produtoras Universitárias, com duas edições em 1994 e uma terceira em 1995.

Os anos 2000 são a *quinta fase* do rádio público, de busca por um *sistema de radiodifusão pública* (ZUCULOTO, 2012, p. 203). Para Zuculoto, é o período em que se aprofunda o debate sobre o sistema público de rádio, bem como as discussões a respeito das diferenças entre as emissoras públicas e as estatais. Nesse sentido, em 2004 é criada a Associação das Rádios Públicas do Brasil (Arpub). A pesquisadora narra que algumas emissoras universitárias buscam se rearticular, por iniciativa da professora Sandra de Deus – então diretora da Rádio da Universidade. A docente defendia uma atuação conjunta e horizontal das emissoras universitárias, que fosse pautada no seu uso como laboratório de ensino e na divulgação e extensão da universidade junto à comunidade, em busca de uma programação de função pública (ZUCULOTO, 2012, p. 205). Também nos anos 2000 ocorre a criação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) – que vai agregar a TV Brasil e as rádios de propriedade do governo federal, como a MEC, Nacional e Radiobrás. Por meio da Arpub, as emissoras vão realizar ações conjuntas, como coberturas de eventos – Fórum Social Mundial, festivais de música, eleições – e edições do Festival Nacional de Música, que buscava abrir espaço para novos talentos. As iniciativas vão no sentido da formação de um sistema de rádios que reunisse as emissoras para produzir conteúdo de forma conjunta e que preservassem a autonomia nas suas programações.

3.6 Regulação do sistema de radiodifusão: outorga comercial e educativa

Para compreender o lugar de uma emissora universitária, faz-se necessário abordar aspectos da legislação sobre o rádio no Brasil. O regramento da radiodifusão no país se desenvolveu no sentido de conformar um serviço que é público, pois de propriedade da União; passível de exploração privada, por meio de concessão; e com caráter educativo (BRASIL, 1988), ao menos na intenção da legislação. A diferenciação entre as outorgas comerciais e educativas é

estabelecida a partir de 1967 (LOPES 2011, p. 5), período em que o modelo de rádio comercial já é predominante no país. Outro marco relevante é a Constituição Federal de 1988, que vai introduzir os conceitos de *sistema de radiodifusão público e estatal*, além do *privado* (BRASIL, 1988). Porém, a falta de regulamentação desse ponto, a partir de leis infraconstitucionais, criou um vácuo legal que atinge as emissoras ligadas a instituições públicas.

O Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT), instituído pela lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, é umas das principais referências para a radiofonia atual. Essa lei estabelece que cabe à União executar os serviços de radiodifusão, diretamente ou por meio de concessão, autorização ou permissão. Quando for repassada para a execução por terceiros, as empresas ficam comprometidas a atender às finalidades educativas e culturais, consideradas inerentes a esse serviço. Esse compromisso com a educação e a cultura é reafirmado no artigo 3 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão:

Os serviços de radiodifusão têm finalidade educativa e cultural, mesmo em seus aspectos informativo e recreativo, e são considerados de interesse nacional, sendo permitida, apenas, a exploração comercial dos mesmos, na medida em que não prejudique esse interesse e aquela finalidade. (BRASIL, 1963).

Essa lei vai definir que o compromisso com a educação e cultura atinge não apenas os programas de informação ou entretenimento, mas também a publicidade. Além disso, o regulamento fixa que a publicidade nas rádios comerciais deve ocupar no máximo 25% da programação e que no mínimo 5% devem ser destinadas à transmissão de notícias (BRASIL, 1963).

A menção à outorga educativa para a radiodifusão surge no decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, editado, portanto, durante o regime militar no Brasil, sob a presidência de Humberto Castello Branco. Os artigos 13 e 14 tratam da televisão educativa, fixando que essa se destina “à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates” (BRASIL, 1967). Também fixa a proibição de veicular publicidade comercial e determina que esse tipo de outorga pode ser gerido pela União diretamente; pelos Estados, Territórios e Municípios; por universidades brasileiras e por fundações constituídas no Brasil (BRASIL, 1967). Apesar de não mencionar explicitamente a radiodifusão sonora educativa, esse regramento é utilizado como referência também para o rádio educativo.

Já o decreto nº 2.108, de 24 de dezembro de 1996, instituído pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, trata principalmente da exigência de licitação para a obtenção da outorga comercial. Até então, “as outorgas eram dadas discricionariamente, e de maneira não onerosa, com exceção do recolhimento de algumas taxas de serviço” (LOPES, 2011). O decreto dispensa de licitação a concessão de outorgas educativas de rádio e televisão (BRASIL, 1996). Ainda no

governo de Fernando Henrique Cardoso, a portaria interministerial nº 651, de 15 de abril de 1999, vai tratar de forma mais detalhada das outorgas educativas. A lei descreve os procedimentos para obtenção e renovação dessa outorga e caracteriza os programas considerados educativos, refletindo uma concepção que extrapola a transmissão de aulas e palestras:

Art. 1º Por programas educativo-culturais entendem-se aqueles que, além de atuarem conjuntamente com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, visem à educação básica e superior, à educação permanente e formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional, sempre de acordo com os objetivos nacionais.

Art. 2º Os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva poderão ser considerados educativo-culturais, se neles estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados em sua apresentação. (BRASIL, 1999).

A radiodifusão está regrada também pela Constituição Federal de 1988, que reserva seu quinto capítulo para tratar da Comunicação Social. No artigo 221, a lei maior da República brasileira determina que a produção e programação das emissoras de rádio e televisão darão preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, além de promover a cultura nacional e regional, estimulando a produção independente; de regionalizar sua produção cultural, artística e jornalística; e de respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família (BRASIL, 1988). Reitera, portanto, o compromisso assumido por todas as emissoras com a educação e a cultura, independentemente do tipo de outorga. No artigo 223, a Constituição apresenta três diferentes sistemas de radiodifusão, ao fixar que cabe ao Poder Executivo a concessão, permissão ou autorização para o serviço de radiodifusão, “observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal” (BRASIL, 1988). No entanto, as características desses sistemas nunca foram tratadas pela legislação.

Dessa forma, a discussão sobre o sistema estatal e público no Brasil fica restrita ao campo teórico e as referências sobre emissoras públicas são buscadas no exterior. Eugenio Buccini (2013, p. 130) elenca as características das emissoras públicas e estatais.

A emissora estatal [...] é também pública, ou seja, ela é pública na exata medida em que o Estado democrático deve ser público. [...] Quando se diz que toda emissora estatal é necessariamente pública, o que se pretende sublinhar é que não se concebe, no regime democrático, que uma emissora pertencente ao Estado não se ponha a serviço do interesse público; como todo órgão vinculado direta ou indiretamente à administração pública, ela deve pautar-se pelos princípios constitucionais da moralidade, da legalidade e da impessoalidade, não sendo legítimo que ela seja posta a serviço de interesses pessoais, partidários, familiares, comerciais ou religiosos. (BUCCI, 2013, p. 130).

No entanto, a emissora estatal pertence ou é vinculada ao Estado e, portanto, sua gestão cotidiana está subordinada a um dos três poderes. Sua programação é de certa forma limitada

pela dependência do Estado, mesmo que contemple a diversidade, pluralidade ou crítica em maior ou menor grau (BUCCI, 2023, p. 131).

Já uma emissora pública, de acordo com Bucci (2013, p. 131-132), não possui vínculos administrativos diretos ou indiretos com o Estado, o que a diferencia das emissoras estatais. Por outro lado, também não tem finalidade de lucro, nem é financiada pelo mercado anunciante, características que a separa das emissoras comerciais. Seu financiamento tem natureza pública, sendo de origem do Estado ou da sociedade, neste último caso, por meio de doações voluntárias ou taxas (*licence fee*¹⁵). Bucci observa que é fundamental “que esses aportes financeiros estejam previstos em lei e sejam protegidos por lei, de tal forma que não possam ser desviados, pela autoridade pública, para outras finalidades, e também não possam ser contingenciados de acordo com a discricionariedade do agente público” (BUCCI, 2013, p. 131). A gestão de uma emissora pública não está ligada a autoridades de nenhum dos três poderes e, logo, sua programação não sofre limites de autoridades externas à emissora. Trata-se de um modelo baseado principalmente nas emissoras públicas europeias, como a British Broadcasting Corporation (BBC), do Reino Unido.

No mesmo sentido de Bucci, Octavio Pieranti defende que o fator determinante para a caracterização de um sistema como público é a independência em relação aos governos e ao mercado. E cita os quatro elementos fundamentais de um sistema público de radiodifusão:

O primeiro é a forma complexa de indicação dos dirigentes, já que, quanto mais autoridades envolvidas na nomeação, mais tendem a se dissipar a influência e a capacidade de exercer pressão individuais de cada uma sobre os novos dirigentes. A estabilidade dos dirigentes e de profissionais críticos é o segundo elemento, porque, com um mandato com prazo fixo, eles podem resistir a eventuais pressões sem temer demissões. O terceiro é a existência de mecanismos institucionalizados de controle social. Por meio deles, a sociedade passa a fazer parte do dia a dia das emissoras, que passam a ter que responder, em algum grau, diretamente ao seu público. Por fim, o quarto é a previsão legal de fontes plurais de financiamento, tais como publicidade; orçamento público; e contribuições e taxas pagas pelos cidadãos, sendo essas três as mais comuns. Assim, na hipótese de uma fonte se tornar temporariamente mais escassa, as outras podem garantir a manutenção da emissora. (PIERANTI, 2021, p. 60).

A partir das características elencadas por Bucci e Pieranti, observa-se que não há exemplos de rádios públicas no país. Diante da omissão da legislação brasileira referente à radiodifusão, sequer é possível afirmar que as emissoras estatais são as de outorga educativa. Há emissoras pertencentes a universidades públicas, como é o caso da Rádio da Universidade, que operam amplitude modulada (AM) e, por isso, estão junto das emissoras comerciais, posto que não

¹⁵ *Licence fee*, em português, “taxa de licença” é pagamento exigido para a recepção de transmissões de rádio/televisão ou a posse de um aparelho de rádio/televisão, a fim de arrecadar fundos para custear parte das atividades de emissoras públicas.

há classificação educativa para AM. Por outro lado, a outorga educativa não é exclusiva de entidades de direito público, podendo ser concedida também a instituições de educação superior privadas e fundações de direito privado (GOVERNO FEDERAL, 2023). Contudo, de acordo com as pesquisadoras Izani Mustafá, e Cristiana Martins de Matos, bem como do pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2017, p. 8-10), é possível afirmar que a maioria das emissoras universitárias estão na faixa de FM educativa.

3.7 Educação pelo rádio no Brasil

Desde as primeiras experiências em radiodifusão, com pioneiros como Roquette-Pinto, o rádio tem sido visto não apenas como uma fonte de informação, mas também como uma ferramenta de educação. Portanto, para compreender o contexto e trajetória de uma emissora com finalidade educativa como a Rádio da Universidade, é relevante recuperar as principais iniciativas de educação pelas ondas radiofônicas implementadas no país. Esse levantamento se restringe às ações implementadas pelo governo federal, por ser o poder ao qual está vinculada a Rádio da Universidade, veículo pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹⁶. A primeira iniciativa do governo federal relativa à radiodifusão educativa, o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE), não foi incluída aqui por ser de 1937, ou seja, anterior à fundação da emissora objeto desta pesquisa.

3.7.1 Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena)

O Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena) foi instalado em junho de 1958, durante o governo de Juscelino Kubitschek. Tinha como principais atribuições produzir e distribuir cursos básicos que seriam difundidos pelas emissoras filiadas e, ainda, incentivar a formação de sistemas regionais de rádio educativo, que poderiam ser governamentais ou privados (PIMENTEL, 2004). Em 1961, o Sirena chegou a atuar em conjunto com 47 sistemas regionais filiados, contava com 1.511 programas produzidos e um estoque de 8.843 discos gravados (HORTA, 1977, p. 107).

¹⁶ A UFRGS tornou-se uma instituição federal em 4 de dezembro de 1950, a partir da criação do Sistema Federal de Ensino Superior (lei nº 1.254/1950).

No ano de 1962, já no governo de João Goulart, o Sirena foi incorporado à Mobilização Nacional contra o Analfabetismo¹⁷. Quando esse projeto foi extinto, em março de 1963, o Sirena também deixou de existir (PIMENTEL, 2004, p. 41).

Como será tratado mais adiante (capítulo 4), o diretor artístico da Rádio da Universidade esteve no Rio de Janeiro em 1959, junto com uma comitiva governamental do estado do Rio Grande do Sul, para conhecer uma das ações do Sirena. O objetivo era, no futuro, implantar o projeto no estado. No entanto, esta pesquisa não encontrou evidências da concretização da iniciativa.

3.7.2 Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte) e a Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam)

O Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte) foi criado em 1965 dentro do então Ministério da Educação e Cultura, durante o regime militar. Voltado ao ensino de nível médio, o serviço foi encerrado em 1967, dando origem, no Rio Grande do Sul, à Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam), cuja primeira sede foi a Rádio da Universidade.

O Serte tinha como foco a realização dos chamados Cursos de Madureza – uma espécie de educação de jovens e adultos baseado no artigo 99 da Lei de Diretrizes e Bases vigente – e era realizado em colaboração com as secretarias estaduais de educação. Nos seus anos de funcionamento, atuou principalmente pelo rádio, por ser mais acessível que a televisão, chegando a atingir 15 estados e 110 mil estudantes (HORTA, 1977, p. 116).

Quando o Serte foi extinto, o governo do Rio Grande do Sul decidiu manter a iniciativa e, para isso, criou a Feplam. A fundação foi instalada inicialmente dentro do prédio da Rádio da Universidade e teve como um de seus fundadores o diretor da emissora, Nilo Ruschel (conforme detalhado no capítulo 4). Constituída como uma instituição de direito privado, a Feplam seguiu funcionando pelo menos até 2004. Não encontramos novos registros sobre a atuação da entidade, mas atualmente seu Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) está na situação de *baixada* junto a Receita Federal, ou seja, não está em funcionamento.

¹⁷ A Mobilização Nacional contra o Analfabetismo foi instituída por Jânio Quadros por meio decreto nº 51.222, de 22 de agosto de 1961, e unificava uma série de iniciativas governamentais na área da educação.

3.7.3 Projeto Minerva

O Minerva é considerado o “primeiro projeto oficial brasileiro de rádio educativo com objetivo de atingir todo o território brasileiro” (PIMENTEL, 2004, p. 8) e foi implantado durante a ditadura militar, em 4 de outubro de 1970. A iniciativa se relaciona aos dois objetivos principais dos governos militares: segurança e desenvolvimento. No campo educacional, segundo Maria do Carmo Martins (2014, p. 40-41), o disciplinamento se constituiu em um elemento importante para garantir a ordem e a moralização dos costumes e, dessa forma, a segurança nacional. Por outro lado, o foco no ensino profissionalizante tinha como objetivo promover a qualificação da mão de obra.

As emissões do projeto totalizavam cinco horas semanais, sendo 30 minutos diários de segunda a sexta-feira e uma hora e 15 minutos aos sábados e domingos. A programação era gerada pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro, que era transmitida para todo o país via sistema Embratel de telecomunicações. Nas cidades que não eram cobertas pela rede, as emissoras recebiam fitas com os programas gravados, que deviam ser veiculados nos mesmos horários (FERRARETTO, 2001, p. 162). Todas as emissoras participavam da rede, inclusive as comerciais, devido à obrigação imposta pelos militares por meio do decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, que determinava a transmissão de programas educacionais. Apenas os estados da Bahia e do Rio Grande do Sul produziam seu próprio conteúdo, por meio do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia e da já mencionada Fundação Educacional Padre Landell de Moura (PIMENTEL, 2004, p. 66)

No decorrer do seu funcionamento, o Minerva focou especialmente nas pessoas que não tinham a possibilidade de frequentar o sistema oficial de ensino. Dessa forma, foi criado o Curso Supletivo de Primeiro Grau – segunda fase, voltado a maiores de 17 anos de idade e com um nível de escolaridade equivalente ao Ensino Fundamental incompleto¹⁸. Ao longo da década de 1970, o Minerva também iria disponibilizar um curso supletivo de Segundo Grau¹⁹ (Ensino Médio atual). Além dos cursos regulares de ensino, o projeto prestava assistência para as secretarias estaduais de educação na execução, avaliação e controle da utilização dos horários de transmissão nas rádios comerciais. O projeto também produzia programas culturais e material didático de apoio (PIMENTEL, 2004, p. 66).

¹⁸ O curso era destinado aos que possuíam Primário completo ou Ginásial incompleto. O Primário equivalia aos cinco primeiros anos do atual Ensino Fundamental e o Ginásio aos quatro últimos anos. Essa forma de organização do ensino foi vigente até 1971, quando uma mudança na Lei de Diretrizes e Bases fundiu o Primário e o Ginásio, formando o Primeiro Grau.

¹⁹ Equivalente ao Ensino Médio atual.

Ao longo da década de 1980, o Minerva foi perdendo força, junto com o regime militar. Segundo Ferraretto, suas transmissões foram encerradas em 16 de outubro de 1989 (2001, p. 162). Em 1991, o então Ministério da Educação e da Infraestrutura firmou um convênio com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e a veiculação obrigatória de programas educativos foi substituída por inserções de programas e ações do Ministério da Educação (ABERT, 2023). Esse termo vem sendo renovado a cada cinco anos, desde então, e atualmente está vigente o Acordo de Cooperação nº 6/2021, que reserva “espaço de divulgação para mensagens institucionais e/ou utilidade pública do MEC” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2023).

3.7.4 Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred)

O Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred) foi oficialmente criado em 1983, com o objetivo de possibilitar que as emissoras educativas pudessem veicular programas produzidos por todas as integrantes do sistema (FERRARETTO, 2001, p. 176). O contexto político era dos últimos anos da ditadura, sob a presidência de João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979-1985). Inicialmente, a coordenação do sistema ficou a cargo da Fundação Roquette-Pinto, órgão vinculado à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (FERRARETTO, 2001, p. 176).

O sistema foi desativado em 1988, mas retomado seis anos depois, com a portaria nº 1.014, de 8 de junho de 1994 (PIMENTEL, 2004, p. 80). Uma das primeiras ações foi a cobertura da 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Vitória, no Espírito Santo, da qual participaram 20 emissoras educativas e universitárias de todo o país (PIMENTEL, 2004, p. 80).

Em 1995, o sistema contava com 40 rádios filiadas, que exibiam os conteúdos do Sinred que, na época, eram uma retransmissão da programação da Rádio MEC, baseada na música de concerto. Um ano depois, o sistema passou a ter uma grade própria, em caráter experimental, transmitida de segunda a sexta-feira, das 15h às 17h. A maior parte dos programas era da Rádio MEC, mas algumas poucas emissoras também colaboravam com materiais. A Rádio da Universidade era uma dessas, com os programas *Letra e Música* e *Fundo de Quintal*. A iniciativa chegou a produzir um noticiário de forma colaborativa, com um grupo que reuniu com até 54 emissoras educativas, dentre elas a Rádio da Universidade (PIMENTEL, 2004, p. 82).

Em 1998, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e dentro de um processo de privatização de estatais, entre elas a Embratel, a Fundação Roquette-Pinto é extinta e

transformada na organização social (OS)²⁰ Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp). Segundo Ferraretto, o objetivo principal é a autossustentação financeira, diminuindo assim, gradativamente, a participação do governo federal (2001, p. 179). O Sinred encerrou suas atividades em 1998, sendo considerado o último projeto nacional voltado à transmissão de programas educativos e culturais (PIMENTEL, 2004, p. 85).

3.8 O rádio universitário como meio de transmissão de conhecimento, cultura e de divulgação institucional

Desde as primeiras emissoras radiofônicas constituídas no Brasil, o rádio esteve atrelado à ideia de disseminação de conhecimento à população em geral, por ser um meio capaz de atingir inclusive as pessoas analfabetas e aquelas que viviam nos locais mais distantes e isolados. Essa era a visão de um dos pioneiros do rádio brasileiro, Edgard Roquette-Pinto.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dosãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (ROQUETTE-PINTO apud TAVARES, 1997, p.8).

É a partir dessa ideia que vai ser fundada a Rádio Sociedade, que depois se transformaria na Rádio MEC, uma referência para outras emissoras educativas do país. No discurso de inauguração da Rádio Sociedade, seu idealizador vai declarar todo o seu entusiasmo em relação às possibilidades do meio de comunicação.

Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão, livremente, o conforto moral da ciência e da arte; a paz será realidade definitiva entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente, as harmonias. (ROQUETTE-PINTO apud COSTELLA, 2002, p.177).

Além do pensamento de Roquette-Pinto, faz-se necessário compreender a visão dos intelectuais brasileiros do início do século XX sobre a educação. Influenciados pelas ideias positivistas, entendiam que a educação das populações era fundamental para resolver os problemas do país: “entre as décadas de 1910 a 1930, havia um grande esforço da intelectualidade em defender a melhoria da educação como maneira de contribuir para o crescimento econômico, o aumento do sentimento de unidade nacional e a saúde da população” (ROCHA, 2010, p. 31).

A necessidade de desenvolvimento do país e as causas para o seu atraso em comparação às nações europeias eram alguns dos principais temas da sociedade da época. A ideia de

²⁰ As organizações sociais (OS) foram criadas por meio da lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998 e são caracterizadas como pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos.

eugenia²¹ tinha muitos adeptos, que consideravam que a miscigenação era a causa do subdesenvolvimento do Brasil. Roquette-Pinto discordava dessa visão e defendia que os motivos do atraso da sociedade brasileira eram as doenças, o isolamento e o analfabetismo do povo. Nesse sentido, via o rádio como um meio estratégico para atacar o analfabetismo, por meio da educação; reduzir o isolamento, através da possibilidade de transmitir conteúdos a distância; e prevenir doenças, por meio da divulgação do conhecimento sobre higiene pessoal e ações sanitárias (ROCHA, 2010, p. 30).

A partir dessa compreensão da necessidade da educação da população, Roquette-Pinto entendia que a Rádio Sociedade não deveria transmitir somente o que o público desejava, mas principalmente aquilo que necessitava ouvir; e, na visão desse pioneiro da radiodifusão, o povo precisava de ciência e arte, como formas de promover a formação cultural da população brasileira. Dessa forma, a Rádio Sociedade vai difundir palestras de cientistas e cursos de línguas, literatura estrangeira, geografia e história natural, dentre outros (PATRÍCIO, 2017, p. 175). O destaque para a música de concerto na programação também pode ser compreendido sob este viés: uma elite econômica e intelectual que se colocou a missão de levar cultura para o povo, sendo que essa era a música considerada de qualidade e à qual a população em geral não tinha acesso. No caso de Roquette-Pinto, não significava uma desvalorização da cultura popular: embora a música de concerto predominasse, a Rádio Sociedade também veiculava música popular, mesmo sob o protesto de alguns ouvintes, conforme é registrado pelo próprio antropólogo em relatório da emissora de 1930:

Não falta quem condene a irradiação das músicas populares, a pretexto é que elas corrompem o bom gosto do público. Se isso fosse verdade, os tangos que se ouvem diariamente em Buenos Aires teriam acarretado o aniquilamento das duas ou três grandes Sociedades Sinfônicas que ali vivem brilhantemente. (ROQUETTE-PINTO, 1930, p. 5).

Roquette-Pinto ainda atuou como diretor da Rádio-escola Municipal do Distrito Federal, fundada em 1934, no Rio de Janeiro. No comando da emissora, vai instaurar “uma programação diferente do que determinava o decreto de criação (discursos, hinos, hora certa etc.)” RIBEIRO, 2009, p. 71). Isso porque os dois primeiros programas criados foram: o *Hora infantil*, destinado às crianças; e o *Jornal dos Professores*, que transmitia cursos. Roquette-Pinto permaneceu à frente da emissora até 1937, após, quem assume-a é Francisco Maciel (RIBEIRO, 2009, p. 71).

As emissoras universitárias como a Rádio da Universidade serão influenciadas por esse ideário de levar educação e cultura à população, uma vez que a academia é o local de produção

²¹ O termo foi criado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911) e compreende a ideia de seleção dos seres humanos a partir de características hereditárias como forma de melhoria da raça.

do conhecimento. Para a pesquisadora Sandra de Deus²², essas rádios devem servir de ponte entre a instituição e a sociedade:

As rádios universitárias, na relação com seus públicos, funcionam como veículos do saber científico, cultural, político, filosófico e musical produzido dentro da Universidade. Fazer rádio através de uma emissora pública em AM ou FM significa envolver a sociedade ativamente, buscando entender suas necessidades e transformando o rádio em um meio de discussão e difusão. (DEUS, 2003, p. 312).

No caso de emissoras vinculadas a instituições públicas, deve-se considerar ainda a necessidade de prestar contas à população, uma vez que são instituições financiadas com recursos públicos. Nesse contexto, o rádio também vai ser visto como uma forma de divulgação institucional, ou seja, como um meio capaz de levar a universidade até o povo. A divulgação institucional é associada à propaganda corporativa ou institucional, que tem como objetivos divulgar ao público as funções e atividades de uma organização e construir uma opinião favorável (PINHO, 1990, p. 23). No setor público, acrescenta-se a noção de que a população tem o direito de saber o que determinado órgão faz (CORRADO, 1994, p. 152). Essa prestação de contas por meio da divulgação institucional busca demonstrar que o investimento público naquela organização está gerando retorno à sociedade, para assim ter esse público como aliado da instituição e, logo, comprometido com a sua manutenção (MONTEIRO, 2003, p. 149). Observa-se, portanto, que a divulgação institucional está mais próxima da atividade de uma assessoria de imprensa do que de um veículo de comunicação.

Ressalta-se ainda que, em relação ao rádio universitário, alguns autores defendem o seu uso como laboratório, no qual estudantes de comunicação (especialmente os de jornalismo) possam pôr em prática os conhecimentos obtidos em sala de aula. Para Sandra de Deus, este é o papel das rádios universitárias públicas:

A emissora universitária é um laboratório importante para as faculdades de Comunicação. Isso porque toda sua estrutura pode servir para que os estudantes tenham um exercício prático pautado pela qualidade, pela resposta do ouvinte, pelo rigor e velocidade da informação e pela responsabilidade. É na atividade laboratorial desenvolvida na emissora de rádio da universidade que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. (DEUS, 2003, p. 312).

Percebe-se que as emissoras pertencentes à estrutura estatal, incluídas no espectro educativo, são influenciadas por diferentes visões sobre suas finalidades. Primeiramente a transmissão de cultura e conhecimento, de divulgação institucional e de laboratório de ensino. Em segundo plano, necessitam conquistar um público ouvinte, em meio à concorrência com as

²² Como já mencionado, Sandra de Deus foi diretora da Rádio da Universidade, de 2002 a 2004.

emissoras comerciais. Equilibrar esses diferentes objetivos pode ser desafiador para essas rádios.

Outra dificuldade enfrentada pelas emissoras universitárias são os baixos investimentos. Ao realizar uma cartografia dessas rádios, os pesquisadores Marcelo Kischinhevsky, Izani Mustafá, Lara Machado e Ludmila Rancan observam:

“[...] a radiodifusão universitária no Brasil encontra desafios devido à falta de recursos para investimentos em pessoal e infraestrutura na comunicação educativa e à baixa institucionalidade de grande parte dos projetos, muitos deles resultado de iniciativas individuais de professores de rádio, outros geridos por fundações de apoio que, não raro, têm compromisso tênue com o caráter formativo, o que deveria ser uma das missões prioritárias de uma rádio universitária. (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2022, p. 11).

Importante destacar que, quando as universidades federais sofrem restrições orçamentárias – fato que se observa ao longo da história, por governos de ideologias diversas – a redução de recursos atinge, conseqüentemente, as emissoras universitárias. A título de ilustração, um levantamento do Observatório do Conhecimento estima que as instituições de ensino superior e as agências federais de fomento à pesquisa e à inovação perderam cerca de 100 bilhões de reais de recursos entre 2014 e 2022 (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2022, p. 10). Esse ponto faz-se relevante porque, ao percorrer a trajetória da Rádio da Universidade, a falta de recursos financeiros e de pessoal foi um problema constantemente enfrentado por seus diretores e equipe de funcionários.

4 UMA HISTÓRIA DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1950-2017)

Neste capítulo, aborda-se a história da Rádio da Universidade desde as primeiras transmissões em ondas curtas, em 1950, até o seu sexagésimo aniversário, em 2017. A trajetória da emissora está dividida por décadas e cada decênio é precedido por uma contextualização que considera o desenvolvimento do rádio no país e a conjuntura político-econômica brasileira.

4.1 A implantação da Rádio da Universidade (1950-1959)

Os anos 1950, na periodização proposta por Luiz Artur Ferraretto (2012), localizam-se na *segunda fase* da história do rádio, denominada de *difusão*, que tem início nos anos 1930, com a regulamentação da publicidade, e segue até a segunda metade dos anos 1960. No entanto, no final da década de 1950, o meio já está em um momento de transição para a fase de *segmentação*, pressionado por novidades como a chegada da televisão que, ao se disseminar, passa a concorrer com o rádio²³. Na *difusão*, as emissoras começam a se estruturar como negócios de comunicação, abandonando o caráter associativo da fase inicial. A programação busca atrair o maior contingente possível de pessoas e, portanto, baseia-se em uma média de gosto. É a época dos programas humorísticos e de auditório, além das radio-novelas (FERRARETTO, 2012, p. 11).

Já o rádio não comercial segue um caminho diferente. Na sua *segunda fase*, de meados dos anos 1940 até o início da década de 1970, as emissoras procuram um modelo educativo, concebido como ensino formal e caracterizado pelas rádio-escolas (ZUCULOTO, 2012). O Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena) é instalado em junho de 1958, com vistas a produzir e distribuir cursos básicos para serem difundidos pelas emissoras afiliadas.

²³ Em 18 de setembro de 1950 é inaugurada a TV Tupi em São Paulo, de Assis Chateaubriand. No Rio Grande do Sul, a TV Piratini, também pertencente ao grupo Diários e Emissoras Associados, foi ao ar no dia 20 de dezembro de 1959.

4.1.1 Brasil: oposição entre o nacionalismo e o desenvolvimentismo

Na história do Brasil, os anos 1950 começam sob o governo do general Eurico Gaspar Dutra, eleito por voto direto para o mandato de 1946 a 1951, após o fim do período autoritário conhecido como Estado Novo (1937-1945), com Getúlio Vargas. O partido de Dutra é o recém-criado Partido Social Democrático (PSD). Além do PSD, os outros dois principais partidos que disputam com mais força eleições até o golpe civil-militar são criados todos em 1945: a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A antiga oposição liberal, herdeira da tradição dos partidos democráticos estaduais, adversária do Estado Novo, formou, em abril, a União Democrática Nacional (UDN). A princípio, a UDN reuniu também o reduzido grupo dos socialistas democráticos e uns poucos comunistas.

A partir da máquina do Estado, por iniciativa da burocracia do próprio Getúlio e dos interventores nos Estados, surgiu o Partido Social Democrático (PSD), em junho de 1945. Afinal, em setembro daquele ano, foi fundado o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sob inspiração também de Getúlio, do Ministério do Trabalho e da burocracia sindical. Seu objetivo era reunir as massas trabalhadoras urbanas sob a bandeira getulista. (FAUSTO, 2006, p. 213).

Na conjuntura internacional, a Segunda Guerra Mundial se encerrou pouco antes, em 1945, representando a derrota do nazismo e do fascismo, e dando lugar a novo período de disputas na geopolítica: a Guerra Fria, marcada principalmente pela oposição entre os Estados Unidos e a União Soviética. O Brasil é impactado por esse novo contexto, por exemplo, pelo fortalecimento do discurso anticomunista.

Getúlio Vargas retorna à presidência no início de 1951, desta vez eleito democraticamente, em uma votação que chega a ser contestada pela UDN. Conquista a maioria do eleitorado com uma campanha fundamentada no desenvolvimento da industrialização e na necessidade de ampliação da legislação trabalhista (FAUSTO, 2006, p. 224). Durante seu governo, tenta aglutinar em torno de si as forças conservadoras, sem se esquecer dos trabalhadores urbanos, uma de suas principais bases (FAUSTO, 2006, p. 227). No entanto, opta cada vez mais por um discurso e por medidas que se chocam com os interesses dos setores sociais conservadores, como a criação de estatais estratégicas, entre elas a Petróleo Brasileiro S. A. (Petrobras) e a Centrais Elétricas Brasileiras S. A. (Eletrobras), dentro de uma linha nacionalista (FAUSTO, 2006, p. 230). O aumento de 100% do salário mínimo, em 1º de maio de 1954, também irrita os conservadores. A crise política se agrava (influenciada pela crise econômica, com a alta da inflação) e culmina com o abreviamento do mandato de Vargas, que se suicida em 24 de agosto de 1954.

No campo político-econômico, a década de 1950 é marcada pela polarização entre as propostas de desenvolvimento nacionalista e as baseadas na internacionalização. O modelo nacionalista tem forte atuação do Estado; investimento em áreas estratégicas como petróleo, siderurgia, transportes e comunicações; restrições ao capital estrangeiro; e independência em relação ao sistema capitalista internacional (FAUSTO, 2013, p. 347). Já o modelo calcado na internacionalização propõe a redução do papel estatal na economia e a abertura ao capital estrangeiro. Segundo o historiador Boris Fausto (2013, p. 347), essa divisão de pensamento se cristaliza inclusive dentro das Forças Armadas, onde os nacionalistas são favoráveis, no plano das relações internacionais, a uma posição de distanciamento ou até de rechaço aos Estados Unidos. Já o lado oposto defende o alinhamento irrestrito com os estadunidenses na luta contra o comunismo, postura que vai ganhando cada vez mais adeptos entre os militares, o que minou pouco a pouco o apoio a Getúlio (FAUSTO, 2013, p. 356).

Para o sociólogo Octavio Ianni, no governo Vargas (1951-1954), prevalece a estratégia de desenvolvimento nacionalista, que pressupõe um projeto de capitalismo nacional, com a “crescente nacionalização dos centros de decisão sobre assuntos econômicos” e a ideia de “uma hegemonia possível, principalmente nas relações com os países da América Latina e da África” (IANNI, 1977, p. 307-308). Já no período de Dutra (1946-1950) e de Juscelino Kubitschek (1955-1960), a estratégia dominante é a de um desenvolvimento dependente, com um projeto de capitalismo dependente que implica “no reconhecimento das conveniências e exigências da interdependência das nações capitalistas, sob a hegemonia dos Estados Unidos” (IANNI, 1977, p. 308). No entanto, não se trata de períodos estanques:

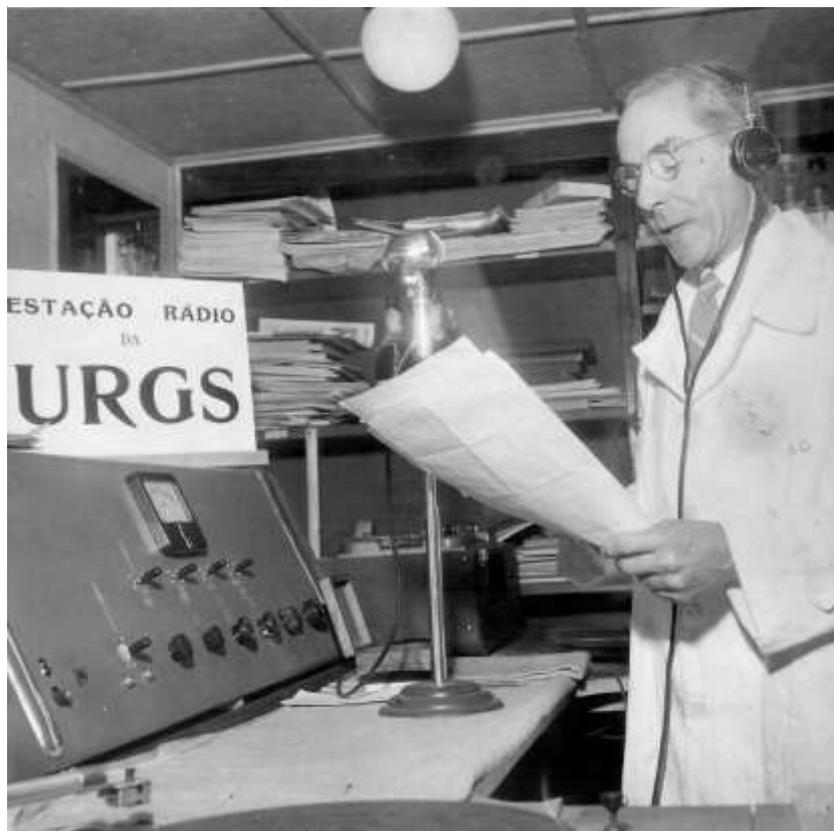
É óbvio que essas duas polarizações não se sucediam, exclusivamente, como se uma estratégia fosse completamente substituída pela outra [...]. O que ocorria, efetivamente, era sempre uma coexistência das duas polarizações, como tendências principais. [...] Com frequência, um mesmo governo foi levado a atuar segundo alvos e meios que implicavam, umas vezes, uma opção nacionalista e, outras vezes, uma opção internacionalista. (IANNI, 1977, p. 308).

Após o suicídio de Getúlio, assume o vice-presidente Café Filho, até a realização das eleições em outubro de 1955, com a vitória de Juscelino Kubitschek para a presidência e do vice, João Goulart, em uma época em que é possível votar separadamente para cada um dos cargos. Apesar da campanha contra a posse, capitaneada por setores das Forças Armadas e pela UDN, Kubitschek assume o governo em 31 de janeiro de 1956, para mandato de cinco anos. Segundo Fausto (2013, p. 364), é um período de relativa estabilidade política e de altos índices de crescimento econômico, traduzidos pela campanha de desenvolver 50 anos em cinco.

4.1.2 Rádio da universidade: as transmissões experimentais, o fechamento em 1953 e a inauguração oficial

A proposta de criação de uma rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul parte do professor de eletrotécnica Antônio Alberto Goetze, ainda em 1949, com a finalidade de realizar estudos práticos sobre irradiação e construção de transmissores (STOSCH²⁴, 1987, p. 25). Na época, a Escola de Engenharia possuía um velho transmissor que pertencera à Polícia Civil e fora doado pelo Estado do Rio Grande do Sul (GOETZE, 1951). O reitor, Alexandre Martins da Rosa, concorda com a ideia, mas é necessária a autorização do governo, já que as outorgas de radiodifusão são concedidas pela Comissão Técnica de Rádio, vinculada ao Ministério da Viação e Obras Públicas. Entre abril e maio de 1950, é enviado o primeiro ofício da Reitoria ao ministro de Obras Públicas, general João Valdetaro de Amorim e Mello, solicitando a autorização para criação de uma estação de radiodifusão destinada a divulgar “solenidades, festividades, cursos e programas que por sua natureza interessem à cultura geral e especial” (ROSA, 1950 apud STOSCH, 1987, p. 25).

Figura 1 - Idealizador da Rádio da Universidade (1951)



Goetze fazendo a locução no estúdio no Instituto de Eletrotécnica
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

²⁴ Como mencionado na *Introdução*, a pesquisa do ex-diretor da Rádio da Universidade foi fundamental para recuperar a história desse período da emissora, uma vez que boa parte dos documentos consultados estão disponíveis apenas neste trabalho de conclusão de curso.

No entanto, Goetze está convencido de que essa iniciativa é insuficiente, e manifesta sua avaliação em uma comunicação ao diretor da Escola de Engenharia (STOSCH, 1987, p. 26). No documento, menciona que havia buscado informações com o chefe do Serviço de Rádio do Palácio Piratini, Lourival Alcântara, segundo o qual é necessário fazer contato pessoal com o responsável pelo Serviço de Radiocomunicações do Ministério de Viação no Rio de Janeiro, buscando saber quais frequências estão disponíveis dentro da faixa que interessa à emissora. Ainda, orienta a mencionar explicitamente que o objetivo é o ensino e a difusão cultural, como forma de facilitar a obtenção da autorização (STOSCH, 1987, p. 26). Durante esta pesquisa, não se encontraram registros desse contato pessoal, mas um novo pedido é redigido e encaminhado ao general Mello, por meio de um documento mais extenso e detalhado que o anterior:

Além dessas atividades mais diretamente ligadas aos seus fins, cabe às Universidades a elevada função de orientar e mesmo corrigir os mentores da sociedade quando assim considerar necessário. [...] Assim, numa época como a que atravessamos (ano de 1950) de lamentável entrelaço de ideologias, tendentes a solapar a ordem existente e o tradicional regime em que vivemos, cabe a Universidade o papel de divulgar princípios que constituem base desta tradição e dessa ordem. [...] Em face das razões expostas, a Universidade do Rio Grande do Sul²⁵ solicita [...] que lhe seja concedida a necessária licença para instalação de uma estação transmissora de rádio em sua sede, na cidade de Porto Alegre, dentro da faixa de 3 a 4 megaciclos²⁶ destinada exclusivamente a irradiações culturais de toda a ordem. (ROSA, 1950 apud STOSCH, 1987, p. 27-28).

A esperada outorga sai no dia 1º de julho de 1950, na portaria nº 618 do Ministério da Viação e Obras Públicas, assinada por Valdemar Héra Barroso, diretor-geral do Departamento de Administração do ministério. O documento autoriza a instalação de uma “estação radiotelefônica destinada à transmissão de ensinamentos, palestras, conferências, etc., bem como informações de seu observatório astronômico, com a ressalva, entretanto, de não serem irradiados programas musicais e outros de natureza recreativa” (BRASIL, 1950). Em 21 de julho, o Serviço de Radiocomunicações do Ministério da Viação e Obras Públicas informa a frequência na qual a rádio vai transmitir: 3.945 kHz, frequência de onda curta e que, portanto, não é sintonizada pelos aparelhos mais comuns (STOSCH, 1987, p. 30).

A partir daí, iniciam-se os trabalhos para efetivamente colocar a Rádio da Universidade no ar. Em setembro, o professor Goetze começa a trabalhar na reconstrução do transmissor doado pelo governo estadual e, para ajudá-lo nessa tarefa, chama o engenheiro Eddy

²⁵ A UFRGS tornou-se uma instituição federal em 4 de dezembro de 1950, a partir da criação do Sistema Federal de Ensino Superior (lei nº 1.254/1950), mas seguiu usando o nome Universidade do Rio Grande do Sul até o final dos anos 1960.

²⁶ Um ciclo por segundo equivale a um hertz, unidade de medida de frequência derivada do Sistema Internacional e que é utilizada atualmente para as ondas radiofônicas. Para melhor compreensão, a partir daqui adotaremos o hertz.

Pederneiras, assistente da disciplina Eletrotécnica I do Curso de Engenheiros Mecânicos e Eletricistas da Escola de Engenharia (GOETZE, 1951). Conforme o próprio engenheiro menciona em carta ao reitor Rosa, a adaptação do equipamento para a frequência outorgada é mais desafiante que o esperado, principalmente pela falta de peças no mercado, impondo a necessidade de adaptações em relação ao projeto inicial (GOETZE, 1951).

Dessa forma, a rádio que é simbolicamente inaugurada em janeiro de 1951, nas dependências do Instituto Eletrotécnico Escola de Engenharia²⁷, prédio situado na esquina da avenida Osvaldo Aranha com a Rua Sarmiento Leite, está longe do que imaginava o professor Goetze. A potência não passa de 250 W. Por isso, neste primeiro ano poucas pessoas podem ouvir a emissora, que, neste período, funciona mais como um laboratório para observação do fenômeno de transmissão (STOSCH, 1987, p. 33). Goetze envia um comunicado ao reitor, informando a necessidade de aumentar a potência de transmissão para 500 W, que seria suficiente para cobrir todo o estado; detalhando a necessidade de, no futuro, adquirir um novo transmissor em melhores condições; e de conseguir uma outorga que permita a irradiação de programas musicais (GOETZE, 1951). Também relata a falta de equipamentos e de pessoal e elenca conteúdos que podem vir a fazer parte de uma programação da emissora:

Sinais horários pelo Observatório Astronômico (a ser inaugurado em poucos dias); boletins meteorológicos, conferências, solenidades, divulgações científicas e culturais, palestras e conselhos instrutivos, culturais, sobre todos os ramos que interessam à Universidade e suas Faculdades, reirradiações, noticiário, etc. (GOETZE, 1951).

Entre os meses de março e julho de 1952, Goetze e os colegas engenheiros Eddy Pederneiras e Paulo Petry se dedicam a promover as melhorias possíveis, apesar dos poucos recursos. Em julho de 1952, a Rádio da Universidade já possui estrutura para fazer transmissões a partir de outros pontos da UFRGS, como a sala magna da Universidade, o salão nobre da Faculdade de Medicina, o anfiteatro do novo edifício de Física e Matemática e a biblioteca da Escola de Engenharia (STOSCH, 1987, p. 36). Também é adquirido um gravador magnético marca Revere e 20 rolos de fitas de uma hora cada, sendo assim possível produzir programas gravados. Mesmo proibida de reproduzir músicas, a emissora passa a contar também com toca-discos para long-plays e outros dois semiprofissionais (STOSCH, 1987, p. 36).

No dia 13 de agosto de 1952, se encerra o mandato do reitor, Alexandre Martins da Rosa, que transmite o cargo para o professor Elyseu Paglioli, cujas ações vão ter grande impacto na história da UFRGS. A universidade havia se tornado parte da estrutura federal de ensino em 1950 e, dois anos depois, possui 12 escolas e faculdades, mas apenas quatro contam com prédios

²⁷ Atualmente, o prédio abriga o Departamento de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia.

próprios (PAGLIOLI, 1964, p. 25). O novo reitor dedica os seus 12 anos de mandato a um projeto de expansão física da UFRGS, construindo e inaugurando, por exemplo, o prédio da Reitoria e o Salão de Atos, em 1957, além da própria Rádio da Universidade. Com o objetivo de aproximar a universidade da população, uma das medidas de Paglioli é derrubar os muros que cercam a universidade – nas palavras do próprio reitor, “velhos, decadentes, inexpressivos” (PAGLIOLI, 1964, p. 35). O propósito de ampliar o contato da UFRGS com a comunidade se materializa, também, no desenvolvimento da rádio universitária.

Figura 2 - Pioneiros da Rádio da Universidade (1952)



Eddy Pederneiras (E), Paulo Petry e Alberto Goetze (D), no Instituto de Eletrotécnica
(Fonte: Arquivo da Rádio da Universidade)

Poucos dias depois da posse, em 25 de agosto de 1952, Goetze envia um comunicado ao novo reitor, apresentando seus planos para a Rádio da Universidade: a busca da outorga de um novo canal, que seja recebido por aparelhos de rádio menos sofisticados; e o intercâmbio de programas culturais com a Rádio MEC. O docente busca, assim, contornar o impedimento da veiculação de músicas:

[...] a irradiação de gravações feitas no Ministério da Educação viria, até que nossa permissão de irradiar música fosse plenamente assegurada, a dar-nos certa liberdade em relação à restrição contida na autorização de funcionamento de nossa estação de rádio. (GOETZE, 1952 apud STOSCH, 1987, p. 39).

Paglioli apoia a iniciativa e uma carta apresentando a proposta de retransmissão da Rádio MEC é enviada a Ernesto Simões Filho, ministro da Educação e Saúde (STOSCH, 1987, p. 39). No mesmo dia, é remetida uma carta ao presidente Getúlio Vargas, onde são solicitados dois canais de transmissão, um de ondas curtas em melhores condições de sintonia²⁸ e outro de ondas médias. O documento destaca que a universidade deseja transmitir conteúdo educativo, objetivo “raramente praticado entre as emissoras do país” (PAGLIOLI, 1952 apud STOSCH, 1987, p. 97). Ainda argumenta que a iniciativa vai ao encontro do pretendido pelo presidente da República, conforme no decreto nº 29.783, de 19 de julho de 1951, que estabelece a finalidade educativa da radiodifusão.

No final de 1952, uma reportagem da *Revista do Globo*²⁹ registra o surgimento e funcionamento da Rádio da Universidade, destacando o pioneirismo da emissora, na época chamada de Estação de Rádio URGS³⁰. A respeito da programação, o artigo explica, a partir da entrevista do professor Goetze, que veicula apenas programas culturais:

[...] música séria³¹, palestras e conferências de divulgação artística, literária ou científica etc. Mas igualmente dá, a intervalos, a hora certa, sendo que este último serviço é usado por companhias de aviação, firmas e entidades cujas operações exigem a hora exata”. (BRAGA JR., 1952, p. 37).

As transmissões diárias têm duração total de quatro horas e 30 minutos, assim distribuídas: das 8h45 às 9h15, com o boletim meteorológico, hora certa e música; das 12h às 14h, com o noticiário escolar e matérias afim, além de música; e das 20h às 22h, com palestras, conferências e música. A parte musical inclui concertos, sinfonias, peças para instrumentos solos de compositores como Heitor Villa-Lobos, Johann Sebastian Bach, Ludwig van Beethoven, Paul Hindemith e Serguei Prokofiev (BRAGA JR., 1952, p. 39). Segundo a entrevista concedida por Petry à publicação, a discoteca conta com 150 discos de música de concerto “e as rádios difusoras locais, que irradiam uma quantidade enorme de anúncios e novelas, já começaram a falar em mudar a sua programação” (BRAGA JR., 1952, p. 39).

A respeito da audiência, a matéria informa que conta com “um número grande de ouvintes” não apenas em Porto Alegre, mas em todo o Rio Grande do Sul, apesar de estar operando, segundo declaração de Goetze, com 150 W. O docente declara ainda que em março de

²⁸ Conforme o documento, a frequência outorgada, de 3.495 kHz, estava entre as concedidas a radioamadores que, com suas transmissões “mal filtradas” interferiam no sinal da emissora universitária.

²⁹ Publicação pertencente à Editora Globo, de Porto Alegre (RS), que circulou de 5 de janeiro de 1929 a 17 de fevereiro de 1967 (APRESENTAÇÃO..., 2023).

³⁰ O professor Goetze, em seus comunicados, denomina a emissora Estação de Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul. A notícia da *Revista do Globo* usa o nome Rádio URGS, porém na foto dos estúdios lê-se a placa Estação Rádio da URGS.

³¹ Sinônimo de música de concerto.

1953 a emissora deve estar operando com pelo menos 1 kW, devido à doação de um transmissor pelo Ministério da Agricultura, com capacidade de 2 kW. O equipamento, que funcionava em uma estação meteorológica em Olinda (PE), está sendo montado e consertado pois, nas palavras do professor, “chegou-nos às mãos em péssimo estado, porque veio de mistura com sacos de açúcar e cereais. Com muitas peças enferrujadas ou totalmente imprestáveis, tem nos dado um trabalho enorme” (BRAGA JR., 1952, p. 39).

Goetze também conta que foi realizado um concurso recente para locutores, com 83 candidatos de ambos os sexos, “todos universitários”, dos quais seis foram aprovados e entrariam em atividade em breve. Outro plano é aumentar as horas de emissão e, para isso, contratar também redatores (BRAGA JR., 1952, p. 39). Uma das fotos da revista traz a locutora Maria Derenji, junto com o também locutor Carlos Mariante e o próprio Goetze operando a mesa de áudio. Outras imagens retratam Goetze com Paulo Petry e Eddy Pederneiras; o reitor Paglioli com Nilo Ruschel e Armando Albuquerque; e o técnico em rádio, identificado como J. Brodeck; além de Goetze e Petry trabalhando no novo transmissor. Aliás, a reportagem registra que, em 1952, a emissora já conta com o professor de radiodifusão do curso de Jornalismo da UFRGS e um dos pioneiros da radiofonia gaúcha, Nilo Ruschel, que ingressou como catedrático na universidade naquele ano³². Também integra a equipe o compositor Armando Albuquerque, na época funcionário administrativo do Instituto de Eletrotécnica da Escola de Engenharia, e que tem importante participação na opção da emissora pela música de concerto (ALBUQUERQUE, 1985; LIMA, 1987³³). Albuquerque atua na rádio como organizador da discoteca e de programas musicais (BRAGA JR., 1952, p. 39).

Após meses de trabalho, o transmissor doado pelo Ministério da Agricultura finalmente entra em operação no dia 3 de junho de 1953, aumentando a força do sinal do veículo universitário (STOSCH, 1987, p. 44). A rádio segue sua implantação e em agosto daquele ano finaliza o seu regimento interno³⁴, onde reafirma que sua finalidade é “a difusão cultural e educativa, em seu mais amplo sentido, atuando, outrossim, como órgão de divulgação social e artística da vida universitária”. Além disso, determina a criação de um Conselho Diretor, composto por cinco membros designados pela Reitoria na seguinte composição: um docente da disciplina Radiodifusão do curso de Jornalismo; um professor de Eletrotécnica; um membro pertencente ao quadro universitário, com curso superior em música ou com “cultura artística especializada”;

³² O curso de Jornalismo da UFRGS foi criado em março de 1952, na época vinculado à Faculdade de Filosofia (FABICO, 2023).

³³ Entrevistas concedidas para a Rádio da Universidade e disponíveis nos arquivos da emissora.

³⁴ Conforme Stosch (1987, p. 48), esse regulamento foi vigente até meados da década de 1960.

e dois membros do quadro funcional da universidade, de livre escolha do reitor. Também cria os departamentos Administrativo, Artístico e Técnico (REGULAMENTO INTERNO, 1953). Ainda em dezembro de 1953, é adquirido o piano de meia cauda que se encontra no Estúdio A da emissora até os dias atuais (STOSCH, 1987, p. 51). Segundo José Carlos Cavalheiro Lima, primeiro diretor artístico da Rádio da Universidade, o instrumento da marca Gotrian-Steinweg é escolhido por Armando Albuquerque e importado pela loja Mesbla S/A: “O preço desse piano era de 120 mil cruzeiros³⁵. E o professor Paglioli se dava muito bem com o senhor Odo Cazullo [gerente da Mesbla]. E o professor Paglioli, como bom italiano, soube pechinchar tanto que o piano saiu por 90 mil cruzeiros” (LIMA, 1987).

Assim, a Rádio da Universidade toma forma, enquanto seu idealizador planeja conseguir mais um canal. O objetivo é destinar um para a transmissão de palestras e outras atividades de caráter científico e técnico – que na sua avaliação interessam somente a uma pequena parcela do público – e outro para irradiação de música, no seu aspecto “instrutivo e educacional”, além de concertos de organizações como a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) (STOSCH, 1987, p. 45).

Os planos do professor Goetze sofrem um forte revés no final de dezembro daquele ano, quando o reitor recebe um comunicado datado de 21 de dezembro de 1953 e enviado por Telmo de Souza Lima, diretor regional do Departamento dos Correios e Telégrafos. O documento transcreve um telegrama do diretor de Telégrafos, atestando que a Rádio da Universidade, devido à outorga que possui, deve interromper os programas musicais:

Peço notificar à Reitoria Universidade Rio Grande do Sul, que diante termos expressos portaria 618 de 1950, do MVOP, deve cessar a irradiação de programas musicais de qualquer espécie. Verificando-se pelo laudo de vistoria encaminhado com vosso ofício 5916 SCO, de 20/11, que foi instalado transmissor inteiramente diferente do aprovado, peço acusar informando a data da notificação. Armando C. Azevedo - Diretor de Telégrafos. (ATENTADO..., 1954, p. 11).

Conforme registrado no jornal *Folha da Tarde*³⁶, de Porto Alegre, de 11 de janeiro de 1954, o reitor assim responde aos questionamentos, informando que cumpre o determinado a partir de 1º de janeiro:

³⁵ Valor equivalente a 100 salários-mínimos da época (fixado pelo decreto nº 30.342, de 24 de dezembro de 1951).

³⁶ Vespertino lançado em 1936 por Breno Caldas, filho de Caldas Júnior (RUDIGER, 1993, p. 62). Parou de circular em 1983, em meio à crise da companhia (RUDIGER, 1993, p. 77).

Posto que esta universidade, através de seu serviço de radiodifusão, vise tão só ao aspecto cultural, sem nenhuma finalidade econômica, e os programas que executa são elaborados dentro dessa orientação, os quais têm merecido manifestação de aplauso, inclusive da imprensa local e do Rio de Janeiro, cabe-me acatar, sob ressalva, aquele despacho, o que será feito a partir de primeiro de janeiro vindouro.

Confio, porém, que no processo em curso no Ministério da Viação e Obras Públicas, seja definitivamente assegurado ao setor radiofônico universitário, a que temos dado especial atenção, pelos reflexos benéficos na difusão cultural e artística, condições que lhe permitam atingir seus altos propósitos.

Quanto à última parte do despacho, informo a vossa senhoria que a notificação relativa ao novo transmissor e os detalhes técnicos respectivos constam no expediente que acompanhou o ofício nº 6.025, de 11 de novembro, próximo, findo desta Reitoria. (ATENTADO..., 1954, p. 11).

Dessa forma, a Rádio da Universidade interrompe completamente suas transmissões às 22h de 31 de dezembro de 1953. No início de janeiro, o já mencionado periódico *Folha da Tarde* traz na manchete o “Atentado à cultura do Rio Grande” e relata o “fechamento arbitrário da Rádio da Universidade” (ATENTADO..., 1954, p. 11). O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, repercute o fato na edição de 10 de janeiro de 1954. As duas matérias atribuem o fechamento à ordem da direção dos Correios e Telégrafos e acusam as emissoras comerciais de influenciarem os órgãos governamentais, por se sentirem ameaçadas pela Rádio da Universidade, que estaria angariando a preferência “de certos círculos de ouvintes” (ATENTADO..., 1954, p.11). No entanto, a afirmação é baseada unicamente em declarações, segundo a própria publicação, colhida de pessoas ligadas à emissora da UFRGS, bem como do próprio reitor:

É inacreditável que se tenha chegado a tal providência de fechamento da Rádio da Universidade sem qualquer motivo lógico, quando uma infinidade de emissoras que só propagam novelas, nem sempre de sadia orientação, e até programas que deseducam em lugar de educar, estão tendo todo o apoio do governo. [...]

Sou levado a acreditar que estejam trabalhando, no caso do fechamento da nossa emissora, forças de interesses comerciais. Mas eu batalharei para que a cultura do Rio Grande do Sul não sofra definitivamente este golpe terrível. (ATENTADO..., 1954, p. 11).

Não se localizou nenhuma evidência de tal atuação de emissoras comerciais, tendo-se apenas as suspeitas de pessoas ligadas à Rádio da Universidade. Por outro lado, a revista *Hoje*, de Porto Alegre, na sua edição de 15 de fevereiro de 1954, aponta que se trata de um equívoco dos periódicos, pois o comunicado somente desautoriza a transmissão de músicas de caráter recreativo: “tendo em vista a dificuldade de marcar os limites do que seja a música recreativa [...], a direção da rádio, por sua própria iniciativa, resolveu suspender temporariamente as transmissões normais de sua estação” (EQUÍVOCO E CONFUSÃO, 1952). Na realidade, o telegrama recebido pela Reitoria em dezembro é categórico em determinar que cesse a irradiação de programas musicais de qualquer espécie, mas efetivamente não determina o fechamento da rádio.

Figura 3 - Correio da Manhã (RJ) sobre o fechamento da emissora (10 jan. 1954)

Arbitrariamente fechada a Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul

Transmitia conferências, aulas e palestras de cunho educacional — Virá ao Rio o reitor Eliseu Paglioli a fim de expor o caso ao chefe do governo

Telegramas de nosso correspondente em Porto Alegre dizem ter sido arbitrariamente fechada, por determinação do diretor dos Correios, a estação de rádio da Universidade do Rio Grande do Sul, cujas atividades se acham, em consequência, paralisadas. A propósito da estranha ocorrência chegamos do sul os seguintes despachos telegráficos:

INDIGNAÇÃO GERAL

Porto Alegre, 8 (Do correspondente) — A indignação é geral, aqui, pelo fato de haver o diretor dos Correios obrigado a estação de rádio da Universidade do Rio Grande do Sul a interromper suas atividades. O fato, aliás, não é único. Há 30 dias, mais ou menos, e sem que diácese o motivo, sem quaisquer explicações, exatamente como agora, teve a cidade de Quaraí de levantar-se contra o A.P.T. (agente postal) que, intransigente e covarde, preferiu fugir. Também ele, assim, de modo abusivo, procurara fechar a emissora da localidade fronteiriça.

Julgada a ordem do pequeno servidor, verificou-se o absurdo ou, para sérmos claros, a absurdidade da mesma.

No caso de Porto Alegre, a revolta é ainda maior, porque — essa, a dura verdade — há forte pressão das organizações congêneres, das que exploram os anunciantes e que se dizem "ofendidas" pela Universidade. O mala curioso, no triste episódio, é que a estação visada não fazia publicidade alguma. Suas irradiações eram no sentido da cultura e da moral. Como falar, então, de ofensas e de prejuízos?

A ATITUDE DO REITOR

Não quis o magnífico Reitor Eliseu Paglioli discutir a ordem do "chefe" dos Correios, mas, falando a um jornalista, observou que, lamentavelmente, os Departamentos do atual Governo não refletem o pensamento do presidente da República. A rádio da Universidade — continuou — funciona há dois anos, transmitindo conferências, aulas e palestras de cunho educacional, e debatendo os assuntos próprios



Prof. Eliseu Paglioli, reitor da Universidade do Rio Grande do Sul

do ensino superior. As vezes difunde músicas, essas, no entanto, sem caráter recreativo e sim cultural, pois são músicas clássicas, precedidas de ampla exposição do assunto musical. Não visamos lucro, por isso não fazemos anúncios. Depois de outras considerações disse, ainda, o Reitor Eliseu Paglioli: É pena que o Ministério da Viação prefira prestigiar as estações comerciais, nem sempre orientadas no sentido educativo e no dos bons costumes, em detrimento de uma estação que sempre se colocou

nos mais altos níveis da inteligência e da moralidade.

É de educação que precisamos. Assim, não tenho dúvidas, irá resolver o presidente da República, concedendo às rádios universitárias ampla liberdade de ação". E concluindo: Estou recebendo verdadeiras manifestações de protesto, coletivas e in-

dividuais, e, a todas respondo: Vamos aguardar com serenidade a decisão do governo.

FALA UM ACADEMICO

Sobre o deplorável fato, ouvimos um jovem universitário, que nos disse:

— Al está como age o Ministério da Viação, como age o Departamento dos Correios e Telégrafos, o ministro José Americo e prepostos, liquidando as boas emissoras, em favor das que instejejam, com os programas indecorosos e as novelas obscenas, deixam à solta, o que devia ter sido há muito, coibido.

VEM AO RIO O REITOR

Porto Alegre, 8 (Do correspondente) — A fim de examinar, pessoalmente, com o chefe do governo, a questão da rádio da Universidade do Rio Grande do Sul, arbitrariamente fechada, pelo diretor dos Correios, seguirá para esta capital o Reitor daquela Universidade, professor Eliseu Paglioli.

ENGENHARIA

DIRETÓRIO NACIONAL

Batida de formatura da turma de 1953 — Foi realizado ontem, com início às 20 horas no Copacabana Palace, transcorrendo com sucesso.

Antigo Regimento — Os alunos que foram matriculados na Escola na vigência do antigo regimento e que foram passados para o novo regimento devido a terem sido reprovados, deverão se apresentar no Diretório Acadêmico na parte da tarde.

Mandato de Segurança — Novo Regimento — Tendo em vista a decisão da Congregação da E.N.E. de renovar o parecer de sua Comissão de Legislação no que diz respeito ao critério de aprovação do novo regimento (D. A. Impetrará um Mandato de segurança coletivo contra tal decisão). Os alunos que tiverem sido prejudicados, por esse parecer deverão assinar a lista no D. A.

Casa do Estudante — Existem vagas, aqui, que se interessarem devem preencher a lista de inscrições no D. A.

Comissão de Teste — Houve, ontem, reunião extraordinária da C.T. ao meio-dia.

FACULDADE DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CONCURSO DE HABILITAÇÃO

Estão abertas até 20 do corrente, inclusive, das 14,00 às 19,00 horas, na Secretaria da Faculdade, à Rua Almirante Teffé, 632, sobreloja, as inscrições aos cursos de Farmácia (60 vagas - turno da tarde) e Odontologia (45 vagas - noturno e 45 vagas - diurno).

Exames em fevereiro — De 15 a 28

Educação não é despesa; é capitalização a altos juros...

COLÉGIO JURUENA
PRAIA DE BOTAFOGO, 166 - TEL. 26-0393
PRIMÁRIO-ADMISSÃO-GINÁSIO-CLÁSSICO-CIENTÍFICO

A partir desse momento, os esforços são concentrados em conseguir, junto ao governo federal, a outorga de um canal em ondas médias, com a permissão de conteúdo musical. No dia 20 de janeiro de 1954, Paglioli vai ao Rio de Janeiro para uma audiência com Getúlio Vargas, a fim de tratar do assunto (ARBITRARIAMENTE..., 1954, p. 5). A iniciativa dá certo e em março de 1954 o presidente concorda com o parecer da Comissão Técnica de Rádio, dando preferência à universidade para operar em ondas médias, na frequência 1.080 kHz (GOETZE, 1956). A partir daí, começaram os preparativos para a nova emissora, que incluem a compra de equipamentos e a escolha do local para a instalação do transmissor.

Em junho do mesmo ano, os estudantes das primeiras turmas de Jornalismo buscam a rádio, assim como entidades, todos com interesse em ter um espaço na programação (STOSCH, 1987, p. 58). Em razão dessas demandas, Goetze elabora normas para os programas realizados por colaboradores. O documento que vai ser encaminhado pela Reitoria aos grêmios estudantis define:

[...] A colaboração compreende: notícias de qualquer índole, cultural ou associativa, boletins e demais divulgações de interesse científico e cultural da classe. Palestras, conferências, debates e outras manifestações [...] que concorram para divulgação de conhecimentos gerais. [...] Ficam completamente excluídos os assuntos que envolvam divulgação ou conceitos de ordem religiosa ou política [...]. (GOETZE, 1954 apud STOSCH, 1987, p. 58)

Na época, as questões técnicas da emissora contam com o trabalho dos engenheiros Walter Ries, além de Petry, Pederneiras e o próprio Goetze. Em 24 de setembro, o diretor da rádio comunica ao reitor que, dentre os locais disponíveis, a melhor sede para os transmissores é a Ilha do Chico Inglês, em terreno de propriedade do Governo de Estado, apesar da dificuldade de transporte (somente via barco) e da falta de fornecimento de energia elétrica (GOETZE, 1954).

No entanto, o processo demora mais que o esperado. No dia 4 de fevereiro de 1954, o parecer da Comissão Técnica de Rádio do Ministério da Viação e Obras Públicas trata do pedido da universidade para instalar um link em frequência modulada, para fazer a ligação entre a estação e os transmissores na ilha. O documento destaca que há um parecer favorável para a concessão da frequência 1.080 kHz, em AM, porém sua efetivação depende da consulta a países vizinhos que compartilham a frequência. No afã de resolver a questão, o próprio Paglioli envia comunicações aos embaixadores do Brasil na Argentina, Paraguai e Uruguai, entre setembro e outubro de 1954, em busca de tal informação. O parecer da comissão conclui que a autorização do link FM só pode ser concedida após a outorga e depois da conclusão das instalações da estação, assim como do local do transmissor (PARECER N° 120, 1955). Datado também de 4 de fevereiro, o parecer n° 122 da comissão traz as respostas dos países que compartilhavam a

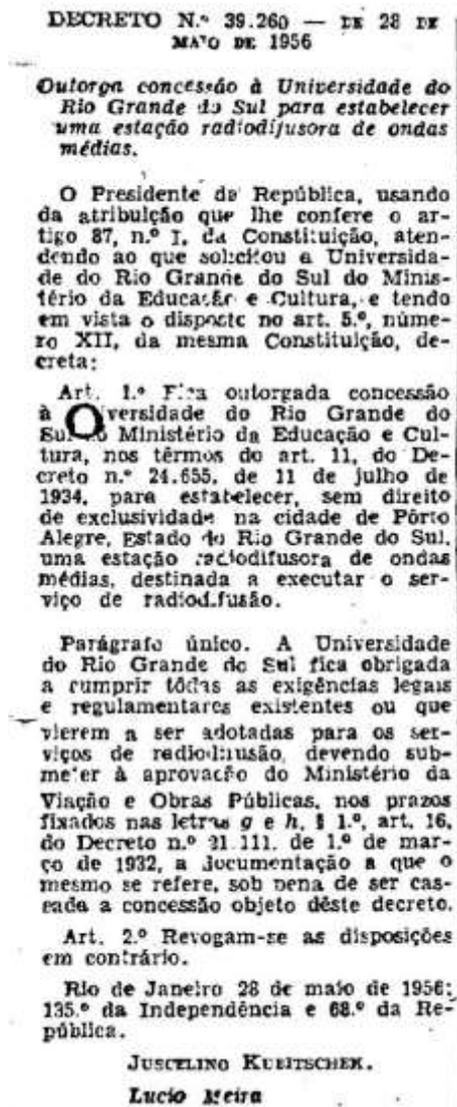
frequência, Argentina, Chile e Peru. Somente no território argentino é utilizada a mesma frequência, por uma estação da cidade de Corrientes. Dessa forma, a universidade deve se comprometer a, no período noturno, baixar a sua potência para 250 W, a fim de evitar interferências (PARECER N° 122, 1955). Mesmo com a UFRGS concordando com a restrição, a esperada outorga não vem. Em abril de 1956, Goetze envia ao reitor um ofício onde relembra os três anos de demora na concessão da outorga e relata uma conversa em que lhe foi sugerido o pagamento de propina para desenrolar o processo:

Aqui, fui procurado pelo dr. Mesquita, do telégrafo local que, no segundo encontro, externou francamente a opinião de que, sem gaita, (e fazendo sinal de lubrificação), deu o endereço de um colega seu no Rio, a ao qual nós devemos dirigir, a fim de conseguirmos a concessão; disse que só assim seria possível. (GOETZE, 1956).

No seu relatório de gestão, redigido em 1964, Paglioli relembra o caso:

Solucionado o caso com a estação de Corrientes, mantinha-se inexplicavelmente preso o processo à comissão, até que em determinada ocasião surgiram rumores de que estávamos ameaçados de perder a faixa concedida, em vista de oferecimento, por parte de alguma empresa interessada, de grande soma em dinheiro ao pessoal dos órgãos que deveriam decidir sobre o atendimento. Os boatos foram em parte confirmados, quando o técnico desta universidade, incumbido deste trabalho, foi procurado por funcionário federal ligado a esse setor, que o advertira de que sem gratificações apreciáveis o caso não seria resolvido. Aconselhamos ao nosso técnico que entrasse em entendimentos, mas acompanhado de testemunha. Isto foi feito, obtendo-se confirmação de tais propósitos. Agora já o caso se apresentava grave e por isso fomos obrigados a levar denúncia do ocorrido ao conhecimento do Ministro Lúcio Meira da Viação e Obras Públicas. O Ministro tomou pessoalmente os apontamentos e prometeu-nos autorizar o funcionamento da Rádio dentro de uma semana, ao mesmo tempo que deu as providências cabíveis ao caso de tentativa de suborno. [...] O Ministro mandou instaurar inquérito e, ao que nos consta, foram demitidos dois funcionários. (PAGLIOLI, 1954, p. 63-64).

A tão esperada notícia vem no *Diário Oficial da União* de uma quinta-feira, em 7 de junho de 1956, com a publicação do decreto n° 39.260, de 28 de maio de 1956, assinado pelo presidente Juscelino Kubitschek e pelo ministro de Viação e Obras Públicas, Lúcio Meira, que outorga a concessão para a UFRGS estabelecer sua estação em AM. Dois meses depois, em 2 de agosto, a Comissão Técnica de Rádio dá parecer favorável aos locais dos estúdios, transmissor, antenas e demais especificações apresentadas pela universidade, aprovando também a potência de 2 kW durante o dia e 500 W à noite. Em 7 de agosto, o governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, cede o espaço solicitado na Ilha do Chico Inglês. Entre o final de 1956 e início de 1957, são adquiridos os equipamentos e aparelhos necessários para colocar a emissora finalmente no ar, incluindo geradores para fornecer energia elétrica aos transmissores. Para o transporte até a ilha, a universidade recebe a doação de um auto bote, vindo do Instituto Agrônomico do Sul (STOSCH, 1987, p. 63).

Figura 4 - Outorga publicada no *Diário Oficial da União* (7 jun.

(Fonte: Acervo Histórico do *Diário Oficial da União*)

No início de agosto, o diretor da Radiodifusão da UFRGS informa ao reitor, via ofício³⁷, a sua ideia de programação. De segunda a sábado³⁸: das 7h às 8h, programas orais³⁹ e escolares; das 8h às 9h, transmissões de conferências gravadas e assuntos gerais; das 11h30 às 14h, especificado apenas como *Universidade do RGS*⁴⁰; das 14h às 19h30, programas variados, aula de línguas, dissertações, etc.; das 19h30 às 20h, retransmissão da *Voz do Brasil*; das 20h em diante, concertos, solenidades, formaturas, conferências, debates, noticiário, atos culturais e artísticos

³⁷ Ofício n.º 131, de 2 de agosto de 1957, consultado nos arquivos da Rádio da Universidade.

³⁸ O professor Goetze fala em dias úteis e, na sequência, menciona apenas a programação diferenciada para domingos e feriados. Dessa forma, pressupõe-se que esta seja a programação de segunda a sábado.

³⁹ Restam dúvidas se seriam programas *orais* ou *rurais* que são mencionados em diferentes partes do documento, pelo contexto, depreende-se que se trata de programas orais, ou expositivos, semelhantes a aulas.

⁴⁰ Pelo contexto do documento, acredita-se que sejam programas que seriam produzidos pela universidade e suas unidades acadêmicas, de caráter institucional.

da universidade e suas unidades, grêmios e sociedade, tanto oficiais como particulares. Também prevê os sinais horários e um noticiário, ainda em estudo. Aos domingos e feriados, propõe uma programação das 12h em diante, com no mínimo 6 horas de duração, composta de programas musicais e recreativos. Goetze também detalha a sua determinação de reservar as melhores faixas horárias para os conteúdos produzidos pela universidade e suas unidades acadêmicas, das 11h30 às 14h e das 20h à meia noite, e relata que há solicitações de outras organizações locais por espaço na grade da emissora.

No mesmo mês, são realizadas as primeiras irradiações experimentais, por 10 dias, entre 0h e 6h, a partir de 15 de agosto, devidamente autorizadas do Ministério da Viação, por meio do ofício 3.308, de 8 de agosto de 1957. Enfim, no dia 9 novembro, a emissora recebe o seu prefixo: ZYU-67 (RÁDIO UNIVERSITÁRIA..., 1957). A partir desse momento, não falta mais nada para a radiodifusora entrar oficialmente no ar, e a data escolhida é o dia 18 de novembro daquele ano de 1957, após o retorno de Paglioli do Rio de Janeiro.

Figura 5 - Autorização para o início das transmissões (13 nov. 1957)



(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Nesta época, a emissora está assim organizada: Diretoria-Geral, Antônio Alberto Goetze; Seção Técnica, sob direção do engenheiro Walter Ries, auxiliado por Caio Damasceno Ferreira; Seção Cultural e Artística, dirigida por José Carlos Cavalheiro Lima; Seção Administrativa, de responsabilidade de Herculano Coelho; Jornalismo, a cargo de Lauro Hagemann (recém-formado jornalista e a voz do *Repórter Esso*, da Rádio Farroupilha, desde 1950), auxiliado por Iara Bendati; os redatores, Carlos Scarinci e Emílio Breyer; o programador Marcos Antônio Rizzo; o técnico em telecomunicações Willard Germano De Carli; e os locutores Aldo Magalhães, Carlos Alberto Carvalho, Leny Silveira Netto, Luiz Carlos Vergara Marques e Renato Luís Rocha (COELHO, 1957; EMISSORA..., 1957; PAGLIOLI, 1964, p. 67). Também fazem parte da equipe: Aglaé Loureiro Lima, Adolfo dos Santos Teixeira, Aníbal Damasceno Ferreira, Antônio Rodrigues, Cleto Farias, Gilberto Nogueira David, Isanide José Casagrande, Fausto Nectous Pereira, Jaime Fontes, Jandir Talasca, José de Deus Escobar, Max Arno Poetter, Rosa Maria Young, Vera Agustoni, e o barqueiro Alencarino (CÂMARA DE VEREADORES DE PORTO ALEGRE, 1997).

A inauguração da emissora repercute em jornais como o *Correio do Povo*⁴¹, *Diário de Notícias*⁴² e *Folha da Tarde*⁴³, de Porto Alegre, além do *Correio da Manhã*⁴⁴, do Rio de Janeiro⁴⁵, destacando o ineditismo de uma rádio universitária no Brasil. Na edição dominical de 10 de novembro, o carioca *Correio da Manhã* destaca a visita do reitor ao Rio de Janeiro. Em entrevista, o dirigente informa que, no dia anterior, soube do prefixo da emissora. Ainda segundo a notícia, o docente está na capital do país justamente para convidar o presidente, Juscelino Kubitschek, o vice, João Goulart e o ministro da Educação, Clóvis Salgado da Gama, para a inauguração da rádio, que até então está programada para o início de dezembro.

O jornal *Correio do Povo* destaca que a nova emissora, então batizada de Radiodifusão da Universidade do Rio Grande do Sul, “pode ser localizada, no *dial*, entre as rádios Canoas e Itaí”. Ainda segundo a publicação, a finalidade do veículo é levar ao público o que é realizado

⁴¹ Fundado em 1895 pelo jornalista Caldas Júnior (RÜDIGER, 1993, p. 58). Foi editado por 89 anos, até que fechou em 1984, devido à crise da Companhia Jornalística Caldas Júnior (RÜDIGER, 1993, p. 77). Voltou a circular em 1986, após a companhia ser adquirida pelo empresário Renato Bastos Ribeiro. Em 2007, a Caldas Júnior foi comprada pelo Grupo Record, conglomerado midiático controlado pelo bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus (DILLENBURG, 2023).

⁴² Lançado em 1925, pela Sociedade Anônima Gráfica Porto-alegrense (RÜDIGER, 1993, p. 60-61). Em 1930, foi comprado pela Diários Associados, de Assis Chateaubriand, ficando sob o controle da empresa até o seu fechamento, em 30 de dezembro de 1979 (RÜDIGER, 1993, p. 71).

⁴³ Vespertino lançado em 1936 por Breno Caldas, filho de Caldas Júnior (RUDIGER, 1993, p. 62). Parou de circular em 1983, em meio à crise da companhia (RÜDIGER, 1993, p. 77).

⁴⁴ Fundado por Edmundo Bittencourt, circulou entre 15 de junho de 1901 e 8 de julho de 1974 (PREFEITURA, 2001, p. 13-14).

⁴⁵ Materiais consultados nos arquivos da Rádio da Universidade.

pela universidade e que seja de interesse artístico, cultural, científico e educativo, mas sempre em um formato adequado ao meio radiofônico (RÁDIO DA URGs..., 1957). Da mesma forma, os programas musicais são preparados em modelo acessíveis, contando com textos explicativos. Também faz parte da programação as manifestações culturais de fora da UFRGS.

Segundo reportagem da *Folha da Tarde*, ao meio-dia daquele 18 de novembro, ocorre uma festa de confraternização na ilha, com a presença do reitor da UFRGS, da equipe da Rádio da Universidade, de outros integrantes da instituição de ensino, da imprensa e do escritor Erico Veríssimo. Os presentes visitam os dois transmissores, de 2 kW e 500 W: o primeiro, ainda é aquele doado pelo Ministério da Agricultura e reformado por Goetze e seus colegas; o segundo, de menor potência, é de fabricação da Radio Corporation of America (RCA)⁴⁶ e serve para as emissões noturnas. Às 20h, a rádio inicia as suas transmissões, anunciadas pela voz do locutor Luiz Carlos Vergara Marques e, na sequência, executa a primeira suíte de *Descobrimento do Brasil*, de Heitor Villa Lobos (EMISSORA..., 1957; VERGARA, 1987). Exatamente dois meses depois, o próprio presidente da República, Juscelino Kubitschek, vem para inaugurar oficialmente a emissora, juntamente com outras obras da UFRGS, entre as quais o prédio da Reitoria (JK PERMANECERÁ..., 1958; PAGLIOLI, 1964, p. 68). Assim, a estação universitária dá início às suas primeiras emissões AM, nos períodos das 9h às 16h e das 18h às 23h⁴⁷, restrição imposta pelos elevados custos de combustível dos geradores de energia dos transmissores (STOSCH, 1987, p. 70).

Convém lembrar que, poucos meses antes, tiveram início as irradiações da Rádio Guaíba, em 20 de abril de 1957. A estação se diferencia pelo som de qualidade e pela aposta em uma programação “sóbria e, por vezes, até sisuda, mas voltada às classes A e B, mesmo quando se dica ao espetáculo. Nela, ganham espaço a notícia e cobertura esportiva [...]” (FERRARETTO, 2007b, p. 564). Vai na contramão, portanto, das emissoras comerciais gaúchas da época – que adotam em um tom mais popular, visando agradar a uma média de gosto – ao apresentar uma programação segmentada e um estilo mais formal que, de certa forma, se aproxima do que vai ser implantado pela Rádio da Universidade. Além disso, o responsável técnico pelo som de qualidade pelo qual a Guaíba fica conhecida é o engenheiro Homero Carlos Simon que, como veremos mais adiante, vai auxiliar também nas questões técnicas da Rádio da Universidade.

⁴⁶ Conforme reportagem do Correio do Povo, de 18 de novembro de 1957 (RÁDIO DA URGs..., 1957).

⁴⁷ Conforme reportagem do Correio do Povo de 18 de novembro de 1957 (RÁDIO DA URGs..., 1957).

Nos anos seguintes, a emissora segue construindo a sua programação, dentro da concepção de privilegiar o cultural e educativo. Uma nota do *Jornal do Dia*⁴⁸, de 8 de fevereiro de 1958, menciona a estreia do *Suplemento Literário*, criticando a escolha da poesia de Pablo Neruda para o primeiro programa⁴⁹. A mesma publicação, em edição do dia 9 de março, registra o início de um curso de francês pela rádio, a partir do dia 10, às 9h30 e às 18h45 (FRANCES..., 1958). A notícia acrescenta que os discos do curso são doações do governo francês, e promete um ensino sem “leitura, esforço, cansaço ou enfado” (FRANCÊS..., 1958). Em 6 maio de 1958, o diretor artístico, Cavalheiro Lima, fala à *Folha da Tarde* e comenta a falta de espaço e de pessoal, além dos planos de aumentar a potência e conseguir uma nova onda. Porém, o maior espaço da reportagem é destinado a tratar da programação. Pode-se observar que a rádio, em seis meses, já possui uma grade variada de programas. Além disso, a emissora tem planos de abrir espaço para entidades associativas e para programação destinada ao público infantil:

Nossa orientação é a de divulgar a cultura e a boa música. Achamos que o ouvinte comum se interessa por assuntos sérios, desde que tratados de uma maneira acessível. Neste sentido, temos primordialmente dois programas que estão sendo levados ao ar: *Música Não Tem Mistério*, que é como o título está a dizer, um programa destinado a levar ao ouvinte comum conhecimentos sobre música, e *Este Mundo, Vasto Mundo*, em que se divulgam conhecimentos científicos preparados de uma maneira a interessar em qualquer classe de ouvintes. Temos, também, *Aspectos do Rio Grande*, que é uma apresentação da realidade gaúcha desde os pontos de vista literário, sociológico e histórico.

Além destes, temos outros programas de grande interesse, como *Brasil Musical*, em que se transmite música brasileira, popular, erudita e folclórica, *Quadros de uma exposição*, com comentários sobre artes plásticas, *Debates e Entrevistas*, com a transmissão de conferências, entrevistas e debates com professores e cientistas e educadores, *Intérpretes Brasileiros*, que proporciona oportunidade para artistas novos se apresentarem ao público, bem como oportunidade para os ouvintes tomarem contato com nomes já conhecidos diariamente. De segunda à sexta-feira, às 9h30 e às 18h45, temos o curso de francês.

Dentro em breve iniciaremos a apresentação de um programa do Centro de Funcionários da URGs e dois programas de interesse educacional. Oportunamente, apresentaremos um programa infantil, pequenas peças interpretadas pelos alunos do curso de Arte Dramática da universidade, e *Eu Conto a Minha História*, um programa sobre os instrumentos da orquestra no qual os próprios instrumentos falam.

Além disso, contamos com a colaboração de distintos professores das diversas unidades da URGs para lançarmos pequenas palestras e cursos nos diversos ramos do conhecimento. (RADIODIFUSÃO DA UNIVERSIDADE..., 1958).

⁴⁸ Diário fundado em 1947 por integrantes da Associação Católica de Difusão Cultural, formada pelo magistério leigo católico, sob a direção do professor Armando Câmara e com apoio do arcebispo metropolitano D. Vicente Scherer. Circulava em Porto Alegre e no interior do Rio Grande do Sul (ANGELI, 2019, p. 41).

⁴⁹ Segundo o periódico, deveria ser escolhido um autor brasileiro, além da avaliação de que a obra de Neruda “está longe de representar o melhor da poesia sul-americana” (RADIODIFUSÃO DA UNIVERSIDADE..., 1958, p. 4). Destaca-se que Pablo Neruda já era, na época, um dos poetas de língua espanhola mais lidos e traduzidos do mundo e que, além da literatura, possuía uma carreira como diplomata e político, sendo filiado ao Partido Comunista do Chile. A sua ligação com o comunismo é, muito provavelmente, a causa da crítica do *Jornal do Dia*, ligado à Igreja Católica.

Nestes primeiros anos, a rádio busca também se integrar aos programas de educação pelo rádio. Conforme registrado pelo *Correio da Manhã*, em abril de 1959, Cavalheiro Lima vai ao Rio de Janeiro, em comitiva formada também pelos integrantes do Serviço de Educação de Adolescente e Adultos do Rio Grande do Sul (SEAA), Jason Beck, Irene Mallet e Nair Ribeiro. O objetivo é conhecer as ações do Sistema Rádio-Educativo Nacional (Sirena), com o planejamento de aderir ao sistema posteriormente. O grupo também visita uma escola radiofônica em Leopoldina (MG), onde funciona um projeto-piloto⁵⁰ da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Na reportagem, o diretor artístico conta que a Rádio da Universidade recebeu a visita do padre Laurindo Rauber, representando o Sirena, que apresentou a iniciativa. Menciona ainda que já há tratativas com o Governo do Estado para replicar o projeto no Rio Grande do Sul, por meio de uma parceria com a SEAA: “a rádio cooperaria com o seu transmissor e pessoal técnico que fosse necessário e a campanha, por sua vez, instalaria escolas radiofônicas, cuidaria das matrículas e outras providências indicadas para o caso” (PROFESORES..., 1959).

Figura 6 - Prédio dos transmissores da Ilha do Chico Inglês (final dos anos 1950)



Da esquerda para direita: Lauro Hagemann, Leny Silveira Netto, Renato Luís Rocha, Antônio Goetze, Emílio Breyer e Luiz Carlos Vergara Marques.
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

⁵⁰ Trata-se da Escola Parque Primário Complementar.

Ainda no ano de 1959, em 20 de maio, tem início o programa que se torna um dos clássicos da emissora, *Mestres da Música Alemã*. Conforme a nota publicada no *Correio do Povo*, o programa sobre música de concerto era antes veiculado em outra emissora, criado pela pianista Zuleika Rosa Guedes. A partir daquela data, a artista passa a apresentar seu programa na Rádio da Universidade todas as quartas-feiras, às 21h, trazendo, além das músicas, comentários sobre as obras, informações da biografia dos compositores e destaques de pontos importantes das peças musicais, com dados destinados a ouvintes leigos (MESTRES..., 1959, p.8-9). Futuramente, o programa contará com a produção do músico Alberto Albuquerque, permanecendo na grade por algumas décadas (GOLIN; FREITAS, 2019, p. 10). Albuquerque, que participou da rádio na época das ondas curtas, não integra a equipe na inauguração em 1957. Quem esclarece esse fato é Cavalheiro Lima, que lembra o período em que o músico esteve “fora de seu habitat”:

[*Quem fazia a orientação musical, na época experimental, era*] o nosso querido compositor, o grande mestre, professor Armando Albuquerque. E que depois se afastou da rádio. E quando a rádio começou, em 1957, uma das primeiras medidas que eu tomei foi de insistir, junto ao professor Alberto Goetze, de trazer da Escola de Engenharia, onde era um modesto funcionário burocrático, o professor Armando Albuquerque para a rádio. E consegui isso, graças à boa vontade do professor Eliseu Paglioli. Passou então o professor Armando Albuquerque a viver no seu verdadeiro habitat. (LIMA, 1987).

O professor Goetze se aposenta em meados de 1959 e o jornalista Nilo Ruschel assume a direção-geral da emissora (PAGLIOLI, 1964, p. 68). Àquela altura, os planos de mudança para a sede atual já estão adiantados. É o que revela a entrevista de Ruschel ao jornal universitário *O Coruja*⁵¹, do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia. O professor informa que Paglioli havia destinado o prédio onde funcionou o Instituto Meteorológico Coussirat Araújo, que está passando pelas adequações necessárias para então abrigar os estúdios da radiodifusora.

Com quase dois anos de atividades, a Radiodifusão da Universidade conta com 15 a 20 programas elaborados pela sua equipe e mantém convênios para receber conteúdos da British Broadcasting Corporation (BBC), como cursos de inglês e programas em português, exibidos com exclusividade. Da embaixada Norte-Americana, vêm 117 programas, que abordam a música folclórica, popular e de concerto dos Estados Unidos. Mantém-se intercâmbio também com

⁵¹ A diretora do jornal era Vacília Derenji, estudante de jornalismo que viria a integrar a equipe da rádio e se tornaria diretora após a saída de Ruschel.

a Rádio MEC, com os programas como o *Músicas e Músicos do Brasil*. Ruschel também comenta a relação com os estudantes:

Estamos muito interessados em fazer programas que destaquem a vida estudantil universitária. Já temos cooperação de centros acadêmicos. [...] Encaramos o setor estudantil como um campo em que muitos valores se revelam, e queremos ir ao encontro desses talentos. [...].

A Radiodifusão da Universidade foi fundada precisamente para que o curso de jornalismo da universidade tivesse um meio de expressão. [...] Cogita-se a melhor maneira de coordenar o ensino de radiojornalismo no curso de jornalismo com as atividades da rádio, a fim de que os alunos possam fazer notícias, reportagens radiofônicas para a nossa emissora levar o ar. (OJEDA, 1959, p. 3-4).

A década de 1950 termina com a Rádio da Universidade buscando consolidar uma programação baseada na difusão cultural e educativa, na valorização da música de concerto e da ciência, ao mesmo tempo em que abre espaço para a divulgação de eventos da universidade, bem como de duas unidades acadêmicas e entidades associativas e estudantis. Sob a direção de Nilo Ruschel, destaca-se a intenção de promover mais espaço aos estudantes, inclusive como local de prática do radiojornalismo. O ano de 1959 se encerra com a perspectiva de melhores instalações para os estúdios da emissora que, em março do ano seguinte, deixa a sede adaptada no Instituto de Eletrotécnica e se transfere para um prédio próprio, o edifício localizado na rua Sarmiento Leite, nº 426, que até hoje abriga a Rádio da Universidade.

4.2 Os primeiros passos de uma emissora universitária em meio a um período turbulento da história brasileira (1960-1969)

Na política brasileira, a década de 1960 é marcada por um período de instabilidade política que culmina na imposição de uma ditadura civil-militar até 1984, com o país só retomando a normalidade jurídica em 1988, a partir da promulgação de uma nova Constituição. Em 1961, com a renúncia do então presidente Jânio Quadros, o país se vê em um impasse, em que o vice-presidente legitimamente eleito, João Goulart, corre o risco de ser impedido de assumir a cadeira presidencial. Para garantir o cumprimento da Constituição, é necessária uma campanha liderada pelo governador gaúcho Leonel de Moura Brizola – a Legalidade – que, aliás, teve o rádio como um dos protagonistas, por meio da Cadeia da Legalidade. Porém, o golpe, que é impedido naquele final de agosto, início de setembro de 1961, se concretiza quase três anos mais tarde, em 1º de abril de 1964, marcando o início da ditadura civil-militar no Brasil.

Na história da comunicação massiva do país, trata-se de um período de transição da fase de *difusão* para a fase da *segmentação* na radiofonia, em que os *pontos de corte* que delimitam

uma e outra são: a chegada da televisão, da transistorização dos receptores e da frequência modulada (FERRARETTO, 2012, p. 6). A televisão⁵² se populariza, conquistando cada vez mais o público e os anunciantes, desbancando o rádio como principal meio de massa. Em compensação, a introdução do receptor transistorizado, no início dos anos 1960, dá mobilidade ao rádio, trazendo duas novas possibilidades: transmitir a notícia direto do local dos acontecimentos; e, pelo lado do ouvinte, ser ouvido em diferentes locais, por meio do rádio a pilha. Aos poucos, as emissoras buscam se reinventar para sobreviver à televisão e mudam sua estratégia comercial: em vez de atingir o maior público possível, por meio de uma programação que pretende agradar um gosto médio, passam a mirar nichos específicos, ou segmentos (FERRARETTO, 2012, p. 13-14).

Em relação ao rádio não comercial, os anos 1960 estão inclusos na fase da *ênfase do ensino pelas ondas radiofônicas*. Conforme destacado por Valci Zuculoto (2012, p. 68-69), o período do regime civil-militar tem um caráter dúbio para essas emissoras; ao mesmo tempo em que muitas sofrem ação da censura (assim como as rádios comerciais), também se beneficiam das políticas governamentais de integração nacional e de consequente estímulo à radiodifusão, bem como do desenvolvimento da educação pelo rádio. Em 1963, ainda no governo Jango, o Sistema de Rádio-Educativo Nacional (Sirena) é encerrado. E, em 1965, o governo militar cria o Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte), dedicado a cursos de nível médio que, por sua vez, inspiram a criação da Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam) no Rio Grande do Sul, em 1967. A criação da fundação e o uso da estrutura da Rádio da Universidade é um ponto de tensão na emissora, até que a Feplam conquiste sua sede própria, no final da década de 1960.

4.2.1 Brasil: da resistência em 1961 à ditadura civil-militar de 1964

Jânio Quadros sai vitorioso nas eleições presidenciais de outubro de 1960, obtendo 48% dos votos. O político havia sido prefeito e governador de São Paulo e se lança candidato por uma sigla pequena, o Partido Trabalhista Nacional (PTN). Porém, conta com o apoio de partidos maiores, entre as quais a União Democrática Nacional (UDN).

⁵² De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Rio Grande do Sul possui 530.904 receptores de rádio e apenas 14.302 aparelhos de televisão em 1961. Menos de 10 anos depois, em 1970, o número de televisores salta para 350.000 no estado, conforme levantamento do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (FERRARETTO, 2007, p. 89). Da mesma forma, o rádio detém 40% das verbas publicitárias em 1950 e a televisão 1%. Em 1960, os percentuais praticamente se igualam (24% para o rádio, 23% para a TV). Já em 1967, a televisão detém 42% dos investimentos em publicidade, frente aos 16% destinados às emissoras radiofônicas (CAPARELLI, 1982, p. 83).

Sem ter um programa definido e desprezando os partidos políticos, atraía o povo com sua figura popularesca e ameaçadora que prometia castigo implacável aos beneficiários de negociatas e de qualquer tipo de corrupção. Estava longe do figurino bem-comportado da UDN, mas ao mesmo tempo incorporava, a seu modo, algo do discurso udenista. Representava sobretudo uma grande oportunidade de o partido chegar ao poder, embora por um atalho desconhecido. (FAUSTO, 2006, p. 240).

O Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) se unificam na candidatura do general Henrique Teixeira Lott, tendo como vice João Goulart. No entanto, a candidatura de Lott não decola: “falava mal em público e tentava assumir artificialmente o discurso getulista” (FAUSTO, 2006, p. 241). Além disso, a defesa de pautas como a concessão de votos aos analfabetos desagrada ao PSD; por outro lado, as críticas à Cuba e ao comunismo incomodam os partidários do PTB. O general termina o pleito com míseros 28% dos votos, mas Jango é eleito vice-presidente.

A dupla toma posse em 31 de janeiro de 1961, na nova capital do país, Brasília, inaugurada nove meses antes por Juscelino Kubitschek. No entanto, o governo de Jânio Quadros não chega ao Sete de Setembro, sendo marcado por polêmicas em assuntos que vão da proibição do biquíni nas praias à concessão de uma condecoração – a Ordem do Cruzeiro do Sul – a nada menos que o revolucionário comunista Ernesto Che Guevara. Carlos Lacerda, nome proeminente da UDN que apoiou a candidatura de Jânio Quadros, torna-se oposição: a política externa independente adotada pelo presidente e a simpatia pela reforma agrária desagrada os conservadores, minando a sua base de apoio (FAUSTO, 2006, p. 242).

No dia 25 de agosto, Jânio Quadros renuncia ao cargo e dá início a uma crise política; setores influentes da sociedade querem impedir a posse de Jango, seu sucessor constitucional. Os membros do Congresso Nacional e os militares são contrários a Goulart por sua identificação com a esquerda e com pautas como a reforma agrária. No momento da renúncia, o vice-presidente está fora do país, justamente em visita à República Popular da China, país sob o controle dos comunistas desde 1949. Dessa forma, quem assume o comando provisoriamente é o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli. A partir daí, conflagra-se uma disputa entre os legalistas, que defendem a posse de Jango, e os que buscam impedir a sua ascensão à presidência da República.

O Rio Grande do Sul tem papel de destaque no desenrolar dos acontecimentos, por meio da figura de Leonel Brizola. O governador constitui um movimento que fica conhecido como Campanha da Legalidade, que defende o cumprimento da Constituição, com a transmissão do cargo para o vice-presidente. No dia 27 de agosto, dois dias depois da renúncia de Jânio Quadros, Leonel Brizola requisita os transmissores da Rádio Guaíba e passa a transmitir

informações em defesa da posse de João Goulart, de forma ininterrupta, a partir de um estúdio improvisado nos porões do Palácio Piratini. Outras emissoras de rádio brasileiras e estrangeiras vão aderindo à campanha: se cria então a Cadeia da Legalidade (MARKUN; HAMILTON, 2001, p. 224). Depois de dias de muita tensão, com o Palácio Piratini sitiado e em alerta diante da possibilidade de um ataque das Forças Armadas, a posse de Jango é garantida, mediante concessões. O sistema passa de presidencialista para parlamentarista e o novo presidente assume com poderes reduzidos, em um simbólico 7 de setembro.

A saída não resolve a crise, apenas retarda o golpe, que é consumado em 1º de abril de 1964. Inspirados no sucesso de 1961, militantes tentam reeditar a Cadeia da Legalidade, inclusive na Rádio da Universidade, como veremos mais adiante. A Segunda Cadeia da Legalidade ocorre de 1º a 3 de abril de 1964, desta vez sediada nos porões da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, “com discursos tão incisivos quanto na primeira, mas de efeitos políticos pouco perceptíveis para a maioria da população” (KLÖCKNER, 2014, p. 93). Com a repressão dos militares às emissoras e a consumação do golpe, a partir do exílio de Jango no Uruguai, o movimento de resistência arrefece e se encerra, derrotado, em poucos dias.

A ditadura civil-militar brasileira tem suas peculiaridades. Conforme ressalta o historiador Boris Fausto (2006, p. 257), “o regime quase nunca assumiu expressamente sua feição autoritária. Exceto por pequenos períodos de tempo, o Congresso continuou funcionando e as normas que atingiam os direitos dos cidadãos foram apresentadas como temporárias”. Contudo, é uma fase de censura à imprensa, perseguição, prisões ilegais, torturas e assassinatos de opositores políticos, de repressão aos movimentos sociais e de expurgos a servidores públicos apontados como subversivos, políticas que atingem inclusive membros da comunidade universitária da UFRGS. Estima-se que pelo menos 1.400 pessoas tenham sido afastadas da burocracia civil e outras 1.200 das Forças Armadas (FAUSTO, 2006, p. 259). Mesmo que a participação dos militares seja mais visível no regime implantado a partir de 1964, o cientista político René Dreifuss destaca o importante papel político dos industriais e banqueiros:

Apesar de a administração pós-1964 ser rotulada de “militar” por muitos estudiosos de política brasileira, a predominância contínua de civis, os chamados técnicos, nos ministérios e órgãos administrativos tradicionalmente não-militares, são bastante notáveis. Entretanto, um aspecto a ser imediatamente considerado é que atribuir o rótulo de tecnocratas aos novos ocupantes das posições de poder é errôneo [...]. Um exame mais cuidadoso desses civis indica que a maioria esmagadora dos principais técnicos em cargos burocráticos deveria (em decorrência de suas fortes ligações industriais e bancárias), ser chamada mais precisamente de empresários ou, na melhor das hipóteses, de técnico-empresários. (DREIFUSS, 1981, p. 417).

No dia 15 de abril de 1964, o general Humberto de Alencar Castello Branco é escolhido presidente em uma eleição indireta realizada via Congresso Nacional, conforme determinado pelo Ato Institucional nº 1, de 9 de abril.

O grupo castelista tinha, no plano político, o objetivo de instituir uma “democracia restringida”, depois de realizar as cirurgias previstas no AI-1; no plano da economia, visava reformar o sistema econômico capitalista, modernizando-o como um fim em si mesmo e como forma de conter a ameaça comunista. Para atingir esses propósitos, era necessário enfrentar a caótica situação econômico-financeira que vinha dos últimos meses do governo Goulart, controlar a massa trabalhadora do campo e da cidade e promover uma reforma do aparelho do estado. (FAUSTO, 2006, p. 259).

No mês de junho, é criado o Serviço Nacional de Informações (SNI), que vai desempenhar um papel importante na perseguição dos que se opõem à ditadura. O novo órgão tem como finalidade assessorar o presidente da República na coleta, avaliação e integração de informações, principalmente as consideradas de interesse à segurança nacional (ANDRADE, 2014, p. 52). Para fazer esse serviço, o chefe do SNI detém status de ministro de Estado e fica subordinado diretamente à presidência. Ainda, o órgão possui autonomia financeira e altas verbas governamentais, provenientes do orçamento da União e de fundos secretos (ANDRADE, 2014, p. 52). O poder do SNI aumenta a partir de 1968, com o início da luta armada e o endurecimento do regime.

Nas Forças Armadas, foram criados serviços de informações em função desse combate, e o SNI, para atender a essas novas demandas criadas pela oposição, expandiu-se de forma vertiginosa. Passou a ser um órgão super prestigiado, o cabeça da grande rede em que se transformaram os serviços de informações no período militar, quando passou a contar com recursos ainda maiores para o desempenho de suas missões. (BRANDÃO, 2001, p. 52).

Logo após as eleições diretas estaduais de outubro de 1965, Castello Branco edita o AI-2, que permite ao presidente criar leis em matéria de segurança nacional (por meio de decretos-lei) sem passar pelo crivo do Congresso; e extingue os partidos políticos. Institui, na prática, o bipartidarismo, com a Aliança Renovadora Nacional (Arena), de apoio ao regime; e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), reunindo todos os partidos de oposição. “A maior parte dos políticos que se filiaram à Arena tinham pertencido à UDN e em número quase igual ao PSD; o MDB foi formado por figuras do PTB, vindo a seguir o PSD (FAUSTO, 2006, p. 262). O novo ato institucional demonstra uma mudança na postura do governo:

No outono de 1966, era claro que o governo Castello Branco tinha escolhido (ou sentia-se a isso forçado) fechar cada vez mais o sistema político. A justificativa imediata era a necessidade de continuar um programa de desenvolvimento econômico e de anti-inflação reconhecidamente impopular, no entanto essencial. (SKIDMORE, 1982, p. 386).

Nas eleições presidenciais indiretas de outubro de 1966, o grupo de Castello Branco não consegue emplacar um sucessor. O eleito é o general Artur da Costa e Silva e, para vice-presidente, o civil Pedro Aleixo, pela chapa que é empossada em março de 1967. Costa e Silva foi ministro no governo anterior, cargo que utilizou para minar “com astúcia e audácia a autoridade de Castello. [...] Quando o governo acertava, Costa e Silva era seu Ministro da Guerra. Quando o presidente desagradava os quartéis, Costa e Silva transformava-se em comandante revolucionário, capaz de negociar a indisciplina” (GASPARI, 2002, p. 270). O novo presidente “concentrava as esperanças da linha dura e dos nacionalistas autoritários das Forças Armadas, descontentes com a política castelista de aproximação com os Estados Unidos e de facilidades concedidas aos capitais estrangeiros” (FAUSTO, 2006, p. 263).

Aos poucos, a oposição se organiza: os estudantes em torno da União Nacional dos Estudantes, os trabalhadores sindicalizados, os militantes de partidos e, inclusive, setores da Igreja Católica. As mobilizações de rua ganharam fôlego no ano de 1968, após a morte emblemática do secundarista Edson Luis, durante um protesto no Rio de Janeiro:

Os estudantes jogavam pedras contra os PMs e um aspirante atirou. Acertou o peito de Edson Luis de Lima Souto, de 17 anos [...]. Os colegas levaram-no para a Santa Casa de Misericórdia, a três quarteirões de distância, mas ele já chegou morto. Pela primeira vez desde 1964 surgia um cadáver na luta entre o regime e os estudantes. (GASPARI, 2002, p. 278).

O assassinato do Edson Luis é o estopim de uma série de manifestações, que culminam com a passeata dos 100 mil, em junho, no Rio de Janeiro. O jornalista Elio Gaspari (2002, p. 296), registra que o protesto reúne diferentes setores da sociedade: “havia nela a ala dos artistas, o bloco dos padres, a linha dos deputados”. Ainda segundo Gaspari (2002, p. 305), no mesmo ano a ideia da luta armada ganha força entre a esquerda, com pelo menos 10 organizações políticas defendendo essa iniciativa. Entre essas, o Partido Comunista do Brasil (PC do B), o Partido Comunista Revolucionário (PCBR), a Dissidência Comunista da Guanabara (futuro Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8) e o Agrupamento Comunista (futura Ação Libertadora Nacional – ALN). Em meio a esses acontecimentos, em 13 de dezembro de 1968 Costa e Silva baixa o mais duro dos atos da ditadura, o AI-5, fechando o Congresso Nacional.

A partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto é, naquelas figuras que estavam nos comandos dos órgãos de vigilância e repressão. Abriu-se um novo ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e de expurgos no funcionalismo, abrangendo muitos professores universitários. Estabeleceu-se, na prática, a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo.

Um dos muitos aspectos trágicos do AI-5 consistiu no fato de que ele reforçou a tese dos grupos de luta armada, cujas ações se multiplicaram a partir de 1969. (FAUSTO, 2006, p. 265).

No plano econômico, o cenário é favorável aos militares, com equilíbrio das finanças, controle da inflação e recuperação da indústria e construção civil. Em 1968 e 1969, o Produto Interno Bruto (PIB) cresce cerca de 10% ao ano, dando início ao período conhecido como “milagre econômico”, entre 1969 e 1973 (FAUSTO, 2006, p. 266).

No final da década, em outubro de 1969, a Junta Militar declara os cargos de presidente e vice-presidente vagos. Costa e Silva havia sofrido uma isquemia em agosto e não demonstrava possibilidade de recuperação. Após uma disputa interna nas Forças Armadas pela sucessão de Costa e Silva, o Alto Comando escolhe para o cargo o general Emílio Garrastazu Médici e, como vice, o ministro da Marinha, Augusto Redemaker (GASPARI, 2002b, p. 113-123).

Ainda em outubro, é promulgada uma nova Constituição, e o Congresso Nacional é reaberto. O governo intensifica a repressão às ações armadas de esquerda que, em setembro, haviam sequestrado o embaixador estadunidense Charles Elbrick, em uma ação que culmina com a libertação de 15 presos políticos, entre eles Gregório Bezerra e José Dirceu. Além da soltura dos detidos, o grupo exige a leitura, em rede nacional de rádio e televisão, de uma carta-manifesto onde a ALN e o MR-8 assumem a autoria do ato e denunciam os crimes e torturas da ditadura. No fim do ano, em 4 de novembro de 1969, o líder da ALN e símbolo da guerrilha urbana, Carlos Marighella, é morto em um cerco da polícia (GASPARI, 2002b, p. 470).

4.2.2 Rádio da Universidade: a nova sede, a ocupação em 1964, o tensionamento com a Fe-plam e a chegada da primeira mulher à direção da emissora

Naqueles primeiros meses de 1960, as condições físicas da Rádio da Universidade eram extremamente precárias, restritas ao pequeno espaço no Instituto de Eletrotécnica. Iara Bendati, jornalista da emissora desde outubro de 1957, lembrou o cenário na época:

Tínhamos uma mesa também, só uma mesa, e passávamos cada um uma hora por lá e trabalhávamos, porque não tinha mais lugar no espaço, era muito pequeno. Era ainda no antigo prédio do [Instituto] Eletrotécnico. As gravadoras não eram gravadoras de fita. Nessa época, a gravadora era de fio, era muito cara, eram gravadores grandes. Então, fazer uma entrevista tinha que trazer o cara na rádio, então era muito difícil. (BENDATI, 1987).

A situação melhora quando a rádio se muda para a nova sede, antes destinada ao Instituto Regional Meteorológico Coussirat Araújo. O edifício foi projetado em 1919 por Adolph Alfred Stern, sendo construído entre 1920 e 1921 para abrigar a Seção de Meteorologia e a direção do Instituto Astronômico e Meteorológico (IAM), ligado à Escola de Engenharia da UFRGS (SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2023). Em 1930, foi batizado de Instituto Coussirat Araújo, em homenagem à Ladislau Coussirat Araújo, professor da universidade e

engenheiro-chefe do IAM de 1918 até sua morte, em 1929, considerado um dos pioneiros da meteorologia moderna brasileira (HEINZ, 2009, p. 277). A Seção de Meteorologia permaneceu no local até os anos 1940, quando começou a ser transferida gradativamente para o atual 8º Distrito de Meteorologia, no bairro Jardim Botânico, em Porto Alegre (SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2023).

Figura 7 - Fachada da nova sede (jun. 1962)



Em março de 1960, a emissora passa a ocupar o prédio que seria a sua sede até os dias atuais. (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Antes de abrigar a emissora, o prédio passa por adaptações e é oficialmente inaugurado no dia 7 de março de 1960, com a presença do ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, e do reitor, Elyseu Paglioli (PAGLIOLI, 1964, p. 68). A mudança dos equipamentos é organizada pelos próprios funcionários, como recorda José Carlos Cavalheiro Lima, primeiro diretor

artístico da Rádio da Universidade. Segundo Lima, o engenheiro Walter Reis, fez a transferência de forma tranquila e organizada, aos poucos.

A parte mais trabalhosa da mudança foi trazer os discos. Na época da mudança, o acervo era bem grande, a discoteca tinha crescido bastante. Nós pusemos num caminhão velho, os discos empilhadinhos, ele parou ali na frente [do novo prédio] e fizemos uma fila, fizemos um mutirão, desde o caminhão, até a porta de entrada da rádio, de dois ou três metros. Alcançava de mão em mão, ia alcançando desde o caminhão, passando de mão em mão, que nem tijolo de obra [...]. Foi rápido, gostoso, trabalho braçal. Todo mundo foi para o trabalho braçal. (CAVALHEIRO, 1987).

Instalada na nova sede, a emissora busca sedimentar um posicionamento em relação às rádios comerciais. Conforme Cavalheiro Lima, a escolha da música de concerto se dá por influência de Armando Albuquerque, em continuidade à linha implementada pelo músico ainda na fase experimental da emissora. Porém, esse não é o único motivo. Para o diretor artístico, se trata também de oferecer algo diferente em relação às outras rádios: “considerando que é uma universidade que possui a sua rádio, não tem por que estar divulgando música popular, pois na época já havia mais de 14 ou 15 emissoras comerciais que só divulgavam música popular” (CAVALHEIRO, 1987). Conforme conta, a MPB tem seu espaço por meio de programas específicos. A parte jornalística é coordenada por Lauro Hagemann, defendendo a ideia de que a emissora deve servir como espaço de formação do curso de Jornalismo, ainda muito recente, e como uma divulgadora de notícias da UFRGS:

A primeira coisa que nós tínhamos que fazer era divulgar as atividades da própria universidade, porque senão a rádio perderia o seu sentido. Então, isso já entrosava o pensamento anterior de que o curso de Jornalismo devesse ter aqui na rádio o seu laboratório. E uma das coisas que se procurou imprimir, e me parece que até hoje ainda prevalece, é que no departamento de notícias, só entraram bacharéis em jornalismo. [...] Claro que isso tinha dois sentidos. Um era o de aproveitamento do pessoal egresso do próprio curso de Jornalismo da universidade. E, por outro lado, a aplicação dos conhecimentos desse curso e a ampliação deles aqui, no laboratório da rádio. (HAGEMANN, 1987).

Para o jornalista, a escolha da música de concerto se deu naturalmente. Não tem um caráter elitista, pelo contrário: considera que as classes privilegiadas têm condições de manter uma discoteca particular, e não precisam ouvir a emissora universitária. São as classes mais baixas, que somente podem ouvir música pelo rádio, que têm na Rádio da Universidade seu meio de contato com essa tradição musical (HAGEMANN, 1987).

Mesmo trabalhando na estação da UFRGS, Lauro Hagemann permanece atuando como locutor na Rádio Farroupilha. Quando estoura a crise da sucessão de Jânio Quadros, no fim de agosto de 1961, o jornalista empresta o seu prestígio de voz do *Repórter Esso* para a Campanha da Legalidade. Hagemann é engajado politicamente desde cedo, tendo sido presidente da União Estadual de Estudantes, quando ainda cursava jornalismo na UFRGS, em 1955. Por isso,

naqueles conturbados dias de 1961, ele se afasta da emissora universitária, assim como da Farroupilha, e se dedica integralmente à Cadeia da Legalidade, que cresce e aglutina dezenas de emissoras. Em entrevista concedida em 2007, no aniversário de 50 anos da Rádio da Universidade, Hagemann garante que a emissora esteve integrada na Cadeia:

Olha, eu devo confessar lisamente que, como eu estava no meio dos acontecimentos políticos [...], eu pude assistir muito pouco, eu mais por ouvir dizer e pelo que os companheiros me contavam dos acontecimentos que redundaram na Campanha da Legalidade. Mas eu sei que a rádio esteve empenhada como todas as outras. [...] A Rádio da Universidade ficou permanentemente incorporada à Rádio Guaíba, que era a cabeça da transmissão. (HAGEMANN, 2007).

João Batista de Melo Filho, radialista que testemunhou e participou da Cadeia da Legalidade, lembra que os locutores da Rádio da Universidade Celestino Valenzuela, Vergara Marques e Wilson Revoir, além de Hagemann, participaram do rodízio ao microfone nos estúdios improvisados nos porões do Piratini⁵³. Além disso, João Batista diz não se recordar especificamente da integração da Rádio da Universidade, mas aponta que todas as emissoras da capital acabam aderindo.

Durante a realização desta pesquisa, não se localizou nenhuma outra fonte que confirmasse a informação de Hagemann. Boa parte das pessoas que trabalhavam na emissora na época já são falecidas e, nas entrevistas gravadas⁵⁴ com Armando Albuquerque, Cavalheiro Lima, Herculano Coelho, Iara Bendati e Manoel Torres, tal assunto não foi abordado. Também não se encontrou registros na imprensa, ou na historiografia sobre tal participação. Porém, há de se considerar que a maioria das documentações cita apenas as emissoras mais populares da época. Mesmo a ligação de Lauro Hagemann com o veículo universitário é poucas vezes mencionada. Hagemann permanece na Rádio da Universidade até maio de 1964, quando assume o cargo de vereador pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), mas tem o mandato cassado em seguida (HAGEMANN, 1987). Em 1966, se elege deputado estadual, sendo novamente cassado em 1969. O jornalista contou que, em 1969, mesmo cassado, ainda passa alguns meses trabalhando na rádio até que é “descoberto” e aposentado compulsoriamente (HAGEMANN, 1987). Anistiado em 1979, retorna à emissora até 1982, quando se licencia para novo mandato político (HAGEMANN, 1987).

⁵³ Depoimento concedido à pesquisadora, por telefone, em 10 de outubro de 2023

⁵⁴ Entrevistas concedidas para a Rádio da Universidade, disponíveis nos arquivos da emissora.

Figura 8 - Equipe do jornalismo (início dos anos 1960)



Lauro Hagemann (E), Vacília Derenji e Iara Bendati (D)
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Um evento que marca a história da emissora é a cobertura dos Jogos Mundiais Universitários (Universiade), realizados em Porto Alegre entre 30 de agosto e 8 de setembro de 1963. A Universiade é considerada à época um grande evento esportivo, o mais importante após os Jogos Olímpicos, e para muitos atletas e treinadores é um preparatório às Olimpíadas (PEREIRA; LYRA; MAZO, 2013, p. 7). A capital gaúcha é a primeira cidade da América do Sul a sediar as competições e até hoje a única capital brasileira a receber os jogos. A competição reúne atletas de 32 países, incluindo o Brasil, disputando nove modalidades: atletismo, basquete, esgrima, ginástica artística, natação, polo aquático, saltos ornamentais, tênis e voleibol (SANTIAGO, 2009, p. 67). Os jogos ocorrem em diferentes partes da cidade: Associação Leopoldina Juvenil, Estádio Olímpico, Grêmio Náutico União, Petrópole Tênis Clube e Sogipa. Além desses locais destinados à prática de esportes que já existem na cidade, ocorre a adaptação do Armazém D4 do Cais do Porto, a fim de receber as competições de esgrima; e a construção de um ginásio no tempo recorde de 92 dias, na esquina da Ipiranga com a Silva Só, batizado de Ginásio da Universiade – posteriormente conhecido como Ginásio da Brigada Militar, demolido em 2019 (KOCH, 2003, p. 48-49).

A Rádio da Universidade é a emissora responsável pela transmissão dos jogos, inclusive para outras nações, emitindo boletins diários, geralmente a partir do meio-dia (KOCH, 2003, p. 61). Por meio das ondas curtas da Rádio Guaíba, informa sobre o andamento das competições

em alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e russo (KOCH, 2003, p. 61). Iara Bendati recorda da grande mobilização realizada pela equipe para cumprimento dessa tarefa:

O movimento dentro da rádio partiu do Celestino Valenzuela e da Vacília Derenji. E, então, convocaram todos os funcionários. [...] A redação final dos programas era, naturalmente, minha e da Vacília, mas a coleta de dados, o acompanhamento dos jogos, tudo isso era feito por diversas pessoas. Pessoal da administração, pessoal da discoteca, todos colaboraram. Então, uma coisa importante para ressaltar a dificuldade com que nós fizemos essa cobertura, é que houve jogos nos mais diversos pontos da cidade. [...] Nós sem recursos e nessa época poucos dos nossos colegas tinham carro, então, a gente andava de táxi e tudo mais. Bem, trabalhávamos o dia inteiro e, à noite, nós fazíamos a resenha e passávamos essa resenha para os redatores de idiomas diferentes, porque nós transmitíamos, com o auxílio da Rádio Guarba, se não me engano, transmitíamos para todas as nações. (BENDATI, 1987).

Lauro Hagemann, mestre de cerimônia da solenidade de abertura, confirma que a iniciativa parte da própria emissora e não conta com o amparo da universidade, nem de entidades estrangeiras. “A Rádio da Universidade foi a cabeça das transmissões, para o mundo exterior, da Universidade. E nisso, o Vergara foi o locutor oficial. Isso nós conquistamos por esforço próprio” (HAGEMANN, 1987). Segundo Vacília Derenji (HANDELSMAN⁵⁵, 2023), a ideia de transmitir os jogos parte de Hagemann, e então é formada uma comissão para organizar a cobertura, composta pelo radialista, ela e o locutor Valenzuela. Conta que, na medida do possível, as competições são acompanhadas para serem transmitidas: “Cada um [*locutor*] pegou uma modalidade para fazer a transmissão. E tinha um técnico com equipamento. Eu levei no meu carro, muitas vezes, o locutor e o técnico para fazer a transmissão daquela modalidade” (HANDELSMAN, 2023).

Carlos Alberto Carvalho, jornalista que entrou na emissora como locutor e depois se torna redator, rememora a efervescência do pequeno prédio da rua Sarmiento Leite naqueles dias: “Quando se entrava naquela sala com essas pessoas falando línguas diferentes, a gente até pensava estar numa verdadeira Torre de Babel. Porque cada um ficava assim, ao lado um do outro, com uma distância muito pequena e transmitindo em línguas diferentes” (CARVALHO, 2007). Os redatores que fazem as traduções, segundo Derenji, são professores da escola de idiomas Yázigi, que ela recruta, pois também trabalha por um período no local como relações públicas (HANDELSMAN, 2023).

No mesmo período, a emissora busca desenvolver uma programação para o público infantil. Conforme nota da *Folha da Tarde* de 17 de agosto de 1963, o programa é veiculado às terças, quintas e sábados, às 11h30, trazendo contos e fábulas (CONCURSO INFANTIL..., 1963). Ainda sem nome, o programa convida as crianças a escreverem, dando suas sugestões. Ao vencedor cabe

⁵⁵ Depois de casada, Vacília Derenji adota o nome do esposo, passando a se chamar Vacília Derenji Handelsman. Como tal fato ocorre após sua saída da Rádio da Universidade e em todos os registros jornalísticos do período abordado neste estudo consta o seu nome de solteira, optamos por manter tal designação no corpo do texto.

o prêmio de 10 livros de histórias infantis de Monteiro Lobato e cinco contos de Hans Christian Andersen. Nos arquivos da emissora constam 85 cartas recebidas, não apenas de Porto Alegre e arredores, como Canoas, Esteio e São Leopoldo, mas também de Cachoeira do Sul, Erechim, Espumoso, Ijuí, Rolante, Santa Maria, Seberi, Sobradinho, Visconde do Herval e, ainda, dos municípios catarinenses de Capinzal e Joaçaba. As crianças enviam sugestões como *Histórias da minha infância* e *No reino da fantasia*. O vencedor é Agostinho Ferreira, da cidade de Rolante. Em uma carta lida ao microfone da Rádio da Universidade em 5 de novembro de 1963, o menino agradece o prêmio recebido e lamenta não ter ido pessoalmente receber os brindes: “eu iria, apesar da distância, mas quinta, sexta e sábado não havia condução nenhuma fora daqui por causa das enchentes, estávamos completamente cercados de água” (FERREIRA, 1963). No mesmo ano, em novembro, um novo concurso premia a melhor redação sobre a Feira do Livro de Porto Alegre, que estava em sua 9ª edição⁵⁶.

Figura 9 - Carta vencedor concurso infantil (26 out. 1963)

Rolante 26 de outubro de 1963 Lida ao microfone,
em 5/11/63.

Querido senhor

É com imensa alegria que escrevo-lhe esta carta agradecendo sinceramente ao prêmio que me foi concedido pois eis um belíssimo prêmio, com histórias magníficas, agradeço também a flâmula, é uma das mais belas de minha coleção.

Pego desculpa por não ter escrito antes pois não houve tempo, trabalho com meu pai e também nestes últimos dias tinha - nos sábados e não pude escrever.

O motivo pelo qual não compareci sábado para receber o prêmio é o seguinte, eu iria, apesar da distância mas quinta, sexta, e sábado não havia condução nenhuma para fora daqui por causa das enchentes, estava - mas completamente cercados de água, gostaria muito de ter comparecido mas infelizmente não deu, mas comparei a internet pelo rádio, agradeço aos apresentadores.

Também agradeço as duas bolinhas de revista que me mandaram.

Com esta carta, escreverei ainda muitas dando um forte abraço
de seu sobrinho
Agostinho.
Ferreira

(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

⁵⁶ A primeira Feira do Livro de Porto Alegre ocorre em 1955.

Além do programa infantil, a Rádio da Universidade já conta com uma programação mais diversificada em 1963, conforme registrado em um ofício de outubro assinado pelo diretor Ruschel. A rádio veicula os seguintes programas: *Cartaz de Londres*; *Informativo Universitário*⁵⁷ (duas edições); *Cinema de Segunda a Segunda*⁵⁸; *Boletim do tempo*⁵⁹; *Resenha dos Vespertinos*; *Da Cidade ao Campo*⁶⁰; *Mestres da Música Alemã*⁶¹; *Programa do Centro de Estudantes Universitários de Engenharia*; *Programa do Centro Acadêmico André da Rocha*⁶²; *Páginas da História*; *Sentir Espanhol*; *Ciência e Cultura*; *Autores, Livros e Ideias*; *Programa Professoras Primárias*; *Uma Hora com Música*; *Concerto dos Estados Unidos*; *Grandes Obras Musicais*; *Almanaque Musical*; *O Mundo da Arte*; *Entrevista da Semana*; *Programa Centro Regional de Pesquisas Educacionais*; e *Concerto Dominical* (RUSCHEL, 1963, p. 1-2). O ofício também registra que a programação inclui a transmissão de concertos e atos universitários, pequenas palestras, entrevistas e debates. Ademais, manifesta a intenção de divulgar as pesquisas e trabalhos desenvolvidos na universidade. Entre as demandas de equipamentos, o documento do diretor da radiodifusora aponta o plano de construção ou aquisição de um transmissor FM para a difusão também em frequência modulada (RUSCHEL, 1963, p. 2).

O documento não menciona o *Boletim Astronômico*, cujo primeiro registro localizado é em uma programação de fevereiro de 1965 (SEÇÃO CULTURAL, 1965). O programa vai ao ar diariamente, nos minutos finais de transmissão da rádio, trazendo informações do horário de nascimento do sol e lua, dos crepúsculos matinal e noturno e a fase da lua. A fonte é o Observatório Astronômico da UFRGS. Este é um dos conteúdos com maior longevidade na grade da emissora, permanecendo por todo o período desta pesquisa, ou seja, até o final de 2017⁶³.

Menos de um ano depois da Universidade, em abril de 1964, novamente a rádio é ocupada, porém em uma situação bem diferente. Os militares dão início ao golpe civil-militar e setores da sociedade buscaram organizar a resistência. Uma dessas iniciativas é a reedição da Cadeia da Legalidade, ação na qual a rádio universitária é inserida por meio da ação de um grupo de estudantes da UFRGS. Um relatório do diretor, Nilo Ruschel, redigido em 26 de junho

⁵⁷ Possivelmente, programa com notícias sobre a universidade, de caráter institucional.

⁵⁸ Criado em 1958, apresenta os lançamentos nos cinemas (DIDONET, 1958, p. 9). A partir de 1972, passa a ser produzido pelo crítico de cinema Hélio Nascimento, que busca abordar o tema de forma mais aprofundada, ressaltando a trajetória do diretor e sua filmografia (NASCIMENTO, 2007).

⁵⁹ Com informações do Instituto Coussirat Araújo.

⁶⁰ Produzido pelo Instituto Rio-grandense de Arroz (Irga) desde 1960, em 1968 começa a ser produzido por estudantes do curso de Agronomia e Veterinária, sob coordenação do jornalista Wilson Revoire, quando recebe um caráter mais amplo, abrangendo a agricultura e a pecuária.

⁶¹ Conforme mencionado no capítulo 4, começa a ser transmitido pela Rádio da Universidade em 1959, sendo produzido pela pianista Zuleika Rosa Guedes. Nos anos seguintes, passa a ser produzido pelo músico e funcionário da emissora Armando Albuquerque.

⁶² Centro acadêmico da Faculdade de Direito da UFRGS.

⁶³ Em 2017, a fonte dos dados passa a ser o site do Observatório Nacional, órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Durante a restrição das atividades presenciais na emissora em razão da pandemia de covid-19, entre 2020 e 2021, o boletim deixou de ser produzido pelo setor de Programação, saindo da grade da emissora (DUPONT, 2023).

de 1964, conta que, na manhã de 1º de abril, ele recebeu o telefonema de Marcos Antonio Riso, da Rádio Farroupilha, que lhe passou o coronel Osório, do comando do III Exército⁶⁴. O militar lhe informa que, a partir daquele momento, a Rádio da Universidade está sendo requisitada por aquele comando e deve imediatamente entrar em cadeia com a Rede da Legalidade. Ruschel solicita que a ordem seja enviada por escrito.

Senti que o militar se mostrava impaciente quanto a essas ponderações, mas argumentei que se tratava de um órgão do patrimônio da União, do qual tinha eu responsabilidade perante o reitor e este, por sua vez, perante o Ministério da Educação. Ante minha insistência, concordou aquela autoridade, afirmando que remeteria em seguida ao ofício de requisição. (RUSCHEL, 1964, p. 1).

Segundo o diretor, a requisição não vem, mas, no início da tarde, chegam os estudantes. Ruschel conta que estava terminando de almoçar, quando recebe a ligação de Emílio Breyer, redator da emissora, informando que a rádio está ocupada pelos alunos e integrada à Cadeia da Legalidade. No relatório, destaca a quantidade de pessoas que participam da ação: “Vim em seguida à rádio, aqui encontrando numeroso grupo de estudantes, desde a parte fronteira ao prédio, escadaria e dependências do mesmo. A própria sala da direção estava completamente tomada por estudantes [...]. (RUSCHEL, 1964, p. 1). O diretor negocia com os ocupantes para que sejam definidos os responsáveis pela redação e locução, e que esses nomes constem em uma lista afixada na porta do prédio, de forma que apenas esses possam entrar. Outra condição acordada, também depois de muita negociação, é que sejam ocupadas somente as salas de redação e de locução. Conforme Ruschel, a rádio permanece sob controle dos estudantes até as 14h do dia 2, quando se desfaz a Cadeia da Legalidade⁶⁵. Os estudantes “pacificamente se retiraram da estação sem ocasionar dano algum” (RUSCHEL, 1964, p. 2).

A jornalista e pesquisadora Cremilda Medina participou dessa ocupação e relembra que a formatura da sua turma de Jornalismo ocorreu, por uma coincidência, no dia 31 de março de 1964: “nosso pequeno grupo (éramos sete, um morreu, ficamos uma turma muito unida de seis) não quis participar da formatura geral da faculdade em dezembro de 1963 e, com certa rebeldia, encaminhou o ato para março” (MEDINA, 2023, p. 1). A notícia sobre as movimentações dos militares em Minas Gerais é trazida pelo paraninfo da turma, o professor de Ciência Política Leônidas Xausa que, quase como um segredo, informa que acontecia algo grave no estado mineiro.

⁶⁴ Atual Comando Militar do Sul.

⁶⁵ A Cadeia da Legalidade se encerrou oficialmente no dia 3 de abril.

Na manhã seguinte, dia 1º de abril de 1964, o golpe militar estava instaurado. Já trabalhávamos no mercado, eu, jornalista na *Revista e Editora Globo*, o grupo de formandos se comunicou (não tínhamos celular, mas se dava um jeito), deixamos o emprego formal e nos dirigimos à Rádio da Universidade para somar com a resistência do estado do Rio Grande do Sul. Na histórica mídia da UFRGS, atuamos sob a regência do radialista Lauro Hagemann, famosa voz gaúcha do *Repórter Esso* na rádio Farroupilha e nesse momento também a voz da Cadeia da Legalidade. Aí, os jornalistas formados na noite anterior escreveram e irradiaram boletins contra a quebra da ordem democrática até o início da tarde, quando chegaram os militares, nos mandaram para casa e fecharam a mídia da universidade que ousara resistir ao que se consagraria como a ditadura militar de 1964. O sentimento de perda se espalhava em várias direções, mas para nós, a Rádio da UFRGS nos era muito cara desde 1961, quando entramos no curso de Jornalismo. (MEDINA, 2023, p. 1-2).

Na lembrança de Medina, em entrevista concedida em data já muito distante daquele abril de 1964, o movimento de ocupação dura apenas um dia e termina com o fechamento da emissora. Já no relatório de Ruschel, o movimento ocorre nos dias 1º e 2 de abril e a rádio segue funcionando normalmente (RUSCHEL, 1964, p. 2). Efetivamente, chega a ser cogitado tirar a emissora do ar temporariamente, por ação da própria universidade. No decorrer da ocupação, Nilo informou o fato ao reitor Paglioli que, preocupado, questiona se não seria melhor “silenciar a rádio”:

Entendi que seria a solução ideal, mas que, na prática, com a exaltação dos ânimos e estando ela ocupada por estudantes, isso poderia dar margem a represálias com depreciações que se poderiam estender de modo imprevisível, quiçá a outros próprios da universidade. Moralmente, como estávamos sob requisição de fato, não corria sob a responsabilidade da UFRGS a atuação em curso na sua emissora. (RUSCHEL, 1964, p. 2).

No seu relato, o diretor conta que houve uma nova investida na manhã de 3 de abril. Um grupo de nove ou 10 pessoas, que afirmam ser estudantes e integrantes da “facção democrática”. Buscam tomar conta da locução, segundo Ruschel, mas são impedidos pelos funcionários Emílio Breyer, Mario Calich, o locutor Celestino Valenzuela e o técnico em telecomunicações Willard De Carli, até que o diretor chegasse ao local. Ruschel argumenta que a emissora agora está reintegrada à universidade – não está mais requisitada – e que, portanto, “por disposição regulamentar, não podia se imiscuir em assuntos de natureza política ou religiosa” (RUSCHEL, 1964, p. 2). Apesar de contrariado, o grupo se retira. Porém, os rumores de que podem voltar em um grupo maior e tomar a rádio pela força preocupa o diretor, bem como o boato de que, caso isso aconteça, a “facção contrária” pode reagir e colocar fogo na rádio. Por precaução, a Guarda Civil passa a policiar o prédio. Ruschel informa novamente o reitor, argumentando que, caso os estudantes voltem, deve ser concedida a sua entrada na emissora, pois “se os outros haviam ocupado o

microfone, não parecia justo recusar essa oportunidade aos primeiros. Contudo, como não fôssemos mais procurados, não se consumou essa autorização” (RUSCHEL, 1964, p. 3).

Elyseu Paglioli deixa o cargo de reitor dias depois do golpe civil-militar, antes do término do mandato, não sendo possível afirmar se por iniciativa própria ou por ter sido obrigado (MANSAN, 2009, p. 81). O fato é que o reitor era amigo de Getúlio Vargas e fortemente identificado com o PTB, tendo sido inclusive Ministro da Saúde do governo de Goulart entre 18 de setembro de 1962 e 24 de fevereiro de 1963, período em que se afastou do reitorado (MANSAN, 2009, p. 81). O vice-reitor, Pery Pinto Diniz da Silva, renuncia ao cargo, conforme registrado na ata da 327ª Sessão do Conselho Universitário, de 25 de abril de 1964. Após os trâmites regimentais ordinários da universidade, o professor José Carlos Fonseca Milano assume a Reitoria em 18 de maio.

Figura 10 - - Elyseu Paglioli, um dos entusiastas da Rádio da Universidade (início dos anos 1960)



Ainda como reitor, Paglioli (D) concede entrevista a jornalistas. À esquerda, Iara Bendati.
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Poucos dias depois de assumir o cargo, o novo reitor concede uma coletiva. De acordo com registro do *Correio do Povo*, de 21 de maio, Milano garante que a política partidária não terá espaço na universidade e que sua gestão será marcada pela defesa da democracia (ABREU, 1964). Perguntado sobre a Rádio da Universidade, o dirigente afirma que vai realizar um estudo para investigar os motivos de a emissora ter baixo número de ouvintes e que talvez seja

necessária uma reformulação dos programas. O reitor declara não haver sentido em um serviço de divulgação cultural restrito a uma pequena elite ouvinte. Conclui que não se trata de ir ao encontro do gosto popular, mas de fazer as pessoas se sensibilizarem e se interessarem pelas “mais altas expressões da cultura” (ABREU, 1964).

Em julho, o diretor da emissora apresenta uma nova proposta de regimento, salientando a necessidade de aprimoramento da estrutura organizativa a fim de, no futuro, incluir o serviço de televisão cultural e universitária, diante da popularização da TV (REGIMENTO, 1964, p. 1). Uma das principais medidas é o desmembramento da Seção Artística em três: Cultural, de Música e de Notícias. A Seção Cultural fica encarregada dos programas sobre ciência, literatura, teatro, educação, folclore e demais assuntos ligados ao conhecimento humano. O setor é responsável por manter contato com entidades educacionais, institutos culturais e órgãos afins. À Seção de Música cabe o planejamento da programação musical e dos programas ao vivo, de música de concerto comentada e de divulgação da cultura musical, além de promoções a fim de despertar o gosto pelas atividades musicais. O chefe deve possuir diploma em curso superior de música. Já a Seção de Notícias se encarrega dos programas de caráter informativo, incluindo noticiários culturais e educativos, sociais e esportivos, em especial da universidade, além dos estágios de estudantes de jornalismo da UFRGS. O chefe necessita ter diploma de jornalista e todos os integrantes devem apresentar ao menos a prova de conclusão no curso. O regimento destaca ainda a finalidade da rádio: “a difusão cultural e educativa em seu mais amplo sentido, dando especial relevo às atividades da Universidade do Rio Grande do Sul” (RADIODIFUSÃO UFRGS, 1964, p. 1).

Como já mencionado, um dos projetos dos governos militares está centrado na educação pela radiodifusão, e a Rádio da Universidade tem um papel fundamental na implementação dessa política no estado. Torna-se a primeira sede da Fundação Educacional Padre Landell de Moura (Feplam), criada em 6 de maio de 1967, que tem como membro fundador o professor Nilo Ruschel. A pesquisadora Adriana Ruschel Duval relata a relação do jornalista com a radiofonia e a educação:

Através das universidades, Nilo viajou pelo mundo, em busca de retratos da radiodifusão que servissem de modelo para aprimorar os usos do veículo no Brasil. Em especial, se deteve no potencial educativo do rádio, trazendo exemplos de outros países, contribuindo para ações em nível regional e nacional. Em 1951, integrou a comissão que criaria a Rádio da Universidade (UFRGS, 1.080 AM), inaugurada oficialmente em 1957. Em 1966⁶⁶, participou do grupo fundador da Feplam, Fundação Educacional Padre Landell de Moura – entidade da qual foi vice-presidente, cujo fim primeiro seria o investimento na educação a distância, principalmente através do rádio. (DUVAL, 2003, p. 12).

⁶⁶ A Feplam é oficialmente fundada em 1967, mas os trabalhos começaram antes, ainda como Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte).

No entanto, o fato de a fundação utilizar o espaço da Rádio da Universidade causa desconforto em parte dos funcionários. Conforme Iara Bendati (1987), a utilização da sede da emissora tem início antes da fundação da Feplam, quando a iniciativa ainda se configura como Serviço de Rádio e Televisão Educativa (Serte):

O primeiro passo foi conquistado por Érika Coester [*jornalista e titular do Serviço de Rádio e Televisão Educativa*] com o Nilo Ruschel, pedindo uma mesa e uma máquina para funcionar um serviço educativo de rádio nacional [*o Serte*]. [...] Esse serviço evoluiu, e é fundada, então, a Feplam. Com isso, ela foi trazendo funcionários. Ela teve um apoio muito grande do Nilo Ruschel e da própria universidade, de professores da universidade. [...] E ofereceu, já na fase Feplam, equipamentos... trazer mais gravadores, trazer mais isso, mais aquilo. Então, aquela mesa e aquela máquina, que estava instalada na nossa sala de jornalismo, foi se expandindo em muitas mesas e muitas máquinas. (BENDATI, 1987).

Figura 11 - Equipe da discoteca (anos 1960)



Vera Agustoni e Aglaé Loureiro Lima (D)
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Poucos dias depois da inauguração oficial da fundação, em 24 de maio, o então deputado estadual e presidente do Sindicato dos Radialistas, Lauro Hagemann, dá fortes declarações ao jornal *Correio do Povo*. Diz que, se antes a Rádio da Universidade não vinha prestando os serviços que seria de desejar, a situação piorou com a interferência do Serte (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1967). Também pede que o reitor realize uma apuração dos fatos. Iara Bendati lembra que, na época, a equipe do jornalismo da emissora estava restrita a dois redatores (ela e Vacília Derenji) e dois estagiários, “rodeados pelo pessoal da Feplam, porque havia muito

dinheiro” (BENDATI, 1987). Aliás, os dois estagiários mencionados são os primeiros estudantes de jornalismo selecionados para tal função na Rádio da Universidade, escolhidos em março de 1967 entre acadêmicos do 3º ano do curso de jornalismo da UFRGS, para período de um ano (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1967). A primeira dupla de estagiários da emissora é Gilberto Pauletti⁶⁷ e Kenny Braga⁶⁸ (BENDATI, 1987).

Voltando à Feplam, a reclamação não é unanimidade na emissora. De acordo com um documento da Seção Administrativa da rádio, de 11 de maio de 1967, não há falta de espaço em razão da presença de funcionários da fundação, nem prejuízo aos trabalhos devido ao uso compartilhado de máquinas de escrever e demais recursos da emissora (SEÇÃO ADMINISTRATIVA, 1967, p. 1-2). No entanto, segundo o relato de Bendati, em 1968 Armando Albuquerque (que está temporariamente substituindo Ruschel na direção⁶⁹) chama as chefias da emissora e afirma que a situação não está bem e que o patrimônio da rádio está sendo “dilapidado” pela Feplam. Então, é redigida uma carta e todos são convidados a assinar. Porém, apenas Iara Bendati, chefe de jornalismo, assina o documento e acompanha Albuquerque na entrega ao reitor Milano.

Herculano Coelho, primeiro administrador da rádio, lembra que a “programação começou a ficar um pouco distorcida, totalmente, já não se podia fazer como antigamente, porque a Feplam estava metendo a mão direto aqui e já estavam mudando a versão” (COELHO, 1987). Ele recorda também que o professor Nilo, grande entusiasta da Feplam, não gosta da movimentação contra a fundação. Ainda conforme Bendati, a universidade realiza uma apuração das denúncias, que culminam com a saída de Ruschel da direção: “ele não foi afastado, mas foi convidado [*a sair*]” (BENDATI, 1987). A substituição de Ruschel no comando da emissora acontece já no mandato do novo reitor, Eduardo Zaccaro Faraco, que assume em 24 de maio de 1968.

E eu estava no Congresso [*Nacional de Jornalistas, realizado em Porto Alegre*], e o Lúcio Hagemann [*irmão de Lauro Hagemann que trabalha na Reitoria*] chegou, foi me procurar [...] para me dizer, antes que a Vacília fosse convidada, que havia sido decidido que ela seria diretora por uma questão política, que eu era dirigente sindical, e que eles preferiam uma pessoa desligada [*do sindicato*]. E eu, como nunca almejei nem nunca quis ser diretora da Rádio da Universidade, quando voltei para a rádio à noite, depois do término da sessão do congresso, fui cumprimentá-la, ela recém estava chegando da Reitoria. Então, a partir deste momento, é que eu lembro bem que a Feplam começou a degradingolar dentro da rádio, com a gestão nova e tudo isso, a Feplam saiu da Rádio da Universidade. (BENDATI, 1987).

⁶⁷ Jornalista com passagem pelos jornais *Folha da Manhã* e *Gazeta Mercantil*, além da revista *Veja* (GILBERTO PAULETTI, 2005).

⁶⁸ Jornalista que fica conhecido como comentarista esportivo da Rádio Gaúcha e *RBS TV* (KENNY BRAGA..., 2007).

⁶⁹ Um documento do Departamento de Pessoal da universidade, de novembro de 1966, relata que Armando Albuquerque vinha repetidas vezes substituindo o diretor da emissora, em caráter informal, devido a afastamentos de Ruschel para outras atividades ou por licença saúde. Ruschel faleceu poucos anos após deixar a emissora, em 1975, vítima de um aneurisma, aos 64 anos (DUVAL, 2003, p. 13).

A posse de Vacília Derenji, primeira mulher a comandar a Rádio da Universidade, ocorre no final de julho de 1968. No dia 23 de agosto, a *Folha da Tarde* resalta os planos de Derenji para um transmissor com maior potência, superando os 2 kW, e a troca da Ilha do Chico Inglês por um local que possua fornecimento de energia elétrica. Já a *Zero Hora* de 4 de dezembro enfatiza os planos de renovação para a emissora, com o incentivo à participação do ouvinte, a execução de variadas manifestações musicais (além da música de concerto, o jazz, a música popular de diferentes regiões, etc.) e a inclusão de programas variados, tratando de cinema, literatura, artes plásticas, ciência. Também registra a atual equipe da emissora: Aníbal Damasceno Ferreira⁷⁰, na Seção de Arte; Flávio Oliveira na Programação; Willard De Carli, na Técnica; e Gilberto Klein, na Administração; além de quatro locutores, quatro operadores e três técnicos. A emissora conta então com 32 funcionários (BARREIRO, 1968, p. 8).

Figura 12 - Derenji e equipe no estúdio (nov. 1969)



De costas, Celestino Valenzuela e Iara Bendati; de frente, Aníbal Damasceno e Vacília Derenji.
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

⁷⁰ Aníbal Damasceno Ferreira foi operador de áudio na rádio, mas é conhecido por sua atuação como colunista de jornal, escritor, pesquisador, roteirista, pesquisador e crítico de cinema. (ANÍBAL 2023). Segundo Oliveira (2023), Ferreira fazia sonoplastia de filmes e era detentor de um vasto conhecimento em música, idiomas e cultura em geral. Saiu da emissora no início dos anos 1970, passando a atuar no cinema e como professor da PUCRS, a partir de 1978. Faleceu em 2013 (ANÍBAL, 2023)

Vacília Derenji estava na Rádio da Universidade desde 1962. Antes disso, ainda como estudante de jornalismo da UFRGS, fora estagiária na emissora. Em 1968, assume como diretora, algo que ainda era incomum à época – segundo o *Jornal do Brasil*, é a primeira mulher diretora de uma emissora do Rio Grande do Sul (MULHER OCUPA..., 1968). A jornalista conta que, anos depois, o professor Faraco lhe confidenciou que sua escolha foi questionada por outros docentes, que teriam dito-lhe que se arrependeria de colocar uma mulher na direção da emissora de uma universidade (HANDELSMAN⁷¹, 2023). Na ocasião, Faraco garantiu-lhe que não se arrependeu.

Uma das primeiras mudanças introduzidas por Derenji é em relação ao período de transmissões: a emissora, que até então tinha emissões das 9h às 15h e das 17h às 23h, passa a ficar no ar de forma ininterrupta das 9h à meia-noite (REZENDE, 1968). No aniversário de 11 anos da rádio, em novembro de 1968, a reportagem do *Correio do Povo* relata o planejamento da programação:

Novos programas serão levados ao ar, tais como o curso de francês, em intercâmbio com o Consulado da França; em seguida, dois de inglês, sendo um elementar e o outro, *advanced*. No horário da noite, permanecerão os programas especiais⁷², tais como *Cadernos do Mundo*, elaboração do Departamento de Notícias, cuja chefia está nas mãos de Iara Bendati. *Autores, Livros, Ideias*, tradicional programa literário produzido por Jayme Pitermann. *Épocas e Estilos*, espaço redigido por Flávio Oliveira, destinado ao ouvinte de música erudita e que se preocupa em esclarecê-lo a respeito dos problemas que envolvem as grandes obras. *Mestres da Música Alemã*, de Armando Albuquerque e *Espanha em Síntese* de J. Mosqueira, programas em intercâmbio com os respectivos consulados. Às terças-feiras, uma ópera completa à noite. Novas faixas de horário à tarde, destinadas ao jazz, à MPB, à música popular em geral; ou a musicais da Broadway, trilhas sonoras de filmes, etc. Ainda no horário da tarde, os espaços da Feplam e do Crepe⁷³ (aos sábados) e ainda *Da Cidade ao Campo*, coordenação de Wilson Rivoire, em intercâmbio com a Agrovet⁷⁴, todas as terças-feiras. Os cursos de língua com dois horários, em turnos diferentes, a fim de que o maior número de ouvintes possa acompanhá-los.

Quanto à programação diária, a cargo de Flávio Oliveira, assessor direto da chefia artística e cultural, esta recebe um cuidado especial em sua estruturação. O plano de Flávio Oliveira procura distribuir faixas de horário nos três turnos, com o objetivo de dar ao ouvinte a disponibilidade de tempo, parcelando a máxima variedade de autor, época, estilo e gênero. (REZENDE, 1968).

A diretora da Rádio da Universidade apresenta seus planos de forma detalhada à administração da UFRGS em um documento denominado *Plano de Expansão e Remodelação da Rádio*, do dia 26 de maio de 1969. Derenji defende, inicialmente, a retirada dos transmissores

⁷¹ Depois de casada, Vacília Derenji adota o nome do esposo, passando a se chamar Vacília Derenji Handelsman. Como tal fato ocorre na sua saída da Rádio da Universidade e em todos os registros jornalísticos do período abordado neste estudo consta o seu nome de solteira, optamos por manter tal designação no corpo do texto.

⁷² Outros programas veiculados: *Cinema de segunda a segunda*, elaborado por Moraes de Oliveira, há aproximadamente oito anos no ar. Aos sábados, há o programa *Atendendo ao ouvinte* e *Esporte por esporte*, abordando o esporte amador, produzido por Carlos Alberto Carvalho e Celestino Valenzuela (PILLA, 1968, p. 34).

⁷³ Centro Regional de Pesquisas Educacionais.

⁷⁴ Faculdade de Agronomia e Veterinária da UFRGS.

da Ilha do Chico Inglês, apontando o alto custo da energia elétrica fornecida pelos geradores à óleo, além das despesas com manutenção. Também ressalta que a embarcação utilizada para o transporte até o local frequentemente demanda reparo, interrompendo a comunicação com a ilha. Além disso, o local não tem fornecimento de água potável, “fato que, de per si, já evidencia as precaríssimas condições em que vive o pessoal vinculado àquele setor, dentre o qual residem, permanentemente, nas moradias ali existentes, um técnico de telecomunicações e um motorista de lancha, ambos casados e com filhos” (DERENJI, 1969). Para Vacília, o local é também insalubre, devido às frequentes enchentes que causam o transbordamento da rede de esgoto: “Paralelamente, insetos venenosos, escorpiões, serpentes e mosquitos emprestam a sua parcela de colaboração para tornar intolerável as condições de vida naquele local” (DERENJI, 1969).

A solução apresentada é a compra de um terreno no município de Guaíba, junto com uma Kombi que serviria tanto como transporte até a nova sede dos transmissores, como unidade-móvel do jornalismo. A diretora demanda e justifica também a necessidade de um novo transmissor, já que a outorga permite a utilização de potência de até 10 kW, junto com um transmissor e receptor de FM (para fazer o link entre os transmissores e a sede), além de outros equipamentos como toca-discos profissionais, gravadores profissionais e gravadoras portáteis. Apesar do empenho de Derenji, o novo transmissor e sua transferência para o município de Guaíba (hoje Eldorado do Sul), ocorrem somente 10 anos mais tarde. Porém, naquele final de 1969, a Rádio da Universidade comemora seu 12º aniversário com expectativas bem mais promissoras: “A pioneira das emissoras universitárias do país, no próximo ano, passará a operar com 10 kW, atingindo todo o estado com uma programação dinâmica e também nova” (JORNAL DO COMÉRCIO, 1969).

4.3 A busca da ampliação do público ouvinte (1970-1979)

Os anos 1970 incluem o período do milagre brasileiro, o momento mais duro da ditadura civil-militar e o início da abertura política. Emílio Garrastazu Médici preside o país durante a vigência do AI-5 que, desde 1968, dá poderes ao presidente de fechar o Congresso Nacional; nomear interventores para os estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; e suspender os direitos políticos de qualquer cidadão. O ato também revoga o direito a *habeas corpus* para acusados de crimes contra a segurança nacional e por infrações contra a ordem econômica social e a economia popular (FAUSTO, 2013, p. 409). Ao mesmo tempo, boa parte da população vive um clima de prosperidade, com o controle da inflação, o crescimento econômico e a valorização dos salários. A seguir, Ernesto Geisel assume o governo já em uma conjuntura de

declínio econômico e desgaste da ditadura, dando início a um processo de distensionamento do regime. No final da década, começa o governo do último presidente do regime ditatorial, João Batista Figueiredo, em um contexto de ascensão do movimento operário, greves e protestos por democracia.

Na periodização do rádio, a década se localiza dentro da fase de *segmentação* (FERRARETTO, 2012, p. 13), iniciada no final dos anos 1950 e que segue até o início do século 21. Os pontos de corte que marcam a transição para esta fase são a chegada da televisão, da transistorização e da frequência modulada (FM). Conforme observa Luiz Artur Ferraretto (2012, p. 14), “com a posse de estações em AM e FM, um mesmo empresário, quase ao natural, obriga-se a oferecer conteúdos diferenciados em uma e outra, fugindo da ilógica possibilidade de concorrer com si próprio”. A segmentação é impulsionada pelas mudanças da sociedade brasileira, com a conformação da sociedade de consumo; pelo aumento da população urbana, superando a rural; pela ascensão do jovem como categoria social; e pela abertura do regime e da redemocratização do país, entre 1978 e 1988 (FERRARETTO, 2012, p. 14).

Na história do rádio público, segundo Valci Zuculoto, a década é da *Época de Ouro do rádio educativo*, caracterizada pela consolidação da radiofonia voltada ao ensino instrucional (ZUCULOTO, 2012, p. 69). Os militares investem em projetos nesse sentido, como o Minerva e o Movimento Brasileiro de Alfabetização. É o período em que são criadas muitas emissoras de televisões educativas, entre as quais a TV Educativa do Estado do Rio Grande do Sul (TVE-RS), em 29 de março de 1974.

4.3.1 Brasil: entre a repressão e o milagre econômico

O governo do general Emílio Médici obteve sucesso em reprimir e fazer desaparecer os grupos armados urbanos e rurais de oposição ao regime. Em 1975, é liquidado o último foco de guerrilha rural, organizado pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B) no Araguaia: a maior parte de seus integrantes são assassinados e os que restam são presos. O jornalista Elio Gaspari (2002b, p.159) aponta que a centralização das atividades de polícia política dentro do Exército colabora para esse resultado positivo para a ditadura, mas são os porões que garantem seu sucesso. As denúncias de tortura, que nos primeiros quatro anos de ditadura totalizam 308, saltam para 1.027 apenas no ano de 1969 (GASPARI, 2002b, p. 160). O aumento dos casos de tortura, não por acaso, coincide com a criação dos Destacamentos de Operações de Informação (DOI) e dos Centros de Operações e Defesa Interna (CODI). Criados em 1970 sob a justificativa de combater as organizações de esquerda, são inspirados na Operação Bandeirante (Oban), que

havia tido sucesso no desmantelamento das guerrilhas. Os DOI-CODI se convertem em centros de tortura não apenas de adeptos da luta armada e militantes de esquerda, mas de muitas pessoas apenas identificadas como inimigas do regime.

A censura à imprensa também se agudiza a partir de 1969. Durante o governo de Médici, são expedidas 360 ordens que proíbem a imprensa de abordar determinado assunto, ordens que chegam às redações por meio de ligações telefônicas ou bilhetes trazidos pessoalmente por policiais (GASPARI, 2002b, p. 218).

Dois jornais – *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*, pertencentes a uma única família⁷⁵ – haveriam de se recusar (a partir de agosto de 1972) a cumprir ordens telefônicas ou papeletas trazidas por policiais, obrigando o governo a remeter sensores às suas redações. Somente neles, podia-se ver diariamente o efeito da tesoura, pois no lugar dos textos vetados foram publicadas receitas culinárias e, posteriormente, poemas. A partir de julho de 1973, os espaços vazios foram ocupados por trechos d’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões. (GASPARI, 2002b, p. 219).

Ao mesmo tempo em que a repressão atinge os opositores, parte da população, talvez a maioria, vive um tempo de tranquilidade:

O governo Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo, mas minoritário da sociedade, adversário do regime, e a massa da população, que viviam dia a dia aceitável nesses anos de prosperidade econômica. A repressão se dirigiu ao primeiro grupo, enquanto a propaganda se destinou para, pelo menos, neutralizar o segundo. (FAUSTO, 2006, p. 267).

O período conhecido como milagre econômico ocorreu de 1969 a 1973, caracterizado por um extraordinário crescimento econômico combinado com a redução dos índices de inflação. O Produto Interno Bruto (PIB) cresce em média 11,2%, enquanto a inflação fica em 18%. Resultados impressionantes se comparados ao ano em que os militares tomaram o poder, quando a inflação atingiu 92% e o PIB ficou em 3,4 % de crescimento (CYSNE, 1994, p. 36). Em 1970, um em cada dois brasileiros acredita que seu nível de vida está melhorando e o governo festeja “o progresso, associando ao imaginário do impávido colosso gigante pela própria natureza” (GASPARI, 2002b, p 209). A euforia patriótica é incrementada pela vitória do Brasil na Copa do Mundo de futebol de 1970, a copa do “rei Pelé”, a primeira transmitida ao vivo pela televisão para os 4,58 milhões de lares que possuem o aparelho (GASPARI, 2002b, p 209). Popularizado nessa época, o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o” reflete bem a euforia de um governo que oferece ditadura e progresso.

Em 1974, assume a presidência o general Ernesto Geisel. Uma emenda à Constituição de 1967 havia modificado a forma de escolha do presidente, que passou a ser realizada por um

⁷⁵ Família Mesquita, de Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita.

Colégio Eleitoral, composto por membros do Congresso e delegados das Assembleias Legislativas dos Estados (FAUSTO, 2006, p. 270). Geisel é o primeiro a ser eleito nesse formato.

O governo Geisel se associa ao início da abertura política, que o general-presidente definiu como lenta, gradual e segura. Na prática, a liberalização do regime, chamada a princípio de distensão, seguiu um caminho difícil, cheio de pequenos avanços e recuos. Isso se deu a muitos fatores. De um lado, Geisel sofria pressões da linha dura, que mantinha muito de sua força. De outro, ele mesmo desejava controlar a abertura, no caminho de uma indefinida democracia conservadora, evitando que a oposição chegasse muito cedo ao poder. Assim, a abertura foi lenta, gradual e insegura, pois a linha dura se manteve como uma contínua ameaça de retrocesso até o fim do governo Figueiredo. (FAUSTO, 2006, p. 270-271).

Segundo Boris Fausto, há dois motivos principais para a decisão pela distensão. Um é o fortalecimento da oposição, a partir de 1973, inclusive o desgaste pela oposição entre a Igreja católica e o Estado (2006, p. 271). O outro diz respeito à tomada do poder pelos órgãos de repressão, que produz distorções na hierarquia das Forças Armadas. Nesse contexto, as eleições legislativas de 1974 ocorrem em relativa liberdade, com resultados negativos para a ditadura, devido ao avanço do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Ao longo de 1975, “Geisel combinou medidas liberalizantes com medidas repressivas, suspendeu a censura aos jornais e autorizou uma forte repressão ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), acusado de estar por trás da vitória do MDB” (FAUSTO, 2006, p. 271).

No início de 1975, os censores deixam a redação d’*O Estado de São Paulo*. Começa, de forma gradual, a abolição da censura (GASPARI, 2004, p. 22). No entanto, no Rio Grande do Sul o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre⁷⁶ registra o aumento de telefonemas com ordens de censura em 1977, proibindo a publicação de temas como as cassações de mandatos políticos, as prisões e as mortes de “terroristas cassados ou banidos” e a divulgação de “qualquer comentário ou notícia sobre manifestações de jornalistas pela liberdade de imprensa” (AS EMISSORAS..., 1977, p. 14). Ainda em 1975, o Centro de Informações do Exército (CEI) promove uma nova ofensiva sobre o PCB, que vai culminar com um dos eventos que coloca a ditadura em xeque: a morte de Vladimir Herzog. O jornalista é militante do PCB, mas não desenvolve atividade clandestina (GASPARI, 2004, p. 174). Apesar disso, seu nome consta em uma lista das próximas prisões:

Na noite de sexta-feira, foram prendê-lo, na redação [da *TV Cultura de São Paulo*, onde Herzog recentemente assumira a direção de jornalismo]. Disse aos agentes que estava terminando a edição de um telejornal, pediu tempo e prontificou-se a comparecer ao DOI na manhã seguinte. Surpreendentemente, a proposta foi aceita. Vlado Herzog não quis fugir. (GASPARI, 2004, p. 175).

⁷⁶ Atual Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul.

Como prometido, comparece ao DOI-CODI na manhã do dia 25 de outubro, onde fica detido, sendo interrogado e torturado. À noite, a Agência Central do SNI recebe a informação de que, horas antes, às 15h, Herzog havia se suicidado em sua cela: “tinha os pés no chão e as pernas curvadas. Suicídios desse tipo são possíveis, porém raros” (GASPARI, 2004, p. 175). A morte do jornalista expõe os métodos dos porões da ditadura, porque atinge um membro da elite, com vida legal (GASPARI, 2004, p. 179). Caso semelhante havia acontecido somente em 1971, na prisão e morte do ex-deputado Rubens Paiva. Porém, a diferença é que o corpo de Paiva desapareceu e, na versão oficial, ele havia fugido, durante um resgate promovido por militantes de esquerda (GASPARI, 2004, p. 179). O assassinato de Herzog repercute na imprensa e no Congresso e, uma semana após a sua morte, um culto ecumênico reúne mais de 8 mil pessoas na Catedral da Sé, em São Paulo (HÁ 42 ANOS..., 2023). No Rio Grande do Sul, jornalistas também são perseguidos pela ditadura. É o caso de João Batista Marçal, repórter policial e comunicador de rádio popular. É preso ao menos duas vezes por críticas aos governos militares, além de contabilizar diversas demissões e processos pelas mesmas razões (FERRARETTO, 2007, p. 162). Já os jornalistas Aníbal Bendati (marido de Iara Bendati) e João Batista Aveline são presos e torturados em março de 1978 por supostamente atuarem na organização do PCB no estado (BAUER, 2006 p. 150).

A ditadura, representada pela Arena, segue perdendo espaço nas eleições: em 1976, o MDB vence um número considerável de pleitos para prefeito e conquista a maioria de 59 das 100 maiores Câmaras Municipais do país (SANTOS, 1978, p. 135). Em resposta, em 1977 Geisel introduz diversas medidas que ficam conhecidas como “pacote de abril”, sendo a principal delas a figura do senador biônico. Eleitos de forma indireta por colégio eleitoral, tem o objetivo de impedir que o MDB alcance a maioria do Senado. A medida dá resultado e, no pleito legislativo de 1978, o MDB faz boas votações, mas segue minoritário na Câmara de Deputados e no Senado (SANTOS, 1978, p. 136). Em 1979, o AI-5 perde vigência e a independência do Congresso é restaurada.

No final dos anos 1970, o movimento operário vem à tona, fazendo ressurgir o sindicalismo, especialmente no ramo da indústria automobilística (FAUSTO, 2006, p. 276). A concentração de trabalhadores na região industrial de São Paulo conhecida como ABC paulista (formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) favorece a organização deste novo movimento operário. Em 1978 e 1979, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo organiza grandes greves, onde desponta a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da entidade (FAUSTO, 2006, p. 277). Na esteira da mobilização dos metalúrgicos, diversas greves eclodem pelo país: em 1979, cerca de 3,2 milhões de trabalhadores

entram em greve em todo o Brasil (FAUSTO, 2006, p. 277). Passado o período do milagre econômico, o país enfrenta uma queda na taxa de crescimento e a inflação volta a subir: durante o governo Geisel, o PIB médio fica em 6,7% e a inflação atinge 40% ao ano nos últimos três anos de governo (FGV, 2023). A dívida externa cresce de forma significativa, passando de 14,8 bilhões de dólares em 1973 para 52,2 bilhões de dólares em 1978 (IPEA, 2023).

Em meio à ebulição de greves e manifestações, em março de 1979, assume o governo o general João Batista Figueiredo, que foi chefe do gabinete militar de Médici e chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) no governo Geisel. Seu mandato se caracteriza pela ampliação da abertura política e pelo aprofundamento da crise econômica (FAUSTO, 2006, p. 278).

4.3.2 *Rádio da Universidade: a luta para o aumento da potência e a criação do Centro de Teledifusão Educativa (CTE)*

A década de 1970 se inicia com mudanças na estrutura da UFRGS, em decorrência da aprovação da lei federal nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior. Apesar de ter sido implantada em um regime de exceção – e, portanto, sem participação de entidades representativas de estudantes e de funcionários ligados a essas instituições – a Reforma Universitária de 1968 tem um efeito modernizante nas universidades federais:

Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa que, até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias⁷⁷, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal. (MARTINS, 2009, p. 16-17).

A Reforma de 1968 também instituiu o regime de tempo integral e dedicação exclusiva aos professores, o vestibular unificado, o sistema de créditos, a matrícula por disciplina, a periodicidade semestral e dividiu o curso de graduação em duas partes – o ciclo básico e o ciclo profissional (FÁVERO, 2006, p. 34; LIRA, 2012, p. 1). Na UFRGS, os debates sobre uma reforma haviam começado ainda no período democrático, em 1963, foram suspensos com o golpe civil-militar e retomados em 1965, culminando com o documento aprovado pelo Conselho Universitário em 2 de março de 1970 (CUNHA, 2009, p. 183). Com a medida, são

⁷⁷ Formato de organização universitária que constituía a um professor (o catedrático) posição superior aos demais docentes, além de contrato permanente. O catedrático permanecia dedicado ao ensino e investigação de determinada disciplina científica (a cátedra) e à coordenação desse setor universitário (FÁVERO, 2000).

incorporadas as mudanças elencadas na lei federal, como a divisão por departamentos, em substituição à cátedra. Além de determinar a organização da universidade, a resolução define que os regimentos das unidades universitárias sejam atualizados (CUNHA, 2009, p. 183). No contexto da reforma, é criada a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, em 1º de setembro de 1970, e, com isso, o curso de Jornalismo deixa a Faculdade de Filosofia, então localizada no campus central e próxima à Rádio da Universidade, e passa a ocupar o prédio da Gráfica, situado junto ao Planetário, na esquina da avenida Ipiranga com a rua Ramiro Barcelos (CAMARGO, 2009, p. 40-41).

Figura 13 - Alunos de jornalismo na Rádio da Universidade (1974)



O operador Cláudio Padilha (C) demonstra as atividades no estúdio para os estudantes
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

O novo estatuto da universidade cria o Centro de Teledifusão Educativa (CTE)⁷⁸, ao qual a Rádio da Universidade passa a ficar submetida. O CTE, por sua vez, está vinculado à Reitoria, por meio da Superintendência Acadêmica. O regimento do centro elenca as seguintes funções primordiais:

⁷⁸ A portaria que cria oficialmente o CTE é assinada em 16 de novembro de 1970, como parte das comemorações do aniversário da Rádio da Universidade (UFRGS CRIOU..., 1970, p. 13).

(a) divulgação cultural, através da transmissão de programas musicais informativos, teatrais, literários, narrativos, palestras e conferências; (b) divulgação educativa, pela transmissão de programas ligados aos diversos ramos do conhecimento, com caráter ameno e instrutivo, e de cursos especiais ou adaptados que tenham interesse para o público ouvinte; (c) divulgação artística, pela transmissão de programas que incentivem a atividade artística nos meios universitários e escolares; (d) divulgação social e desportiva, pela transmissão de atividades e competições desportivas que promovam o desenvolvimento e a integração do espírito universitário; (e) ensino prático: as dependências do CTE serão franqueadas para o ensino prático aos alunos que curse disciplinas que guardem relação com suas atividades; (f) transmissão das atividades culturais, artísticas e outras realizadas por entidades públicas e privadas que, por sua natureza, concorram para a elevação cultural e artística. (REGIMENTO DO CTE, 1970, p. 1).

O documento também cria a subdiretoria técnica e a subdiretoria Artística e Cultural. Pelo novo regimento, percebe-se a intenção de instituir em breve uma televisão educativa, já que é criada uma Seção Artística e Cultural Televisão, além da Seção Artística e Cultural Radiodifusão. A parte relacionada à Rádio da Universidade mantém os setores de Programação, Radiojornalismo, Música e Locução, além de criar os setores de Cursos e de Radioteatro. Dois anos depois, em 11 de novembro de 1972, é criado o Planetário Professor José Baptista Pereira, que passa a fazer parte do CTE. Derenji, na condição de coordenadora do centro, é também a primeira diretora do planetário.

O interesse em criar uma TV educativa, já manifestado por Nilo Ruschel, persiste com a nova gestão. Em julho de 1970, Vacília Derenji viaja para a Europa, visitando a Alemanha Ocidental⁷⁹, Inglaterra e Portugal, a fim de conhecer as emissoras de rádio e televisão educativas desses países e realizar um breve estágio (FERNANDES, 1970). Além disso, já está em discussão a criação da TV Educativa do Estado do Rio Grande do Sul (TVE), com a expectativa de início das transmissões até o final daquele ano, e reserva de 20% do espaço da programação para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Diante dessa demanda, Derenji envia um ofício solicitando a contratação de mais cinco jornalistas para atuar nessa área (DERENJI, 1970, p. 1). No entanto, os investimentos não vêm. A TVE é inaugurada quatro anos depois, em 29 de março de 1974, com uma programação produzida em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI, 2002, p. 18).

Porém, os principais objetivos da diretora da rádio são relacionados ao incremento da programação e aumento da potência, de forma a atingir todo o estado. A diversificação da programação é implantada, com programas produzidos pelos funcionários e recebidos por meio de

⁷⁹ Oficialmente denominada República Federal da Alemanha, a Alemanha Ocidental é criada em 23 de maio de 1949, no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial, onde o país sai derrotado e é dividido em dois. A parte leste, sob influência de França, Reino Unido e Estados Unidos, é organizada sob o regime capitalista. Já a parte oriental fica sob influência da União Soviética e do regime socialista, sendo denominada República Democrática da Alemanha. Essa divisão persiste até a reunificação alemã, em 3 de outubro de 1990, após a queda do Muro de Berlim, um dos eventos que marca a decadência do bloco socialista que existe no leste europeu.

convênios. O relatório de 1973 apresenta uma relação detalhada dos programas transmitidos pela emissora: há um programa de música popular brasileira e estrangeira (*Encontro com a Música Popular*); de cinema (*Cinema de Segunda a Segunda*); de literatura (*Autores, Livros, Ideias...*); de agricultura e pecuária (*Da cidade ao Campo*); sobre pesquisadores (*Gente é Notícia*); meio ambiente (*Ambiente em Crise*); e assuntos da atualidade (*Cadernos do Mundo e Radiação*). Seguindo a tradição da emissora, boa parte dos programas é destinada à música de concerto: *Atendendo o Ouvinte, Brasil Musical, Mestres da Música Alemã, Músicos, Música e Suas Histórias e Reprise*. Os informativos diários são o institucional *Boletim da Universidade, Roteiro cultural e Noticiário Científico*. O Centro Regional de Pesquisas produz o *Educação e Cultura*, voltado ao magistério. Já os alunos de jornalismo da PUCRS apresentavam o *Assunto de Reportagem*, enquanto os graduandos da universidade federal editam o *Programa dos Alunos do Curso de Jornalismo da UFRGS*, a partir do segundo semestre daquele ano.

Os intercâmbios com instituições externas garantem a divulgação de cursos de idiomas pelo rádio: *A Volta ao Mundo em 100 Lições* (de inglês, em colaboração com a British Broadcasting Corporation e Consulados Britânicos de Porto Alegre e do Rio de Janeiro); *A Família Baumann* (de alemão, produzido pela Deutsche Welle); e *Sur la Route* (de francês, em colaboração com a Aliança Francesa e Consulado Geral da França). A emissora também retransmite as seguintes produções da Deutsche Welle, a maioria abordando a música de concerto: *Clássicos do Repertório Clássico; De uma Sala de Concertos; A Música Contemporânea; Não Fugas das Fugas e Sinfonias; Música de Interlúdio; Passarela de Sucessos; Os Principais Alimentos do Homem; Rádio, um Mundo sem Fronteiras; e Mundo Subterrâneo, Cidades Esquecidas*. Da Rádio Nederland são recebidos os programas *Música Ligeira dos Países Baixos* e *Música "Beat" dos Países Baixos*. A Radiodifusão Francesa envia o *Notícias de Paris, Paris Canta, Sucessos de Paris* e *Mestres da Música Francesa* e, da BBC de Londres, chegam o *Cartaz de Londres, Magazine* e *O Mundo das Artes*.

A autorização para o aumento da potência demora. O projeto é enviado para o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) ainda em junho de 1970, de autoria do professor de engenharia da UFRGS e responsável técnico da Rádio Guaíba, Homero Carlos Simon. Para operar em 10 kW sem interferir na estação radiofônica de Corrientes, mencionada como impeditivo já na época de instalação da emissora, a alternativa apresentada é migrar para a frequência 1.060 kHz. Passados três anos, a solicitação ainda não havia sido respondida.

Enquanto isso, a universidade garante, no início de 1972, um espaço para as instalações dos novos transmissores: o Governo do Estado doa um terreno junto ao Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, no quilômetro 23 da BR-116, em Guaíba (atualmente município

de Eldorado do Sul). Em troca, a Rádio da Universidade transmitiria textos informativos das secretarias estaduais, tratando de temas como trânsito, saúde, agricultura e turismo (OBINO, 1973). Com a mudança para um local com rede elétrica, elimina-se a necessidade dos geradores movidos à óleo diesel da Ilha do Chico Inglês, que constantemente necessitavam de reparos, além das despesas e do trabalho burocrático envolvido na compra de combustível. O próprio acesso aos transmissores seria facilitado, não sendo mais necessária a utilização de barcos.

Em meio à preparação para a ocupação do novo terreno e enquanto a autorização de aumento da potência não chega, a Rádio da Universidade recebe da Reitoria uma Kombi, para servir de meio de transporte até os transmissores e como unidade móvel do Jornalismo. A novidade é festejada pela equipe da emissora e a entrega simbólica das chaves é registrada em fotografias. Infelizmente, a aquisição não dura muito.

Nós tínhamos um funcionário da recepção, o senhor [*Jandir*] Talasca. [...] Bom, ganhamos a Kombi e agora, nós não temos motorista. Quem é que vai dirigir? Apareceu o senhor Talasca e se dispôs a dirigir a Kombi. Uma semana depois, não sei se chegamos a fazer um trabalho de externa com a Kombi... o senhor Talasca entra no Túnel da Conceição... era novo. E bate num ônibus que estava estacionado, estava com defeito. E acabou. (HALDESMANN, 2023).

O Túnel da Conceição é ainda uma novidade, inaugurada em agosto de 1972, fazendo parte do complexo da I Perimetral. Carlos Urbim também recorda deste episódio:

As pessoas ainda se atrapalhavam ao fazer a curva. E a nossa Kombi furou o pneu na curva da Conceição e sofreu um acidente. Sofreu um acidente e depois foi recolhida como sinistro do acidente, trazida aqui para o pátio [*da rádio*] e começaram aos pouquinhos a deparar a Kombi. E desapareceu a nossa unidade móvel. (URBIM, 2007).

Em 1974 – e ainda sem notícias do Dentel – é formado um grupo de trabalho que produz um *Projeto para o desenvolvimento técnico do Centro de Teledifusão Educativa*. Participam dessa iniciativa a diretora, Vacília Derenji; o professor Homero Simon; o engenheiro da emissora, Eddy Pederneiras; o professor Walter Reis; o diretor artístico e cultural, José Carlos Cavalheiro Lima; e o agora professor da UFRGS Carlos Alberto Carvalho. Além de garantir os equipamentos para transmitir em 10 kW, buscam as condições técnicas para operar um segundo canal, em frequência modulada (FM), que havia sido solicitado ao Ministério das Comunicações no mesmo ano (DERENJI *et al.*, 1974, p. 1-2). Com a finalidade de angariar fundos para a empreitada, o documento é encaminhado para a Fundação Ford⁸⁰, Fundação Konrad

⁸⁰ Instituição sem fins lucrativos criada em 1936 por Edsel Ford, filho de Henry Ford, fundador da empresa automobilística Ford. Segundo seus integrantes, tem como objetivo reduzir a pobreza e a desigualdade, fortalecer a democracia e promover as realizações humanas (FORD FOUNDATION, 2023).

Adenauer⁸¹ e para o recém-criado Programa Nacional de Teleducação⁸² (Prontel) (DERENJI *et al.*, 1974, p. 6).

Figura 14 - Unidade móvel da rádio (jun. 1973)



Registro do recebimento da Kombi. Da esquerda para a direita: Vacília Derenji, Maria Amália Ferreira⁸³, responsável pela entrega das chaves (não identificado), David Netto⁸⁴ e Celestino Valenzuela. (Arquivo Rádio da Universidade)

Finalmente, em 10 de abril de 1975, a universidade recebe uma resposta positiva do Ministério das Comunicações. Por meio de um ofício remetido ao reitor em exercício, Homero Só Jobim, o secretário-geral do Ministério das Comunicações, Rômulo Villar Furtado, informa que foi negada a mudança para a frequência 1.060 kHz, mas, por outro lado, está garantida a potência de 10 kW para a Rádio da Universidade no novo Plano Básico de Ondas Médias, que está em elaboração no órgão (FURTADO, 1975, p. 1). Outra boa notícia chega em 13 de maio

⁸¹ Fundação política alemã sem fins lucrativos criada em 1955 na então Alemanha Ocidental, ligada ao partido da União Democrática Cristã. Segundo o site da entidade, tem a finalidade de promover a democracia, o Estado e Direito Promovemos a Democracia, o Estado de Direito, os Direitos Humanos e a educação política, bem como a economia social de mercado e o desenvolvimento descentralizado e sustentável (FUNDAÇÃO KONRAD, 2023).

⁸² Iniciativa governamental instituída por meio do decreto nº 70.066, de 26 de janeiro de 1972. O Prontel tinha a finalidade de integrar, em âmbito nacional, as atividades didáticas e educativas via rádio e televisão, contando com recursos do orçamento federal e dos estados, além de verbas extraorçamentárias de fontes internas e externas, inclusive provenientes de empréstimos. Criava também o Fundo Especial para a Teleducação.

⁸³ Maria Amália Ferreira trabalha na Discoteca.

⁸⁴ Irmão de Maria Amália Ferreira, David Netto trabalha no Setor de Administração da rádio.

de 1977, quando o Prontel promete o valor de 700 mil cruzeiros⁸⁵ para o projeto de ampliação da potência da emissora (MACEDO, 1977, p. 1). A tratativa seria formalizada por meio de um convênio, assinado pelo Prontel e a UFRGS, no qual a emissora se comprometeria a colocar à disposição do Programa Nacional de Teleducação as suas produções radiofônicas, com vistas a serem retransmitidas por outras rádios (TERMO DE CONVÊNIO PRONTEL UFRGS, 1977, p. 1). Devido à reformulação, feita pelo Dentel, dos indicativos de chamadas das emissoras radiofônicas, em julho de 1977, a Rádio da Universidade passa a ser identificada pelo prefixo ZYK - 280, que mantém até os dias atuais⁸⁶ (WEISS, 1977, p. 1).

Os preparativos, incluindo a construção do prédio para os novos transmissores no terreno em Guaíba, além da licitação e compra do equipamento com a nova potência, levam mais de dois anos. Um dos entraves é que a verba prometida pelo Prontel nunca chega efetivamente aos cofres da universidade, conforme relatório de atividades da emissora do ano de 1979 (DERENJI, 1979, p. 1). É necessário o investimento da própria UFRGS, no valor de aproximadamente 2 milhões de cruzeiros (equivalente a 656 mil reais)⁸⁷, para a compra do transmissor da Indústria de Válvulas Eletrônicas Pecunha⁸⁸ (DERENJI, 1979, p. 1).

Em 21 de maio de 1979, a Rádio da Universidade dá início às transmissões experimentais com 10 kW de potência, passando a atingir entre 200 e 300 km com suas emissões, aumento considerável em comparação com os 60 km anteriores. Como comprovação do alcance aumentado, a rádio recebe cerca de 50 cartas de ouvintes, provenientes de cidades gaúchas como Gramado, Nova Petrópolis, Pelotas, Santa Cruz do Sul, São Francisco de Paula e São Lourenço do Sul; e, ainda, dos municípios de Concórdia e Criciúma, em Santa Catarina (DERENJI, 1979, p. 1). O mesmo documento destaca que diversos telefonemas confirmando a recepção da emissora foram recebidos, inclusive de um ouvinte de Montevidéu, Uruguai.

Infelizmente, Vacília Derenji não está presente neste momento histórico, aguardado por 11 anos, pois se encontra em afastamento para a conclusão do curso de mestrado em Pittsburg, Estados Unidos, e retorna apenas no segundo semestre daquele ano. Quem ocupa a coordenação do CTE,

⁸⁵ No ano de 1974, o orçamento anual da emissora era de aproximadamente 100 mil cruzeiros (DERENJI *et al*, 1974, p. 3). Em valores atuais (março de 2024), a quantia destinada ao veículo seria de cerca de 33 mil reais, segundo a Calculadora do Índice de Preços ao Consumidor (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁸⁶ Janeiro de 2024.

⁸⁷ Valor de março de 2024, segundo a Calculadora do Índice de Preços ao Consumidor (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁸⁸ Indústria brasileira fundada em 1969, que começou a produzir válvulas eletrônicas para equipamento e sistemas de rádio frequência após a compra da planta da empresa estadunidense Standart Electric Tubes no Brasil. A Ivape existe até hoje, porém atuando em outro ramo, o de máquinas para a indústria têxtil (IVAPE TÊXTIL, 2023).

em caráter de substituição, é o jornalista Carlos Urbim (HANDELSMAN, 2023). Ao atingir potencialmente um público maior, Urbim reflete sobre a necessidade de reformular a programação:

Talvez, num primeiro momento, dar mais atenção a programas de caráter cultural. A música erudita, por exemplo, não deve ser transmitida sem um comentário prévio sobre a obra ou sobre o autor e sua época. Tudo isso nos faz chegar ao grande problema: falta de recursos. Falta de dinheiro e falta de gente. Junto com a nova proposta de programação que enviamos para a universidade, incluímos uma série de reivindicações. O próprio investimento feito pela universidade em equipamentos para aumentar a potência da rádio – cerca de 3 milhões de cruzeiros⁸⁹ – não será sentido se não for complementado com recursos que possibilitem o seu aproveitamento pleno. [...] Como já fomos contemplados com esses 3 milhões de cruzeiros, não é de se esperar alguma coisa a mais. (NOVOS HORIZONTES..., 1979).

Urbim também se questiona sobre a viabilidade ou não de mudar o perfil musical da emissora, dedicado majoritariamente à música de concerto, a partir do aumento do espaço para a música popular:

Quando nós aumentamos o horário destinado à música popular, o telefone tocava a todo momento. Eram ouvintes, geralmente pessoas de certa idade, que se mostravam indignados com o “sacrilégio”. Eles são tão fiéis, que quando acontece de um locutor cometer um engano ao anunciar uma peça, eles ligam pra cá, corrigindo: “o tal concerto não é opus 21, é 26”. Ou então que tal gravação não é do Arrau, é do Kemp. (NOVOS HORIZONTES..., 1979).

Na visão de Derenji, a rádio universitária tem o dever de divulgar a música de concerto, além da própria universidade, suas pesquisas e seus projetos: “O erudito é uma coisa fundamental. Nunca mudar esse estilo e sempre produzir programas informativos sobre a música erudita” (HANDELSMANN, 2023). Para a ex-diretora, a emissora deve ter a possibilidade de arrecadar doações, como fazem as emissoras não comerciais de outros países, a fim de custear suas atividades, inclusive com a contratação de pessoas que produzam programas especializados sobre música, por exemplo (HALDESMANN, 2023). Derenji chega a levar essa sugestão para a Reitoria, mas a proposta é terminantemente negada. A ideia surgiu após uma reunião com Adão Juvenal de Souza, da empresa de publicidade MPM Propaganda, no final dos anos 1970:

Ele me confessou que a Rádio da Universidade, naquela época, [...] tinha um bom índice de audiência. [...] A rádio teria possibilidades de ser ampliada, de conseguir doações, e começar a melhorar em todos os sentidos, de produção, de capacidade técnica, de produção de programas. (HALDESMANN, 2023).

De posse dessa informação sobre a boa audiência, Derenji e Urbim produzem um projeto para a emissora, que inclui a captação de recursos mediante doações. Porém, a resposta da Reitoria é de que a universidade está impedida de fazer esse tipo de arrecadação. Apesar das dificuldades impostas pela falta de recursos, algumas mudanças vão sendo implantadas.

⁸⁹ Cerca de 984 mil reais, em valores de março de 2024, segundo a Calculadora do IPCA, do IBGE.

Desde 1973, pelo menos, a emissora mantém transmissões inclusive aos domingos e feriados, das 8h à meia-noite.

Figura 15 - Programação liberada pela censura (25 dez. 1976)

RÁDIO DO CENTRO DE TRÁFICO EDUCATIVO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
programação para sábado, 25 dez. 76

08,00 - INÍCIO DAS TRANSMISSÕES.
CONCERTO NATURAL
Bach - Oratório de Natal
Chopin - Noturno nº 8 para piano
Schubert - A Bala solista Op. 25
Torreba - Sonatina
Harrison - Suite para cello e harpa
Hecce - Sinfonia nº 1
João - Concerto para Harpa e Orquestra
Levy - Tango Brasileiro
Mignone - Valsa de esquina
Weber - Abertura de "Oberon"
Strauss - Dança dos sete vinhos de Salomé
Wagner - Prelúdio de "Os Meistres Cantores de Burenberg"
Beethoven - Sonata nº 13 para piano
Kocian - Intermezzo Pitoresco
Siqueira - Toccata
Lortzsig - O Tear e o "arpinteiro"
Falla - Suite de ballet "El Tricórnio"
Dowland - Fantasia para Altitude
Sor - Minuetto para violão
Liszt - Poema sinfônico "Orfeu"
Músicas brasileiras - Música do "Brasil Imperial"
De Soto - Versalho de seis tons

18,00 - PROGRAMA ESPECIAL DE NATAL, com as seguintes músicas populares:
De domínio público "Nossa Juba" - De Pedro Nogueira "Nossa em X"
Aboio - De Aza Lobo "Nossa leve" - De Ariél "Nossa" "Nossa"
Criolla " - De domínio Público "Nossa Santa" e De Custódio Vi-
lão "Nossa do Vaqueiro."

20,00 - Folclore Japonesa - Quatro peças
Ghedini - Sonata de concerto para flauta e orquestra
Rodrigo - Peça para violão e Orquestra
Beethoven - Romance para violão e orquestra nº 1

21,00 - ATENDIMENTO OUVINTE

23,00 - Bach - Cantata nº 169
Chopin - Noturno para piano

23,50 - BOLÉTIM ASTRONÓMICO

24,00 - ENCERRAMENTO DAS TRANSMISSÕES

CLASSIFICAÇÃO: Sessão de caráter informativo às 18,30 horas.
Sessão de caráter informativo às 20,30 e 21,30 horas.

LIBERADO
(Não poderá ser alterada esta programação)
MARTA DE LOURDES ALMEIDA
Técnica de Censura
Marta SAIBIA

VISTO
25/12/76

(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Como já mencionado, a década é marcada pelo endurecimento da repressão militar, inclusive na universidade, com os expurgos. As primeiras demissões e aposentadorias compulsórias ocorrem logo após a ruptura democrática, em 1964, e são executadas por meio da formação

de uma Comissão Especial de Investigações Sumárias na UFRGS, integrada por docentes da universidade e presidida pelo general Jorge Cezar Garrastazu Teixeira, representante do Ministério da Educação (MEC) e do III Exército⁹⁰ (AVERBUCK *et al.*, 2008, p. 32). Neste primeiro ciclo, 17 professores são excluídos dos quadros da universidade, em processos que utilizam “acusações genéricas e apócrifas, o incitamento à delação anônima e a negativa de tomar depoimentos em defesa dos acusados” (AVERBUCK *et al.*, 2008, p. 40). Já em 1969, após o AI-5, não se considera necessário nem mesmo a simulação de julgamentos, bastando a assinatura presidencial e publicação dos decretos: “os professores expurgados souberam de suas aposentadorias e demissões pela voz anônima de um locutor de Brasília, na *Hora do Brasil*”⁹¹ (AVERBUCK *et al.*, 2008, p. 73). São mais 20 desligamentos sumários.

No entanto, de acordo com Derenji, os efeitos da repressão não são muito marcantes na emissora universitária (com exceção do desligamento de Lauro Hagemann). Provavelmente, isso se dá pelo fato de a emissora se manter focada na cultura e nos assuntos da UFRGS, sem abordar temas políticos. Mesmo assim, ao menos entre 1971 e 1977, a programação da rádio é revisada por um censor. As folhas com a grade da semana são enviadas para a Polícia Federal, analisadas e devolvidas com o aceite.

No ano de 1978, o relatório anual produzido pelo jornalista Carlos Urbim, que está na direção da emissora devido ao afastamento de Derenji para estudos, registra os programas neste final de década. Ressalta-se que três não são produzidos pela equipe da rádio, mas sim por pessoas externas, remuneradas por cachês: *Ambiente em Crise*, sobre ecologia, exibido na segunda-feira, às 21h; *Cinema de Segunda a Segunda*, segunda-feira, às 13h, com reprise às 20h30min; e *Autores, Livros e Ideias*, com entrevistas e comentários sobre literatura, apresentado na quinta-feira, às 21h. (URBIM, 1978, p. 2). O Setor Musical da rádio continua produzindo: *Uma Ópera por Semana*, no domingo, às 18h30min; *Música Através dos Tempos*, com comentários e reportagem musical, no domingo às 21h; *Mestres da Música Alemã*, produção do professor e compositor Armando Albuquerque, na quarta-feira, às 21h; *Atendendo o Ouvinte*, destinado ao público que solicita a música de concerto, no sábado, às 21h; e *A Hora do Jazz*, no sábado, às 19h. (URBIM, 1978, p. 1-2).

O Setor de Jornalismo produz os programas: *Boletim da Universidade*, institucional, de resumo das principais atividades da UFRGS, de segunda à sexta-feira, às 12h30min; *Cadernos do Mundo*, com temas de pesquisa, na sexta-feira, 21h; *Clube da Esquina*, com música popular

⁹⁰ Atual Comando Militar do Sul

⁹¹ Hoje chamado de *A Voz do Brasil*, é um programa radiofônico de divulgação do governo federal, transmitido em cadeia nacional.

brasileira, de domingo a sexta-feira, às 16h; *Geleia Geral*, síntese de atividades culturais, de segunda a sábado, às 11h30. Os boletins da UFRGS são produzidos por Iara Bendati, Iara Kosenievski, Clarice Aquistapace e Carlos Urbim⁹². Já o *Clube da Esquina* tem produtores variados ao longo do tempo, como a jornalista Rejane Salvi e estagiários da emissora⁹³. Um desses estagiários é Sergio Francisco Endler, que conta ter produzido e apresentado o programa neste final da década de 1970, “diariamente, com uma hora de duração, rodando música popular brasileira (de Sivuca a Clara Nunes) e música popular urbana gaúcha (Raul Ellwanger, Almôndegas, entre outros)” (ENDLER, 2004, p. 24).

Ainda em 1978 entra no ar, em caráter experimental, o programa de teatro *Gota d'água*, supervisionado pelo professor Luiz Paulo Vasconcellos, diretor do Instituto de Artes, irradiado na quinta-feira, às 12h (URBIM, 1978, p. 1).

O relatório de 1979 registra pequenas mudanças na programação: a criação do *Latini-dade*, sobre música e cultura latino-americana, produzido pelo Setor de Jornalismo e veiculado no sábado, às 16h; a inclusão de *Arte e Ciência Médica*, com a participação de médicos e professores da UFRGS, exibido no sábado, às 10h30min; e o programa do Diretório Central dos Estudantes (DCE) *Grito no Ar*, que aborda literatura. Além disso, o *Geleia Geral* passa a se chamar *Espaço Arte*. A emissora segue transmitindo ao vivo os concertos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (DERENJI, 1979, p. 2).

No entanto, naquele final de 1979, o plano é modificar significativamente a programação. O motivo é a expectativa de atingir um número maior de ouvintes, a partir da inauguração do transmissor de 10 kW, programado para março de 1980 (DERENJI, 1979, p. 3- 4). Um grupo formado por Vacília Derenji, Carlos Marino Urbim, Iara Bendati, José Carlos Cavalheiro Lima, Luiz Carlos Vergara Marques e Sérgio Stosch se dedica a estudar um novo formato de programação. Identificam que os melhores programas, tais como *Ambiente em Crise*, *Arte e Ciência Médica*, *Cadernos do Mundo* e *Cinema de Segunda a Segunda*, devem ser apresentados em um novo horário nobre, às 7h30. Consideram já o aumento do período de transmissões, das 7h às meia-noite, diariamente. O grupo planeja também novos programas sobre Direito, Economia e Ciências, ressaltando que dependem da “inclusão de novos elementos na área de produção” (DERENJI, 1979, p. 4). Após longos 11 anos, o desejo de um transmissor mais potente está se tornando realidade. Para Derenji, o sentimento naquele final de ano é de dever cumprido.

⁹² Conforme depoimento por escrito de Vacília Derenji Handelsman, concedido à pesquisadora em novembro de 2023.

⁹³ Conforme depoimento oral de Silvia Secrieru, concedido à pesquisadora em novembro de 2023.

4.4 A luta contra o sucateamento da emissora (1980-1989)

Na década de 1980, ocorre a redemocratização do país, em um processo que culmina com a promulgação na Constituição Federal de 1988, conhecida como a constituição cidadã. O período é marcado também pela crise econômica, que vai se aprofundar e persistir até os anos 1990.

Na história da radiofonia brasileira, está inserido na fase da *segmentação*, que tem como *pontos de corte* a chegada da televisão, da transistorização e da frequência modulada (FERRARETTO, 2012, p. 13). Essa fase, que segue até o início do século 21, caracteriza-se pela mudança da estratégia empresarial das emissoras que, em sua maioria, passam a se dirigir a um público específico, apostando na segmentação do conteúdo (FERRARETTO, 2012, p. 6-7).

Em relação ao rádio não comercial, em 1983 é criado o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred), que tem como objetivo promover a integração das emissoras desse campo. Como veremos mais adiante, para a Rádio da Universidade o Sinred, é a expectativa de mais verbas para emissora que sofre com o sucateamento dos seus equipamentos. Entre os anos 1970 e 1980 surgem as emissoras educativas em FM. A Cultura FM, de São Paulo (de 1971), e a MEC FM, do Rio de Janeiro (de 1983), vão se dedicar à programação musical, privilegiando a música de concerto, assim como a Rádio da Universidade.

4.4.1 Brasil: a redemocratização e a crise econômica

Sob o comando do presidente João Baptista Figueiredo, e com Delfim Neto⁹⁴ no Ministério do Planejamento, o governo ditatorial busca repetir o sucesso econômico da década passada (FAUSTO, 2006, p. 278). Segundo Sperancini e Dantas (2023, p. 51), essa expectativa é inviabilizada pela hiperinflação, levando o governo a adotar uma nova estratégia, aceitando o fim do ciclo de crescimento econômico e a necessidade de enfrentar a recessão. No final de 1980, são adotadas medidas como o corte dos investimentos das estatais, limitação da expansão do crédito ao setor privado, elevação das taxas de juros e retorno dos incentivos tributários às exportações (SPERANCINI; DANTAS, 2023, p. 58). Nos anos seguintes, o país enfrenta um período de recessão. Nos anos 1970, o Produto Interno Bruto per capita tinha crescido em média 6% ao ano, mas cai 13% entre 1980 e 1983 (OMETTO; FURTUOSO; SILVA, 1995, p. 404). Contudo, a partir de 1984, a economia começa a dar sinais de melhora, principalmente pelo crescimento das importações, com destaque para os produtos industrializados (FAUSTO, 2006,

⁹⁴ O ministro assumiu a pasta após a saída de Mario Henrique Simonsen, em agosto de 1979.

p. 279). Quando Figueiredo deixa o governo, no início de 1985, o país tinha voltado a crescer, mas a inflação atingiu 223,8% em 1984, e a dívida externa chegou a 91 bilhões de dólares (FAUSTO, 2006, p. 279).

No plano político, Figueiredo dá continuidade ao processo de abertura. Em agosto de 1979, o Congresso Nacional havia aprovado a Lei da Anistia, uma bandeira da oposição, que “beneficiou cidadãos destituídos de seus empregos, presos políticos, parlamentares cassados desde 1964, permitindo a volta de exilados ao país” (ARQUIVO NACIONAL, 2020). Porém, o texto incluía o perdão também aos responsáveis pela prática de tortura (FAUSTO, 2006, p. 280). Em dezembro de 1979, o governo propõe, e os parlamentares aprovam uma lei de reorganização partidária que extingue a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), obrigando as novas organizações a incluírem o termo partido em sua nomenclatura. Segundo Boris Fausto (2006, p. 280), o motivo da mudança é o fato de que “cada vez mais, as eleições se transformavam em plebiscitos onde se votava pró ou contra o governo”, representado pela Arena. Abandonando o nome que havia se tornado impopular, os correligionários da Arena fundam o Partido Democrático Social (PDS). Já o MDB decide manter a nomenclatura, apenas adicionando o termo obrigatório, e torna-se PMDB. Tancredo Neves, do MDB, junto com dissidentes da Arena, funda o Partido Popular (PP), em dezembro de 1979 (ARQUIVO NACIONAL, 2020). Em fevereiro de 1980, surge o Partido dos Trabalhadores (PT). Em outra frente, Leonel Brizola pretende refundar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mas, em maio de 1980, perde a sigla para Ivete Vargas (sobrinha de Getúlio Vargas), e então funda o Partido Democrático Trabalhista (PDT) (FAUSTO, 2006, p. 280-281).

Em 1982, ocorrem as primeiras eleições diretas para vereadores e deputados desde 1965. No início de 1983, Dante Oliveira – até então um deputado federal pouco conhecido do PMDB – apresenta uma emenda constitucional propondo a escolha do presidente por eleições diretas, a Emenda Dante Oliveira. Começa então a construção de um movimento que vai reunir diversos setores da sociedade e organizações políticas, a campanha das *Diretas Já*. Um dos nomes de destaque do movimento é um político que pertenceu à Arena e, em 1979, migrou para o PMDB: Teotônio Vilela, conhecido como o *Menestrel de Alagoas* por seus discursos nos comícios realizados em favor da campanha (KOTSCHO, 1984, p. 20; MOTTA, 2012, p. 277-278). As manifestações promovidas entre 1983 e 1984 por todo o país tornam-se um fator importante na mobilização da população em favor das *Diretas já*. Dentre os políticos de destaque desses comícios estão, além de Teotônio, Doutel de Andrade, do PDT; Luiz Inácio Lula da Silva, do PT; e Ulysses Guimarães, do PMDB. Os presidentes dos três partidos de oposição se autodenominam os três mosqueteiros e estão sempre presentes nos eventos que rodam o país (KOTSCHO,

1984, p. 7-8). Leonel Brizola, na época governador do Rio de Janeiro, organiza o comício que leva cerca de 1 milhão de pessoas à Candelária, em 10 de abril de 1984. Três dias depois, Porto Alegre reúne 200 mil pessoas em favor das *Diretas*, no Paço Municipal (KOTSCHO, 1984, p. 101). Em 16 de abril de 1984, o último dos comícios ocorre no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, com presença estimada de 1,5 milhão a 2 milhões de pessoas, incluindo o governador Franco Montoro. Teotônio Vilela, que havia falecido em novembro de 1983, vítima de câncer, é um dos grandes homenageados (KOTSCHO, 1984, p. 101). Apesar da pressão popular, a Emenda Dante Oliveira, colocada em votação no dia 25 de abril de 1984, não é aprovada:

A contundente voz das multidões [...], não alcançou suficiente ressonância junto aos parlamentares, que votaram contra o restabelecimento das eleições diretas. Foram 298 votos a favor, 65 contra, 113 deputados ausentes e 3 abstenções. Faltaram 22 votos para alcançar o quórum qualificado de 2/3 estabelecido para aprovação de emendas constitucionais. (DELGADO, 2007, p.1)

Dessa forma, as eleições de 1985 são decididas pelo Colégio Eleitoral. Paulo Maluf concorre pelo PDS, em chapa com Flávio Marcílio; e Tancredo Neves concorre pelo PMDB, tendo como vice José Sarney, em uma aliança com o recém-criado Partido da Frente Liberal (PFL), dissidência do PDS (FAUSTO, 2006, p. 283). Em 15 de janeiro de 1985, a chapa de oposição é eleita:

O anúncio do resultado da votação, às 12h30, foi feito pelo presidente do Congresso, senador Moacyr Dalla, sob intensos aplausos, num clima de muita alegria. O momento maior da festa ocorreu quando o deputado João Cunha (PMDB/SP) proferiu o 344º voto, que garantiu a vitória de Tancredo Neves e José Sarney, às 11h35, antes de Maluf votar. Por todo o plenário, os eleitores dos candidatos da Aliança Democrática⁹⁵ batiam palmas, agitavam bandeiras do Brasil e até mesmo um chapéu de palha e subiam nas mesas para comemorar. Das galerias, caíam papéis, enquanto João Cunha declarava que há 21 anos atrás havia pensado “que o sonho de uma grande nação tinha acabado”. (TANCREDO..., 2020).

Porém, Tancredo Neves não chega a assumir a cadeira presidencial. Um dia antes da posse, marcada para 15 de março, é internado com fortes dores abdominais. São 38 dias no hospital e diversos procedimentos cirúrgicos até sua morte, em 21 de abril, por infecção generalizada (ETIN, 2020). Dessa forma, Sarney torna-se presidente da República, com a tarefa de revogar as leis do regime militar (FAUSTO, 2006, p. 286). Em maio, é aprovada a eleição direta para presidência e o voto dos analfabetos, bem como a legalização de todos os partidos políticos, beneficiando o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e Partido Comunista do Brasil (PC do B). No dia 1º de fevereiro de 1987, começam as sessões da Assembleia Constituinte, que

⁹⁵ Nome dado à aliança entre PMDB e PFL.

trabalharia por quase dois anos, encerrando os trabalhos oficialmente em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da nova Constituição Federal.

Outra tarefa importante é o combate à inflação: o índice sobe de 7%, em julho de 1985, para 17%, em janeiro de 1986 (RAMOS, 2004, p. 11). Forçado a tomar providências, em 28 de fevereiro de 1986, Sarney anuncia o Plano Cruzado, que cria uma moeda (o cruzado), congela os preços e o câmbio e reajusta o salário-mínimo (RAMOS, 2004, p. 28). O plano tem um sucesso transitório e, em novembro, a inflação volta, passando de 20% ao mês a partir de abril de 1987 (AMANO, 2017, p. 20; RAMOS, 2004, p. 32-33). Até o final do seu mandato, Sarney editaria outros planos, na tentativa de resolver a crise econômica: Cruzado II (1986), Bresser (1987) e os Verão I e II (1989), que combinam diferentes medidas de congelamento de preços e reajuste de salários (RAMOS, 2004, p. 50). No final do governo, em 1989, o PIB cresce 3,3%, porém, a inflação alcança 1.320% ao ano (AMANO, 2017, p. 31).

O último ano da década foi marcado pela primeira eleição direta para presidente desde 1960. Vinte e dois candidatos se apresentam, sendo os principais Fernando Collor de Mello, pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN); Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PT; Mário Covas, pelo PSDB; Leonel Brizola, pelo PDT; Paulo Maluf, pelo PDS; e Ulysses Guimarães, pelo PMDB. Depois de uma disputa em dois turnos, realizados nos dias 15 de novembro e 17 de dezembro, Collor vence o pleito, com 36 milhões de votos, cinco milhões a mais que seu adversário, Luiz Inácio Lula da Silva.

4.4.2 Rádio da Universidade: entre repensar a sua programação e garantir a continuidade da emissora

Vacília Derenji deixa a Rádio da Universidade no primeiro semestre de 1981. Ainda fica na direção do Planetário até sua aposentadoria, que é formalizada em 12 de dezembro de 1983. No seu lugar, assume a direção novamente o jornalista Carlos Marino Silva Urbim, que começou sua relação com a Rádio da Universidade no final dos anos 1960, como estagiário (URBIM, 2007). Na época, tinha vindo de sua cidade natal, Santana do Livramento, para estudar Jornalismo na UFRGS, curso ainda vinculado à Faculdade de Filosofia, e teve como um de seus primeiros professores Nilo Ruschel, que ainda era o diretor (URBIM, 2007). Passou a integrar o quadro de funcionários, como redator de programas, em 1970, permanecendo até 1992, quando deixa a emissora para atuar na Rede Brasil Sul (RBS)⁹⁶. Fica conhecido por suas

⁹⁶ Atual Grupo RBS.

obras de literatura infantil, entre elas *Saco de Brinquedos*, escrita para o primeiro filho de uma das jornalistas da rádio⁹⁷.

No início dos anos 1980, Urbim passa a produzir o programa *Pé no Chão*, o primeiro sobre música gaúcha da rádio universitária.

A programação da rádio tinha seus espaços mais nobres para música erudita, mas, depois de muita argumentação, junto à Iara [*Bendati, então chefe do jornalismo*], e depois da Iara vender a ideia para a direção, até ser aprovado que poderia, na programação da rádio, haver um espaço semanal que contemplasse a produção musical regional nossa. Era meio compreender o que estava começando a acontecer no Rio Grande do Sul, porque isso aí é 1980, 1981, por aí, que nascem esses programas, porque se consolidou, nesses anos, a questão do nativismo no Rio Grande do Sul. (URBIM, 2007).

Outro programa que Urbim produz durante sua passagem pela emissora explora sua afinidade com a literatura e se chama *Crônicas*. Apresentado pelo locutor Flávio Martins, por cerca de dois anos traz para o rádio obras de autores como Clarice Lispector, Luiz Fernando Veríssimo, Rubem Fonseca e Vinícius de Moraes, com músicas e efeitos sonoros selecionados por Sérgio Stosch e Rubem Prates (URBIM, 2007).

Figura 16 - Escadaria da rádio (anos 1980)



Na imagem, é possível ver o elevador que transportava roteiros e discos até os estúdios, no andar superior (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

⁹⁷ Informação concedida à pesquisadora em 27 de outubro de 2023 por Claudia Heinzmann.

Em julho de 1981, o *Jornal da Universidade*, publicação da assessoria de imprensa da UFRGS, trata dos planos de Urbim para a emissora, destacando a necessidade de discutir e reencontrar o conceito de cultura que deve reger a programação. A reportagem aponta um possível descompasso entre a ideia de cultura atual em relação à época de criação da emissora:

Fazendo um rápido retrospecto da sua história, pode-se perceber que os administradores, ao implantarem a Rádio, tinham como conceito de cultura a divulgação da música erudita. Daquele tempo até agora, a própria evolução da sociedade brasileira acelerou-se, enquanto a Rádio continuava com o mesmo conceito inicial. Hoje, a grande questão que se impõe é a diversificação da programação visando atender as mais diferentes preferências dos que desejam uma rádio para informação ou lazer. (RÁDIO COM NOVA ORIENTAÇÃO, 1891, p. 11).

Ainda conforme a publicação, o objetivo é tornar a emissora mais aberta, buscando aumentar os índices de audiência, porém sem descuidar da programação tradicional. Com essa finalidade, Urbim realiza debates internos com a equipe da rádio, discussão complementada pela realização de uma pesquisa junto à comunidade universitária, organizada pela Pró-Reitoria de Extensão (Prorext). A partir dos dados da pesquisa, o plano é pensar uma nova programação.

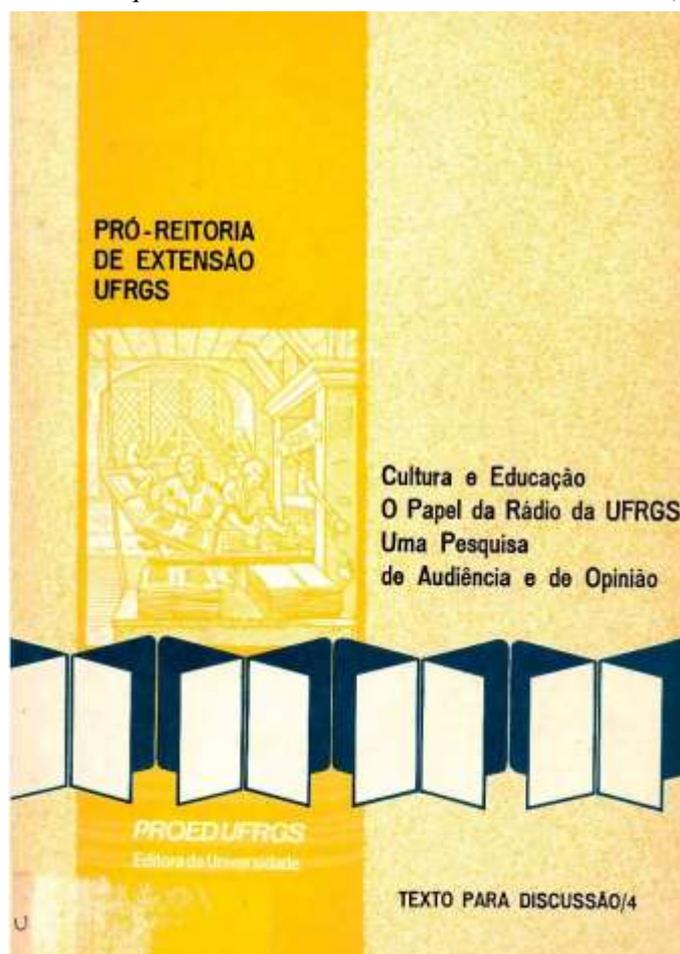
Carlos Urbim pretende redimensionar a programação fazendo com que ela se aproxime mais do contexto do estudante, das suas preocupações e situações, e com o nível de informação que possuem, apresentando ao estudante a música popular brasileira, mas também levando de forma agradável e aberta os grandes compositores da música clássica e erudita.

Também é preocupação apresentar aos estudantes a música feita no Brasil, não importando seu estilo, se clássico ou popular, pois ela é fruto do trabalho e da pesquisa musical nacionais. (RÁDIO COM NOVA ORIENTAÇÃO, 1981, p. 11).

Entre os planos de Urbim está também dar mais espaço à música contemporânea, ou experimental, fazer com que professores e pesquisadores usem a emissora para difundir suas pesquisas e que os administradores da UFRGS descubram o veículo como um meio de comunicação, dando-lhe assim importância político-administrativa (RÁDIO COM NOVA ORIENTAÇÃO, 1981, p. 11).

Ainda em 1981, é realizada uma pesquisa da audiência da emissora. O trabalho é organizado pela Pró-Reitoria de Extensão (Prorext), órgão ao qual o Centro de Teledifusão Educativa (CTE) está ligado na época, por meio de uma comissão interdisciplinar formada por: um representante da pró-reitoria, três professores de estatística, dois docentes de ciências sociais e um da comunicação (PROEXT, 1981, p. 34). O representante da área da comunicação é o professor Sérgio Capparelli, pesquisador da área de radiodifusão, mais especificamente da televisão, e que seria um dos fundadores e primeiro coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, em 1995.

Figura 17 - Pesquisa sobre a audiência da Rádio da Universidade (1981)



Reprodução da capa da publicação com os resultados da pesquisa
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Por meio de questionários, são consultadas 1.170 pessoas. Dessas, 478 são professores ou estudantes da UFRGS. Outros 634 são espectadores de espetáculos de arte: são distribuídos questionários em três apresentações do Unimúsica⁹⁸ (sendo uma exclusiva de música popular; uma exclusiva de música de concerto e uma mista); um concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre; um espetáculo de música de concerto promovido pelo projeto Pró-Arte da Assembleia Legislativa; e uma apresentação da peça teatral *A Mulher sem Pecado*, de Nelson Rodrigues, no teatro do Departamento de Arte Dramática (PROEXT, 1981, p. 40-41). O levantamento também incluiu 58 profissionais liberais – advogados, bibliotecários, dentistas, médicos e psicólogos, considerados um público que poderia sintonizar a emissora no seu local de trabalho (PROEXT, 1981, p. 40-41).

Considerando-se o público total, 72% afirmam que escutam a Rádio da Universidade, mas apenas 13% ouvem diariamente; a maioria sintoniza apenas em ocasiões especiais (31%).

⁹⁸ Projeto da UFRGS que promove shows e concertos gratuitos.

Dos ouvintes, quase metade (49%) não tem um turno de preferência para a escuta (PROEXT, 1981, p. 52). No entanto, quando se mensura apenas a comunidade universitária (professores e alunos), cerca de 40% nunca ouve a emissora, sendo um dos principais motivos o desconhecimento da existência da rádio (PROEXT, 1981, p. 70). Entre os profissionais liberais, a fatia de não ouvintes é ainda maior, de 53% (PROEXT, 1981, p. 108). Já entre o público de espetáculos – considerando que foram pesquisados majoritariamente apresentações de música de concerto – o índice de ouvintes é de 82%.

Outro ponto da pesquisa questiona sobre os motivos de escolha da Rádio da Universidade, sendo que 72% respondem que a razão é a música apresentada e menos de 2% cita o fato de não haver publicidade (PROEXT, 1981, p. 54). Por outro lado, 33% não escuta a emissora por não gostar da música veiculada ou por preferir outra rádio; 20% não a conhece; e 13% não tem o hábito de escutar rádio em geral (PROEXT, 1981, p. 64). Ao final da análise dos dados, a pesquisa conclui:

A Rádio da Universidade possui um público restrito, cuja preferência é essencialmente a música erudita. Os entrevistados que sabem de sua existência, mas não a escutam, o fazem pelo mesmo motivo. Existe, portanto, uma faixa de público específica que escuta rádio por sua programação e independente da qualidade de som e outra faixa de público variada, que não a escuta em função da mesma programação e de suas deficiências na qualidade de som. (PROEXT, 1981, p. 142).

Tabela 1 - Motivação de audiência

Motivos	Nº de ouvintes	% de ouvintes
Programação cultural	29	3,70
Para relaxar	34	4,35
Tipo de música	566	72,38
Informativo da UFRGS	6	0,77
Entretenimento	20	2,56
Interesse geral	57	7,29
Melhor trabalho	1	0,13
Som ambiente	22	2,81
Não propaganda	13	1,66
Outros	34	4,35
Total	782	100,00

Fonte: PROEXT, 1981, p. 55

Tabela 2 - Motivação da não-audiência

Especificação	Nº de respondentes	% de respondentes
Desconhece	68	20,7
Não gosta da música	48	16,6
Não ouve rádio	44	13,4
Falta de tempo	36	11,0
Sintonia difícil	27	8,2
Monótona	15	4,5
Som ruim	13	4,4
Prefere outras rádios	54	16,5
Outros	23	7,0
Total	328	100,00

Fonte: PROREXT, 1981, p. 61

A partir dessa conclusão, o estudo sugere: mais divulgação da emissora, uma reavaliação do conceito de cultura e da linha programática; que a rádio se integre mais ao cotidiano da UFRGS; a realização de um planejamento buscando apoio orçamentário e maior abertura para os estudantes “sendo a rádio um órgão da universidade e o objeto desta, o estudante” (PROREXT, 1981, p. 142). O documento ressalta ainda a ausência de um formato de programação: “faltam, no entanto, nesta programação, uma orientação, uma unidade, uma harmonia e uma sequência capazes de imprimir à emissora uma personalidade. A ideia generalizada que o público tem é aquela da divulgação da música erudita [...]. (PROREXT, 1981, p. 35). Destaca, enfim, os problemas ocasionados pela falta de investimento:

Uma das exigências básicas para o funcionamento é a qualidade das transmissões, além de uma série de outros requisitos técnicos e procedimentos [...]. A rádio tem ocorrido em transgressões especialmente por falta de equipamento adequado ou pela inexistência de peças de reposição imediata. Estes problemas são ocasionados pela falta de recursos e pelo alto custo dos componentes eletrônicos. (PROREXT, 1981, p. 35).

No início de 1982, a Rádio da Universidade começa os preparativos para a comemoração dos seus 25 anos, junto com os 10 anos do planetário, ambas estruturas do Centro de Televisão Educativa (CTE). Indo ao encontro da necessidade de divulgar mais a emissora, Urbim apresenta um pedido de elaboração de panfletos e cartazes, enfatizando a necessidade de verbas da Prorext (URBIM, 1982 b). Em uma publicação da pró-reitoria destinada ao público da universidade, o diretor faz um convite para grupos da área cultural participarem de programas

radiofônicos: “Podemos fazer gravações em nosso estúdio, colher depoimentos, aproveitar material já gravado em outros locais, utilizar textos e mensagens de interesse de cada grupo. O resultado será a edição de programas com uma média de 30 minutos de duração” (URBIM, 1982).

Também buscando ampliar seu raio de influência, a emissora estabelece intercâmbios com rádios de Fortaleza (CE), Recife (PE), Salvador (BA), Pelotas (RS) e Santa Maria (RS), por meio da rede de emissoras culturais ligadas ao Ministério de Educação e Cultura (MEC), que cresceram em número neste período. Dessa forma, alguns programas da Rádio da Universidade são veiculados nessas estações radiofônicas (URBIM, 1982). Em junho de 1982, a rádio passa a colaborar com a produção do *Coisas da província*, programa da Rádio MEC destinado às manifestações regionais e transmitido nas terças-feiras, das 20h às 20h30, por todas as emissoras AM do país, inclusive as comerciais (URBIM, 1982). Assim, a cada cinco semanas, a estação da UFRGS divulga a cultura gaúcha nessa rede.

Apesar dos esforços no sentido de promover a emissora e dinamizar sua programação, conforme orientação da pesquisa de audiência realizada em 1981, a falta de recursos financeiros segue sendo um problema. A matéria do *Correio do Povo*, publicada no aniversário de 25 anos, enfatiza essa dificuldade, que afeta a qualidade do som e sua potência:

A Rádio da Universidade se defronta com problemas técnicos que, no mês de novembro, lhe impuseram uma qualidade de som muito precária, motivo constante de queixas dos ouvintes. Graves problemas de equipamento enfrentados pela emissora, apesar dos esforços do engenheiro Homero Simon, responsável técnico, são difíceis de serem sanados por envolverem escassez de verbas. Uma válvula dos equipamentos de 10 kW necessita ser trocada urgentemente, mas isso não é possível por ser muito cara. A emissora necessitaria de 1,5 milhão de cruzeiros⁹⁹ para essa troca. Enquanto ela não é feita, a Rádio da Universidade está transmitindo em 1 kW. Só que esse transmissor de 1 kW de reserva soma em anos quase a mesma experiência da rádio, estando desgastado, fraco, fornecendo um som distante da qualidade desejada, como não esconde seu diretor. (FLECK, 1982).

Outra preocupação do diretor, revelada pela reportagem, é a necessidade de um gerador para os transmissores em Guaíba (hoje Eldorado do Sul), para serem utilizados em caso de interrupção do fornecimento de energia elétrica¹⁰⁰. Na época, a região sofre com constantes cortes e oscilações de voltagem, problemas reconhecidos pela própria Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE):

⁹⁹ Cerca de 70 mil reais, em valores de março de 2024, segundo a Calculadora do índice de Preços ao Consumidor (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁰⁰ Até hoje, a emissora não conta com geradores reservas nem nos transmissores, nem nos estúdios; em caso de falta de energia elétrica em quaisquer um desses lugares, a emissora sai do ar.

Ali, do município de Guaíba, a energia elétrica é enviada para Charqueadas, além de atender as necessidades das indústrias do município. [...] A interrupção das transmissões nos últimos meses tem motivos bem justificados. Quando as indústrias de Guaíba estão trabalhando, a voltagem cai de 220 para 180 volts. Nos fins de semana, quando as fábricas cessam suas atividades, a voltagem dispara para 250 ou 260 volts. (FLECK, 1982).

Figura 18 - Reportagem Correio do Povo (23 out. 1982)

23.12.1982

CORREIO

ENTREVISTA

Rádio Universidade chega aos 25 anos com muitos planos

ROBERTO ANTUNES FLECK

A Rádio Universidade completou no dia 18 de novembro 25 anos de existência cheia de problemas e esperanças. Problemas técnicos e de verbas, sempre escassas para sua manutenção e ampliação dos serviços voltados à educação e à cultura. Esperanças de que o ano de 1983 lhe traga "vultosos recursos", na expressão do seu diretor, jornalista Carlos Urbim, a partir da formação, de fato, do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred), a rede de emissoras do Ministério de Educação e Cultura, "cujo trabalho terá objetivos mais comuns em todas as regiões do Brasil".

Primeira rádio universitária do Brasil, fundada em 1957, a Rádio Universidade se defronta com problemas técnicos que, no mês de novembro, lhe impuseram uma qualidade de som muito precária, motivo constante de queixas dos ouvintes. Graves problemas de equipamentos enfrentados pela emissora, apesar dos esforços de engenheiro Homero Sannon, responsável técnico, são difíceis de serem sanados por envolverem escassez de verbas. Uma válvula dos equipamentos de 10 quilowatts necessita ser trocada urgentemente, mas isso não é possível por ser muito cara. A emissora necessitaria de Cr\$ 1,5 milhão para essa troca. Enquanto ela não é feita, a Rádio Universidade está transmitindo em um quilovate. Só que esse transmissor de um quilovate, de reserva, soma em anos quase a mesma experiência da rádio, estando desgastado, fraco, fornecendo um som distante da qualidade desejada, como não esconde seu diretor.



Carlos Urbim

VERBAS

Urbim está preocupado, porque não pode revelar a data da melhoria do som da emissora. Isto envolve verbas, sinônimo de escassez quando o assunto é Rádio Universidade. Os problemas técnicos não se esgotam na válvula avariada. De 1957 a 1979, a emissora tinha seus transmissores na Ilha Chico Inglês, no estuário do Guaíba. Não havia energia elétrica na ilha, o que afastava qualquer preocupação com sua falta, o que não acontece hoje. O gerador de energia era alimentado a óleo.

A partir de 1979, os transmissores da emissora passaram a funcionar no quilômetro 16 da BR-116, no município de Guaíba. Sem gerador de energia elétrica próprio, ao contrário das emissoras comerciais, cujos transmissores estão localizados também em Guaíba — Guaíba, Guichá e Itai — a Rádio Universidade depende do fornecimento irregular de energia elétrica feito pela Companhia Estadual de Energia Elétrica. O órgão estadual explicou à emissora que há problemas de engenharia impedindo que esse fornecimento seja normal. Ali, do município de

Guaíba, a energia elétrica é enviada para Charqueadas, além de atender as necessidades das indústrias do município.

Variações de voltagem são constantes, além dos cortes de energia, o que explica as atuais condições técnicas bastante difíceis da rádio. A interrupção das transmissões, nos últimos meses, tem motivos bem justificados. Quando as indústrias de Guaíba estão trabalhando, a voltagem cai de 220 para 180 volts. Nos fins de semana, quando as fábricas cessam suas atividades, a voltagem dispara para 250 ou 260 volts. "Não há estabilizador de voltagem que agüente", observa Urbim.

GERADOR

Os problemas poderiam ser superados se a Rádio Universidade tivesse um gerador próprio, mas as verbas da emissora, para instalar um novo transmissor e um gerador próprio de energia elétrica não são suficientes. Os dois equipamentos custariam cerca de Cr\$ 15 milhões.

Apesar dessas dificuldades, a Rádio Universidade resiste. E alimenta esperanças de melhorar com a formação do Sistema Nacional da Radiodifusão Educativa. Em 28 de outu-

bro, em Olinda, Pernambuco, foi assinado um protocolo entre as várias emissoras de rádio e televisão educativas quando a Rádio Universidade também assumiu o compromisso de transmitir no máximo 20 por cento de programas sob a chancela do Sistema. Esses programas serão nacionais e regionais, num intercâmbio cultural entre os vários pontos geográficos brasileiros.

Sob a orientação da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, o Sinred vai fornecer verbas para as emissoras regionais. Aqui, no Sul, as rádios universitárias de Santa Maria, Pelotas, Curitiba e TV Educativa de Porto Alegre.

RADIOJORNALISMO

Esse Sistema — prevê Carlos Urbim — vai colocar a Rádio Universidade num ritmo mais dinâmico de radiojornalismo, em rede nacional, a exemplo do que acontece com o telejornal "1982" da TVE, "o mais importante programa jornalístico da televisão brasileira". No caso do radiojornal em rede, através do Sistema Nacional, a Rádio Universidade de Porto Alegre fará a cobertura local dos fatos em torno dos 500 quilômetros que ela atinge. O surgimento desse radiojornal vai criar necessidades de mais profissionais e outros equipamentos, como uma unidade móvel, para que o repórter percorra Porto Alegre e o Grande Porto Alegre, realizando a cobertura jornalística da parte local desse radiojornal nacional. Técnicos da Funtevé deverão realizar um diagnóstico das necessidades reais da Rádio Universidade para que ela se adapte às condições do Sistema, porque, conforme se prevê, o radiojornal deverá ir ao ar já em março.

Reportagem destaca os planos de Urbim para a emissora
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Rádios como a Guaíba, Gaúcha e Itaí, cujos transmissores também são sediados nas proximidades, não sofrem desse problema, por contarem com geradores próprios. No entanto, para a emissora universitária, adquirir um novo transmissor e um gerador custaria 15 milhões de cruzeiros (aproximadamente 699 mil reais¹⁰¹), quantia impensável de se conseguir.

Nesse cenário, a criação do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred) é, para a emissora, a possibilidade de dias melhores, com a promessa de recebimento de verbas do governo federal (FLECK, 1982). Diversas emissoras de rádio e de televisão, entre elas a Rádio da Universidade¹⁰², assinam um protocolo para dar início ao sistema no dia 29 de outubro de 1982, em Olinda (PE). Para Carlos Urbim, o Sinred pode colocar a emissora em um ritmo mais dinâmico de radiojornalismo, já que será responsável por fazer a cobertura local para o radiojornal a ser transmitido pelo sistema (FLECK, 1982). Ainda em uma fase de implantação, a previsão é que o Sinred entre em operação a partir de 1º de janeiro de 1984 (URBIM, 1983). Ao longo de 1984, a Rádio da Universidade segue produzindo programas para a série *Coisas da Província* e participa, também, do *Meu Brasil Brasileiro*, ambos com veiculação nacional (URBIM, 1983).

Em outubro de 1984, assume a direção da rádio o locutor Luiz Carlos Vergara Marques, voz que anunciou a entrada da emissora no ar em ondas médias, em novembro de 1957. Vergara é conhecido por suas narrações e programas sobre turfe em outras rádios da capital. Para ele, o objetivo do veículo universitário não é ser massificado, mas “atender às necessidades de seus ouvintes e não aos seus caprichos” (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1987, p. 13). Em reportagem do *Jornal da Universidade*, o diretor reforça a sua ideia de uma emissora segmentada:

Rádio é especialização. A rádio tem que cativar o ouvinte com suas próprias características. O nosso público é altamente qualificado e exigente. Então temos que dar a ele o que ele espera. E ao fazermos isso, estamos transmitindo cultura e difundindo uma programação selecionada e aprimorando gostos e preferências. Esta é a função da Rádio da Universidade. (OS 30 ANOS..., 1987).

Na visão do diretor, o público da estação é “selecionado, de bom poder aquisitivo, de exigência cultural maior” e este é “um dos grandes trunfos da rádio” (BARROS, 1986). Um dos seus objetivos é consolidar sua programação jornalística de interesse universitário e trabalhar com a Pró-Reitoria de Extensão promovendo cursos, a exemplo do que tratou da história da música de concerto. O curso radiofônico *História da música* é organizado por Flávio Oliveira

¹⁰¹ Valor de março de 2024, segundo a Calculadora do índice de Preços ao Consumidor (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁰² No Rio Grande do Sul, também assinaram o termo as rádios universitárias de Pelotas e Santa Maria, além da TVE.

e Sergio Stosch, totalizando 24 programas, transmitidos de 17 de junho e 21 de agosto de 1986, às 9h e às 21h, abordando a trajetória dessa tradição musical desde a antiguidade até o século 20. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1986).

Flávio Oliveira, um dos produtores do curso, tem uma longa trajetória na emissora. Começa de forma voluntária em 1964, ainda como estudante, produzindo comentários e programas sobre música e depois é contratado como programador musical (OLIVEIRA 2023). Deixa a emissora no início dos anos 1970, por divergências com a direção, e retorna em 1984, permanecendo até sua aposentadoria, em 2003 (CHALA, 2017; OLIVEIRA, 2023). Para Oliveira (2023), a emissora se torna, ao longo da sua trajetória, uma referência cultural, pelos músicos e escritores que recebe em seus estúdios, por sua segmentação na música de concerto e pela produção de programas culturais em uma perspectiva educativa.

Ainda em 1986, uma reportagem do *Diário do Sul* celebra o fato de a emissora seguir com o perfil musical dedicado à música de concerto, “enquanto a maioria de estações educativas do resto do país, em busca de popularidade, enveredou por programações que, sem conseguir atrair faixas maiores de ouvintes, acabou afastando quem gosta de música clássica” (BARROS, 1986). Nas palavras de Stosch, diretor de programação, essa é a grande lição que a emissora pode proporcionar. O grande acervo de discos, com 11 mil unidades, também é ressaltado, assim como um dos ouvintes considerados dos mais ilustres, Erico Veríssimo. Conforme contam os servidores da rádio, o escritor ligava frequentemente para a emissora, reclamando de problemas em um disco que tocava ou sobre uma repetição na programação (BARROS, 1986).

Mesmo seguindo a tradição do foco na música de concerto, em 1986 metade da programação da Rádio da Universidade é ocupada por programas variados (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1986). Na parte de jornalismo, são 10 edições diárias do boletim institucional *Universidade é Notícia*, além dos já conhecidos *Espaço Arte* (uma edição por dia) e *Cadernos do Mundo* (uma vez por semana). Outras novidades são os semanais *Bibliografia*, sobre literatura; *Cultura Francesa Contemporânea*, abordando os reflexos da cultura francesa no nosso meio; e *Os Filósofos*, trazendo grandes temas do conhecimento. Os programas musicais são: *Música do Instituto de Artes*, com a reprodução e comentários de recitais organizados pelo Departamento de Música da UFRGS; *Música do Século 20*, abordando autores e obras que marcaram o século; *Pauta musical*, registrando datas e fatos importante sobre a música; e *Pé no Chão*, sobre música e a tradição gaúcha (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1986). Seguem na grade: *A Hora do Jazz*, *Ambiente em Crise*, *Arte e Ciência Médica*, *Brasil Musical*, *Clube da Esquina*, *Grandes Obras Musicais*, *Lançamentos*, *Latinidade* e *Uma Ópera por Semana* (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1986).

Próximo ao aniversário de 30 anos da emissora, o *Correio do Povo* destaca a situação precária da rádio, em reportagem do dia 23 de outubro de 1987. Em entrevista, o diretor, Vergara Marques, busca amenizar a situação, mas reconhece que a rádio está operando em apenas 5 kW, devido à necessidade de trocas de peças dos transmissores (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1987, p. 13). Durante as comemorações dos 30 anos o reitor, Francisco Ferraz, promete que em breve será lançada a licitação para um novo transmissor de 10 kW “com tecnologia mais aprimorada e manutenção mais econômica” (OS 30 ANOS..., 1987). A expectativa é que o novo equipamento entre em funcionamento no segundo semestre de 1988, tornando a emissora universitária uma das primeiras de Porto Alegre a transmitir em AM estéreo. Vergara Marques deixa a direção em 1989, aposenta-se, sem que o prometido transmissor chegasse. A situação se agrava a tal ponto que, em 1º de agosto de 1989, a rádio sai do ar, quando está novamente sob o comando de Carlos Urbim:

A Rádio da Universidade, voltada para a difusão educação e cultura e sem finalidades comerciais, está fora do ar desde terça-feira à tarde. A causa é um defeito no link de transmissão entre os estúdios, na rua Sarmento Leite e a torre de geração, em Eldorado do Sul. Segundo o diretor técnico, José de Deus Escobar, o transmissor atingido não sofria pane desde 1975 e está difícil o conserto. “Esta situação cria problemas para quem quer se firmar como veículo de comunicação social alternativo eficiente”, lamenta o diretor da rádio, Carlos Urbim. (RÁDIO DA UNIVERSIDADE FORA DO AR, 1989, p. 37).

Questionada pela reportagem de *Zero Hora*, a própria universidade, por meio da declaração do seu assessor de comunicação social, Tabajara Ruas, admite que a causa do problema é o desgaste dos equipamentos, já antigos, e a falta de reposição. Com a finalidade de encaminhar uma solução para a questão, no dia 7 de agosto é realizada uma reunião entre Ruas, Urbim e representantes da Reitoria. Em tom bem mais informal, um jornal mural¹⁰³ produzido pelos estudantes do oitavo semestre do curso de jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), traz um panorama da falta de investimentos na emissora:

Parte integrante da Assessoria de Imprensa da UFRGS, a Rádio possui verbas para funcionar e ostenta a filosofia de trabalho do funcionalismo público. Dito de outra maneira, não tem dinheiro nem para o xerox do roteiro da programação semanal. Se quebra uma agulha ou estraga um cabeçote, a burocracia que envolve a aquisição do material representa uma jornada homérica através de inúmeras mesas, carimbos e assinaturas fantasmas. A Rádio não tem peças de reposição e, candidamente, esperam-se doações de peças em troca de apoio cultural a empresas particulares. Quando se trata do equipamento profissional, as peças são importadas, como os cabeçotes dos gravadores de estúdio. Equipamento novo, então, é o sonho mais caro. Desde 79 que a Rádio não adquire nenhum. (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1989).

¹⁰³ A publicação foi realizada na disciplina *Projeto Experimental em Jornalismo V – Jornal Laboratório*, coordenada pelos professores Sérgio Caparelli e Rubens Weyne. Segundo Weyne (2023), os professores optaram pela publicação em forma de cartaz devido à falta de recursos para imprimir um jornal como produto da disciplina.

Com a rádio completando uma semana fora do ar, chegam notícias mais animadoras. A Pró-Reitoria de Planejamento autoriza a contratação de uma empresa de engenharia especializada, a fim de detectar o defeito no link e realizar um levantamento de todas as necessidades técnicas (RÁDIO DA UNIVERSIDADE PODE VOLTAR..., 1989). Também é informada da expectativa de o Congresso Nacional aprovar uma verba suplementar para a universidade, possibilitando que parte fosse investida na emissora. No dia 9 de agosto, a rádio da UFRGS volta com suas transmissões (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1989).

Figura 19 - Programa *Por Volta do Meio-Dia* (1990)



Sergio Stosch (de costas) operando a mesa de gravação no estúdio da emissora, com os estudantes Jaime Pereira Júnior (E) e Debora Casarin na locução (Fonte: Arquivo pessoal André Grassi)

Em 17 de outubro de 1988, vai ao ar pela primeira vez o mais longínquo programa da Rádio da Universidade produzido por estudantes, o *Por Volta do Meio-Dia* (GRASSI, 2023, p. 1). Segundo André Grassi, um desses estudantes e hoje jornalista da emissora, a iniciativa surge a partir das aulas de Fundamentos de Rádio, em que o professor Sergio Stosch (também coordenador de programação) apresenta a rádio aos estudantes (GRASSI, 2023, p.1). Nos primeiros anos, o programa não faz parte do currículo, sendo fruto da empolgação dos estudantes em ocupar aquele espaço na rádio universitária e da colaboração de Stosch, que pessoalmente opera a mesa de áudio nas gravações, que ocorrem aos sábados (GRASSI, 2023, p. 4-5). O *Por Volta do Meio-Dia* passa por mudanças ao longo dos anos e persiste até os dias atuais, agora como

parte do currículo do curso de Jornalismo, coordenado por Sandra de Deus, tendo passado também pela docente Dóris Fagundes Haussen (GRASSI, 2023, p. 5).

Como diretor, Urbim inclui novos programas na grade da emissora. Entre eles, o *Porque Hoje é Sábado*, criado no segundo semestre de 1989, trazendo entrevistas, comentários e notícias da área cultural. É transmitido semanalmente, às 11h30, com 45 minutos de duração (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 1989). O programa é produzido por Claudia Heinzelmann, que havia ingressado como jornalista da emissora no final de 1988 e já redige o *Trem das Cores*. Dedicado à música popular brasileira, o *Trem das Cores* aborda, a cada programa, a vida e obra de um cantor, banda ou compositor, trazendo aspectos da sua vida e obra e uma seleção de canções. Mais uma vez, a escassez de recursos influencia na programação e não é possível rodar as novidades da MPB pela falta de verba para comprar os discos:

Então eu fazia um resumo da vida do Caetano Veloso, as músicas mais importantes, e sempre com aquele jeitinho, isso me deixava muito triste, que era, eu vou falar sobre o Caetano Veloso, que lançou um disco, “mas enquanto o disco não vem, vamos ouvir...” aí toca algo lá do início da carreira dele, que era o que se tinha [*na discoteca da rádio*]. Porque mesmo que a gente pudesse comprar, eu vou comprar um lançamento a preço de disco importado, se eu posso comprar cinco [*discos, por valor equivalente*]. Então era difícil a gente comprar o lançamento, a gente comprava depois. (HEINZELMANN, 2023).

Ainda no final da década, a emissora acompanha as primeiras eleições no período da redemocratização. Em 1988, Carmem Ferreira, Silvia Secrieru e estagiários fazem a cobertura das eleições municipais, com boletins transmitidos ao vivo para todo o país, via Sinred¹⁰⁴. No ano seguinte, em outubro de 1989, o *Vota Brasil* traz professores da UFRGS para comentar a conjuntura das eleições à presidente da República e seus candidatos (BARRIONUEVO, 1989). A eleição é especialmente relevante porque, após 21 anos de ditadura civil-militar e da promulgação de uma nova Constituição, os brasileiros voltam a escolher o presidente do país pelo voto direto.

4.5 A modernização da rádio universitária (1990-1999)

Na década de 1990, o enxugamento do Estado durante os governos de Fernando Collor de Mello, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, com privatizações e redução de pessoal, impactam diretamente nos órgãos públicos como as universidades federais e, por consequência, a Rádio da Universidade. Por outro lado, é o período em que o Brasil alcança uma estabilidade econômica com controle da inflação, a partir do Plano Real, em 1994.

¹⁰⁴ Conforme depoimento oral concedido por Silvia Secrieru à pesquisadora.

Na radiofonia, o período se insere em uma fase de profundas modificações, a da *convergência* (FERRARETTO, 2012, p. 17-18). Os *pontos de corte* são a introdução da telefonia celular, no início dos anos 1990, e da internet e seu formato comercial, em 1995. O rádio extrapola a transmissão via ondas hertzianas, podendo ser escutado também pela web e, posteriormente, por meio de download de arquivos de áudio e por streaming (FERRARETTO, 2012, p. 18). A estratégia comercial se modifica, pois, “sem excluir a ideia de focar o conteúdo em parcelas da audiência, as emissoras [...] se conscientizam da necessidade de estarem com sinal disponível a esta parcela da audiência independentemente do suporte técnico utilizado” (FERRARETTO, 2012, p. 18).

O campo das rádios não comerciais se encontra na quarta fase, marcada pela criação da maioria das emissoras educativas e universitárias, em frequência modulada (ZUCULOTO, 2012, p. 166). No Rio Grande do Sul, em 1989 surge a FM Cultura, pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul. Com o fim do Sinred, as emissoras do campo, entre elas a Rádio da Universidade, buscam se rearticular por meio de iniciativas como os encontros nacionais e as coberturas das reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (ZUCULOTO, 2012, p. 166-167). Em março de 1994, a Rádio MEC, do Rio de Janeiro, promove o I Encontro Nacional de Rádios Educativas e Universitárias, em que é aprovada a constituição de uma Rede Nacional de Emissoras de Rádio Educativas e Universitárias. Nesta rede, que não chega a sair do papel, “a MEC seria a ‘cabeça de rede’ para a distribuição especialmente, mas as demais emissoras integrantes do grupo também teriam espaço para produzir” (ZUCULOTO, 2012, p. 168-169). Em maio, o II Encontro Nacional de Rádios, TVs e Produtoras Universitárias é organizado pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Neste evento, as emissoras decidem realizar as coberturas das reuniões anuais da SBPC, por meio da Rede Universitária de Rádio (ZUCULOTO, 2012, p. 170). Em outubro de 1995 é realizado o terceiro encontro nacional, em Goiânia, Goiás. As coberturas em rede das atividades da SBPC vão ocorrer anualmente até 2002, com exceção de 2000 e 2001 (ZUCULOTO, 2012, p. 175).

4.5.1 Brasil: a estabilização econômica e a redução do Estado

Fernando Collor de Mello assume a presidência em 15 de março de 1990, em uma conjuntura de crise econômica, com uma inflação que chega aos 80% ao mês. No dia seguinte, junto da ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, anuncia um novo plano econômico com uma medida drástica e traumática para a população: o bloqueio de todos os ativos financeiros

acima de 50 mil cruzeiros novos (cerca de 13 mil reais atualmente¹⁰⁵) por 18 meses, atingindo cadernetas de poupança, contas correntes e aplicações financeiras (FAUSTO, 2013, p. 474). O plano inclui ainda a troca da moeda, de cruzado novo para cruzeiro, o congelamento de preços e salários por 45 dias, o aumento das tarifas de gás, luz e telefone e a extinção de 24 empresas estatais, com a demissão de 81 mil funcionários públicos (BERNARDO, 2020). Apesar das medidas, no final do ano a inflação retoma impulso (FAUSTO, 2013, p. 474).

Durante seu curto governo, Collor implanta reformas liberais baseadas principalmente em uma nova política industrial e de comércio exterior, na liberalização dos fluxos financeiros com outros países e na privatização de estatais (SALLUM, 2011, p. 237). Promove o fim das restrições não tarifárias para as importações, extinguindo a lista de cerca de 1.500 produtos que até então têm sua importação proibida para preservar o mercado da produção nacional (SALLUM, 2011, p. 237). Em relação às privatizações, o principal foco são as empresas estatais do setor de infraestrutura; 18 companhias são vendidas, entre elas a Usiminas (do ramo siderúrgico, sediada em Belo Horizonte, Minas Gerais), a Companhia Petroquímica do Sul (empresa petroquímica de Triunfo, Rio Grande do Sul) e a Aços Finos Piratini S.A. (usina siderúrgica de Charqueadas, Rio Grande do Sul) (RODRIGUES; JURGENFELD, 2019, p. 398-399).

Em 1992, o próprio irmão do presidente, Pedro Collor de Mello, dá início às acusações de corrupção no governo, atingindo o tesoureiro da campanha, Paulo César Farias e, indiretamente, o próprio presidente (FAUSTO, 2013, p. 475). A seguir, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) é formada e as denúncias se tornam cada vez mais robustas. Surge então o movimento que fica conhecido como *caras pintadas*: formado basicamente por jovens de classe média, a mobilização exige a destituição de Collor e leva milhares às ruas, ganhando a simpatia da opinião pública e da imprensa:

[...] a relação entre mídia e as manifestações dos Caras Pintadas durante o processo de deposição de Fernando Collor de Mello é indissociável. Os telejornais e periódicos constituíram parte da pauta do movimento. De forma direta ou indireta, intencional ou não. [...] A forma como a mídia lidou com os Caras Pintadas fez com que fosse interessante participar do movimento, fomentando a participação. (COELHO, 2021, p. 117)

Pressionado e buscando evitar uma condenação, Collor renuncia em 29 de dezembro de 1992, data em que começa seu julgamento no Senado Federal. A tática não dá certo e, no dia seguinte, os senadores votam para definir o seu impedimento; por 76 votos a favor e dois contra, o ex-presidente fica inelegível por oito anos (20 ANOS..., 2012). O vice-presidente, Itamar Augusto Cautiero Franco, assume a cadeira presidencial também no dia 29 de dezembro. Itamar

¹⁰⁵ Valor de março de 2024, segundo a Calculadora do índice de Preços ao Consumidor (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Franco dá sequência à política de privatizações iniciadas pelo seu antecessor, mas seu governo fica marcado principalmente pelo lançamento do Plano Real, conduzido pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Com a criação da nova moeda, o real, atrelada a um sólido plano de estabilização econômica, o governo consegue finalmente controlar a inflação de forma duradoura (FAUSTO, 2013, p. 478).

O sucesso do Plano Real garante a eleição da chapa Fernando Henrique Cardoso e Marco Maciel, numa composição entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido da Frente Liberal (PFL), já no primeiro turno do pleito de outubro de 1994. Os principais adversários, a chapa de Luiz Inácio Lula de Silva (Partido dos Trabalhadores) e Leonel Brizola (Partido Democrático Trabalhista), optaram por fazer oposição absoluta ao Plano Real (FAUSTO, 2013, p. 479).

Com a inflação em queda e a renda dos mais pobres em alta, Cardoso venceu as eleições com cerca de 54% do total. Lula obteve 27,04%, apesar do seu favoritismo inicial. [...] A presidência de Cardoso abrangeria dois mandatos – ou seja, oito anos seguidos – pois, nas eleições de outubro de 1998, voltaria a vencer por maioria absoluta (pouco mais de 53% dos votos válidos), derrotando Lula mais uma vez. (FAUSTO, 2013, p. 479)

A política econômica do primeiro mandato de Cardoso objetiva consolidar o ambiente de estabilidade de preços. O governo também busca realizar reformas estruturais “especialmente com a tentativa de aprovação de emendas constitucionais e de legislação voltadas para a redução do déficit previdenciário e alterações na estrutura administrativa do setor público” (OLIVEIRA; TUROLLA, 2003, p. 196). As privatizações e a quebra do monopólio das empresas estatais em áreas como telecomunicações, petróleo, gás e energia elétrica são outra característica do período (FAUSTO, 2013, p. 485). A iniciativa governamental de contenção de despesas públicas impacta nas universidades federais:

No governo de FHC, as diretrizes políticas passaram pela tentativa da caracterização da educação superior como um serviço público não estatal; da diminuição significativa do financiamento estatal na manutenção das universidades federais; da mudança do papel do Estado, de financiador para regulador; da privatização; do incentivo de fontes alternativas de financiamento; das parcerias público-privadas; da diferenciação e competitividade entre instituições; da expansão de baixo custo; do ensino a distância; dos sistemas de avaliação; da formação para atender ao mercado de trabalho. Nessa perspectiva, as universidades passaram a ser vistas a partir de uma visão mais pragmática e utilitária dos seus serviços, seja na formação profissional, seja na produção da ciência e da tecnologia, modificando expressivamente os referenciais da sua finalidade e relevância social. (FERREIRA, 2012, p. 461).

Em relação aos servidores públicos federais, a política do governo Cardoso é marcada pela reforma da previdência, pelo arrocho de salários e pela extinção de direitos como licença-prêmio por assiduidade e fim da remuneração para licença sindical (BARBOSA E SILVA, 2005, p. 47). Outra característica é o enxugamento do quadro de servidores, já que “de 1994 a 1998, houve uma redução de quase 63 mil no número de funcionários públicos civis vinculados

ao Poder Executivo” (BARBOSA E SILVA, 2005, p.49). Essa mudança se dá por meio de aposentadorias, demissão ou adesão ao Programa de Demissão Voluntária (BARBOSA E SILVA, 2005, p. 49).

Na avaliação de Boris Fausto (2013, p. 518), o governo Cardoso tem pelo menos dois méritos, a estabilização da economia brasileira e a consolidação da democracia, com ações como, por exemplo, o reconhecimento dos crimes da ditadura civil-militar e a subordinação das Forças Armadas ao poder civil, por meio da criação do Ministério da Defesa. Por outro lado, “o país cresceu pouco e a modernização da economia veio acompanhada do aumento do desemprego e da informalidade no mercado de trabalho” (FAUSTO, 2013, p. 521).

4.5.2 *Rádio da Universidade: a mudança para o CD, a chegada da internet e a abertura da programação para o jornalismo*

Depois de ficar uma semana fora do ar em agosto de 1989, a nova década começa promissora para a Rádio da Universidade. Já em 1990 o veículo passa a contar com uma Direção Técnica, posição ocupada pelo engenheiro Luiz Sperotto Teixeira, que já tinha passado por emissoras como a Tupi, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), TV Guaíba e TV Educativa do Rio Grande do Sul (TVE) (SPEROTTO, 2014). A partir dessa mudança, tem início um processo de modernização da rádio universitária. Em julho do mesmo ano, se torna a primeira emissora AM de Porto Alegre a transmitir músicas gravadas em CD (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). Segundo Carlos Urbim, então diretor da emissora, é realizada uma campanha para adquirir um acervo de CDs:

E nós, com passos bem lentinhos, começamos quase pedindo desculpa, mas conseguimos botar no ar um recadinho para os queridos ouvintes que quisessem colaborar e trouxessem CDs, doassem CDs para a Rádio da Universidade. [...] E nós fizemos que nem festa de casamento, listinha, lembra? Nós deixamos nas lojas conveniadas para isso, as que oferecem mais discos de música erudita da cidade. Tinha a lista dos títulos que eram importantes para o começo. Tudo isso, o trabalho, mais uma vez, orientado pelo incansável Flávio Oliveira [*um dos responsáveis pela programação da rádio*]. (URBIM, 2007).

A solicitação de doações é dirigida também aos servidores docentes e técnicos da universidade, por meio de um aviso no contracheque. A edição de 16 de setembro do *Boletim UFRGS*, produzido pela Assessoria de Comunicação Social¹⁰⁶, registra a novidade e destaca a fase de transição dos vinis para os CDs, até a necessária ampliação do novo acervo:

¹⁰⁶ Atual Assessoria de Imprensa da UFRGS, vinculada à Secretaria de Comunicação Social (Secom).

Por enquanto, nas emissões diárias, ainda serão notadas diferenças. A programação não pode ter uma sequência regular, exclusivamente com CD (*compact disc*), em razão do número ainda baixo de exemplares no acervo. Buscando sanar esta deficiência e mais rapidamente atingir a quantidade necessária de CDs que possibilite uma programação contínua e regular, foi lançada a campanha “Ofereça um disco *laser* à Rádio da Universidade”, aliás, pedido feito no “Aviso” do contracheque de agosto. Dentro desta campanha, que aceita discos de música popular e erudita, que está sendo estendida às lojas especializadas e que tem o nome do doador citado no ar cada vez que é tocado, a Rádio da Universidade pretende atingir o número mínimo de 18.000 exemplares para padronizar a sua programação em CD e trocar, definitivamente, o vinil pelo disco *laser* [...]. (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1990, p. 2).

Infelizmente a meta não é atingida. Conforme Urbim, o acervo da rádio tem cerca de 300 CDs no final de 1991 (WOLFF, 1992, p. 38). Mesmo com as doações, a formação de uma discoteca com 18 mil CDs depende de investimentos da própria emissora, que segue com recursos escassos. Cada exemplar tem um custo relativamente alto, portanto somente é possível adquirir poucas unidades por mês.

Apesar disso, no dia de seu aniversário, a Rádio da Universidade traz uma seleção musical exclusivamente gravada em CDs, por todo o período de transmissão da emissora, das 7h à meia-noite (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1990). A programação de 18 de novembro de 1990 também apresenta o *Projeto Armando Albuquerque*¹⁰⁷, em que estudantes do Departamento de Música do Instituto de Artes tocam, no estúdio da rádio, a música de concerto produzida no Rio Grande do Sul. Além da parte musical, os ouvintes acompanham poemas dos gaúchos Armindo Trevisan, do próprio Carlos Urbim, Celso Gutfreind, Dilan Camargo, José Antônio Silva e Mario Quintana, bem como da uruguaia Juana de Ibarbourou. Alguns poemas são interpretados pelos próprios autores: Urbim, Gutfreind, Camargo e Silva. O texto de Ibarbourou é declamado pela atriz e presidente da Comissão de Cultura da UFRGS, Mirna Spritzer (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1990).

Também em 1990, a emissora faz uma nova pesquisa, agora de caráter qualitativo, com a finalidade de conhecer melhor o seu público, estabelecendo o perfil do ouvinte-padrão. A partir do resultado, o objetivo é fazer mudanças na programação, “sempre tendo como objetivo a difusão da música erudita e do jornalismo cultural” (URBIM, 1990, p. 2). São pesquisados três grupos de 10 pessoas, divididos de acordo com a frequência de audiência (WOLFF, 1992, p. 42). Grupo 1, ouvintes em dias específicos; grupo 2, ouvintes habituais; e grupo 3, ouvintes eventuais e não ouvintes. Todos acompanharam a programação por determinado período para depois manifestar suas impressões e opiniões, por meio de entrevistas. A pesquisa coleta sugestões comuns aos três grupos, que são divididas em três temas principais: a) *diversificação da programação*: novos

¹⁰⁷ Programa produzido e apresentado por Flávio Oliveira, destinado a divulgar a produção da música de concerto local. Inclui recitais ao vivo, entrevistas e palestras, além das transmissões de eventos.

estilos musicais, programas para o público infantil, mais horários de notícias, programação cultural variada e abertura de espaços para os estudantes; b) *divulgação*: da emissora, de sua programação e valorização dos nomes dos produtores e apresentadores dos programas; c) *recursos financeiros*: busca de apoio cultural. No mês de abril de 1991, o *Boletim UFRGS* anuncia a chegada do esperado novo transmissor, que marca a entrada da rádio para o AM estéreo:

Já está em Porto Alegre, em processo de desembarço no aeroporto Salgado Filho, o novo transmissor Harris DX-10, de 10 kW, adquirido para a Rádio da Universidade. [...] Isso quer dizer uma elevação na qualidade de som, aliada à nova programação em CD que a rádio está implantando. [...] O diretor técnico da rádio, engenheiro Luiz Sperotto, diz que a nova fase inicia, extraoficialmente, em abril ou maio. A definição de prazos depende da execução de obras complementares como a reforma do prédio da Rádio da Universidade, uma revisão nas suas instalações elétricas e a confecção de dois mastros para a sustentação de nova antena, no prédio da Sarmiento Leite. (CURTAS, 1991).

Os trabalhos evoluem como esperado e o novo transmissor é instalado em abril, tornando-se o primeiro totalmente estado sólido¹⁰⁸ com modulação digital a ser instalado na capital. (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). São adquiridos também novos equipamentos, com destaque para o híbrido, possibilitando que a emissora faça transmissões ao vivo de entrevistas por telefone (WOLFF, 1992, p. 32). Em junho, tem início a reforma do prédio, para adequações dos estúdios e demais salas da emissora (SECRIERU, 2023).

Figura 20 - Reforma do prédio (10 jun. 1991)



Reforma no estúdio A, destinado às emissões ao vivo
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

¹⁰⁸ Estado sólido se refere a um tipo de transmissor, que tem como uma de suas características a economia de energia.

Paralelamente à modernização técnica, a direção da emissora dá início, em julho, a um processo de planejamento conjunto para o futuro da Rádio da Universidade, aproveitando que, em decorrência de uma greve dos servidores públicos federais¹⁰⁹, as atividades habituais estão paralisadas. Na sua fase inicial, o seminário *Reouvir a rádio* promove reuniões internas dos setores, para discussão das suas tarefas, necessidades materiais e de pessoal e sugestões de mudanças. Em um segundo momento, as conclusões desses encontros são apresentadas para toda a equipe da emissora, quando são estabelecidas as prioridades e elaboradas as conclusões.

O Setor de Programação, representado por Hélio Nascimento e Sergio Stosch, destaca que a missão da emissora é divulgar a memória musical da humanidade e a música contemporânea de concerto (NASCIMENTO; STOSCH, 1991). Pelo Setor Técnico, o engenheiro Spretto também defende a manutenção da linha programática, “melhorando o que sempre foi feito, e muito bem” (TEIXEIRA, 1991). Propõe ainda a criação de um clube de ouvintes da rádio para angariar doações à emissora, no formato de contribuições mensais.

O Jornalismo apresenta uma série de documentos, assinados individualmente. Em comum, há sugestões como a de escolher músicas de menor duração para a transmissão nos turnos da manhã e tarde, deixando as peças mais longas, de uma hora ou mais, para os períodos noturnos. Aumentar o número de inserções de programas jornalísticos é outra proposta em comum e que seria possibilitada pela escolha de obras musicais mais curtas. Além disso, Ilgo Wink menciona que, desde que assumiu como chefe do Jornalismo, buscou tornar os programas sob sua responsabilidade mais adequados ao seu tempo e que vai seguir aprimorando a parte informativa (WINK, 1991). Carmen Ferreira sugere que seja criada uma central de entrevistas, com a função de agendamento, confecção de pautas e acompanhamento da qualidade de som (FERREIRA, 1991). Claudia Heinzelmann propõe levar a rádio para os grandes eventos culturais do estado, como o Festival de Cinema de Gramado (HEINZELMANN, 1991). Rejane Salvi aborda a questão da produção de radionovelas, trazendo para o rádio textos, poemas e histórias infantis (SALVI, 1991). Esse também é um desejo do diretor, Urbim, que redige um projeto para colocar a ideia em prática, prevendo a colaboração da Comissão Cultural da UFRGS e de grupos teatrais de Porto Alegre (URBIM, 1991). O jornalista Lauro Dias destaca os projetos da rádio com outros setores da universidade:

O Planetário da universidade usa os equipamentos para realizar a sonoplastia de seus programas. A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação utiliza dois espaços fixos para alunos e professores apresentarem programas relacionados à área acadêmica, dentro do currículo da faculdade. Já o Instituto de Artes utiliza os arquivos da rádio para realizar pesquisas e consultas discográficas. Na área de literatura, os professores

¹⁰⁹ No ano de 1991, ocorre uma greve nacional dos servidores públicos federais, por pautas que vão desde demandas específicas de cada categoria, até a política econômica e projetos de lei do governo Collor. Na UFRGS, o movimento paredista dos servidores não-docentes tem duração de 70 dias (BINOTTO, 2023, p. 134).

Donaldo Schüller e Luís Augusto Fischer apresentam, no programa *Folhetim*, comentários variados. No *Ciência em Dia*, agora com espaço diário, são apresentadas matérias na área de psicologia, ciências exatas e outras unidades como: agronomia, informática, etc.

No programa jornalístico apresentado diariamente na Rádio da Universidade, o *Via Brasil*, é aberto espaço para comentários de professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Faculdade de Ciências Econômicas, nas áreas de economia, política e social, destacando a participação efetiva da professora Yeda Rorato Crusius, diretora da Faculdade de Economia. (DIAS, 1991).

O relatório do Jornalismo traz também a programação produzida pelo setor em meados de 1991, com um total de 10 programas (DEPARTAMENTO DE JORNALISMO, 1991b, p. 5-6). O institucional *Universidade é Notícia* tem três edições diárias, em horários fixos (8h, 12h30, 23h15) e uma quarta transmissão incluída ao longo da programação. Nesse programa, há a divulgação de cursos, palestras e demais atividades da UFRGS e de outras universidades e entidades culturais, incluindo, ocasionalmente, entrevistas. O *Jornalismo 1080* tem inserções ao longo da programação, de segunda a sexta-feira, sem horário definido, nem número de edições fixos. Informa os acontecimentos do dia, com textos elaborados a partir da escuta de noticiários. O *Universidade Aberta* vai ao ar às sextas-feiras, das 21h às 21h30, com debates sobre assuntos da atualidade. O *Via Brasil*, substituto do *Trem das Cores*, é veiculado de segunda a sexta-feira, das 18h às 18h30, com informações da área econômica, comentários e música popular brasileira. O *Happy Hour* tem edições de segunda a sexta-feira, das 18h30 às 19h, com a programação cultural da noite, “com intervenções de artistas, promotores culturais, comentários especializados, seleção musical de blues e jazz e pesquisa sobre grandes nomes do gênero”. O *Toque de Arte*, transmitido de segunda a sexta-feira, das 11h30 às 11h45, divulga a agenda artístico-cultural do dia, além da participação de artistas e promotores de eventos. O programa tem ainda quatro pequenas inserções ao longo da programação (pílulas), divulgando espetáculos, cursos, mostras de cinema e concursos na área artístico-cultural”.

No fim de semana, o *Porque Hoje é Sábado* vai ao ar das 11h30 às 12h30, trazendo novidades do cinema, da música, da literatura e das artes plásticas, além de comentários sobre rock (feito por Sergio Stosch, da Programação) e cinema (de Hélio Nascimento, da Programação). O programa traz ainda o roteiro cultural do final de semana, mesclando informações com entrevistas. Já o *Folhetim*, semanal das quartas-feiras, das 21h às 21h30, aborda os lançamentos de livros por meio de notícias e entrevistas, traz comentários especializados de professores do Instituto de Letras e edições especiais em datas comemorativas. O *Ciência em Dia* vai ao ar nas quintas-feiras, das 21h às 21h30, com entrevistas sobre temas científicos, principalmente com professores da universidade, divulgando informações sobre descobertas e atualidades em ciências. O *Latinidade* é transmitido aos sábados, das 16h às 16h45, com pesquisa, informação e

entrevista sobre assuntos ibero-americanos e seleção musical. Os programas são produzidos pela equipe de jornalistas: Ilgo Wink (coordenador), Carmen Ferreira, Claudia Heinzelmann, Ieda Bernardi, Francisca Luiza Colomina, Lauro Dias e Rejane Salvi (DEPARTAMENTO DE JORNALISMO, 1991a, p. 9). Parte dos programas são produzidos com auxílio dos estagiários, como o *Via Brasil*, que é quase inteiramente redigido pelos estudantes (HEINZELMANN, 1991).

Figura 21 - Estúdio improvisado (10 jun. 1991)



O operador de áudio Cláudio Gilberto Padilha (E) e o locutor Leonardo Guimarães na sala transformada em estúdio durante a reforma (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Nesta época, quem produz o *Latinidade*, um dos programas mais longevos da emissora, é a relações públicas da UFRGS Silvia Secrieru, nascida na Venezuela e que veio para o Brasil ainda na juventude. Secrieru (2023) havia sido aluna de Iara Bendati na PUCRS, que a convida para produzir um programa especial sobre o bicentenário de Simón Bolívar, em julho de 1983. Servidora da universidade desde 1974, Secrieru é transferida para a rádio em 1985, assumindo o programa de forma definitiva (SECRIERU, 2023). Ela permanece na produção nas próximas décadas, com exceção de breves períodos em que foi transferida da rádio para outros setores da UFRGS. Inicialmente, o *Latinidade* é apresentado em português. Na gestão de Ilgo Wink, ganha duas versões, uma em português e uma em espanhol, esta última apresentada por Secrieru

(SECRIERU, 2023). Quando a professora Sandra de Deus assume a direção, nos anos 2000, o programa adquire seu formato atual: apresentado exclusivamente pela relações públicas, em espanhol, e aumenta de 30 minutos para uma hora. Além de Secrieru, ao longo dos anos o *Latinidade* é produzido por Iara Bendati, Ieda Bernardi, André Grassi, todos do Jornalismo; e Paulo Busato, da Programação.

As instalações reformadas e os novos equipamentos, incluindo o transmissor estéreo, são inaugurados em 12 de dezembro de 1991, pelo reitor da universidade, Tuiskon Dick (LETRAS..., 1991, p.1). O prédio histórico é inteiramente restaurado, e os dois estúdios – um para transmissões ao vivo e outro para gravações – recebem ar-condicionado e mesa de áudio digitalizada, com tocadores de CD (RÁDIO DA UFRGS..., 1991, p.1). Junto com os novos equipamentos, a Rádio da Universidade informa, por meio do *Boletim UFRGS*, as novidades na programação:

O diretor, Carlos Urbim, preparou um esquema com dois ritmos: um, mais dinâmico, para os dias de semana, outro, voltado para a música, para sábados e domingos. O jornalismo será valorizado na programação de música erudita, sem ferir as tradicionais características da emissora, com quatro edições de notícias sobre a universidade – *UFRGS é Notícia* – e cinco edições de notícias gerais – *Jornalismo 1080*. (RÁDIO DA UFRGS..., 1991, p.1).

Semelhante ao que havia sido sugerido pelo Jornalismo, as obras de maior duração passam a ser veiculadas em períodos específicos, no caso, nos finais de semana. Além disso, todas as peças musicais são introduzidas por um “pequeno comentário para situá-las, seus autores, seus intérpretes. Em determinadas faixas de horário, a programação será, exclusivamente, a *laser*” (RÁDIO DA UFRGS..., 1991, p.1). A reportagem da Assessoria de Comunicação Social ressalta também a volta dos recitais ao vivo e das peças radiofonizadas. A solenidade de inauguração é transmitida ao vivo pela emissora. Além de apresentações da soprano Adriana Zignani, acompanhada de Flávio Oliveira ao piano, e da cantora Marlene Pastro, é apresentada a radiopeça *Dona Juana*, de Carlos Urbim. A iniciativa marca o início das atividades do *Núcleo de Radioteatro* da emissora universitária (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1991; TECNOLOGIA..., 1991).

As produções de radioteatro vão ao ar alguns meses depois, em agosto de 1992, em dois horários: às 11h, com reprise às 22h (RADIONOVELAS..., 1992, p. 19). Para a estreia, em uma segunda-feira, 10 de agosto, o texto escolhido é *Lembranças de América*, do uruguaio Jorge Rein. Nos dias seguintes são apresentadas as peças: *Ana de Salto Alto*, de Sérgio Caparelli; *Dona Juana*, de Carlos Urbim; *Palavra – Série de Trabalhos Literários*, de vários autores; e *Quem Casa Quer Casa*, de Luiz Carlos Martins Penna (RADIONOVELAS..., 1992, p. 19). A reportagem do jornal *Zero Hora* destaca que as radiopeças adotam um formato diferente das radionovelas popularizadas nas décadas de 1940 e 1950:

Ao contrário das antigas radionovelas que exploravam demasiadamente o lado melodramático, os programas feitos pela Rádio da Universidade são curtos, seguindo a estrutura das peças radiofônicas veiculadas na Europa, principalmente na Alemanha. Com duração média de 40 minutos, as radiopeças mobilizam aproximadamente 10 atores – entre eles Bira Valdez, ator, apresentador e diretor da rádio *Sogipa FM*, Mirna Spritzer, atriz e coordenadora da Comissão de Cultura da UFRGS, e Lisa Becker e Sérgio Lulkin, atualmente no elenco da peça *Kalldewaey – a Farsa do Convidado Obsceno*. Mesmo com um tempo tão curto, cada programa leva cerca de um mês para ser concluído, devido à escolha de módulos, montagem de áudio e sonoplastia. (PINHEIRO, 1992, p. 4).

Um dos coordenadores do Núcleo de Radioteatro é o ator Breno Ruschel, que conta à reportagem que o impulso para o projeto foi a realização “de um curso com professores e radiatores alemães que estiveram em Porto Alegre no final do ano passado [1991]” (PINHEIRO, 1992, p. 4). A oficina mencionada por Ruschel é uma iniciativa do Instituto Goethe, que promove um curso ministrado pelo alemão Klaus Mehrländer, diretor de produção da rádio *Westdeutscher Rundfunk (WDR)* (FELTEN, 1992, p. 2). No final de 1992, uma nova oficina é organizada, e um dos resultados é a gravação de *A Descoberta da América*, de Moacyr Scliar. A obra tem participação do Núcleo de Radioteatro, com direção de Bira Valdez (RÁDIO DA UFRGS..., 1992). Depois de ser apresentada no Goethe, em 4 de dezembro, a radiopeça é veiculada pela Rádio da Universidade, no dia 11 do mesmo mês, às 22h (FELTEN, 1992, p. 2; RÁDIO DA UFRGS..., 1992).

Ainda no segundo semestre de 1992, Urbim deixa a emissora e passa a se dedicar à carreira de jornalista e escritor fora da universidade. Influenciada pelo clima de recente redemocratização do país, a definição do novo diretor ocorre por uma eleição entre os integrantes da Rádio da Universidade. A mudança se dá pela iniciativa do professor Helgio Henrique Caseses Trindade, que assume o cargo de reitor em setembro de 1992 e determina que a escolha dos diretores de órgãos auxiliares da universidade ocorra por votação entre os servidores. Até então, havia eleição apenas para o cargo de reitor e de diretor das unidades acadêmicas. Nos órgãos auxiliares, como a Rádio da Universidade, o diretor era indicado pelo reitor¹¹⁰. Quem lembra desse processo é Sergio Stosch, em entrevista para o projeto da PUCRS *Vozes do Rádio*:

¹¹⁰ Segundo Flávio Oliveira (2023), esta não é a primeira eleição para a escolha de um diretor para a rádio. Na saída de Vergara Marques, é realizada uma eleição em que Oliveira é eleito, com uma proposta de uma diretoria tripartite, com representantes da Programação, do Jornalismo e da Administração. Contudo, o reitor na época, Gerhard Jacob, desconsidera a votação (OLIVEIRA, 2023). Curiosamente, o próprio Jacob havia ficado em terceiro lugar na consulta à comunidade universitária para o cargo de reitor, mas o presidente da República, José Sarney, utilizando a prerrogativa legal de nomear qualquer um dos nomes da lista sêxtupla, decide nomeá-lo ao cargo (GIACOMAZZI, 2019, p. 10). O mais votado e primeiro colocado da lista foi o professor da Faculdade de Educação Alceu Ravanello Ferraro, nesta que foi a primeira eleição para reitor da UFRGS (GIACOMAZZI, 2019, p. 10)

Naquela época de 1988, 89, foi uma época tumultuada, de muita discussão dentro da Universidade Federal, foi muito levada em conta as questões de liberdade, democracia, as pessoas todas responderem por seus pontos de vista, então me lembro que uma coisa que o professor Helgio Trindade, que foi reitor [de 1992 a 1996], ele, quando era candidato a reitor junto aos demais candidatos, ele foi o mais votado. Ele pregava junto a todos os funcionários que ele iria fazer um experimento, ele ia fazer um sistema democrático para eleições, porque geralmente são cargos de confiança. Mas o professor Helgio Trindade, na ocasião, achou por bem fazer um sistema democrático com eleições diretas dentro de cada setor, dentro do Planetário, dentro da Editora, enfim, de cada unidade, os próprios funcionários da unidade escolheram o seu diretor. (STOSCH, 201-).

Dois candidatos se apresentam na disputa: Sérgio Stosch, diretor de Programação, e Ilgo Wink, do Jornalismo. De certa forma, a eleição materializa duas visões diferentes que os servidores têm para a emissora. Uma parte entende que deve haver mais espaço para o jornalismo cultural e para outros estilos musicais (ainda que em horários específicos), sendo representados na candidatura de Wink. Outro grupo, defende que o foco siga sendo a música de concerto, como carro-chefe da rádio; esses, são representados por Stosch. A escolha inclui campanha e debate entre os candidatos:

O Ilgo tinha uma proposta boa e tudo, um grande colega e amigo meu, mas a gente tinha pontos de vista um pouco diferentes em algumas questões, então fizemos debates diferentes, nós tínhamos um grupo de funcionários bem maior do que hoje a emissora tem. Naquela época tinha mais de 40. Inclusive os estagiários também iam votar, nós tínhamos os estagiários da UFRGS e tínhamos dois estagiários aqui da PUC. Enchia a sala para a gente fazer as discussões, os debates. (STOSCH, 201-).

Figura 22 - Pesquisa IBOPE (jun. 1992)

RÁDIO AM - RIO PORTO ALEGRE - PERFIL DA AUDIÊNCIA - JUNHO/92 - T.O.N. - #34/200																		
	TOTAL	SEXO	CLASSE SOCIAL	FAIXA ETÁRIA							ATIVIDADE	INSTRUÇÃO						
		MASC	FEM	A	B	C	D	10/14	15/19	20/24	25/29	30/39	40 E+	ATIVOS	INATIVOS	1	2	3
SENIORAS	ABSOLUTOS	% PART.																
UFARROQUELIM	76.900	42,11	35	45	0	23	69	3	3	5	11	21	58	18	42	79	28	0
IGUAÇUA	29.300	16,43	72	28	34	38	28	1	1	4	8	28	66	64	36	39	43	13
CAICARA	21.700	11,97	39	61	7	19	75	0	6	4	18	21	51	44	56	84	15	1
11120	16.600	9,40	45	55	15	23	62	5	9	7	22	19	38	63	37	78	18	4
PRINDESA	18.600	10,39	36	78	6	29	65	7	13	18	9	16	36	59	47	63	26	1
IGUAIBA	9.700	5,39	58	42	47	26	25	1	4	3	14	14	74	63	37	38	22	34
ESPERANCA	4.800	2,63	38	78	1	25	74	8	4	15	6	23	53	57	43	88	10	2
PANPA	4.300	2,37	37	63	19	55	26	0	2	0	4	16	78	43	57	38	65	5
ITAI	1.900	1,05	19	81	0	27	73	6	6	6	22	11	55	37	63	98	4	6
CAPITAL	1.900	1,05	41	59	8	18	82	0	13	1	6	51	29	73	27	73	27	0
PROGRESSO	1.700	0,92	42	58	16	45	39	6	8	9	4	23	59	53	47	59	41	0
BOAVENTURA	1.000	0,53	38	62	49	24	27	0	4	0	7	0	81	75	25	31	36	32
UNIVERSIDADE	0.500	0,26	67	33	43	46	15	0	0	11	0	24	45	57	43	18	41	49
CHADORELA	0.500	0,26	84	16	9	33	67	0	0	0	0	47	53	63	37	95	5	0
RECORD	0.200	0,13	89	11	73	11	16	16	0	0	0	11	73	58	0	16	84	0
S.ALEPOLO	0.200	0,13	44	56	0	56	44	25	0	0	56	0	19	75	25	41	56	0
REAL	0.000	0,00	0	100	100	0	0	0	0	0	0	0	100	0	100	0	0	100
WYLE GRAMA	0.000	0,00	0	100	0	0	100	0	0	0	0	0	100	100	0	100	0	0
EDUCADORA	0.000	0,00	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TIPI	0.000	0,00	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
OUTRAS	0.500	0,26	100	0	0	41	59	0	27	0	0	0	73	53	47	100	0	0
NAO LEMBRA	0.000	0,00	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

NIVEL DE INSTRUÇÃO: 1 - ATÉ 5ª. GRAM INCOMPLETO - 2 - 5ª GRAM COMPLETO ATÉ SUPERIOR INCOMPLETO - 3 - SUPERIOR COMPLETO

Rádio da Universidade figura em 13º lugar entre as emissoras AM
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Ao final, Stosch sai vitorioso da disputa, em votação realizada em 30 de setembro de 1992 (VOTAÇÃO..., 1992). A eleição, que ocorre em meio ao processo de discussão de um novo estatuto para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é registrada pelo jornal *Zero Hora*. Dessa forma, Stosch assume a direção da emissora, da qual faz parte desde 1970. Além da rádio universitária, ao longo da sua carreira, atua em veículos comerciais como a *Difusora*, *Gaúcha* e *Guaíba*. Depois de se formar em jornalismo, em 1987, torna-se professor dos cursos de Jornalismo da UFRGS e PUCRS, em 1988 e 1989, respectivamente (STOSCH, 201-).

Figura 23 - Folder de divulgação (out. 1993)

RÁDIO DA UNIVERSIDADE AM1030 10-2 Programação com Arte			RÁDIO DA UNIVERSIDADE AM1030 10-2 Programação com Arte		
Segunda a Sexta-feira	TOQUE DE ARTE a sua agenda cultural de todos os dias	12h	Sábado	PORQUE HOJE É SÁBADO o melhor para seu fim-de-semana	12h
	VIA BRASIL informação com arte	12h15min 18h		OSSOS DO OFÍCIO o mercado de trabalho na análise da Universidade	13h
	HAPPY HOUR a noite de Porto Alegre e a música para o fim de tarde	18h30min		LATINIDADE a cultura latino-americana	16h
Segunda- feira	CINEMA DE SEGUNDA A SEGUNDA o roteiro cinematográfico da semana	7h30min reapresentação às 13h		A HORA DO JAZZ	19h
	POR VOLTA DO MEIO- DIA rádio-revista de alunos para alunos	12h35min		ATENENDO O OUVINTE solicitações musicais	20h
	AMBIENTE EM CRISE ecologia e meio ambiente	21h	Domíngo	UMA ÓPERA POR SEMANA	14h
Terça-feira	SAÚDE NO AR Medicina e Saúde	21h reapresentação sábado, às 10h		PAINEL MUSICAL as grandes obras musicais	21h
	LETRA E MÚSICA a música e a literatura	22h	MÓDULOS INFORMATIVOS EDIÇÕES DIÁRIAS Em Dia com a Ciência Jornalismo 1080 Literatura Universidade é Notícia a sua agenda de cursos, concursos e atividades culturais		
Quarta-feira	FOLHETIM o espaço da literatura	21h	INTERCÂMBIOS Rádio Deutsche-Welle . Música de Interfúdio BRASPOL . A Hora Polonesa		
Quinta-feira	CIÊNCIA EM DIA a pesquisa científica	13h	MÚSICA ERUDITA música de todas as épocas da história transmitida diariamente na Rádio da Universidade, a emissora pioneira das rádios universitárias no país.		
	UNIVERSIDADE ABERTA entrevista e debate	21h	Reitor Hélgio Trindade		
Sexta-feira	PERSPECTIVA o espaço urbano e a arquitetura	21h quinzenal	Pró-Reitora de Extensão Ana Maria de Mattos Guimarães		
			Diretora do Departamento de Difusão Cultural Clarice Aquistapace		
			Diretor da Rádio da Universidade Sérgio Stosch		

Material destaca a programação da emissora (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Sob a direção de Stosch, em agosto de 1993 a Rádio da Universidade é destaque em uma publicação de *Zero Hora* que aponta “o melhor da Capital dos gaúchos” (UMA ELEIÇÃO..., 1993, p. 8-9). A votação foi realizada por um grupo de 39 pessoas, como o músico Frank Solari, o escritor Luis Fernando Veríssimo, a diretora do Teatro São Pedro, Eva Sopher, e o artista plástico Iberê Camargo. A emissora da UFRGS é escolhida como a melhor rádio:

Não tem comerciais, não tem locutores estridentes, tem música clássica, tem programas especiais, tem jazz e MPB e é feita com o nosso dinheiro. Assim sendo, é normal que a Rádio da Universidade tenha sido eleita a melhor de Porto Alegre. A Rádio Gaúcha subiu ao pódio: ficou em 2º, só três votos atrás. (UMA ELEIÇÃO..., 1992, p. 9).

Apesar da distinção, os números de uma pesquisa Ibope de junho de 1992 apontam que a emissora possui uma média de 500 ouvintes por minuto, que representam 0,26% do público ouvinte em AM. Assim, a emissora figura em 13º lugar na preferência do público, consideradas apenas as 20 emissoras em ondas médias presentes do levantamento.

Seguindo o processo de modernização da emissora, no mês de maio de 1994 é instalado um novo transmissor reserva, com 1kW de potência (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). A aquisição configura mais um passo em direção à ampliação do horário de transmissão, com o objetivo de atingir as 24 horas diárias, já que, desde 1980, as emissões começam às 7h e se encerram à meia-noite (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1994, p.6). A disponibilização de um transmissor com no mínimo 10% da potência nominal da rádio é uma exigência do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) para as emissoras com funcionamento ininterrupto (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1994, p.6).

Figura 24 - Folder de divulgação (out. 1995)

RÁDIO DA UNIVERSIDADE FM 1080 MHz Programação com Arte		RÁDIO DA UNIVERSIDADE FM 1080 MHz Programação com Arte				
Segunda a Sexta-feira	PORTO ALEGRE, 223 ANOS DE HISTÓRIA	11h	ARTVÍDEO o guia do vídeo	12h15min	Sexta-feira	
	TOQUE DE ARTE a sua agenda cultural de todos os dias	12h	POR VOLTA DO MEIO-DIA rádio-revista de alunos para alunos	12h35min		
	JORNALISMO 1080	12h15min	PERPECTIVA o espaço urbano e a arquitetura	21h quinzenal		
	VIA BRASIL informação com arte	18h	PORQUE HOJE É SÁBADO a melhor para o seu fim-de-semana	12h		Sábado
	HAPPY HOUR a noite de Porto Alegre e a música para o fim de tarde	18h30min	LATINIDADE a cultura latino-americana	6h		
Segunda-feira	CINEMA DE SEGUNDA A SEGUNDA o roteiro cinematográfico da semana reapresentação	7h30min às 13h	A HORA DO JAZZ	19h	Domingo	
	AMBIENTE EM CRISE ecologia e meio ambiente	21h	ATENDENDO O OUVINTE solicitações musicais	20h		
Terça-feira	COISA DE CRIANÇA a literatura infantil	12h15min	UMA ÓPERA POR SEMANA	14h	Domingo	
	SAÚDE NO AR Medicina e Saúde, reapresentação, sábado	21h às 10h	PAINEL MUSICAL as grandes obras musicais	21h		
	LETRA E MÚSICA a música e a literatura	22h	MÓDULOS INFORMATIVOS Em dia com a Ciência, Jornalismo 1080, Universidade é Notícia	MÓDULOS LITERÁRIOS Poeta por Poeta, Literatura, Palavra		
Quarta-feira	FOLHETIM o espaço da literatura	21h	INTERCÂMBIOS Rádio Deutsche-Welle. Música de Interlúdio, MÚSICA ERUDITA		EDIÇÕES DIÁRIAS	
Quinta-feira	CIÊNCIA EM DIA a pesquisa científica	13h	música de todas as épocas da história transmitida diariamente na rádio da universidade a emissora pioneira das rádios universitárias no país			
		UNIVERSIDADE ABERTA entrevista e debate	21h			
RÁDIO DA UNIVERSIDADE: 24 HORAS DIÁRIAS NO AR			RÁDIO DA UNIVERSIDADE: 24 HORAS DIÁRIAS NO AR			

Material destaca a programação da emissora (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Em 1995, no mês de agosto, os setores da Rádio da Universidade passam a contar com computadores, em substituição às máquinas de escrever (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). Paulatinamente, as fitas cassete vão sendo substituídas pelo armazenamento digital (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023). Com a digitalização, a emissora atinge as condições para as transmissões ininterruptas, que começam em novembro. O período da madrugada é destinado exclusivamente à música de concerto (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1994, p. 1). Neste período, 68% da programação é musical (RÁDIO DA UNIVERSIDADE..., 1994, p. 1).

A programação faz parte da divulgação da Rádio da Universidade na Feira do Livro de Porto Alegre. Desde o final dos anos 1980, a emissora faz a cobertura do evento literário, por meio do programa *Tempo de Livro*, precursor do *Estação dos Livros*. O programa começa com reportagens no evento, inicialmente produzidas por estudantes de jornalismo da UFRGS, sob a coordenação dos professores Carlos Urbim e Ricardo Schneiders. Depois, passa a ser produzido pela jornalista da rádio Rejane Salvi, em formato semelhante. Em 1990, ocorre a primeira transmissão do programa ao vivo, da Praça da Alfândega, com duração de uma hora (MOREIRA, 1997, p. 8). O programa segue sendo produzido com o apoio de estagiários e, eventualmente, por meio de parcerias com o curso de Jornalismo da UFRGS, e sob coordenação de Rejane Salvi até meados dos anos 2000, quando o comando passa para Claudia Heinzelmann (HEINZELMANN, 2023). A cobertura da rádio no evento rende o prêmio de reportagem da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), em 1995; além do Açorianos de Literatura, categoria “melhor trabalho de mídia em rádio”, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre; e o Amigos do Livro, da Câmara Rio-Grandense do Livro, ambos em 1998.

O período na direção de Sérgio Stosch chega ao final em setembro de 1997, quando o jornalista se aposenta no serviço público federal. A decisão é motivada principalmente pelos projetos de reforma do governo Fernando Henrique Cardoso em relação aos servidores:

Em 1997, havia muitos boatos de que funcionários públicos, com as novas leis do governo de Fernando Henrique Cardoso, nós poderíamos perder muitos direitos. [...] O final dos anos 90 foi uma enxurrada de professores e funcionários com um bom tempo de serviço que se aposentaram do serviço público federal. (STOSCH, 201-).

Nas décadas de 1980 e 1990, a política governamental em relação ao serviço público impacta de forma importante na Rádio da Universidade, com reflexos inclusive na sua programação, por meio de duas questões, de certa forma, relacionadas: a redução de pessoal e os movimentos grevistas.

A redução da equipe ocorre principalmente pelas aposentadorias e pela falta de reposição de pessoal: de 1986 a 1991, quatro locutores e cinco operadores se aposentam e não são

substituídos (WOLFF, 1992, p. 35). Assim, em 1992 a Rádio da Universidade tem apenas três locutores (um contratado); apenas um operador do quadro, sendo que os demais são terceirizados; e seis jornalistas (A EMISSORA..., 1992, p. 10). Ademais, um operador, um jornalista e servidores da Programação já somam tempo de serviço para aposentadoria e podem deixar a emissora em breve (A EMISSORA..., 1992, p. 10). Logo, em 1999, os jornalistas são apenas cinco (WINK, 1999).

A falta de reposição das aposentadorias e a extinção de cargos no serviço público federal são motivos de greves no período. Conforme o Sindicato dos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS, UFCSPA e IFRS (ASSUFRGS Sindicato), somente nos anos 1990 ocorrem cinco movimentos paredistas: em 1991, 1994, 1995, 1997 e 1998. A equipe da rádio participa de muitos desses movimentos, conforme lembra a jornalista Claudia Heinzelmann:

A gente fazia cobertura de todos os eventos da UFRGS, inclusive as greves. A rádio sempre foi muito atuante. Então, se era greve, a gente tocava os discos dos gatinhos. [...] Era uma coleção de músicas de concertos populares [*os movimentos mais populares de músicas de concerto mais conhecidas*], e tinha uns gatinhos na capa. Então a gente dizia “greve, toca os gatinhos”. Porque eram obras conhecidas e não precisava de anúncio e desanúncio, porque tu podes até não lembrar do nome [*da música*], mas tu conheces. (HEINZELMANN, 2023).

Heinzelmann (2023) recorda que a adesão ao movimento é decidida de forma coletiva, em reuniões de toda a equipe, por meio de votação. Os operadores de áudio não participam porque são contratados e, portanto, não fazem parte do quadro de servidores da universidade. Dessa forma, são os que mantêm a rádio no ar. A programação nesses períodos é basicamente musical, sem locução, com inserções do jornalismo, exclusivamente com reportagens e entrevistas sobre a greve. Apesar de a decisão ser coletiva, os servidores podem escolher não aderir. Heinzelmann (2023) conta que uma das jornalistas, que geralmente não adere à greve, vem diariamente à rádio e redige os seus programas que, no entanto, não vão ao ar, porque os locutores estão parados. Há um acordo de que, mesmo quem não participa do movimento, não descaracteriza a paralisação dos demais. A prática se modifica ao longo dos anos 2000, quando adesão às greves não atinge mais a quase totalidade dos servidores, tornando-se possível manter a programação, ainda que modificada (HEINZELMANN, 2023).

Com a saída de Stosch, quem assume a direção em outubro de 1997 é Ilgo Wink, escolhido por aclamação entre os servidores (WINK, 2023). O jornalista estava na emissora desde 1984, tendo, nos anos seguintes, assumido a função de chefe do Jornalismo. Além da Rádio da Universidade, Wink atuou em veículos como *Correio do Povo*, *Folha da Tarde*, Rádio Guaíba e TV Bandeirantes (WINK, 2023b). Como diretor, introduz mudanças na programação, em uma perspectiva

de buscar novos públicos, sem perder os ouvintes fiéis da emissora, apreciadores da música de concerto:

Eu tinha um projeto de melhorar a rádio, de abrir a rádio. Eu achava que a rádio estava parada no tempo. E que era abrir a rádio? Era abrir para outros gêneros musicais, dar mais força, fazer uma programação mais arejada. Sem alterar o essencial, que é a música erudita. (WINK 2023).

Quando Wink assume a direção, a emissora está prestes a completar 40 anos. Para o novo diretor, é a oportunidade de divulgar a Rádio da Universidade. Uma das iniciativas foi espalhar 15 outdoors pela cidade, com patrocínio do Governo do Estado (WINK, 1999). A comemoração das quatro décadas conta com uma série de atividades, incluindo uma Sessão Especial na Câmara de Vereadores, proposta pelo vereador Lauro Hagemann, um concerto da Ospa e um da Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro, além de um programa ao vivo na emissora. Esse programa é transmitido direto do estúdio da rádio, das 8h às 22h (WINK, 2023). Ainda como parte das comemorações, em 23 de novembro Moacyr Scliar dedica sua coluna no jornal *Zero Hora* à Rádio da Universidade, sob o título *Nas ondas de uma pequena rádio*:

Éramos colegas de turma, na Faculdade de Medicina, e sempre que saíamos da Santa Casa, o Ivo Nesralla me dava carona. No início em um Fusca, depois em um Mercedes branco, a rotina era sempre igual: mal entrávamos, ele sintonizava a Rádio da Universidade. Não nos interessavam as notícias do dia: queríamos ouvir Mozart e Beethoven. (SCLYAR, 1997, p. 3).

Figura 25 - Sessão Especial na Câmara de Vereadores (14 nov. 1997)



Lauro Hagemann (E), vereador e ex-funcionário da rádio, discursa durante sessão em homenagem aos 40 anos da emissora universitária. À sua esquerda, o diretor, Ilgo Wink. (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Para o novo diretor, uma das maneiras de colocar mais programas na grade é por meio da contratação de produtores especializados, pagos com verbas angariadas por apoio cultural (WINK, 2023). É assim que, em 18 de dezembro de 1997, a rádio universitária passa a transmitir *Tangos en la Noche*, apresentado por Roque Araújo Vianna, de segunda a sexta-feira, às 20h (EMBAIXADOR...,1998). Ao chegar à Rádio da Universidade, o programa já soma 20 anos no ar, veiculado pela Rádio Princesa, e havia sido encerrado porque a emissora fora desativada poucas semanas antes (EMBAIXADOR...,1998). Além do tango, são incluídos, em março de 1999, também por meio de apoio cultural, os programas *Terra Brasilis*, de MPB; *Choro, Chorinho e Chorões*; e *Hora do Jazz* (WINK, 1999; 2023).

Como diretor, Wink procura incluir mais programas, não apenas com o objetivo de diversificar a programação, mas com a finalidade de também garantir que não sejam programadas peças musicais muito longas, com mais de uma hora de duração. Na visão do jornalista, poucos ouvintes vão permanecer parados, ouvindo uma emissora por um período demasiado longo (WINK, 2023). O diretor implementa essa diretriz “mudando o horário das notícias do jornalismo. Na parte das notícias da UFRGS, de hora em hora tinha notícia para colocar. Aí picotava a programação, não tinha como botar música comprida” (WINK, 2023). Para Wink, a rádio deve ser “verdadeiramente cultural, com programação cultural, claro, dentro da realidade, mantendo noticiosos sobre o que está acontecendo no mundo” (WINK, 2023). A escolha por privilegiar a cultura ocorre não apenas por ser uma emissora universitária, mas também um nicho possível de ser explorado pela rádio, que a diferencia dos veículos comerciais. Outra mudança adotada é em relação à apresentação dos programas:

O Ilgo chega na direção e resolve dar esse espaço maior, mais participação para o jornalismo, e aí foi nos testando a fazer locução, eu [...] fiquei muito nervosa e não consegui fazer a locução, então eu só comecei a fazer mesmo a locução quando a Sandra de Deus assumiu. (HEINZELMANN, 2023).

No final de 1997, os especiais sobre o vestibular da UFRGS são destacados pelo jornal *Zero Hora*. O programa é apresentado por Giancarla Brunetto, jornalista da rádio, e Leandro Motta (PROGRAMA..., 1998, p. 45).

A Rádio da Universidade está levando ao ar, de segunda a sexta-feira, o programa *Cursos e Profissões*, das 14h às 14h30. Nesse horário, a emissora apresenta entrevistas com professores de várias faculdades da UFRGS, que dão informações sobre a situação do mercado de trabalho e sobre currículos dos cursos oferecidos pela instituição. Basta o ouvinte sintonizar a rádio nos 1080 kHz AM. O programa será transmitido até o próximo dia 2 de janeiro. (PROGRAMA..., 1998, p. 45)

O vestibular é um período que movimenta a emissora, não somente na cobertura do evento. Em uma época anterior ao surgimento e popularização da internet, o aguardado listão dos aprovados só pode ser consultado de forma presencial, no prédio da Reitoria, ou no jornal do dia seguinte. Para antecipar a informação para quem está longe, a rádio faz a leitura de todos que passaram na prova, logo após a publicação do resultado. Ano após ano, a equipe monta uma operação especial, que inclui jornalistas e locutores se alternando para ler a longa listagem e, ainda, servidores para atender o telefone e dar a notícia para estudantes e familiares ansiosos:

A gente ia lendo, e aí ia trocando, a cada meia hora saía dois e entrava mais dois. Lia um pedaço, outro lia outro pedaço, para ter fôlego. E duas pessoas ficavam no telefone, porque as pessoas do interior ligavam para saber se o filho tinha passado[...]. [A pessoa perguntava]: “Pode ver aí se a Cláudia passou?” e a gente dizia, “Passou!”. Era tão legal. E, às vezes: “Puxa, não passou...” [...], daí dava aquela choradeira. (HEINZELMANN, 2023).

Carlos Urbim também recorda desse momento como algo marcante para a emissora:

Acho que todo mundo que trabalhava na rádio se envolvia nisso. Era um momento especial para todos os funcionários, aqueles em que a gente saía na frente dando a lista dos aprovados no vestibular da UFRGS. E, com toda emoção, a gente atendia o serviço telefônico para dar o nome que ainda não chegou. Recém estava na letra D e alguém queria saber um candidato da letra R. E a gente ia, com o maior prazer, e via feliz da vida se o nome estava na lista para dizer para a família que “não deu o nome ainda, mas, pode crer, espera aí que ele está aprovado”. (URBIM, 2007).

No mês de março de 1998, a emissora passa a transmitir também pela internet, a partir de acesso pelo site da rádio, em funcionamento desde setembro de 1997. Segundo a estação universitária, é a primeira emissora de Porto Alegre a disponibilizar áudio streaming ao vivo (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023).

No último aniversário da Rádio da Universidade da década, a produção jornalística em divulgação científica é reconhecida no 3º Prêmio da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS) e Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI) de Jornalismo e Divulgação Científica. A emissora leva o prêmio na categoria de divulgação científica com a série *Câncer, o Mal do Século*, dentro do programa *Ciência e Tecnologia*. As sete edições são produzidas pelo Departamento de Jornalismo e apresentadas por Wink e Giancarla Brunetto. A série aborda as causas, formas de prevenção, tratamentos, pesquisas no campo, contando com a participação de médicos, oncologistas, psiquiatras e pessoas que convivem com a doença (EVANGELISTA, 1999). Assim, a década termina com boas perspectivas para a emissora universitária que, apesar dos problemas de recursos, consegue se modernizar e incrementar a programação a partir do esforço da equipe de funcionários e do reforço garantido por meio dos apoios culturais.

4.6 A emissora universitária oscila entre a diversidade de conteúdo e a segmentação (2000-2010)

No início dos anos 2000, o Partido dos Trabalhadores (PT) chega à presidência da República. São oito anos de mandato de Luiz Inácio Lula da Silva e seis de sua sucessora, Dilma Rousseff, que tem seu segundo período no governo abreviado por um impeachment, em 2016, no início de uma crise que vai se estender pelos próximos anos no país.

No contexto da radiofonia, a década se insere na fase da *convergência*, conforme periodização de Ferraretto (2012, p. 17-18), em que os *pontos de corte* do início desse período são a telefonia celular (começo dos anos 1990) e a internet comercial (1995). Cada vez mais, não se ouve rádio apenas pelas ondas hertzianas, mas também pela internet.

Em relação às emissoras não comerciais, Valci Zuculoto (2012, p. 203) situa os anos 2000 como o início da *quinta fase*, de busca por um *sistema de radiodifusão pública*. O debate sobre o sistema público de rádio brasileiro se intensifica, bem como a tentativa de uma diferenciação e uma definição sobre as emissoras públicas e as estatais.

4.6.1 Brasil: O Partido dos Trabalhadores chega ao governo

Após quatro disputas presidenciais, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito para o posto máximo da República em outubro de 2002. Por 61% a 39% dos votos, vence, no segundo turno, José Serra, candidato da aliança entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB):

O candidato do PT conseguiu agregar um novo contingente de eleitores ao seu eleitorado fiel que já o havia sufragado em 1989, 1994 1998. O novo contingente era composto por amplos setores da classe média, que se haviam mostrado receosos em votar no candidato do PT nas eleições anteriores. Lula soube atraí-los desta vez. Além da redução do temor ao candidato do PT, pesou também, a favor de Lula, a baixa popularidade do governo de FHC ao final do seu segundo mandato. No ano da eleição, o seu índice de aprovação girava em torno de 30%. (FAUSTO, 2023, p. 522-523).

O historiador Boris Fausto (2013, p. 524) destaca que o governo Lula se inicia no dilema de, por um lado, atender às expectativas de mudança daqueles que há anos votavam e militavam pelo partido. Por outro, necessita vencer os temores do mercado financeiro e de parte da sociedade em relação a mudanças radicais, além de garantir a estabilidade econômica alcançada no governo anterior. A busca desse equilíbrio se materializa, por exemplo, na escolha dos nomes dos ministérios. Nomes do PT e sindicalistas vão ocupar postos-chave como a Casa Civil, com o ex-líder estudantil e quadro do partido José Dirceu; e o Ministério do Trabalho, com a

liderança do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Marinho. Ao mesmo tempo, a presidência do Banco Central fica a cargo de Henrique Meirelles, executivo das altas finanças eleito senador pelo PSDB e que se desfilia do partido para assumir o posto; e para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento é indicado Roberto Rodrigues, conhecido líder do agro-negócio (FAUSTO, 2013, p. 525).

No plano econômico, o governo Lula garante a retomada do crescimento econômico, que se reflete no aumento de postos de trabalho. Em outubro de 2010, a taxa de desemprego é de 6,1%, o menor patamar registrado até então (CURADO, 2011, p. 93). A taxa de extrema pobreza e de pobreza também caem, assim como o nível de desigualdade social:

Os avanços na distribuição da renda e na queda da pobreza devem ser creditados a inúmeros fatores. No entanto, parece evidente que a retomada do crescimento econômico e a ampliação do mercado formal de trabalho desempenharam um papel relevante. O mesmo deve ser dito sobre a política de transferência de renda encabeçada pelo programa Bolsa Família e pela política deliberada de elevação do salário mínimo real. Sobre o programa Bolsa Família, vale a pena ressaltar que o programa beneficiou 12,7 milhões de famílias em 2010 e injetou na economia (dada a baixa propensão a poupar destes beneficiados) em torno de 13 bilhões de reais. (CURADO, 2011, p. 93-94).

O Bolsa Família é criado a partir da unificação de programas de transferência de renda criados nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso. Porém, o governo petista vai além, ampliando significativamente o número de beneficiados (de aproximadamente 4 milhões em 2002, para 12 milhões em 2009), aumentando o valor dos benefícios e estendendo o apoio a famílias com jovens de 15 a 17 anos, desde que matriculados na escola (FAUSTO, 2013, p. 534). Outro programa de destaque é o Minha Casa Minha Vida, voltado a facilitar a aquisição da casa própria por famílias de baixa renda.

No entanto, o governo vai ser abalado por escândalos como o *mensalão*, que se inicia a partir da denúncia do até então aliado do governo, o deputado federal do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) Roberto Jefferson. Em junho de 2005, o parlamentar denuncia que o governo petista, sem o conhecimento do presidente, vem subornando deputados mediante pagamentos mensais, com o objetivo de alcançar a aprovação de projetos do interesse do governo (FAUSTO, 2013, p. 536). Apesar da repercussão negativa, a crise política é manejada e não impede a reeleição de Luiz Inácio da Silva em outubro de 2006 (FAUSTO, 2013, p. 536). Neste ano, o recém-criado Partido Socialismo e Liberdade (Psol) disputa a primeira eleição, com Heloísa Helena se candidatando à presidência. O partido surge de uma dissidência do PT, causada pela insatisfação com os rumos do governo, considerado muito ao centro (GIÚDICE, 2019, p. 77). O estopim para essa ruptura acontece já em 2003, no contexto da aprovação da reforma da previdência do serviço público federal, quando deputados

petistas são expulsos do partido por votarem contra o projeto do governo; são eles: Heloísa Helena, Luciana Genro, João Fontes e João Batista Araújo (GIÚDICE, 2019, p. 77).

Uma das bandeiras do governo Lula é a educação, com destaque para as universidades públicas “que haviam sido preteridas e desprestigiadas durante o governo FHC” (CARVALHO, 2014, p. 219). No primeiro mandato, o Programa de Expansão Fase I promove concursos públicos para a nomeação de 7.668 docentes e 4.717 técnico-administrativos em educação (CARVALHO, 2014, p. 220). Em 2008, é lançado o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como objetivos principais reduzir as taxas de evasão e aumentar as vagas nas universidades, em especial, no período noturno (CARVALHO, 2014, p. 220). Na UFRGS, o Reuni garante, entre 2008 e 2014, o ingresso de 1.262 docentes e técnico-administrativos em educação, a criação de 1.200 novas vagas na graduação, a aprovação de 16 novos cursos (metade noturnos), além da melhoria dos restaurantes universitários, casas de estudante e bibliotecas (UFRGS, 2023). Por meio do programa, são criados campi das universidades federais em cidades do interior do Brasil, no sentido de expandir a educação superior. A assistência estudantil é reforçada, com mais verbas destinadas para este fim, viabilizadas pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) (CARVALHO, 2014, p. 231). Em comparação com o governo anterior, os oito anos de governo Lula representam “um acréscimo médio anual de 6,6% nas despesas com as IFES, enquanto no período FHC houve queda de 0,5%” (CARVALHO, 2014, p. 231).

Destaca-se ainda a criação de um sistema de reserva de vagas nas instituições federais de educação superior para estudantes negros, indígenas, de baixa renda e egressos de escolas públicas. A política de ações afirmativas começa a ser discutida no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, mas a lei que implementa a mudança é aprovada somente em 2012 (CARVALHO, 2014, p. 229). Parte das universidades adota as cotas antes da aprovação da lei federal, por meio de decisões dos Conselhos Universitários. Na UFRGS, a política de ações afirmativas é aprovada em 29 de junho de 2007 e implantada em 2008 (UFRGS, 2023).

4.6.2 Rádio da Universidade: diferentes visões sobre o papel da emissora universitária

No início de 2000, o diretor da rádio, Ilgo Wink, segue com as ações buscando aumentar a audiência e atrair novas parcelas do público. Um dos segmentos buscados é o de candidatos ao vestibular da universidade, com 46.522 inscritos (COPERSE, 2000). A

promoção da Rádio da Universidade é feita por meio do manual do candidato, onde estão listadas as 10 razões para ouvir a emissora, entre elas: a sua programação cultural; a cobertura do vestibular, incluindo a divulgação do listão dos aprovados; e as informações sobre a universidade (UNIVERSIDADE, 1999, p. 42). A rádio também planeja e busca fundos para o reparo da sua sede. A iniciativa faz parte de um projeto da universidade, lançado em 29 de julho 1999, durante o mandato da professora Wrana Panizzi, de restauração de 12 prédios históricos, construídos entre 1900 e 1928 e situados no atual Campus Centro – com exceção da Escola de Agronomia e Veterinária, na avenida Ipiranga (MELO, 1999, p. 56). As arrecadações são realizadas por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, ou Lei Rouanet (nº 8.313/91), permitindo às pessoas físicas e jurídicas descontarem o valor doado do imposto de renda devido (SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2023). Por meio de convênio assinado em 29 de setembro, a Prefeitura de Porto Alegre faz a doação de 150 mil reais para a emissora que, em retorno, abre espaço para um programa produzido pela coordenação de comunicação da prefeitura, divulgando a agenda cultural, esportiva, de turismo e lazer da capital (PREFEITURA..., 2000).

No 43º aniversário da rádio, a novidade é a inauguração de um pequeno auditório no estúdio principal, a partir da doação de 16 poltronas que eram utilizadas no Guion Center Cinemas. A mudança possibilita que o público acompanhe a programação presencialmente, em programas especiais (WINK, 2023). Nos meses seguintes, o estúdio-auditório é utilizado pelo *Programa Paulo Pinheiro*, que recebe intérpretes de MPB e música popular internacional; pelo *Contaria do Bolero*, dedicado ao bolero e a outros ritmos latino-americanos; e pelo *Programa Flávio Oliveira*, com convidados da área da música de concerto, inclusive professores e alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Todos são apresentados ao vivo e com plateia (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2001).

Em 2000, a programação comemorativa do aniversário da emissora tem como tema *Revivendo os velhos tempos*, uma alusão aos programas de auditório da fase do espetáculo radiofônico. Com transmissão ao vivo das 10h às 18h30 do dia 17 de novembro, a emissora traz como primeira atração uma radionovela assinada por Jayme Copstein e interpretada por radioatores como Cândido Norberto, Enio Rockenbach, Ernani Behs, Jane Macedo, Nelson Cardoso, Pedro Amaro e Roque Araújo Vianna (RÁDIO..., 2000). A reedição de uma radionovela feita ao vivo e com o público presente é acompanhada pela reportagem do *Jornal do Almoço*, da RBS TV. A programação conta também com diversas apresentações musicais de estilos variados, que incluem chorinho, jazz, MPB, tango e, claro, a música de concerto.

Além disso, por meio de verbas angariadas via apoio cultural, a emissora produz materiais de divulgação, como este marcador de página com sua programação, destacando a rádio 24 horas no ar e sua “viagem cultural pelos 1.080 AM”:

Figura 26 - Marcador de página (2000)

RÁDIO DA UNIVERSIDADE
24 horas no ar

UFRGS
cultura e informação desde 1957

PRO-REITORIA DE EXTENSÃO

A RÁDIO DA UNIVERSIDADE recebeu os prêmios:
Prêmio Apoiadores de Literatura - Melhor Mídia em Rádio/98
Prêmio Amiga do Livro/98
Prêmio AMRIGS/ARI/99 de Divulgação Científica

Rua Sarmento Leite, 426 - CEP 91046-900 - Porto Alegre - RS
Fones: (051) 316.3274 - 316.3435 - Fax: (051) 223.5047
http://www.ufrgs.br/radio e-mail: radio@oport.ufrgs.br

RÁDIO DA UNIVERSIDADE
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO

PROGRAMAÇÃO

Segunda
13h Cinema de Segunda a Segunda
18h05 Universidade Revista
18h35 Happy Hour
20h Tangos en la Noche
21h Conheça a UFRGS

Terça
13h Choro, Choro e Choro
18h05 Universidade Revista
18h35 Happy Hour
20h Tangos en la Noche

Quarta
13h Terra Brasilis
15h Programa Flávio Oliveira
18h05 Universidade Revista
18h35 Happy Hour
20h Tangos en la Noche
21h Folhetim
22h Programa Flávio Oliveira

Quinta
13h Projeto FAMECOS
18h05 Universidade Revista
18h35 Happy Hour
20h Tangos en la Noche
22h A Música do Século XX

Sexta
13h Por Volta do Meio-Dia/FABICO
18h05 Universidade Revista
18h35 Happy Hour
20h Tangos en la Noche
20h30 Lançamentos

Sábado
09h Música de Interjúdio/
Deutsche Welle
11h Terra Brasilis
12h Conversa de Jornalista/ARI
13h A Música do Ouvinte
16h Latitudes
17h Choro, Choro e Choro
19h A Hora do Jazz

Domingo
12h Portugal em Foco
16h Cocorotós Raros/Deutsche Welle

INFORMATIVOS DIÁRIOS
Universidade Notícias 09h-14h-16h-23h
Em Dia com a Ciência 13h
Jornalismo 1.080 18h
Jovem de Arte 10h-15h-20h30
UFRGS em Revista 12h-17h

APOIO CULTURAL
Programa UFRV, GABE, ARMA, UFRGS

Casa de Artes Daka

UNIBANCO

Frente e verso de marcador de página com a programação da emissora
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Os programas ao vivo no auditório seguem sendo realizados ao longo de 2001, especialmente no aniversário da emissora. Nos seus 44 anos, o tema escolhido é *Tributo à Paz Mundial*, uma referência aos ataques terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos (EUA) e à

guerra no Afeganistão. O programa da emissora é apresentado ao vivo ao longo do dia, das 9h30 às 19h, com uma radionovela e atrações musicais de estilos variados, desde o clássico, com a pianista Olinda Alessandrini; a música latino-americana, com Roque Araújo Vianna e convidados; o rock, com The Beatles Fun Club Band e Os The Darma Lovers; e a soul music, com The Hard Working Band. Ocorrem também aulas abertas com os professores de História da UFRGS Francisco Marshall e Paulo Fagundes Visentini; além do escritor Moacyr Scliar, entre outros (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2001).

Figura 27 - Flyer de divulgação (nov. 2001)

The flyer is for Rádio da Universidade 44 AM, dated 19 de Novembro de 2001. It features a program schedule for the day, starting at 9h30 with 'Seus Melhores Papéis - Radionovela com direção de Maria Paneral'. The schedule continues with 'Lorquanas. Aula aberta com Paulo Fagundes Visentini.' at 10h30, 'Música latino-americana: Roque Araújo Vianna e convidados.' at 11h30, 'Grupo Reminiscências. Olinda Alessandrini.' at 12h30, 'Aula aberta com convidados: Mário Barros, Maestro Setembrino, Edgar Pozzer, Plauto Cruz, Ivone Pacheco, Luís Otávio.' at 13h, 'Aula aberta com Décio Freitas. Dança do ventre: Jôia do Nilo e Norma Said. Nelson Coelho de Castro.' at 14h, 'Aula aberta com Moacyr Scliar. Música judaica: Família Rotemberg. Aula aberta com Francisco Marshall. "Brecht e a Paz": Flávio Oliveira e as cantoras Carla Maffioletti, Samira Moreira e Vanessa Longoni.' at 15h, 'The Beatles Fun Club Band. Aula aberta com Airton Ortiz e Nelson Morrone.' at 16h, 'Lucio Yanel. Os The Darma Lovers.' at 17h, and 'Hard Working. Vocal De Quina Pra Lua.' at 18h. The flyer also includes the UFRGS logo, the station's name 'Rádio da Universidade 44 AM', the date and time '19 de Novembro de 2001, 19h', the location 'Estúdio-auditorio da Rádio, Sarmento Leão, 426', and contact information: 'Rua Sarmento Leão, 426, Porto Alegre - RS, CEP: 91218-2274, www.ufrgs.br/radio, radio@portal.ufrgs.br'. The logo for 'UniversidadeKa' is also present.

Programa especial da emissora faz referência à guerra no Afeganistão
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Outro destaque neste ano é a produção da série radiofônica *Levante Gaúcho: os 40 Anos da Legalidade*, em alusão aos acontecimentos de agosto de 1961. A série produzida por Ilgo Wink e Giancarla Brunetto conquista o segundo lugar na categoria Produção do Prêmio ARI, da Associação Riograndense de Imprensa, concorrendo com produções da Band AM/FM, Gaúcha AM e Guaíba AM (ARI..., 2001, p. 38).

No dia 3 de dezembro de 2001, tem início a restauração do prédio histórico da rádio, obra que afeta consideravelmente o funcionamento da emissora. O diretor da emissora e os operadores seguem indo ao prédio todos os dias a fim de manter o veículo no ar, enquanto o diretor técnico faz visitas periódicas para verificar o funcionamento dos equipamentos (WINK, 2023). Os demais servidores atuam em plantões, em regime de revezamento, e adotam uma

programação simplificada do jornalismo, com programas gravados e sem entrevistas¹¹¹. Wink (2023) lembra desse período:

Eu fiquei várias semanas trabalhando na reforma com poeira, tinta... nós esvaziamos a rádio, só ficou uma escrivadinha minha ali na sala da direção, mais uma ou duas cadeiras, o resto foi tirado. E lá do sótão também, fizemos uma limpa no sótão, eu ajudei, para serem só coisas que poderiam ser úteis para a história da rádio... porque tinha muitas sucatas lá em cima, mas sucata dependendo da sucata é uma coisa preciosa.

A obra é oficialmente entregue no dia 15 de agosto, junto com as restaurações dos prédios do Observatório Astronômico e do Instituto de Resistência dos Materiais de Construção (conhecido como curso de Curtumes e Tanantes), atual sede do Museu da UFRGS (SOARES, 2002, p. 5). O prédio da Rádio da Universidade deixa de ter os tons verdes da última reforma para adotar os amarelos, conforme projeto original. Também perde o letreiro “Radiodifusão”, presente desde a época em que a rádio começou a ocupar o prédio, em 1960.

Porém, antes da entrega oficial da restauração, em 2 de julho de 2002, ocorre uma mudança inesperada para a equipe da emissora: Ilgo Wink é exonerado do cargo de diretor. Para Wink (2023), a dispensa é causada por um problema técnico que impediu a transmissão de uma entrevista por telefone ao vivo com a reitora, Wrana Panizzi. Para os jornalistas André Grassi e Claudia Heinzemann, a principal razão é um acontecimento ocorrido na divulgação do resultado do vestibular, em janeiro de 2002, quando a emissora está sob coordenação da vice-diretora, Giancarla Brunetto. A Rádio da Universidade começa a fazer a leitura dos aprovados antes de transmitir o discurso de Panizzi, o que teria desagradado a dirigente. Segundo relatório de Brunetto, o procedimento havia sido previamente combinado com a reitoria, mas, mesmo assim, depois desse episódio a reitora se nega a dar entrevistas para a emissora em pelo menos três ocasiões (BRUNETTO, 2002). No entanto, segundo nota do pró-reitor de Extensão, Fernando Meirelles, a mudança é “uma medida meramente administrativa, com o intuito de aproximar ainda mais a emissora do projeto acadêmico” (UFRGS..., 2002). Neste sentido, a professora Panizzi (2023) recorda que: “a Fabico [*Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação*] reivindicava muito isto: tornar a rádio como um órgão de experimentação. [...] Muitas vezes foi reivindicado”.

Os servidores buscam interceder em favor de Wink, por meio de um abaixo-assinado e reunião com Meirelles, mas a decisão é irreversível. Nos dias seguintes à exoneração, o ex-diretor pede transferência para outro setor da universidade e não volta mais a trabalhar na rádio (WINK, 2023). Giancarla Brunetto também pede para trocar de setor no mesmo período.

¹¹¹ Conforme André Grassi e Claudia Heinzemann, em depoimento à pesquisadora, em 26 de novembro de 2023.

Figura 28 - Escadaria da rádio (Início anos 2000)



Prédio da emissora antes da restauração (Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Figura 29 - Escadaria da rádio (2007)

Sede após a reforma, em padrão da época de sua construção, sem o letreiro onde se lia “Radiodifusão”
(Fonte: Setor de Patrimônio Histórico)

Quem assume a direção no lugar de Wink é Sandra de Deus, professora de rádio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS desde 1999 (MAROCCO, 2022). Nascida em São Vicente do Sul no mesmo ano de fundação da Rádio da Universidade, 1957, atuou como repórter da *Folha da Tarde* e da Rádio Imembuí, em Santa Maria, até se transferir para Porto Alegre em 1998, a fim de assumir a chefia de reportagem da Rádio Gaúcha (MAROCCO, 2022). Primeira mulher da sua família a ingressar no Ensino Superior, Sandra de Deus é também a primeira pessoa negra a dirigir a Rádio da Universidade e uma das poucas professoras negras da UFRGS¹¹² (SANDRA..., 2023). A docente lembra que o convite para chefiar a emissora partiu da reitora, Wrana Panizzi:

À época, a reitora Wrana me chamou para dirigir a Rádio da Universidade. Eu tinha muitas disciplinas, mas tinha disciplinas de rádio, enfim, depois de algumas conversas, acho que levaram alguns meses de conversa, a própria diretora da Fabico na época entendia que era importante a Fabico estar ocupando a direção da rádio, [...] e eu fui para a direção da rádio. A rádio na época estava vinculada à Pró-Reitoria de Extensão, então tinha toda uma conversa que era com a reitora e com o pró-reitor de extensão, que era o professor Fernando Meirelles, para trocar essa direção da rádio. (DEUS, 2023).

A chegada de Sandra de Deus marca uma mudança para a emissora, que há décadas vinha sendo dirigida por servidores da própria rádio. O último professor a ocupar o cargo foi Nilo Ruschel, nos anos 1960. A docente tem planos de mudar consideravelmente a programação da emissora, pois, mesmo antes de assumir a direção, já acompanha a Rádio da Universidade e a considera muito distante dos alunos de Jornalismo (DEUS, 2023). Na sua concepção, uma rádio universitária deve, além de divulgar informações sobre a universidade, ter um compromisso com a formação dos estudantes de comunicação (DEUS, 2023). Além disso, entende que a emissora precisa se “abrir para outras vozes”, o que significa dar espaço para os segmentos da universidade na grade de programação, incluindo os sindicatos de professores e de técnico-administrativos em educação, além de diretórios acadêmicos (DEUS, 2023). Porém, as mudanças enfrentam resistências:

Então se mexeu muito na programação, aí teve muitas divergências, principalmente de audiências que não aceitavam, porque queriam manter aquela rádio com a sua programação mais rígida em termos de música erudita, que é absolutamente importante, não é para desvalorizar a música erudita, ela é absolutamente importante, tem que ter um espaço na Rádio da Universidade, mas não quer dizer que a Rádio da Universidade surgiu, foi implementada, exclusivamente para ter música erudita. [...] Para mim, [...] a gente tem que ir educando as audiências da Rádio da Universidade. (DEUS, 2023).

¹¹² Segundo o professor Alan Alves Brito, do Núcleo de Estudos Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas da UFRGS, em 2020, cerca de 95% dos docentes da UFRGS são brancos (BRITO, 2020).

Um dos novos programas é o *Dois Pontos: Literatura e Opinião*, apresentado por Luís Augusto Fischer e Homero Vizeu Araújo, ambos professores do Instituto de Letras, e produzido pela jornalista Rejane Salvi (DE DOSTOIEVSKI..., 2003, p.1). Os docentes debatem, às vezes com convidados, livros ou a obra de um autor, em tom descontraído de bate-papo; ao final, são sugeridas opções de leituras introdutórias para quem se interessou pelo tema (DE DOSTOIEVSKI..., 2003, p.1). Salvi também participa desse programa, introduzindo o assunto a ser abordado. Segundo reportagem do caderno Panorama do *Jornal do Comércio*, a ideia nasceu da participação de Araújo em outro programa da emissora sobre literatura, o *Folhetim*, em que o professor colaborava com comentários sobre escritores e publicações.

Neste período, muitos dos programas são produzidos por pessoas que não são da Rádio da Universidade, de forma voluntária. É o caso do *Visão Social*, que aborda assuntos relacionados à responsabilidade social. O programa das jornalistas Cristina Guimarães e Márcia Anselmo tem apoio da Rede Social do Serviço Social da Indústria (Sesi) (PROGRAMA..., 2004). Associação dos Servidores da UFRGS (Assufrgs¹¹³) e a Associação de Docentes da UFRGS (Adufrgs¹¹⁴), contam com um espaço na grade da emissora, com o *Assufrgs no Ar* e *Adufrgs no Ar*. O Diretório Central dos Estudantes (DCE) produz o *Frequência Acadêmica*. (DEPARTAMENTO DE PROGRAMAÇÃO E DISCOTECA, 2003). A Associação dos Alunos de Pós-Graduação apresenta o *Momento da Pós-Graduação*; e a Associação dos Antigos Alunos produz o *Reencontro com a Universidade* (DEUS, 2002, p. 6). Todos os programas de associações e sindicatos são semanais, com duração de meia hora. Esta não é a primeira vez que entidades representativas têm espaço na grade da emissora¹¹⁵, porém a diferença reside no fato de a nova diretora ter a concepção de que abrir esses espaços é um dever de uma emissora pública universitária (DEUS, 2023).

¹¹³ A Associação dos Servidores da UFRGS (Assufrgs) adota essa nomenclatura em março de 1987. Em 1990, torna-se Seção Sindical do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Terceiro Grau no Estado do Rio Grande do Sul (SINTEST/RS). Posteriormente, ocorre a adesão dos servidores da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e dos servidores de parte dos campi do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Em março de 2015, a entidade deixa de ser uma seção sindical para tornar-se um sindicato, e muda seu nome para Assufrgs Sindicato dos Técnico-administrativos em Educação da UFRGS, UFCSPA e IFRS. Apesar das mudanças, ao longo do tempo segue utilizando a sigla Assufrgs (ASSUFRGS, 2023)

¹¹⁴ A Associação dos Docentes da UFRGS é fundada em 1978. Em 2008, após se desvincular do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), é transformada em Adufrgs-Sindical, Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre, passando a atender docentes da UFRGS, da UFCSPA, dos campi Porto Alegre e Restinga do IFRS.

¹¹⁵ Segundo relatório de Sérgio Stosch (1997, p. 22), o *Adufrgs no Ar* foi veiculado de maio a dezembro de 1996. Como já mencionado anteriormente, nos anos 1960 o Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE) e o Centro Acadêmico André da Rocha, dos alunos do Direito, possuíam programas na rádio; assim como o Diretório Central dos Estudantes (DCE) no final dos anos 1970.

Os temas socioambientais são abordados pelo *Sintonia da Terra*¹¹⁶, semanal de uma hora que traz entrevistas, enquetes, notícias e programação musical, produzido pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, sob coordenação das jornalistas Adriane Bertoglio Rodrigues, Gisele Neuls e Guta Teixeira (PROGRAMA..., 2003). O *Janela do Empreendedor* aborda temas relacionados à economia, política, aos negócios e ao empreendedorismo, com apresentação do jornalista Leandro Belloc e produção de Taís Hens e Solon Machado (RÁDIO UNIVERSIDADE..., 2003).

No *Programa Olinda Alessandrini* a pianista fala da música de concerto brasileira, com canções gravadas e por vezes executadas pela própria artista. A periodicidade é semanal, com duração de uma hora (DEUS, 2004). No *Toccatà*, a organista Anne Schneider fala sobre músicos e obras executadas em órgão de tubos e o *UFRGS em Canto* aborda a música de coral (DEPARTAMENTO DE PROGRAMAÇÃO E DISCOTECA, 2003; DEUS, 2004). Há também o *Filmes e Trilhas*, programa sobre cinema que substituiu o *Cinema de Segunda a Segunda*, encerrado após a aposentadoria de Hélio Nascimento, em 2002. A nova atração é apresentada pela professora e ex-funcionária da rádio, Fatimarlei Lunardelli, que muda o nome do programa e o dia de apresentação (de segunda para a sexta-feira), a fim de acompanhar as mudanças dos lançamentos – que não ocorrem mais no início da semana, mas no seu final (LUNARDELLI, 2011).

A gestão de Sandra de Deus, assim como a de Wink, traz diversidade para a grade da emissora, com a diferença de que a diretora promove uma aproximação maior com os setores e grupos da universidade e, principalmente, com os estudantes de jornalismo, que se tornam mais presentes no cotidiano da emissora. Para a docente, é necessário primeiro pensar na função da Rádio da Universidade e na sua programação, para então construir uma audiência: “rádio é movimento, tu não vais manter, não vais ficar com aquela audiência sempre, ou tu vais construindo novas audiências, ou tu vais só perdendo audiência” (DEUS, 2023). A partir desse entendimento, busca incluir outros estilos musicais por meio de programas específicos, como a música nativista, com o *Motivos de Campo*¹¹⁷. Criado em 2002 como um projeto de extensão, é produzido no primeiro ano pelo estudante de jornalismo João Guedes, sob coordenação de Sandra de Deus, e traz poesia, música nativista e notícias relacionadas ao universo gauchesco, sendo gravado nos estúdios da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (PFEIFER, 2009,

¹¹⁶ O programa entra na grade da emissora durante a gestão de Sergio Stosch (1992-1997) e é transmitido durante o período letivo da universidade (STOSCH, 1997, p. 21). Teve edições no segundo semestre de 1993, de fevereiro a dezembro de 1995 e ao longo de 1997 (NÚCLEO INTEGRADO DE COMUNICAÇÃO E CULTURA, 1996, p. 2).

¹¹⁷ *Pé no Chão*, programa nativista criado por Urbim, deixa de ser produzido no início dos anos 1990.

p. 52). A partir do segundo semestre de 2003, a produção passa para o então estudante de jornalismo Marcos Pfeifer, que vai apresentar a atração ao vivo de 2004 em diante (PFEIFER, 2009, p. 52).

Com o intuito de aproximar os estudantes da emissora, a diretora inclui mais programas feitos por estudantes na grade da emissora, como o *Entrevista Coletiva*. Nesta época, o *Por Volta do Meio-Dia* já é produzido dentro de uma disciplina de radiojornalismo, mesmo modelo adotado pelo novo programa. Ambos são gravados nos estúdios da rádio. Outra atração produzida por alunos é o *Universidade Aberta*, que aborda as ações de extensão; além do *Comunidade Acadêmica* e o *Saúde Coletiva* (DEUS, 2002, p. 5). Também investe nas coberturas realizadas por estudantes nos grandes eventos da cidade, como as edições do Fórum Social Mundial, Fórum Mundial da Educação e Feira do Livro; e da universidade, como o vestibular, as formaturas e o UFRGS Portas Abertas – evento anual que promove visitas às dependências da universidade, voltado principalmente aos futuros candidatos nos processos seletivos de graduação (DEUS, 2004; 2023).

Figura 30 - Programa especial UFRGS Portas Abertas (2004)



Estudantes de jornalismo participam do programa especial da rádio no UFRGS Portas Abertas, entrevistando os visitantes da emissora, sob supervisão da diretora Sandra de Deus (D)
(Foto: Cadinho Andrade/UFRGS)

No jornalismo, uma das novidades é o *Memória da Música Brasileira*, que traz informações breves sobre canções da MPB e seus intérpretes e autores, seguida da música relacionada. Produzido por Claudia Heinzemann, tem cinco minutos e vai ao ar de segunda a sexta-feira (DEPARTAMENTO DE PROGRAMAÇÃO E DISCOTECA 2003; DEUS, 2004). Heinzemann (2023) lembra ainda que a diretora segue a linha de valorizar o espaço do jornalismo na grade da emissora e amplia a prática iniciada na gestão anterior de que os próprios jornalistas apresentem os programas que produzem.

Durante seu período como diretora, Sandra de Deus concebe a ideia de uma rádio universitária pública, que tem compromisso com a informação, dever de dar voz para todos e possui um papel de formação dos estudantes. E é essa última característica, a formação, que, para a diretora, diferencia as rádios universitárias públicas dos demais veículos públicos (DEUS, 2023). Também durante sua gestão, ocorrem articulações dos veículos universitários, incluindo discussões nacionais sobre o papel das rádios das universidades públicas:

Nós tínhamos algumas rádios antigas, como a nossa, e outras rádios modernas que surgiram, mais novas, que estão sendo implementadas. E aí a gente precisava reunir essas emissoras quase como um guarda-chuva. E uma tentativa que nós fizemos foi fazer uma transmissão de uma reunião da SBPC [*Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*], com todas as rádios em cadeia. (DEUS, 2023).

A docente conta que, depois de algumas iniciativas de transmissões em cadeia, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) decide apoiar a promoção de um encontro nacional de rádios universitárias das instituições filiadas à entidade (DEUS, 2023). São realizados encontros em Brasília, Ouro Preto e Porto Alegre, com a finalidade de discutir uma política de comunicação para as emissoras públicas. O encontro da UFRGS ocorre em 2007, como parte das festividades dos 50 anos da emissora, quando Sandra de Deus já é secretária de comunicação da universidade. Para a professora, estabelecer uma política de comunicação não apenas para as rádios, mas para todos os veículos universitários, é uma necessidade. Na sua avaliação, as mudanças implementadas na sua gestão se perderam nos anos seguintes, após a sua saída, porque não há uma diretrizes estabelecidas (DEUS, 2023). Sandra de Deus deixa a direção da emissora em outubro de 2004, para assumir a recém-criada Secretaria de Comunicação (Secom) da UFRGS:

A universidade tinha uma rádio, tinha um jornal, tinha uma assessoria de imprensa, tinha uma gráfica, tinha uma editora, e tudo isso pertencia a um setor [*diferente*] da universidade. A rádio, a Pró-Reitoria de Extensão, o jornal e a assessoria de imprensa, o Gabinete do Reitor, a gráfica, a editora e a Proplan [*Pró-Reitoria de Planejamento e Administração*], enfim, eram muitas coisas. Nesta época, na direção da rádio, também com o grupo de alunos de uma disciplina que se chamava Laboratório de Comunicação, me parece, nós fizemos uma proposta de ter uma secretaria de comunicação, um órgão de comunicação da universidade que pudesse reunir toda a comunicação. (DEUS, 2023).

Marco Benites deixa a direção da rádio em maio de 2006, e, por um breve período, a emissora é dirigida pelo jornalista Renan Rodrigues, que se aposenta cinco meses depois. Neste momento, o professor André Prytoluk é nomeado para o cargo. Graduado em Comunicação Social, com habilitações em Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, Prytoluk é professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação desde 1988. Prytoluk conta que a oportunidade de ir para a Rádio da Universidade surge a partir de sua iniciativa:

Eu procurei inicialmente o professor Ricardo [*Schneiders*], que era na época diretor da Fabico, eu falei a ele do meu interesse em atuar, além das minhas aulas na publicidade, que são sempre à noite, de também atuar durante o dia na UFRGS. E aí ele, [*disse*] olha, tem uma vaga lá na Rádio da Universidade, no CTE. [...] E justamente o pessoal estava precisando de um apoio para organizar os 50 anos da rádio, em 2007. E a minha ideia original era permanecer apenas um ano. (PRYTOLUK, 2023).

Apesar da expectativa, Prytoluk permanece na emissora por 14 anos, até setembro de 2020, quando se torna secretário de Comunicação. É quem mais tempo permaneceu à frente da emissora, seguido de Vacília Derenji, diretora por 13 anos. Ao longo da sua gestão, o professor busca seguir a concepção de uma rádio educativa e segmentada na música de concerto. Na sua visão, é necessário um equilíbrio entre educação e entretenimento:

Eu vim muito assim, tentando conciliar esses dois papéis. Um que é o lado da emissora educativa, que tem que oferecer um conteúdo, digamos assim, formador, formativo para as pessoas, mas, ao mesmo tempo, entender, não só aquilo que nós queremos passar, mas aquilo que o público quer ouvir. Então, foi sempre essa busca desse equilíbrio. Falarmos aquilo que a gente quer falar, mas também falarmos e apresentar, como entretenimento, aquilo que o nosso público quer ouvir. Eu, particularmente, acredito ainda muito na segmentação da rádio com música erudita. [...]. Dar espaço para todas as vozes, principalmente através de programas, mas manter a segmentação no erudito. (PRYTOLUK, 2023).

As comemorações do cinquentenário da Rádio da Universidade são organizadas por uma comissão especialmente designada e se iniciam ainda em 2006. A programação comemorativa ocorre ao longo do mês de novembro de 2007, começando com uma mostra de fotografias históricas da emissora, inaugurada no dia 5 de novembro, na Sala Fahrion da Reitoria. De 16 a 18 de novembro, é realizado o Encontro das Rádios e TVs das Universidades Federais, que discute temas como os sistemas digitais de rádio e TV, apoio cultural e publicidade e comunicação pública. No dia 16, um espetáculo musical em frente às escadarias da rádio celebra a data com a comunidade. E no dia 18, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre faz uma apresentação no Salão de Atos da universidade. Programas especiais trazem entrevistas com figuras históricas da emissora – que inclusive servem de fonte para esta recuperação histórica – como Carlos Alberto Carvalho, Carlos Urbim e Lauro Hagemann.

Figura 32 - Flyer de divulgação (2007)

CONVITE

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul convida para os Eventos Comemorativos dos 50 Anos da Rádio da Universidade.

05/11 a 18/11		Mostra de Fotografias Históricas
05/11	18h	Solenidade de abertura na Sala Fahrion Prédio da Reitoria de UFRGS. (Visitação aberta até 18/11/2007, das 10 às 18h)
18/11 a 18/11		Encontro de Rádios Universitárias
18/11	10h	Abertura do Encontro das Rádios Local: Sala II- Salão de Ato da UFRGS
	10h20min	Lançamento de Agenda dos 50 anos Local: Sala II- Salão de Ato da UFRGS
	18h30min	Descerramento de Placa Comemorativa Local: Rádio da Universidade
	19h30min	Espectáculo Musical Local: Escadarias da frente a Rádio
18/11	10h30min	Concerto Comemorativo da OSPA Local: Salão de Ato da UFRGS (Regência: Prof. Maestro Jozefel Bohner)

Fluxo Sarmento Lellis, 420 – Tel.: 01 – 3308.3436 – Porto Alegre/RS. E-mail: radio@ufrgs.br

www.ufrgs.br/radio

Material de divulgação das comemorações de 50 anos da Rádio da Universidade
(Fonte: Arquivo Rádio da Universidade)

Nos anos seguintes, a grade de programação começa a ser reduzida. Segundo Prytoluk (2023), não se trata de uma decisão de linha programática e sim de necessidades legais, administrativas e financeiras. Entre as razões, estão as saídas e aposentadorias de servidores dos setores de Jornalismo e da Discoteca e Programação, bem como a dificuldade em garantir as verbas necessárias para manutenção dos equipamentos. O diretor cita ainda uma orientação jurídica da Procuradoria da universidade, observando não ser possível manter programas produzidos por pessoas de fora da UFRGS, diante do risco de configurar estabelecimento de vínculo empregatício, de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT):

Nunca houve isso de tirar esse programa... Claro que sempre, se havia uma proposta interessante, a gente aceitava, mas já com essa orientação da Procuradoria e da chefia de gabinete anterior, de que as pessoas tivessem vínculo. Tem que ser professor ou tem que ser técnico. (PRYTOLUK, 2023).

As mudanças, no entanto, ocorrem ao longo da próxima década. No final de 2009, conforme divulgação da Rádio da Universidade no material informativo do vestibular, a programação diária conta ainda com os programas *Uniciência*, *Jornalismo 1080*, em duas edições, *Universidade é Notícia*, *Literatura*, *UFRGS Entrevista*, *Universidade Revista* e

Tangos en la Noche. Entre os semanais, estão listados a *Liga dos Direitos Humanos, Adufrgs no Ar, Reencontro com a Universidade, Em Dia com a Ciência, Dois Pontos, Histórias Musicais, Sintonia da Terra, Entrevista Coletiva, UFRGS em Canto, Visão Social, Por Volta do Meio-Dia, Filmes & Trilhas, Toccata, Motivos de Campo, Porque Hoje é Sábado, Conversa de Jornalista, Latinidade, A Hora do Jazz, Shalom Brasil, Shalom Jerusalém, Música em Pessoa* e *Uma Ópera por Semana*. Dos semanais, apenas o *Porque Hoje é Sábado*, o *Latinidade* e o *Uma Ópera por Semana* são produzidos pela equipe da emissora; todos os demais são de responsabilidade de produtores voluntários (COMISSÃO PERMANENTE DE SELEÇÃO, 2009, p. 35).

4.7. A Rádio da Universidade em meio às mudanças no cenário político e radiofônico (2010-2017)

Após um período de relativa tranquilidade na política brasileira, os anos 2010 são de instabilidade, especialmente a partir do fenômeno que fica conhecido como “as jornadas de junho de 2013”. As grandes manifestações de rua desencadeiam processos políticos que nos anos seguintes quebram o ciclo de governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e promovem a ascensão de uma ideologia conservadora, com reflexos até os dias atuais¹¹⁹.

No contexto da radiofonia, segue-se na quarta e última fase, da *convergência*, conforme periodização proposta por Ferraretto (2012, p. 17-18), que tem como pontos de corte iniciais a telefonia celular, no início dos anos 1990, e da internet comercial, em 1995. Ao analisar as transformações do rádio nas duas últimas décadas, Ferraretto (2021, p. 45) observa que “os dispositivos móveis tornaram-se centrais no processo de produção, transmissão e recepção de conteúdo radiofônico” e aponta “as quedas constantes no faturamento obtido junto a anunciantes e na própria participação – *share* – do rádio no bolo publicitário”. Outro aspecto levantado pelo autor é referente à migração da AM para a FM, processo iniciado pelo Governo Federal em 2013: “em plena vigência, ainda, do processo de migração de emissoras para a FM, observa-se a devolução de outorgas de AM de estações tradicionais, na prática, abandonando a possibilidade de obtenção de mais um canal em frequência modulada” (FERRARETTO, 2021, p. 44).

¹¹⁹ Janeiro de 2024.

Em relação ao rádio não comercial, o período se situa na *quinta fase*, iniciada nos anos 2000, conforme Zuculoto (2012, p. 203), de busca por um sistema de radiodifusão pública. Em relação ao período a partir de 2010, ressalta-se as iniciativas governamentais de determinar regras claras para as outorgas educativas que, até 2011, “sempre foi prática discricionária do Poder Executivo” (PIERANTI, 2017, p. 143). As portarias editadas sobre o tema dão preferência a entes ou entidades de direito público na concessão de novas outorgas educativas, buscando reverter o quadro em que mais de 80% das outorgas existentes pertencem a fundações de direito privado (PIERANTI, 2017, p. 144). Essas e outras políticas de Dilma Rousseff em relação à radiodifusão são afetadas por sua deposição, em 2016, com destaque para as mudanças na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), criada em 2007:

Em 1º de setembro, dia seguinte à efetivação do novo governo, foi editada a Medida Provisória nº 744, que extinguiu o Conselho Curador da [*Empresa Brasil de Comunicação*] EBC e a previsão de mandato fixo do seu Diretor-Presidente. [...] A nova medida marca a ruptura com princípios essenciais à radiodifusão pública, como a afirmação de instâncias de controle social e as restrições à demissão dos seus dirigentes, antes do fim dos mandatos, salvo por razões previstas em lei. (PIERANTI, 2017, p. 191).

Ainda conforme Pieranti (2017, p. 191), até junho de 2017 não são publicados editais para novas emissoras de radiodifusão educativa e comunitária, apesar da previsão nos Planos Nacionais de Outorgas.

4.7.1 Brasil: As jornadas de junho de 2013 e o fim do ciclo de governos petistas

Luiz Inácio Lula da Silva encerra seu segundo mandato em 2010, com capital político suficiente para eleger sua sucessora, Dilma Rousseff, nas eleições gerais de outubro de 2010. Nove candidaturas se apresentam para o pleito de 2010, sendo as principais (com votação superior a 15%): Dilma Rousseff, a ex-ministra da Casa Civil de Lula; José Serra, ex-governador de São Paulo pelo Partido da Social Democracia Brasileira; e Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente de Lula que saiu do Partido dos Trabalhadores um ano antes, indo para o Partido Verde (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2010). A chapa de Rousseff com Michel Temer (Partido Movimento Democrático Brasileiro) obtém 56,05% dos votos no segundo turno, derrotando a candidatura de Serra e Indio da Costa (Democratas), que soma 43,95% dos votos válidos (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2010). A política econômica de Rousseff busca uma continuidade do seu antecessor:

Tratava-se de criar condições para uma nova alavancagem de investimentos públicos e privados, apoiados na continuidade das políticas sociais e de expansão da renda e do consumo. Nesse sentido, a continuidade do modelo lulista exigia um Estado com capacidade financeira de financiar projetos de infraestrutura e políticas sociais e de crédito para o consumo como forma de liderar o crescimento econômico e maior apoio popular. No interior dessa estratégia de continuidade e aprofundamento de medidas amplas para criar um ambiente econômico condizente com uma expansão mais vigorosa da economia, medidas de redução das taxas de juros e desoneração dos custos da produção, como forma de proporcionar, ao capital privado nacional, melhores condições de competitividade e novos investimentos no país. (BELIEIRO JUNIOR, 2016, p. 209).

No entanto, o planejamento é prejudicado por “mudanças na conjuntura econômica internacional, principalmente a redução da demanda chinesa acompanhado de queda nos preços das principais commodities brasileiras” (BELIEIRO JUNIOR, 2016, p. 209). Além da conjuntura externa, que afeta negativamente as contas públicas, Rousseff passa a enfrentar problemas também no campo político:

As dificuldades no campo econômico tornavam-se cada vez maiores com a deterioração externa, com a piora das contas públicas e com a desaceleração da acumulação. No campo político, o governo também foi perdendo a ampla base de apoio costurada por Lula nos mandatos anteriores e assim, “foi perdendo votações e capacidade de pautar agendas no Congresso Nacional, ampliando a insatisfação no âmbito da cena política” (COSTA PINTO; *et al.*, 2016 p. 26)

A conjuntura brasileira é sacudida por grandes manifestações de rua que ficam conhecidas como “as jornadas de junho de 2013”. Os eventos que dão origem ao movimento nacional se iniciam por Porto Alegre, com protestos contra o aumento da passagem de ônibus municipal. As manifestações, que ocorriam todos os anos – geralmente entre janeiro e março, quando é fixado o aumento do valor – em 2013 ganham maior adesão (HAUBRICH, 2018, p. 40).

No dia 1º de abril, cerca de cinco mil pessoas ocuparam as ruas da cidade para exigir a diminuição da tarifa de ônibus. O ato foi o maior na cidade até aquele momento [...]. O próximo ato ocorreu no dia 4 de abril e se transformou em uma festa na chuva, pois os manifestantes comemoravam a derrubada do aumento para 3,05 reais na Justiça. Uma ação movida pela bancada do PSOL na cidade foi acatada pelo Judiciário e fez a passagem retornar a 2,85 reais. (OLIVEIRA, 2013)

A partir daí, o movimento se esvazia e volta a tomar força quando eclodem os atos em São Paulo, em junho, se espalhando por todo o país. Ao longo deste mês, os protestos em Porto Alegre chegam a reunir em torno de 20 mil pessoas (OLIVEIRA, 2013). Inicialmente, em Porto Alegre a direção das manifestações é dada ou ao menos influenciada por partidos e organizações que se reivindicam à esquerda do espectro político e compõem o Bloco de Luta pelo Transporte Público. Porém, conforme os atos se massificam, fica difícil determinar quem são suas lideranças e quais são as pautas reivindicatórias nos atos

nacionais. Cresce a rejeição a todos os partidos, inclusive com episódios de confisco e queima de bandeiras, bem como de agressões à militantes organizados.

Militantes de movimentos sociais e partidos políticos, que já haviam sido hostilizados na terça-feira, decidiram comparecer em blocos [*no ato da avenida Paulista, em São Paulo, no dia 20 de junho*]. Grupos anarquistas e apartidários trocaram ofensas com os manifestantes partidários. Várias bandeiras do PT foram roubadas, rasgadas e incendiadas. Um homem que tentou agredir petistas foi atingido com o cabo de uma bandeira e teve um corte na cabeça. (PROTESTOS..., 2013).

A repressão policial também se intensifica. Ocorrem agressões a jornalistas de veículos de massa que estão cobrindo os atos, por parte de manifestantes, mas principalmente pelas forças de segurança. Um levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo aponta 102 casos de agressão contra jornalistas durante a cobertura de manifestações em todo o país, de junho até outubro de 2013. Vinte e cinco casos partiram de ativistas e 77 de policiais militares e agentes da Força Nacional (CRUZ, 2013). Diante da ebulição social, o governo federal reage no dia 20 de junho:

Mais de 1,25 milhão de pessoas participaram nesta quinta-feira de protestos realizados em mais de 100 cidades brasileiras, pequenas, médias e grandes, no maior dia de manifestações desde o início da onda de marchas. Na maior parte dos casos, foram passeatas pacíficas, mas houve confrontos entre polícia e grupos minoritários em diversas cidades, como Rio de Janeiro, que reuniu o maior público (300 mil pessoas), e em Brasília, onde manifestantes atacaram o prédio do Itamaraty. À noite, a presidente Dilma Rousseff pediu para que todos os ministros ficassem em Brasília e convocou reunião para esta sexta. (PROTESTOS..., 2013).

Em rede nacional, Rousseff anuncia cinco pactos, buscando atender a demandas das ruas: controle da inflação; reforma política, com a convocação de um plebiscito; contratação de médicos para atender no interior; investimentos em mobilidade urbana; e destinação de 100% dos royalties do petróleo do pré-sal para Educação (HAUBRICH, 2018, p.97). Após críticas, a ideia do plebiscito é abandonada.

As manifestações começam a arrefecer nos meses seguintes, principalmente pela divisão do movimento. No dia 21 de junho, o Movimento Passe Livre, principal liderança dos primeiros atos em São Paulo, anuncia que não vai mais fazer convocações. Oficialmente, o motivo é que a reivindicação de revogação do aumento das tarifas foi atendida pelas autoridades. “No entanto, membros do grupo também mencionam que o recuo foi influenciado pela presença de grupos que passaram a trazer ‘pautas conservadoras’ para os protestos, como a redução da maioria penal” (10 ANOS..., 2023).

Meses depois, em 17 de março de 2014, a Polícia Federal deflagra a operação Lava Jato (LINHA..., 2019). Dezesete pessoas são presas, incluindo Alberto Youssef, doleiro suspeito de comandar o esquema. Três dias depois, o diretor de abastecimento da Petrobras de 2004 a 2012, Paulo Roberto Costa, é preso sob suspeita de destruir e ocultar documentos do suposto esquema de corrupção na estatal (LINHA..., 2019).

Em meio a sucessivas fases da Lava Jato, o Brasil sedia a Copa do Mundo de Futebol e novos atos de rua tomam as cidades, desta vez sob a consigna “não vai ter Copa”:

Não foram manifestações com grande número de pessoas, mas foram organizadas a partir de blogs e páginas do Facebook e tiveram participação de partidos à esquerda do PT. [...] Os conteúdos presentes tendiam a repetir os de 2013: corrupção, saúde, educação, segurança, descrença nos partidos e nos políticos. No entanto, as semelhanças param aí. Diferentemente, em 2014 havia um conteúdo com potencialidade de se tornar um significante vazio: a Copa do Mundo. Ela significava a corrupção, os gastos desnecessários, a incompetência, o desgoverno. A Copa do Mundo tornou-se sinônimo de governo Dilma. Ao contrário de 2013, agora havia um discurso articulado, que construía equivalências. (PINTO, 2017, p. 138139).

Para a historiadora Céli Pinto, esse conjunto de articulações se associava a duas posturas ideológicas opostas: à direita, com um forte rechaço ao PT e às suas políticas sociais, como o Bolsa Família; e à esquerda, com partidos e movimentos sociais demandando mais direitos e políticas públicas (PINTO, 2017, p. 139). Neste cenário, as eleições de outubro são extremamente acirradas. No segundo turno, Dilma Rousseff vence Aécio Neves, do PSDB, por apenas 4 milhões de votos, a menor diferença desde a redemocratização¹²⁰ (DILMA..., 2014). Quatro dias depois do pleito, o PSDB entra com um pedido de auditoria do resultado: citando “denúncias e desconfiças na internet e nas redes sociais, argumenta que a sociedade está questionando a veracidade do resultado das eleições e diz que a auditoria¹²¹ é necessária para garantir a ‘confiança do povo brasileiro no processo eleitoral’” (PSDB..., 2014). O resultado da eleição é confirmado e a chapa Dilma Rousseff e Michel Temer é diplomada em 18 de dezembro de 2014, tomando posse em 1º de janeiro do ano seguinte (TSE..., 2014).

¹²⁰ A marca é superada nas eleições de 2022, quando Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vence Jair Bolsonaro (Partido Liberal), no segundo turno, por uma diferença de pouco mais de 2 milhões de votos (CERQUEIRA; MOLLITERNO, 2022).

¹²¹ No dia 4 de novembro de 2015, o PSDB conclui a auditoria e, apesar de não detectar indício de fraude, afirma que o “sistema atual do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é impossível de ser auditado” e, portanto, “sugere que o tribunal adote o voto impresso como alternativa para a checagem dos votos” (PSDB..., 2015).

Até então, os atos de rua traziam críticas ao governo do PT, mas não são declaradamente pela queda da presidência. A situação muda a partir de 15 de março, quando milhares de pessoas se vestem de verde-amarelo e saem às ruas pela saída de Dilma Rousseff:

As manifestações de março de 2015, ao contrário do que acontecera nos dois anos anteriores, tinham um mote ao redor do qual se articulava o discurso. O mote era “impeachment de Dilma Rousseff”; toda e qualquer outra questão era decorrente dessa questão central. Desapareceram a fragmentação discursiva, os temas sociais, políticos e econômicos. Também desapareceram das ruas todos os grupos alinhados à esquerda do governo. (PINTO, 2017, p. 149).

Poucos dias antes, em 6 de março, Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal, havia autorizado a investigação de 47 políticos no âmbito da Lava Jato (LINHA..., 2019). O ministro também retira o sigilo da lista dos investigados, que são majoritariamente do Partido Progressista (PP), base do governo, além do PMDB e do PT (SALOMÃO, 2015). Ao contrário de momentos anteriores, não são partidos que se destacam na convocatória dos atos que se estendem ao longo do ano de 2015, mas sim organizações articuladas a partir das redes sociais, especialmente o “Vem pra rua”, o “Movimento Brasil Livre” e os “Revoltados ON LINE” (PINTO, 2017, p. 149).

O processo de impedimento de Dilma Rousseff tem início ainda em 2015, no dia 2 de dezembro, a partir da aceitação pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, da denúncia de crime de responsabilidade apresentada pelos advogados Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Segundo a própria Paschoal, “a denúncia é formada pelo chamado escândalo do petrolão e as investigações da operação Lava Jato, seguidos pela prática das chamadas pedaladas fiscais e a edição irregular de créditos suplementares” (OLIVEIRA, 2016). No final de 2015, os índices econômicos também não são favoráveis ao governo. O Produto Interno Bruto registra queda de 5,9 no último trimestre, enquanto a inflação chega a 10,67% e o desemprego aumenta de 6,8% para 8,5% em um ano, atingindo 8,6 milhões de trabalhadores (VEIGA; DUTT-ROSS; MARTINS, 2019, p. 4)

Os primeiros meses de 2016 são marcados por novas operações e denúncias relacionadas à Lava Jato, atingindo políticos de destaque do PT, bem como de atos a favor e contra a deposição de Dilma Rousseff, sendo que os primeiros são flagrantemente mais numerosos. Em 17 de abril, o impeachment é aprovado na Câmara dos Deputados. No dia 31 de agosto, o Senado condena Dilma Rousseff à perda do cargo e em seu lugar assume o vice-

presidente, Michel Temer. Na avaliação de José Szwako e Fabiano Santos (2016, p. 116-117), trata-se de um golpe parlamentar, uma “ação concertada e articulada [...] entre partidos, movimentos sociais de corte elitista e apoiadores midiáticos e judiciários” que culmina no impeachment.

Temer adota uma política mais próxima dos setores que haviam perdido a eleição meses atrás. Ainda como interino, em junho envia ao Congresso a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 241, com o objetivo de limitar os investimentos públicos por 20 anos, período em que essas despesas serão corrigidas apenas pela inflação (PEC..., 2016). O governo chama de PEC do Teto de Gastos, enquanto os críticos adotam o nome de PEC da Morte, ou PEC do Fim do Mundo, afirmando que tal medida causará um colapso nos serviços públicos.

Em setembro, o agora presidente adota, via medida provisória, uma reforma do Ensino Médio (FAJARDO, 2017). Essa medida e a PEC do Teto vão gerar uma onda de ocupações em universidades e greves no segundo semestre de 2016, inclusive na UFRGS (ESTUDANTES..., 2016). Apesar das manifestações contrárias, a PEC é aprovada em 25 de outubro pela Câmara de Deputados e em 13 de dezembro no Senado (PEC..., 2016). Já a reforma do Ensino Médio é transformada em lei em fevereiro de 2017, após passar pelo crivo de deputados federais e senadores (SENADO..., 2017). Em julho de 2017, é aprovada uma reforma trabalhista, que retira direitos previstos na Consolidação de Leis do Trabalho (CLT), sob a justificativa de criar mais vagas de emprego. A proposta do governo passa rapidamente pelo Congresso: são quatro meses de tramitação na Câmara dos Deputados e menos de três no Senado (REFORMA..., 2018).

Os desdobramentos da Lava Jato e das delações premiadas atingem também Temer e seu primeiro escalão de ministros nos primeiros meses de 2017 (CALEGARI, 2017). Contudo, com apoio da maioria do Congresso, o presidente consegue impedir que as duas acusações apresentadas pela Procuradoria-Geral da República sejam analisadas pelo Supremo Tribunal Federal (CALEGARI, 2017). Em termos econômicos, o ano de 2017 termina com queda da inflação e na taxa de juros, mas com um aumento nos índices de desemprego, que atinge 13 milhões de brasileiros (ECONOMIA..., 2017).

4.7.2 Rádio da Universidade: a tentativa de migração para a FM e as comemorações dos 60 anos

Buscando ampliar a audiência para além das ondas médias, em março de 2011 o site da Rádio da Universidade passa a disponibilizar os programas sob demanda, possibilitando a escuta na página ou o download do conteúdo (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2023).

Figura 33 - Reprodução site Rádio da Universidade (nov. 2013)



UFRGS
RÁDIO
1080AM

Rádio da Universidade

AM 1080

PROGRAMAÇÃO

Para ouvir, clique no programa desejado.

ENTREVISTA COLETIVA
Programa laboratorial em que alunos de Jornalismo da Fabrizo conversam com uma personalidade.
Coordenação: Sandra de Deus
Dia e horário: quintas, às 11h. Duração: 55min.
[UFRGS ENTREVISTA \(SEGUNDA\)](#)
[UFRGS ENTREVISTA \(TERÇA\)](#)
[UFRGS ENTREVISTA \(QUARTA\)](#)
[UFRGS ENTREVISTA \(QUINTA\)](#)
[UFRGS ENTREVISTA \(SEXTA\)](#)
Assuntos em pauta com entrevistas e comentários de especialistas.
Produção: Rejane Salvi
Dia e horário: segunda a sexta, às 14h. Duração: 15min.
[TANGOS EN LA NOCHE \(SEGUNDA\)](#)
[TANGOS EN LA NOCHE \(TERÇA\)](#)
[TANGOS EN LA NOCHE \(QUARTA\)](#)
[TANGOS EN LA NOCHE \(QUINTA\)](#)
[TANGOS EN LA NOCHE \(SEXTA\)](#)
A magia e o encanto da música rio-platense.
Produção: Roque Araújo Vianna
Dia e horário: segunda a sexta, às 20h. Duração: 30min.
[UFRGS EM CANTO](#)
Biografia e gravações de comús, grupos vocais e madrigais brasileiros e internacionais.
Produção: Lir Ilbera
Dia e horário: quintas, às 20h30min. Duração: 30min.
VISÃO SOCIAL
Responsabilidade social em pauta, com informações sobre atividades e campanhas de entidades do setor.
Produção: Cris Guimarães e Raíssa Cristina
Dia e horário: quintas, às 17h. Duração: 20min.
POR VOLTA DO MEIO DIA
Programa experimental de alunos do curso de Jornalismo da Fabrizo.
Coordenação: Sandra de Deus
Dia e horário: sextas, às 11h35min. Duração: 35min.
FILMES E TRILHAS
O mundo do cinema em pauta, com análises de filmes em Porto Alegre, vídeos e mostras em cartaz, entrevistas, críticas e história do cinema.
Produção: Fatimaele Lazzarelli
Dia e horário: sextas, às 13h. Duração: 30min.
[UNIVERSIDADE REVISTA \(SEGUNDA\)](#)
[UNIVERSIDADE REVISTA \(TERÇA\)](#)
[UNIVERSIDADE REVISTA \(QUARTA\)](#)
[UNIVERSIDADE REVISTA \(QUINTA\)](#)
[UNIVERSIDADE REVISTA \(SEXTA\)](#)
Rajete live: com a agenda cultural da cidade e programação musical, do jazz à MPB.
Produção: Claudin Heizelemmer
Dia e horário: segunda a sexta, às 18h05min. Duração: 55min.
MOTIVOS DE CAMPO
A cultura nativista do Rio Grande do Sul através de sua música e sua poesia.
Produção: Marcos Pfeiffer
Dia e horário: sábados, às 9h. Duração: 45min.
EDUJHEIM
Entrevistas com escritores, sobre suas obras e trajetórias.
Produção: Rejane Salvi
Dia e horário: sábados, às 13h30min. Duração: 30min.

Página da emissora disponibiliza parte da programação para escuta e download¹²²
(Fonte: Reprodução)

¹²² Há falhas na reprodução da aparência do site porque a imagem foi recuperada por meio do The Way Back Machine, que armazena páginas exibidas na internet, possibilitando recuperar aquelas que já saíram do ar.

Figura 34 - Reprodução site Rádio da Universidade (nov. 2013)

<p>LATINIDADE As culturas, as músicas e as notícias da américa no continente ibero-americano. <i>Produção:</i> Sílvia Seciero <i>Dia e Horário:</i> sábados, às 10h. <i>Duração:</i> 60min.</p> <p>A HORA DO JAZZ O jazz, o blues e o rock apresentados em gravações contemporâneas. <i>Produção:</i> Günter Klarmann <i>Dia e Horário:</i> sábados, às 19h. <i>Duração:</i> 60min.</p> <p>MÚSICA EM PESSOA Entrevistas com professores, estudantes e egressos do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, sobre sua produção e trajetórias. <i>Produção:</i> Ana Laura Freitas e Thais Araújo <i>Dia e Horário:</i> domingos, às 13h. <i>Duração:</i> 60min.</p> <p>TOCCATA A música organística de todas as épocas, com comentários sobre seus autores, intérpretes e temas pertinentes a este instrumento. <i>Produção:</i> Aery Schuchler <i>Dia e Horário:</i> domingos, às 20h. <i>Duração:</i> 60min.</p> <p>CONVERSA DE JORNALISTA Transmitido ao vivo diretamente da Associação Riograndense de Imprensa, tratando de temas relacionados à comunicação. <i>Produção:</i> Gisei Soares <i>Dia e Horário:</i> sábados, às 12h. <i>Duração:</i> 30min.</p> <p>FRONTEIRAS DA CIÊNCIA Professores da UFRGS discutem os limites entre a ciência e o mito. <i>Produção:</i> Jefferson Amador, Marco Aurélio Pires Iliari e Jorge A. Quilbêde <i>Dia e Horário:</i> segundas, às 13h. <i>Duração:</i> 30min.</p> <p>ADUEBGS NO AR Eventos, ações e projetos do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre. <i>Produção:</i> Vicente Carvalho <i>Dia e Horário:</i> segundas, às 13h30min. <i>Duração:</i> 20min.</p> <p>MOMENTO DO PATRIMÔNIO A história da UFRGS contada a partir de seus prédios históricos. <i>Produção:</i> Kátia Bern <i>Dia e Horário:</i> segundas, às 20h30min. <i>Duração:</i> 10min.</p> <p>SONRIDADES Entrevistas com músicos e artistas. <i>Produção:</i> Guro Villatoro <i>Dia e Horário:</i> quartas, às 20h30min. <i>Duração:</i> 30min.</p> <p>SHALOM BRASIL, SHALOM JERUSALÉM Encontro semanal com a cultura Hebáica <i>Dia e Horário:</i> domingos, às 20h30min. <i>Duração:</i> 30min.</p> <p>SEXTA LÍBRICA Histórias, curiosidades e as grandes vozes do canto operístico. <i>Produção:</i> Aery Hilario <i>Dia e Horário:</i> segundas, às 20h30min. <i>Duração:</i> 30min.</p> <p>ESPECIAL DIA DAS CRIANÇAS Programa que foi ao ar ao vivo desde nossos estúdios no Dia das Crianças</p>	 
---	--

Sequência da imagem anterior, com os programas disponíveis sob demanda¹²³
(Fonte: Reprodução)

A respeito do site da emissora, na área Programas são disponibilizados os conteúdos produzidos pela equipe e por colaboradores externos que foram transmitidos na última semana, ou seja, não há a possibilidade de escuta de programas mais antigos. Mesmo assim, a novidade demonstra um avanço em buscar novas formas de atingir o público ouvinte. Outra ação para atingir o público ouvinte, a partir das novas tecnologias, é a criação de perfis nas redes sociais,

¹²³ Assim como a imagem anterior, falhas porque a imagem foi recuperada por meio do The Way Back Machine.

com a inauguração da página no Facebook e Twitter¹²⁴ em junho de 2013¹²⁵. As duas páginas são usadas basicamente da mesma forma, para anunciar os programas que serão levados ao ar e com pouca interação com os internautas, limitada apenas a responder eventuais comentários.

Neste início de década, a grade da emissora conta com os seguintes programas, produzidos pela equipe do Jornalismo: *Jornalismo 1080*, com duas edições diárias, de segunda a sexta-feira; *Jornal da UFRGS*, com duas edições diárias, de segunda a sexta-feira e uma, nos sábados e domingos; *Literatura*, uma vez por dia, de segunda a sexta-feira; *Toque de Arte*, uma vez por dia, de segunda a sábado; *UFRGS Entrevista*, que tem uma edição, apresentada de segunda a sexta-feira; *Universidade Revista*, apresentado uma vez por dia, de segunda a sexta-feira; *Folhetim* e *Latinidade*, ambos semanais (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2013). *Uma Ópera por Semana* segue sendo produzida pela equipe de Programação. O *Entrevista Coletiva* e *Por Volta do Meio-Dia*, são semanais, produzidos por estudantes de Jornalismo como parte de atividades práticas de disciplinas. Dentre os programas produzidos por colaboradores externos, a maioria são semanais: *UFRGS em Canto*, sobre a música coral; *Visão Social*, abordando temas relacionados à responsabilidade social; *Filmes e Trilhas*, sobre cinema; *Motivos de Campo*, de música e cultura nativista; *A Hora do Jazz*, dedicado ao jazz; *Música em Pessoa*, com músicos do Instituto de Artes da universidade; *Toccata*, com músicos e obras executadas em órgão de tubos; *Conversa de Jornalista*, da Associação Riograndense de Imprensa; *Fronteiras da Ciência*, abordando novidades e mitos científicos; *Adufrgs no Ar*, com informações do sindicato de docentes; *Momento do Patrimônio*, sobre os prédios históricos da universidade *Sonoridades*, de entrevistas com músicos de diferentes estilos musicais; *Shalom Brasil, Shalom Jerusalém*, dedicado à cultura hebraica e *Sexta Lírica*, sobre canto operístico. A exceção é *Tangos em la Noche*, transmitido todas as noites, de segunda a sexta-feira (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2013).

Dentre os conteúdos de responsabilidade da equipe da emissora, deixam de ser produzidos, entre 2009 e 2013, o *Uniciência*, que aborda as pesquisas científicas da UFRGS, e o *Porque Hoje é Sábado*, uma agenda cultural do fim de semana. O noticiário institucional *Universidade é Notícia* é transformado em *Jornal da UFRGS*, com notas e entrevistas sobre temas da universidade. Os demais seguem no ar. Também deixam de ser veiculadas as produções externas: *Liga dos Direitos Humanos*, *Reencontro com a Universidade*, *Em Dia com a Ciência*, *Dois Pontos*, *Histórias Musicais* e *Sintonia da Terra*. Por outro lado, são novidades o *Fronteiras da Ciência*, produzido por docentes da UFRGS que abordam os limites entre a ciência e o

¹²⁴ Hoje rede X.

¹²⁵ A página na rede Instagram é criada em março de 2018.

mito; *Momento do Patrimônio*, de responsabilidade de servidores do Setor de Patrimônio Histórico, que trata dos prédios históricos da universidade e de suas histórias; *Sonoridades*, que traz entrevistas com músicos, geralmente da cena local, de ritmos populares como pop, rock e MPB; e *Sexta Lírica*, com a temática do canto operístico semanais (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2013). Há também o programa *Música em Pessoa*, com produção da Rádio da Universidade, curadoria do professor do Departamento de Música Dimitri Cervo e apresentação da jornalista Ana Laura Freitas¹²⁶ (FREITAS, 2023). Em uma aproximação com o Instituto de Artes, o semanal traz os docentes e os músicos formados pelo Departamento de Música, apresentando ao público suas histórias e composições.

Em junho de 2014, a Rádio da Universidade, que já divide o espaço com a UFRGS TV, passa a compartilhar sua estrutura também com a central de transmissão do canal universitário de Porto Alegre Unitv – TV Universidade (UFRGS, 2015). A Unitv é criada em 1998, a partir da Lei da Televisão a Cabo (8.977/1995), que determina às prestadoras do serviço a disponibilização dos chamados canais básicos de utilização gratuita, como o da Câmara de Deputados, do Senado e os universitários (CALLIGARO, 2007, p. 89). As entidades fundadoras são a UFRGS, a Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), a Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre¹²⁷, a Faculdade Porto-alegrense (Fapa)¹²⁸, a Faculdade São Judas Tadeu e o Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter). Até se transferir para a UFRGS, a central de transmissão esteve localizada na PUCRS (CALLIGARO, 2007, p. 89).

Além da divisão do espaço, a vinda da Unitv traz mudanças na administração da emissora. Em preparação ao aumento das responsabilidades do CTE, desde julho de 2013, o órgão passa a ter um diretor exclusivo. André Prytoluk fica na direção do centro e Claudia Heinzelman assume a diretoria da rádio, mas segue com suas atividades como jornalista, de forma cumulativa (HEINZELMANN, 2023). No cotidiano, a mudança gera pouco impacto, pois o diretor do CTE continua definindo questões de gestão da emissora, enquanto Heinzelmann assume uma função mais próxima de um coordenador de jornalismo.

De todos os diretores da rádio, eu fui a única que continuei trabalhando [*com conteúdo*]. Mais até com o conteúdo do que propriamente com a parte administrativa. [...] Toda a parte administrativa efetiva, ficou com o André [*Prytoluk*] e eu fiquei com a “cereja do bolo” que era produzir os programas e fazer a ponte com a Reitoria. (HEINZELMANN, 2023).

¹²⁶ Nos primeiros anos do programa, que começa em 2009, Ana Laura Freitas atua de forma voluntária, mas se torna jornalista da emissora, por meio de concurso público, em 2015 (FREITAS, 2023)

¹²⁷ Hoje Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).

¹²⁸ Atualmente a Fapa é um campus da Uniritter.

Em 2014, o diretor do CTE e o diretor técnico encaminham o pedido de migração da AM para a FM. A possibilidade de mudança é regulamentada pelo Governo Federal em 2013, por meio do Decreto n 8.139. Segundo Debora Cristina Lopez *et al.* (2019, p.62), a “migração para o FM foi a solução para superar a estagnação do rádio AM”. As emissoras em ondas médias passaram a sofrer dificuldades como o aumento do nível de ruídos e interferências, em razão do crescimento urbano, dificultando a sintonia dos ouvintes (LOPEZ *et al.*, 2019, p. 61). Além disso, a indústria de automóveis começa a fabricar carros com antenas menores, que recebem o sinal com menor qualidade. Já os celulares fabricados a partir de 2009 sequer recebem em ondas médias (LOPEZ *et al.*, 2019, p. 61). Soma-se a isso o fato de que a implantação do sistema de rádio digital, que poderia sanar, por exemplo, o problema da baixa qualidade de transmissão, esteve em debate desde o início dos anos 2000 e é encerrado em 2014, sem nenhuma definição, conforme apontam as pesquisadoras Nélia Del Bianco e Nair prata (2020, p. 13). Neste cenário, as emissoras em AM solicitam a migração, entre elas a emissora universitária. Porém, ao contrário de rádios comerciais que completam o processo, a Rádio da Universidade segue aguardando a autorização do Ministérios das Comunicações para dar seguimento à implantação da FM¹²⁹.

Figura 35 - Quadro do estúdio B (ago. 2013)

09:00 - 10:00	TANGO	REJANE	REJANE	A	REJANE
10:00 - 10:30	TANGO	TANGO	FOLHETIM	N	REJANE
10:30 - 11:00		TANGO	REJANE	D	EDIÇÃO
11:00 - 11:30	Vi SãO	REJANE	JAZZ	R	FILMES
11:30 - 12:00		EDIÇÕES	JAZZ	A	TRILHAS
TARDE	05/8 MÚSICA Desc. na 09/10/13				
HORÁRIOS	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13:00 - 14:00	ESTÚDIO A [Ⓟ]	MESA A [Ⓟ] am [Ⓟ] FRONTEIRAS [Ⓟ]	MESA A [Ⓟ]		ESTÚDIO A [Ⓟ]
14:00 - 14:30	ENTREV. VICIÊ [Ⓟ]	FRONTEIRAS	SONORIDADES [Ⓟ]	M. PATRIMÔNIO [Ⓟ]	UNIMÚSICA [Ⓟ]
14:30 - 15:00	ADUFRES [Ⓟ]	FRONTEIRAS			SABADO [Ⓟ]
15:00 - 15:30	RUBEL/ENTREV [Ⓟ]	VIÇANDI [Ⓟ] Jornalismo [Ⓟ]	Patrimônio	VIÇANDI/MARCEL Jornalismo [Ⓟ]	LATINIBR [Ⓟ] ?
15:30 - 16:00		COPIA [Ⓟ]			ENTREV. [Ⓟ]

Registro dos programas que são gravados na emissora
(Foto: Thiago Cruz/UFRGS)

¹²⁹ Segundo o ex-diretor técnico Luiz Sperotto Teixeira, não houve nenhuma resposta do órgão responsável até novembro de 2023, quando foi enviada comunicação para a UFRGS solicitando a complementação de documentação e o pagamento da taxa no prazo de 90 dias, sob pena de arquivamento do pedido (TEIXEIRA, 2023).

Em 2016, em meio aos debates envolvendo o recente impeachment de Dilma Rousseff, a Rádio da Universidade vira notícia após o professor da UFRGS Benedito Tadeu César denunciar um caso que classificou como censura realizada pela direção da emissora. O fato acontece no dia 8 de setembro, durante a gravação do programa *Entrevista Coletiva*, que é produzido por estudantes de Jornalismo como parte da disciplina Radiojornalismo 3, sob coordenação da professora Sandra de Deus. Como o próprio nome sugere, o programa consiste em um grupo de estudantes que, na condição de jornalistas, fazem perguntas a um entrevistado. O cientista político é o entrevistado desta edição e aborda temas como a crise das coligações, a destituição de Rousseff, as manifestações de rua e previsões para o quadro político nacional (WEISSHEIMER, 2016).

Como de praxe, a gravação é realizada durante a manhã e vai ao ar pouco depois, às 11h. Porém, nesse dia, Prytoluk impede a veiculação da entrevista. Segundo relato do professor César nas redes sociais, o motivo mencionado pelo diretor do CTE é que o entrevistado utilizou a palavra *golpe* para se referir ao processo de impeachment, algo que não seria permitido legalmente, inclusive mencionando a existência de uma lei que proíbe críticas ao Presidente da República (WEISSHEIMER, 2016). Já o estudante Vinicius Dutra, um dos participantes do programa, conta que, ao ser questionado, o professor teria dito também que a rádio é uma emissora chapa-branca, e que, portanto, não poderia falar nem bem, nem mal do presidente (WEISSHEIMER, 2016). Por outro lado, o professor Prytoluk (2024, p. 1) afirma que o motivo é a necessidade de verificar possível descumprimento da lei eleitoral (nº 9.504/1997), uma vez que o pleito está marcado para o próximo dia 2 de outubro:

Em meu entendimento, ao falar-se que um partido político havia “dado um golpe” para que o vice-presidente assumisse em lugar da presidenta impedida desabonaria as candidaturas dos representantes deste partido, privilegiando seus opositores, o que é vedado, de acordo com a legislação vigente. (PRYTOLUK, 2024, p. 1).

Em uma época em que as redes sociais já são muito populares no país, o assunto imediatamente ganha repercussão e se torna pauta dos sites de notícias de veículos como *Correio do Povo*, *Sul 21*, *Uol* e *Zero Hora*. Também surgem diversas notas de repúdio, como dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS (ao qual César é vinculado); e da Comissão de Graduação junto com professores do curso de Jornalismo, colegas de Prytoluk na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. A Reitoria da UFRGS se manifesta por meio de nota, buscando apaziguar a situação:

A UFRGS esclarece que repudia todo e qualquer ato de censura ou de cerceamento da liberdade de expressão. [...]. A atitude em questão deve-se ao entendimento de que seria necessária uma avaliação mais apurada a fim de prevenir que qualquer material veiculado pela emissora venha a infringir a lei nº 9504, no artigo 45 que restringe o tratamento privilegiado ou a propaganda contrária ou favorável a candidatos, partidos e coligações (WEISSHEIMERb, 2016).

No dia seguinte ao fato, o programa vai ao ar. Segundo a nota oficial da Rádio da Universidade:

O Diretor do Centro de Teledifusão da UFRGS, professor André Luis Prytoluk, responsável pela Rádio da Universidade, reteve a veiculação do programa *Entrevista Coletiva* que deveria ter ido ao ar nesta quinta-feira, dia 8 de setembro, às 11 horas da manhã, pelo fato do mesmo poder estar em discordância com a lei 9.504 que rege o processo eleitoral. Após análise, foi observado que provavelmente as afirmações feitas pelo entrevistado, o senhor Benedito Tadeu César, professor aposentado desta Universidade, não ferem o dispositivo legal. Sendo assim, a Rádio da Universidade veicula o programa na íntegra nesta sexta-feira, às 14h30min, ao mesmo tempo em que formalizamos nosso pedido de desculpas por eventuais transtornos. (RÁDIO DA UFRGS..., 2016).

Menos de dois meses depois, em 26 de outubro, se inicia o movimento de ocupação na UFRGS, em um contexto nacional de ações semelhantes em universidades de todo o país. A mobilização estudantil tem como pautas principais a contrariedade à proposta de Michel Temer de estabelecer um rígido teto para os gastos públicos pelo período de 20 anos (Proposta de Emenda Constitucional 241/55¹³⁰); e de implementar uma Reforma do Ensino Médio que, dentre outros pontos, retira a obrigatoriedade das disciplinas de Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia (ESTUDANTES...2016). A primeira ocupação ocorre no prédio do curso de Letras, localizado no Campus do Vale, após uma assembleia estudantil (ESTUDANTES..., 2016). Os estudantes passam a ocupar o espaço de forma permanente, impedindo a realização de aulas e demais atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativas regulares, mas promovendo outras iniciativas de cunho político ou cultural, como assembleias, oficinas, aulas abertas e apresentações artísticas (PARKER, 2018, p. 232-240). O movimento rapidamente se alastra pela UFRGS, atingindo 21 das 29 unidades acadêmicas, provocando a deflagração de greve entre os técnico-administrativos em educação e professores (GOMES, 2017).

Apesar da amplitude do movimento, a Rádio da Universidade não é atingida pelas ocupações. Ao contrário daquele abril de 1964, quando os estudantes veem no veículo uma arma importante para lutar contra o golpe civil-militar, em 2016 a emissora não é lembrada pelo

¹³⁰ Na Câmara dos Deputados, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) tramitou sob o número 241. Após ser aprovada nessa casa legislativa, é enviada para o Senado, onde recebe a numeração 55. Portanto, adota-se aqui a nomenclatura PEC 241/55 ou PEC do Teto dos Gastos, nomenclatura utilizada por boa parte dos veículos de comunicação à época.

movimento estudantil. O fato pode ser interpretado como sintoma de um afastamento da emissora com o cotidiano dos estudantes, incluindo os alunos de Jornalismo. Também pode ser um sinal da perda de importância do rádio como meio de comunicação para a nova geração. Isso porque as ocupações interagem, informam e se manifestam principalmente pelas redes sociais (PARKER, 2018, p. 25).

São quase dois meses de mobilizações até o dia 13 de dezembro, data em que a chamada PEC do Teto de Gastos é aprovada em segundo turno pelo Senado. As ocupações modificam drasticamente o cotidiano da UFRGS e, mais que isso, se tornam notícia nacional. No entanto, não foram encontrados registros de que o tema tenha sido abordado, ao menos não de forma significativa no noticiário da Rádio da Universidade. Após a aprovação da PEC 241/55, as ocupações e greves começam a ser encerradas (GOMES, 2017). A Reforma do Ensino Médio, apresentada inicialmente como medida provisória, é transformada em lei pouco depois, após ser aprovada pelo Senado em 8 de fevereiro de 2017.

Figura 36 - Aniversário de 60 anos (17 nov. 2017)



Comemoração dos 60 anos inclui um show de tango no pátio do Campus Centro da UFRGS, em frente ao prédio da Rádio da Universidade
(Foto: Cadinho Andrade/UFRGS)

No ano de 2017, a emissora comemora os 60 anos da sua inauguração oficial. A programação começa no dia 14 de novembro, com um concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), no Salão de Atos da universidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017). No dia 16, a rádio promove uma apresentação de música de concerto ao meio-dia, no pátio do campus Central, junto ao prédio da emissora. No dia seguinte, um novo show é realizado no mesmo local e horário, mas o ritmo escolhido é o tango, uma referência ao programa que estreou naquele ano, *Sempre Tangos*, como será detalhado mais adiante. Também no dia 17, ocorre uma sessão solene na Câmara de Vereadores, em homenagem proposta pela vereadora Fernanda Melchionna, egressa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (FIGUEIREDO, 2017). Já no dia do aniversário, a emissora comemora na Feira do Livro de Porto Alegre, um evento que sempre teve significativo espaço na sua programação (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017). Em uma cerimônia na Tenda Pasárgada, montada junto à Praça da Alfândega, é realizada a entrega do Troféu 60 anos a pessoas importantes na trajetória da rádio: os escritores e ouvintes Erico Verissimo e Moacyr Scliar (ambos homenagens póstumas¹³¹); o ex-diretor Carlos Urbim (também homenagem póstuma¹³²); os professores da UFRGS e patronos da Feira Jane Fraga Tutikian (também vice-reitora) e Luís Augusto Fischer; o professor da UFRGS e músico Celso Giannetti Loureiro Chaves; a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e a Orquestra de Câmara Teatro São Pedro; a Câmara Riograndense do Livro, organizadora da feira; e a Associação Riograndense de Imprensa, que ao longo dos anos esteve presente na grade da emissora¹³³ (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2017). A cerimônia conta também com apresentações do Coral da UFRGS.

O troféu dado aos homenageados é produzido inteiramente dentro da universidade. A concepção é do professor do Instituto de Artes e escultor Félix Bressan, com letras de metal que, conforme o ângulo em que são observadas, lê-se rádio ou UFRGS (UFRGS TV, 2017). O estudante do Instituto de Artes Mateus Winkelmann é o responsável por fazer os moldes de cera e acompanhar o processo de fundição, realizado no Laboratório de Fundição (Lafun) da Escola de Engenharia pelo técnico-administrativo em educação Carlos Raimundo Frick Ferreira e pelo professor Vinicius Karlinski de Barcellos (UFRGS TV, 2017).

¹³¹ Erico Veríssimo faleceu em 28 de novembro de 1975, aos 69 anos, e Moacyr Scliar em 27 de fevereiro de 2011, aos 73 anos.

¹³² Carlos Urbim faleceu em 13 de fevereiro de 2015, aos 67 anos.

¹³³ A ARI apresenta o programa *Conversa de Jornalista* aos sábados, pela rádio, desde 1999, até ser suspenso em razão da restrição das atividades presenciais na emissora durante pandemia de covid-19, em 2020 (CONVERSA..., 2021). Porém, anteriormente, apresentou outros programas na emissora, sendo o primeiro registro encontrado de 1960, com o *Boletim Informativo da ARI* (BOLETIM..., 1960).

Figura 37 - Troféu 60 anos (nov. 2017)



Troféu comemorativo é produzido e produzido dentro da universidade.
(Foto: Luis Ventura/Feira do Livro de Porto Alegre)

O sexagenário aniversário da emissora marca o início da campanha de arrecadação de recursos para uma nova reforma do prédio centenário, desta vez para dar acessibilidade à sede da emissora. O prédio possui três andares e sua entrada principal é por meio de uma escadaria, dificultando o acesso de pessoas com mobilidade reduzida. O projeto do Setor de Patrimônio Histórico (SPH) consiste na alteração da entrada do edifício, que passará a ocorrer pelo andar térreo, e na construção de um elevador na parte externa, de forma a não alterar em demasia suas características históricas (SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2023). Trata-se da continuidade da iniciativa de Wrana Panizzi para recuperação dos prédios históricos da UFRGS, que segue sendo promovida pelo SPH. Todos os anos, no início de dezembro, é realizado o Dia da Doação, data em que os doadores são recebidos na universidade. O lançamento da campanha em prol da Rádio da Universidade ocorre em 6 de dezembro, com a finalidade de arrecadar pouco mais de 1,03 milhão de reais¹³⁴ (VERSALIC, 2023).

¹³⁴ Até o encerramento desta pesquisa, em dezembro de 2023, foram arrecadados cerca de 768 mil reais, aproximadamente 75% da meta (VERSALIC, 2023).

Figura 38 - Projeto de acessibilidade (dez. 2017)



Por meio de um projeto do Setor de Patrimônio Histórico, emissora busca arrecadar doações para uma nova reforma do seu prédio histórico, agora para promover a acessibilidade do local.
(Foto: Rochele Zandavalli/UFRGS)

Neste final de 2017, seguem sendo produzidos pelo Setor de Jornalismo da emissora os seguintes programas, exibidos de segunda a sexta-feira: *Jornalismo 1080* (duas edições diárias), *Jornal da UFRGS* (duas edições em dias úteis, mais uma aos sábados e domingos), *Literatura*, *Toque de Arte* (também com uma edição ao sábado) e *Universidade Revista* (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2017). Uma vez por semana, continuam sendo veiculados o *Folhetim*, *Latini-dade* e o *Música em Pessoa*. O Setor de Programação mantém o *Boletim Astronômico*, diariamente, e o semanal *Uma Ópera por Semana*. Também continuam na grade os programas produzidos por voluntários: *Adufrgs no Ar*, *Conversa de Jornalista*, *Fronteiras da Ciência*, *Momento do Patrimônio*, *Sexta Lírica*, *Sonoridades*, *Toccata* e *UFRGS em Canto*. Nas quintas e sextas-feiras, vão ao ar os programas estudantis *Entrevista Coletiva* e *Por Volta do Meio-Dia* (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2017). Em 2015, *A Hora da Jazz* e *Visão Social* deixam a grade da emissora, e em 2016 se encerra a produção de *Filmes e Trilhas*, *Motivos de Campo*,

*Shalom Brasil, Shalom Jerusalém e Tangos en la Noche*¹³⁵. Em 2017, a equipe de jornalismo para de produzir o programa *UFRGS Entrevista* por falta de pessoal (HEINZELMANN, 2023).

O setor de Jornalismo cria em 2015 o semanal *Nota Musical*, que aborda programação de música de concerto em Porto Alegre e apresenta entrevistas sobre o assunto, em consonância com a linha expressada por Prytoluk de ser uma rádio segmentada nessa tradição musical (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2015). Inicialmente, o conteúdo é produzido pela estagiária de jornalismo com formação em Música Ana Giollo e, a partir de 2016, passa para o comando da jornalista da emissora Ana Laura Freitas (FREITAS, 2023; RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2015).

Dentre os programas de pessoas e entidades externas à rádio, uma novidade é o *Voz Docente*, do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – Seção UFRGS¹³⁶ (Andes/UFRGS), que estreou em agosto de 2014 (ANDES/UFRGS, 2014). O Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, começa a produzir em 2015 o programa *Estação Cidadania*, com entrevistas sobre as ações de extensão realizadas pela UFRGS com foco em educação, direitos humanos e cidadania (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2015; 2017). Em julho de 2016, tem início o *Extensão em Foco*, da Pró-Reitoria de Extensão, destacando as ações de extensionistas da universidade (RÁDIO DA UNIVERSIDADE, 2016). Em maio de 2017, estreiam dois programas: o *Sempre Tangos*, que traz uma seleção de músicas e as informações sobre os eventos desse ritmo platense, produzido pela jornalista Alessandra Bergmann e apresentado por Fábio Verardi, ambos voluntários (VERARDI, 2017, p. 2); e o *Músicas do Mundo*, do Núcleo de Estudos em Música do Brasil e América Latina do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, com foco nas práticas sonoro-musicais indígenas, africanas, afro-brasileiras e de comunidades periféricas e rurais, dentre outros (SANTOS; FERREIRA, 2017).

Neste período em que se encerra a presente pesquisa, observa-se que a programação da emissora tem algumas mudanças em comparação ao início da década, mas que não são causadas por uma decisão de mudança, pensadas dentro de uma linha de programação. Com exceção da criação do *Nota Musical*, os novos programas surgem de forma espontânea, a partir de grupos e entidades que apresentam propostas à emissora, enquanto os encerramentos dão-se por indisponibilidades dos produtores.

¹³⁵ Dados levantados a partir de comparação entre as programações recuperadas a partir do site Way Back Machine, uma vez que não foram localizados nos arquivos da emissora.

¹³⁶ Há dois sindicatos que detêm carta sindical para representar os professores da UFRGS: a Adufrgs e a seção UFRGS do Andes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se contar uma história da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul até o ano em que completou seis décadas, em 2017, situando-a no contexto da história do Brasil, do rádio e dos projetos educativos radiofônicos. Além de registrar a trajetória da primeira emissora universitária do país, o objetivo foi, a partir dos dados disponíveis, identificar o *posicionamento, identidade, segmento e formato de programação* adotados pela emissora ao longo dos anos.

Quanto ao *posicionamento*, é entendido aqui como um conjunto complexo de percepções, impressões e sensações que o público tem sobre a emissora (KOTLER; ARMSTRONG, 2007, p. 80). A partir dos registros recuperados nesta pesquisa, identifica-se que a Rádio da Universidade é apresentada com frequência como uma emissora especializada em música de concerto, dedicada à cultura e pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos registros até meados dos anos 1990, percebe-se que a emissora ocupa um lugar de referência cultural local, por onde passam intelectuais que visitam a cidade, que é ouvida por personalidades da cena cultural como Erico Veríssimo, Eva Sopher e Iberê Camargo. A percepção sobre a rádio é influenciada pelo lugar que a sua mantenedora, a UFRGS, ocupa na sociedade, de lugar de produção do conhecimento, de excelência. É possível aventar que o veículo começa sem muita reflexão sobre questões de programação. Porém, ao optar pela música de concerto, consequentemente *esboça um posicionamento* que se desenvolve no plano empírico e que não é constante e contínuo, pois não existe uma ideia a longo prazo, vai apenas acontecendo.

Identifica-se duas gestões que buscaram reposicionar a rádio: (1) Ilgo Wink, que pretende tornar a emissora mais moderna e conectada com a sociedade, seguindo com o seu foco na cultura, mas de forma mais ampla e diversa, trazendo mais estilos musicais e manifestações culturais, e com mais conexão com o presente, por meio do incremento do jornalismo. (2) Sandra de Deus, buscando fazer da emissora um modelo de rádio universitária pública, tornando-a mais próxima dos estudantes (ou seja, compreendendo a emissora como um laboratório de ensino) e mais democrática, no sentido de que diferentes grupos possam ter espaço para se manifestar, por meio do veículo. O jornalismo também é fortemente valorizado na sua perspectiva. Contudo, essas visões ficaram limitadas ao período de suas gestões e o posicionamento depende de consistência e de construção contínua.

Quanto à *identidade*, que decorre do posicionamento e que materializa o que a estação representa para seus ouvintes (WARREN, 2005, p. 97), pode-se dizer, em relação à Rádio da Universidade, que, por falta de um rigor em termos de planejamento, cria-se uma *identidade*

difusa, que é consequência da opção pela música de concerto e da relação com a universidade. Portanto, a identidade também se constrói de forma empírica, pois se edifica em função do *conteúdo* e não do seu *posicionamento*. A imagem de uma emissora séria, de locuções sóbrias, decorre da escolha da música de concerto. No entanto, essa seriedade e sobriedade é quebrada por programas produzidos por pessoas de fora do quadro da emissora, com destaque especialmente para os estudantes que, pelo seu perfil, vão adotar uma linguagem mais jovial, mais próxima do seu cotidiano, a não ser que sejam orientados a não o fazer.

É necessário ponderar que o posicionamento e a identidade são construídos a partir da emissora, mas se efetivam fora dela, pela percepção do público. Dessa forma, para determinar com mais precisão o posicionamento e a identidade, é necessária uma pesquisa de audiência, que não foi o foco deste estudo. Aqui, analisou-se esses dois pontos pela perspectiva da produção, ou seja, de como a rádio busca se posicionar e se identificar, utilizando-se para isso seus materiais de divulgação, as manifestações de seus integrantes e gestores, bem como a forma como a rádio foi retratada por veículos de notícias, ao longo do tempo.

A emissora se coloca, frequentemente, como divulgadora da cultura e informação de qualidade. É relevante questionar o conceito de qualidade: é uma definição passível de ser feita em termos objetivos (por exemplo, a informação de qualidade é aquela que é bem apurada, é contextualizada, vai no sentido de ampliar o conhecimento); assim como pode ser definida baseada em preconceitos (por exemplo, de que o samba, ou o nativismo, são estilos musicais que não tem qualidade). Portanto, é fundamental determinar o que significa essa qualidade que se pretende transmitir. Não se observa essa definição por parte da rádio, ficando restrita a concepções pessoais e que, portanto, também variam conforme a administração.

Possivelmente, o maior dilema da emissora esteja relacionado ao seu *segmento*. Este ponto não foi definido pela rádio e, dessa forma, oscilou de acordo com a compreensão da direção do momento. Pode-se dizer que há um consenso de que, enquanto uma emissora pertencente a um órgão público, não deve se dirigir a um público restrito. No entanto, em alguns momentos o veículo oscila entre reforçar sua opção pela música de concerto, estabelecendo uma relação com os apreciadores dessa tradição musical; e, em outros, trazer conteúdos com mais diversidade, se dirigindo então a um público mais amplo, ou a diferentes públicos. Ressalta-se que Rádio da Universidade adquiriu uma relação tão forte com a música de concerto que nenhum de seus gestores cogitou (ao menos não publicamente) abandonar esse enfoque em relação à seleção musical. Por isso, as direções que tentaram mudar o posicionamento e a identidade da emissora tiveram que adotar a estratégia de criar programas específicos com outras

manifestações musicais, a fim de manter como preponderante a programação dedicada à música de concerto.

Outro ponto problemático para a definição da emissora é o seu *formato de programação*, isto é, a forma como a emissora atrai e fideliza seus ouvintes. A rádio teve que acomodar diferentes atribuições em uma mesma grade: de promoção da música de concerto; de divulgação institucional da UFRGS e de suas administrações; de veicular informações da atualidade (jornalismo em geral); de dar espaço a programas governamentais de educação pelo rádio e às entidades e grupos da universidade; e de dar lugar para os estudantes, como laboratório de ensino. Atender a todas essas demandas, dirigir-se aos seus ouvintes de uma maneira coerente e ainda conquistar um público ouvinte não se revelou uma tarefa fácil. Observa-se que a programação vai sendo construída de maneira intuitiva e, em poucos momentos, há uma reflexão sobre sua constituição. No máximo, identifica-se em alguns períodos uma iniciativa de organização da parte musical, como mencionado em relação a Flávio Oliveira (REZENDE, 1968); e dos seus programas, quando, nos anos 1970, Vacília Derenji e a equipe identificam uma faixa horária preferencial, destinando-a aos conteúdos considerados mais importantes para a emissora (DERENJI, 1979, p. 4); e quando Ilgo Wink organiza a grade com programas a cada hora. Porém, nem mesmo essas definições de formato horário da programação se sustentaram ao longo do tempo, pois dependeram de concepções e iniciativas pessoais.

Após essas considerações, retorna-se à hipótese apresentada no início desta pesquisa, de que a Rádio da Universidade nunca definiu um posicionamento que gerasse um formato de programação, talvez com a exceção de alguns momentos que não tiveram continuidade ao longo dos anos. A partir dos dados levantados, conclui-se que a emissora possui um esboço de posicionamento e identidade que, como uma decorrência não planejada, delineiam um formato de programação baseado na música de concerto com concessões ao institucional, ao jornalismo, ao educativo e ao acadêmico (ensino laboratorial). Fala-se em *esboço* porque são construídos de forma empírica pelo transcorrer do tempo, não se identificando um planejamento. O posicionamento se esboça a partir da opção pela música de concerto e também pela relação com a UFRGS; e a identidade decorre dessas duas características, ou seja, é consequência do conteúdo, assim como o formato de programação. Em função da sua indefinição, os rumos da emissora se alteram conforme a gestão, o que, também, é determinada de maneira acidental: na maior parte das vezes, a escolha do diretor não se dá objetivamente pelo seu projeto para a rádio e sim por motivos políticos, ou de afinidades pessoais, ou talvez até mesmo por quem estava disponível no momento.

A falta de pesquisas junto ao ouvinte também dificulta o planejamento. Porém, baseando-se nos registros sobre manifestações do público e no estudo realizado nos anos 1980, infere-se que quem ouve a emissora é por apreciar a música de concerto, sintonizando a emissora essencialmente pela sua programação musical e não pelo conteúdo jornalístico, educativo ou de entretenimento.

A Rádio da Universidade surge de maneira não planejada, a partir de uma iniciativa pessoal (e não institucional) de um professor da Engenharia, Antônio Alberto Goetze, que quer um laboratório sobre irradiação e construção de transmissores e, também, um veículo de divulgação do conhecimento. Depois, a ideia é encampada por um reitor, Elyseu Paglioli, que vê no veículo uma forma de aproximação da universidade com a sociedade, isto é, de divulgação institucional. Desde seu início, a programação é fortemente marcada pela música de concerto, escolhida pela ideia de ser uma música de mais qualidade, a qual a maioria da população não tem acesso e, ainda, em oposição às emissoras comerciais. É principalmente a partir da música que a emissora vai, ao longo do tempo, esboçando um posicionamento e uma identidade, mas que não se consolidam justamente por serem acidentais. Cada gestão trouxe a sua perspectiva, o que impediu que um modelo específico se consolidasse. Também se constituiu um obstáculo o fato de a emissora não ter definido o seu segmento, se são os apreciadores da música de concerto, ou a comunidade universitária, ou diferentes segmentos. Percebe-se uma falta de consenso sobre o papel da emissora e uma ausência de projeto que perdure para além das gestões. Somente a partir da definição do segmento pretendido será possível definir um posicionamento e, a seguir, uma identidade coerente, assim como um formato de programação adequado. E apenas partindo de um consenso e de um planejamento se torna factível materializar essas definições independente da alternância de direções.

Outra dificuldade identificada na trajetória do veículo é a falta de investimentos, algo que não é uma particularidade da rádio da UFRGS, pelo contrário, é situação comum entre as universitárias (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2022, p. 11). Torna-se difícil elaborar e executar um planejamento para a emissora quando há poucos funcionários e se tem que lidar com equipamentos velhos, com falta de manutenção, com poucas verbas para a compra de discos ou CDs. Os gestores, ao longo dos anos, tiveram que criar diferentes soluções que, muitas vezes, foram depois interditas pelas administrações da universidade, pela falta de definições sobre como se pode angariar recursos financeiros. Em muitos momentos, as próprias características e limitações do serviço público impactaram negativamente na emissora.

No decorrer desta pesquisa, buscou-se primeiramente recuperar a trajetória da emissora. Para fins de organização, após os capítulos destinados aos referenciais teóricos, metodológicos

e conceitos relevantes para o estudo; e a um contexto sobre o rádio no Brasil; optou-se por dividir a história por décadas. Assim, no segundo semestre de 1950, a Rádio da Universidade dá início às primeiras transmissões, ainda em ondas curtas, sendo simbolicamente inaugurada em janeiro de 1951. É fechada em 31 de dezembro de 1953, após ser notificada para que cessasse a veiculação de músicas sem autorização governamental, e retorna em 18 de novembro de 1957, em ondas médias.

As décadas de 1960 e 1970 são de implantação da emissora, que ganha uma sede e um corpo de funcionários que possibilita a produção de programas. Também busca melhores equipamentos, principalmente um transmissor de maior potência (10 kW), e o aumento do tempo maior de irradiações. Neste período, são escolhidas as bases que vão permear a trajetória da emissora: a música de concerto e a relação com a universidade, por meio da divulgação institucional e do ensino de jornalismo. No decorrer dos anos 1980, a emissora sofre com a precarização e desgaste dos equipamentos, que culmina no episódio em que a rádio fica uma semana fora do ar, em 1989.

Os anos 1990 são de modernização técnica, da transição do vinil para o CD, em julho de 1990; transmissão em AM Stereo, em abril de 1991; uso de computadores e da internet, no ano de 1995; as transmissões via web, em março de 1998. Entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, a rádio busca se reinventar, a partir das iniciativas de Ilgo Wink e Sandra de Deus, em projetos que não persistem para além das respectivas gestões. Depois desse período, de meados dos anos 2000 em diante, a emissora entra em um ritmo de contínuismo, em que se registram poucas alterações.

Algumas questões seguem como inquietações, podendo se tornarem futuras perguntas de pesquisa: (1) Qual o caminho para a Rádio da Universidade em particular e para as emissoras de universidades em geral, a fim de seguir cumprindo seu papel de difusão de conhecimento e cultura e, ao mesmo tempo, conquistar novos públicos ouvintes? (2) Como adquirir relevância em um contexto em que o próprio rádio vem perdendo público e que a informação vem perdendo espaço para o entretenimento?

Da mesma forma, a recuperação da trajetória da emissora permite abordar pontos que não foram possíveis serem contemplados neste estudo. Um deles é o papel das mulheres na história da rádio. Na sua implantação, apesar de ser majoritariamente composta por homens, a equipe da emissora tem dentre as primeiras jornalistas Iara Bendati. Já no final dos anos 1960, assume a primeira diretora, Vacília Derenji. Uma das possibilidades é analisar como se dá e o porquê da presença feminina em uma posição que é minoritária dentro das rádios comerciais naquele período.

Ressalta-se ainda que não foi possível, ficando aberto para investigações futuras, realizar uma análise mais detalhada das programações de emissora, a partir da categorização dos programas que constaram na grade ao longo da sua história. Diante da inexistência de dados históricos sobre a rádio, foi necessário primeiro fazer o levantamento da trajetória da instituição. A partir dessa história, pode ser realizada uma categorização futura, embora, por questões de registro – como a ausência de arquivos sobre as programações e sobre as descrições dos programas – isso também seja uma tarefa difícil.

Por fim, resta, para futuras pesquisas, o período mais recente da rádio. Em 2020, as restrições impostas pela pandemia da covid-19 afetaram o trabalho e a programação da emissora, como aconteceu nos demais veículos: a grade de programas foi extremamente reduzida, ficando apenas os conteúdos que são produzidos pela própria equipe. No momento em que se encerra esta pesquisa, em janeiro de 2024, muitos dos programas retornaram, mas basicamente os que são produzidos internamente. A exceção é o *Por Volta do Meio-Dia*, que é gravado nos estúdios da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e rodado na emissora. Os setores, entidades e grupos que antes demandavam espaço na rádio, têm utilizado os podcasts, preferindo as facilidades das plataformas de áudio para distribuir seu conteúdo (a UFRGS conta hoje com a plataforma Lúmina Podcasts, que agrega este conteúdo).

A Rádio da Universidade se encontra em um momento em que precisa, sem ignorar a sua trajetória, pensar no seu futuro, em qual cultura e informação quer seguir transmitindo nas próximas décadas. Também, em como quer se posicionar em meio a um cenário em que o rádio e a comunicação como um todo passam por alterações profundas. Diante de uma conjuntura em que o rádio comercial está cada vez mais pressionado pela queda de anunciantes, as emissoras ligadas a órgãos públicos, como a Rádio da Universidade, tem o potencial de priorizar a informação de interesse público, de divulgar o conhecimento científico e cultural, de fomentar o pensamento crítico, de contemplar a diversidade da sociedade, de promover a cidadania, de dar voz a diferentes formas de pensar (desde que em respeito à democracia e aos direitos humanos), de ser entretenimento e companhia para seus ouvintes e, ainda, ser economicamente viável e com uma audiência cativa. Assim, a pioneira das rádios universitárias no Brasil certamente terá muita história para contar pelos próximos 60 anos.

REFERÊNCIAS

- 10 ANOS de junho de 2013: a cronologia do mês que mudou o Brasil. **UOL**, São Paulo, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutsche-welle/2023/06/06/10-anos-de-junho-de-2013-a-cronologia-do-mes-que-mudou-o-brasil.htm>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- 20 ANOS do impeachment do Collor. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/20-anos-do-impeachment>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- A EMISSORA pioneira das rádios universitárias completou 40 anos. **Jornal da ASSUFRGS**, Porto Alegre, n. 34, nov./dez. 1997, p. 10. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- ABERT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **Convênios**, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.abert.org.br/site/convenios/meconv>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- ABREU, Maria. A política de partidos não terá interferência na URGS. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 mai. 1964. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 287-295.
- ALBUQUERQUE, Armando. **Depoimento**. Porto Alegre, 1985. Entrevistador: Flávio Oliveira em 1985. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Carta de Natal**. Natal, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em 15 abr. 2024.
- ALMEIDA, Manuel Torres de. **Depoimento**. Porto Alegre, 2007. Entrevistadora: Silvia Secrieru em novembro de 2007. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- AMANO, André Torino Lopes. Alguns apontamentos sobre a crise da dívida e a política econômica de continuidade do governo Sarney (1985-1990). In: Congresso Brasileiro de História Econômica & Conferência Internacional de História de Empresas, 12. e 13., 2017, Niterói. **Anais...** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2017. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/congresso/xii-congresso-niteroi?page-name=Textos%20Completo>. Acesso em: 28 out. 2023.
- ANDES/UFRGS. **Voz Docente 2014 – Ouça os programas**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://andesufrgs.org.br/voz-docente-2014-ouca-os-programas>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- ANGELI, Douglas Souza. “Deixar de votar é votar no inimigo”: Igreja e imprensa católica na construção do eleitor no Rio Grande do Sul (1945-1950). **Revista Crítica Histórica**, Maceió, v. 10, n. 20, p. 39–54, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/6870>. Acesso em: 15 out. 2023.

ANÍBAL Damasceno Ferreira. **Espaço Documentação e Memória Cultural**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.pucrs.br/delfos/acervos/escritores-e-jornalistas/anibal-damasceno-ferreira>. Acesso em: 28 dez. 2023.

ANTUNES, Priscila Carlos Brandão. **SNI & ABIN: entre a teoria e a prática. Uma leitura de atuação dos serviços secretos brasileiros ao longo do século XX**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2001.

APRESENTAÇÃO Revista do Globo. **Espaço Documentação e Memória Cultural**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.pucrs.br/delfos/acervos/colecoes/revista-do-globo/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ARBITRARIAMENTE FECHADA a Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 jan. 1954, p. 5. Segundo Caderno. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/08984206/33214>. Acesso em: 30 set. 2023.

ARI divulga prêmio na categoria rádio. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 dez. 2001, p. 38. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

ARQUIVO NACIONAL. **João Baptista de Oliveira Figueiredo**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/figueiredo-jo-o-baptista-de-oliveira>. Acesso em: 7 abr. 2024.

AS EMISSORAS sob controle, com medo das concessões. **Cadernos de Jornalismo**, Porto Alegre, n. 1, p. 10-14, jul. 1977.

ASSUFRGS, Sindicato dos Técnico-administrativos em Educação da UFRGS, UFCSPA e IFRS. **História e conquistas**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.assufrgs.org.br/historia-e-conquistas>. Acesso em: 6 dez. 2023.

ATENTADO à cultura do Rio Grande. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 11 jan. 1954, p.11.

AVERBUCK, Lígia. *et al.* **Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS**. 2. Ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

BARBOSA E SILVA, Leonardo. Uma reforma contra o funcionalismo. **Perspectivas**, São Paulo, v. 27, p. 39-54, fev. 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/20>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BARBOSA, Marialva. Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia: uma dupla história. **Global Media Journal – Brazilian Edition**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, v.1, n. 1, set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/gmj/article/view/545/379>. Acesso em: 23 out. 2023.

BARBOSA, Marialva. Por uma história cultural da imprensa brasileira. **Lumina**, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 2, n. 1, jul. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20970/11345>. Acesso em: 23 out. 2023.

BARREIRO, Tania. Rádio universitária tem nova programação e mais audiência. **Jornal do Comércio**, 23 set. 1968, p. 7-8. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

BARRIONUEVO, José. Cientista duvida. **Correio do Povo**, Porto Alegre, out.1989. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

BARROS, Higino. 29 anos de música erudita na Rádio da Universidade. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 18 nov. 1986. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

BAUER, Carolina Silveira. **Avenida João Pessoa, 2050 – 3º andar: terrorismo de estado e ação de polícia política no Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BELIEIRO JUNIOR, José Carlos Martines. Economia e Política da Transição Democrática no Brasil: uma análise dos governos FHC, Lula e Dilma. **NORUS, Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, p. 198-213, 2016.

BENDATI, Iara de Almeida. **Depoimento**. Porto Alegre, 1987. Entrevistador: Sergio Stosch em novembro de 1987. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

BERNARDO, André. **Entre infartos, falências e suicídios: os 30 anos do confisco da poupança**. BBC News Brasil, Rio de Janeiro, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/03/17/entre-infartos-falencias-e-suicidios-os-30-anos-do-confisco-da-poupanca.htm>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BINOTTO, Sibila Francine Tengaten. **A construção da memória sindical a partir dos boletins informativos no período de 1987 a 1998 produzidos pelo Sindicato dos Técnico-administrativos em Educação da UFRGS (ASSUFRGS)**. 2023. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2023.

BOLETIM Informativo da ARI. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 9 nov. 1960. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

BRAGA JR., J. Uma universidade fala ao povo. **Revista do Globo**, Porto Alegre: Editora O Globo, n. 576, p. 37-39, 24 dez. 1952.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 abr. 2023.

BRASIL. Decreto nº 11.491, de 4 de fevereiro de 1943. Aprova o Regimento do Serviço de Radiofusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde. **Diário Oficial [dos] Estados Unidos do Brasil**, Brasília, 6 fev. 1943. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-11491-4-fevereiro-1943-469184-norma-pe.html>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. Decreto nº 2.108, de 24 de dezembro de 1996. Altera dispositivos do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 26 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1996/decreto-2108-24-dezembro-1996-437366-norma-pe.html>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BRASIL. Decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. Complementa e modifica a lei nº 4.117 de 27 de agosto de 1962. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**,

Brasília, 28 fev. 1967. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1960-1969/decreto-lei-236-28-fevereiro-1967-376046-norma-pe.html>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BRASIL. Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963. Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. **Diário Oficial [dos] Estados Unidos do Brasil**, Brasília, 12 nov. 1963. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-52795-31-outubro-1963-392967-norma-pe.html>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. **Diário Oficial [dos] Estados Unidos do Brasil**, Brasília, 5 out. 1962. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4117-27-agosto-1962-353835-publicacaooriginal-22620-pl.html>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BRASIL. Portaria Interministerial nº 651, de 15 de abril de 1999. Dispõe sobre os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens com finalidade exclusivamente educativa. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil - E**, Brasília, 19 abr. 1999. Seção 1, p. 19. Disponível em: <https://repositorio.mcti.gov.br/handle/mctic/1599>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. **Portaria nº 618**, de 1º de julho de 1950, do Ministério da Viação e Obras Públicas. Autoriza a instalação de uma estação radiotelefônica.

BRITO, Alan Alves. [Entrevista cedida a] Marco Weissheimer. **Sul21**, Porto Alegre, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2020/07/sempre-me-foi-dito-ao-longo-da-minha-trajetoria-que-a-ciencia-nao-era-o-meu-lugar>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRUNETTO, Giancarla. **Relatório sobre a cobertura do Concurso Vestibular UFRGS 2002**. Porto Alegre, RS, [2002]. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

BUCCI, Eugênio. Sobre a independência das emissoras públicas no Brasil. **Eptic - Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. 15, n. 2, maio-ago. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/944>. Acesso em: 7 jun. 2022.

CALEGARI, Luiza. **17 fatos que resumem o caos que foi 2017**. Exame, São Paulo, 28 dez. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/17-fatos-que-resumem-o-caos-que-foi-2017>. Acesso em: 2 jan. 2024.

CALLIGARO, Donesca. **TVs universitárias: um panorama das emissoras do Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CÂMARA DE VEREADORES DE PORTO ALEGRE. **Ata da quarta sessão especial da primeira sessão legislativa ordinária da décima segunda legislatura**. Porto Alegre, RS, 14 nov. 1997. Disponível em: https://www.camarapoa.rs.gov.br/site/anais_sessoes_plenarias_antigas/1997/11/14/004a%20SEsp%20%20-%2014nov1997.htm. Acesso em 5 jan. 2024.

CAMARGO, Juliano Leal. **Fabico: uma memória a resgatar**. 2009. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CAMPELO, Calebe Lucas Feitosa. Reforma Capanema e Reforma Mendonça Filho: primeiras aproximações. **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, Universidade Federal do Maranhão, 22-25 ago. 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo13/reformacapanemaereformamendoncafilhoprimeirasaproximacoes.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

CAPPARELLI, Sergio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982. 196 p.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. Política para a educação superior no governo Lula: expansão e financiamento. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 58, p. 209–244, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i58p209-244>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CASTRO, Ruy. Roquette-Pinto: o homem multidão. *In*: MILANEZ, Liane (org.). **Rádio MEC: herança de um sonho**. Rio de Janeiro: Acerp, 2007. P 53-89.

CEBRIÁN -HERREROS, Mariano. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

CERQUEIRA, Carolina; MOLITERNO, Danilo. Disputa entre Lula e Bolsonaro é a eleição para presidente mais acirrada da história. **CNN Brasil**, São Paulo, 30 out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia>. Acesso em: 2 jan. 2024.

COELHO, Herculano. **Depoimento**. Porto Alegre, 1987. Entrevistador: Sergio Stosch em novembro de 1987. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

COELHO, Livia, Maria. **Caras Pintadas: a juventude estudantil em 1992 e suas imagens em movimento**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

COMISSÃO PERMANENTE DE SELEÇÃO. **Manual do Candidato: vestibular 2010**. Porto Alegre, RS, 2009.

CONCURSO INFANTIL na emissora da universidade. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 17 ago. 1963. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

CONVERSA de Jornalista estreia na RS Rádio no próximo domingo (22/3). **Associação Rio-grandense de Imprensa**, Porto Alegre, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.ari.org.br/noticias/conversa-de-jornalista-estrela-na-rs-radio-no-proximo-domingo-22-3>. Acesso em: 28 dez. 2023.

COPERSE, Comissão Permanente de Seleção. **Densidade CV 2000**, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2000/densidade00.htm>. Acesso em: 23 nov. 2023.

CORRADO, Frank. **A força da comunicação: quem não se comunica...** São Paulo: Makron Books, 1994.

COSTELLA, Antonio. **Comunicação - do grito ao satélite**: história dos meios de comunicação. 5. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002. 239 p.

CRUZ, Elaine Patrícia. **Abraji registra 102 casos de agressão a jornalistas durante cobertura das manifestações**. Empresa Brasil de Comunicação, Brasília, Brasília, 28 out. 2013. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/10/abraji-registra-102-casos-de-agressao-a-jornalistas-durante-cobertura-das>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CUNHA, Janaína Dias. **A Reforma Universitária de 1968 e o processo de reestruturação da UFRGS (1964 – 1972)**: uma análise da política educacional para o ensino superior durante a ditadura civil-militar. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

CURADO, Marcelo. Uma avaliação da economia brasileira no Governo Lula. **Revista Economia & Tecnologia**, Curitiba, v. 7, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/26881/17837>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CURSO DE INGLÊS pelo rádio. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 12 abr. 1959, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/098230/36010>. Acesso em: 30 set. 2023.

CURTAS. **Boletim UFRGS**, Porto Alegre, ano 3, n. 1, mar. 1991. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

CYSNE, Rubens Penha. **A economia brasileira no período militar** - versão revisada. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

DE DOSTOIEVSKI a Paulo Coelho. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 16 jul. 2003, capa. Caderno Panorama. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DEL BIANCO, Nélia; PRATA, Nair. Ainda é preciso falar sobre rádio digital: elementos para retomada do debate sobre a digitalização da transmissão terrestre no Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador (virtual). **Anais...** [...] São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0393-1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

DELGADO, Lucélia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

DELGADO, Lucélia de Almeida Neves. A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias. *In*: **São Leopoldo, XXIV Simpósio Nacional de História**. 2007. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210564_84d38c9cfe41bf5923ff197bcd787740.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO. **Profissionais vinculados**. Porto Alegre, RS, [jul. 1991], p. 9. *In*: Departamento de Jornalismo: seminário Reouvir a Rádio. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO. **Programas elaborados**. Porto Alegre, RS, [jul. 1991], p. 5-6. *In*: Departamento de Jornalismo: seminário Reouvir a Rádio. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DEPARTAMENTO DE PROGRAMAÇÃO E DISCOTECA. **Programação de 7 a 13 de dezembro de 2013**. Porto Alegre, RS, [dez. 2013]. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DERENJI, Vacília *et al.* **Projeto para o desenvolvimento técnico do Centro de Teledifusão Educativa da UFRGS**. Porto Alegre, RS: Rádio do Centro de Teledifusão Educativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 12 dez. 1974.

DERENJI, Vacília. **Ofício, nº 158/1970**. Porto Alegre, RS: Rádio do Centro de Teledifusão Educativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 17 jul. 1970. Assunto: A universidade e a TV Educativa.

DERENJI, Vacília. **Relatório da Rádio e Planetário, de 1979**. Porto Alegre, RS: Centro de Teledifusão Educativa, 28 dez. 1979.

DERENJI, Vacília. **Relatório da rádio, de 1973**. Porto Alegre, RS: Rádio do Centro de Teledifusão Educativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1973.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. **Plano de gestão 2004/2008**. Porto Alegre, RS, [2004]. Documento não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327–338, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/77>. Acesso em: 23 out. 2023.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. **Relatório julho 2002 a dezembro 2002 e previsão orçamentária**. Porto Alegre, RS, 2002. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. **Depoimento**. Porto Alegre 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 4 de agosto de 2023.

DIAS, Lauro. **Depoimento pessoal**. Porto Alegre, RS, jul. 1991. *In:* Departamento de Jornalismo: seminário Reouvir a Rádio. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

DILLEMBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo**. *In:* DICIONÁRIOS HISTÓRICO-BIOGRÁFICOS do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIO%20DO%20POVO.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

DILMA é reeleita na disputa mais apertada da história; PT ganha 4º mandato. **UOL**, São Paulo, 26 out. 2014. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/10/26/dilma-cresce-na-reta-final-e-reeleita-e-emplaca-quarto-mandato-do-pt.htm>. Acesso em: 2 jan. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. *In:* DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

DUPONT, Juliano Fontanive. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 27 de dezembro de 2023.

DUTRA, Vicente Fernandes Dutra. **Rádios universitárias federais gaúchas: um estudo da programação jornalística**. 2007. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DUVAL, Adriana Ruschel. Nilo Ruschel: pioneiro do rádio gaúcho. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** [...]. Minas Gerais: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_duval.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

ECONOMIA dá sinal de vida: país derrota inflação, mas não o desemprego. **G1**, São Paulo, 29 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/retrospectiva/2017/noticia/economia-da-sinal-de-vida-pais-derrota-inflacao-mas-nao-o-desemprego.ghtml>. Acesso em 2 jan. 2024.

EMISSORA que transmite cultura. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 nov. 1957. Recorte sem numeração. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

ENDLER, Sergio Francisco. **Rádio Continental AM: história e narrativas**, em Porto Alegre, de 1971 a 1981. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

ENTREVISTA com cientista político é censurada na Rádio da Universidade. **Assufrgs**, Porto Alegre, 8 set. 2016. Disponível em: <https://www.assufrgs.org.br/2016/09/08/entrevista-com-cientista-politico-e-censurada-na-radio-da-universidade>. Acesso em: 23 dez. 2023.

EQUÍVOCO E CONFUSÃO. **Revista Hoje**, Porto Alegre, 15 fev. 1954.

ESTUDANTES dizem não ter prazo para desocupar prédios da UFRGS. **G1**, São Paulo, 1º nov. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/estudantes-dizem-nao-ter-prazo-para-desocupar-predios-da-ufrgs.html>. Acesso em: 23 dez. 2023.

ETIN, Carlos Eduardo. **A morte de Tancredo Neves em 21 de abril de 1985**. Acervo Estádio, São Paulo, 21 abr. 2020. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,acervo,70003277827,0.htm>. Acesso em: 28 out. 2023.

EVANGELISTA, Priscila. **Rádio da Universidade conquista o prêmio AMRIGS/ ARI de divulgação científica**. [Relise]. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

FABICO, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. **Graduação em Jornalismo**. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/jornalismo/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

FAJARDO, Vanessa. **Entenda a reforma do ensino médio**. G1, São Paulo, 8 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-reforma-do-ensino-medio.ghtml>. Acesso em 2 jan. 2024.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 28, p. 17–36, jul. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>. Acesso em: 7 out. 2023.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Da cátedra universitária ao departamento: subsídios para discussão. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23., 2000, Caxambu. **Anais... [...]**. Minas Gerais: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1118t.PDF>. Acesso em: 7 out. 2023.

FELTEN, Rui Roberto. O radioteatro está voltando ao ar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 dez. 1992, p. 2. Segundo Caderno. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

FERNANDES, Ismail. Vacília vai ver como é educativa. **Folha da Manhã**, Porto Alegre, 27 jul. 1970. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

FERRARETTO, Luiz Artur. Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 12, n. 2, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/5020>. Acesso em: 20 out. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Luiz Carlos Vergara Marques e o Turfe e Boa Música**. Uma história do rádio no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.radio-nors.jor.br/2006/01/luiz-carlos-vergaramarques-e-o-turfe-e.html>. Acesso em: 27 out. 2023.

FERRARETTO, L. A. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. e40142, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/40142>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais... [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0046-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Ed. Ulbra, 2007b.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio no Brasil: histórias a serem contadas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 2, p. 11–21, 18 dez. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. Um século em 21 anos: o rádio brasileiro sob a convergência (ou das fantasias eletrônicas à incerteza gerencial). **Novos Olhares**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 33-49, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/191534>. Acesso em: 4 jan. 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. 14, n. 2, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/418/332>. Acesso em: 20 out. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Uma rádio que dava samba**: a Princesa AM, de Porto Alegre. Uma história do rádio no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.radionors.jor.br/2003/01/uma-radio-que-dava-samba-princesa-am.html>. Acesso em: 27 out. 2023.

FERREIRA, Agostinho. [Carta] Destinatário: Rádio da Universidade. Rolante, 26 out. 1963. 1 fl. Assunto: **agradecimento pelo prêmio concedido**. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

FERREIRA, Carmen. **Reouvir a Rádio**: depoimento individual. Porto Alegre, RS, 12 jul. 1991. In: Departamento de Jornalismo: seminário Reouvir a Rádio. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

FERREIRA, Suely. Reformas na educação superior: de FHC a Dilma Rousseff (1995-2011). **Linhas Críticas**, Brasília, v. 18, n. 36, p. 455-472, ago. 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-04312012000200013&script=sci_abstract. Acesso em: 18 nov. 2023.

FGV, Fundação Getúlio Vargas. **Atlas histórico do Brasil**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/governo-geisel-1974-1979/mapas/o-milagre-na-industria-automobilisticaexportacoes-o-pib>. Acesso em: 14 out. 2023.

FIGUEIREDO, Adriana. **Rádio da UFRGS recebe homenagem pelos seus 60 anos**. Câmara de Vereadores, Porto Alegre, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://www.camara-poa.rs.gov.br/noticias/radio-da-ufrgs-recebe-homenagem-pelos-seus-60-anos>. Acesso em 26 dez. 2023.

FLECK, Roberto Antunes. Rádio da Universidade chega aos 25 anos com muitos planos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 nov. 1981. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

FRANCÊS ao alcance de todos. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 9 mar. 1958.

FREITAS, Ana Laura. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 18 de dezembro de 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI – Rádio e Televisão. **No ar um projeto em construção: uma contribuição à memória TVE e FM Cultural**. 1. ed. Porto Alegre: 2002.

FURTADO, Rômulo Villar. **Ofício nº 182/1975**. Brasília, DF: Ministério das Comunicações, 10 abr. 1975. Assunto: Informação Plano Básico.

- GAMBARO, Daniel. **A instituição social do rádio**: (re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático. 2019. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.
- GIACOMAZZI, Gabriel dos Santos. **“Olha aí o tapetão!...”**: autoritarismo, cultura política e o caso da primeira eleição para reitor da UFRGS (1988). Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GILBERTO PAULETTI. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://coletiva.net/onde-estao/gilberto-pauletti,185697.jhtml>. Acesso em: 20 out. 2023.
- GIÚDICE, Noelle Carvalho Del. **De materialista a pós-materialista**: a trajetória programática do Psol e a representação de novas demandas. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- GOETZE, Alberto. **Apresentação de solução para a localização da Estação Rádio**. Porto Alegre, 23 set. 1954.
- GOETZE, Alberto. **Carta ao reitor Alexandre Martins da Rosa**. Porto Alegre, 1951.
- GOETZE, Alberto. **Concessão de licença de uma radiodifusora**. Porto Alegre, 5 abr. 1956.
- GOLIN, Cida.; FREITAS, Ana Laura Colombo de. A gênese de uma emissora pioneira na década de 1950: apontamentos para uma história cultural da rádio da Universidade (UFRGS). *In*: ALBUQUERQUE, Eliane; MEIRELLES, Norma (org.). **Rádios Universitárias**: experiências e perspectivas. João Pessoa: Editora do CCTA (Universidade Federal da Paraíba), 2019. p. 146-164.
- GOLIN, Cida.; FREITAS, Ana Laura Colombo de. A rádio da Universidade entre as décadas de 60 e 70: a consolidação do perfil cultural e de programação. *In*: RADDATZ, Vera Lucia Spacil *et al.* (org.). **Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção**. Ijuí: Editora Unijuí, 2020, v. 1, p. 170-187.
- GOMES, Luís. **UFRGS retoma aulas nesta segunda (2) após fim de ocupações e greve dos professores**. Sul21, Porto Alegre, 2 jan. 2017. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2017/01/ufrgs-retoma-aulas-nesta-segunda-2-apos-fim-de-ocupacoes-e-greve-dos-professores>. Acesso em: 23 dez. 2023.

GOVERNO FEDERAL. **Obter outorga para exercer serviços de radiodifusão educativa**, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-outorga-para-exercer-servicos-de-radiodifusao-educativa>. Acesso em: 6 mar. 2023.

GRASSI, André Soares. **Depoimento sobre o Por Volta do Meio-Dia**. Porto Alegre, 20 dez. 2023. Depoimento por escrito (4f.).

GRISOLIO MENDES, Lilian Marta. Aliança e recompensa: a política de alinhamento do Governo Dutra nos primórdios da Guerra Fria no Brasil. **Dossiê História Política do Brasil: historiografia, história e memória**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 106–124, jul.-nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/18336>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GUAZZELLI, Francisco Guimaraens. **Fronteiras da ciência: divulgação científica no rádio**. 2014. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HÁ 42 ANOS, Vladimir Herzog era assassinado pela ditadura. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/vladimir-herzog-presente>. Acesso em: 14 out. 2023.

HAGEMANN, Lauro. **Depoimento**. Porto Alegre, 1987. Entrevistador: Sergio Stosch em novembro de 1987. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

HAMILTON, Duda; MARKUN, Paulo. **1961: que as armas não falem**. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

HANDELSMAN, Vacília Derenji. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 10 de setembro de 2023.

HAUBRICH, Alexandre. **Nada Será Como Antes: 2013, o ano que não acabou, na cidade onde tudo começou**. Porto Alegre: Libretos, 2018.

HAUSSEN, Doris Fagundes. A pesquisa em rádio no Brasil: o papel do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e dos PPG em Comunicação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais...** [...]. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1130-1.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2022.

HEINZ, Flávio M. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 58, p. 263-289, dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882009000200002>. Acesso em: 26 nov. 2023.

HEINZELMANN, Claudia Petersen. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 25 de outubro de 2023.

HEINZELMANN, Claudia Petersen. **Reouvir a Rádio**. Porto Alegre, RS, [jul. 1991]. *In: Departamento de Jornalismo: seminário Reouvir a Rádio*. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HENN, Leonardo Guedes; NUNES, Pâmela Pozzer Caetano. A educação escolar durante o período do Estado Novo. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 2, n. 6, ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/254>. Acesso em: 30 mar. 2023.

HORTA, José Silverio Baia. Histórico do Rádio Educativo no Brasil (1922/1970). **Cadernos da PUC – RJ: Tópicos em Educação, Série Educação**, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, nº 10, p. 73-124, set. 1972. Disponível em: http://forumeja.org.br/df/files/historico.radio_.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.

IANNI, Octavio. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 322p.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dívida externa bruta (1950-2022)**, Brasília, 2023. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=38367>. Acesso em: 15 out. 2023.

IVAPE TÊXTIL. **A empresa**, São Paulo, 2023. Disponível em: <http://www.ivape.com.br>. Acesso em: 8 out. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JK PERMANECERÁ três horas em Porto Alegre. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 10 jan. 1958, p 14. Disponível em: Acesso em: 30 set. 2023.

KENNY BRAGA: um colorado nacionalista. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/kenny-braga-um-colorado-nacionalista,175375.jhtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* História do Rádio Universitário no Brasil – Uma Primeira Abordagem. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 11., jun. 2017, São Paulo. **Anais...** [...]. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-11o-encontro-2017>. Acesso em: 27 jan. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 151-168., jul./dez. 2018. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/issue/view/672/showToc>. Acesso em: 27 jan. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Rádios universitárias no Brasil: expansão em risco. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 45., 2022, João Pessoa. **Anais...** [...] São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0802202218023162e990e767645.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

KLÖCKNER, Luciano. Segunda a Cadeia da legalidade: a tentativa de resistência ao golpe de 1964 no rádio. *In: MONTEIRO, Charles; ABREU, Luciano Aronne; KLÖCKNER, Luciano (org.). Segunda Legalidade: registros históricos e jornalísticos*. Porto Alegre: Evangraf/ Edipucrs, 2014. p. 93-114.

KOCH, Rodrigo. **Universiade 1963**: história e resultados dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre. São Leopoldo: Gráfica da Unisinos, 2003.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**. Diário da campanha das Diretas. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (org.). **(Re)Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LETRAS e Rádio têm inaugurações. **Boletim UFRGS**, Porto Alegre, ano 3, n. 11, p. 1, 2^a quinzena nov. 1991.

LIMA, José Carlos de Cavalheiro. **Depoimento**. Porto Alegre, 1987. Entrevistador: Sérgio Stosch em novembro de 1987. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

LINHA do tempo da Lava Jato. **G1**, São Paulo, 7 jan. 2019. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2015/lava-jato/linha-do-tempo-da-lava-jato>. Acesso em 2 jan. 2024.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. As bases da Reforma Universitária da ditadura militar no Brasil. In: Encontro Regional de História, 15., 2012, São Gonçalo. **Anais...** [...]. Rio de Janeiro: Associação Nacional de História – ANPUH, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338430408_ARQUIVO_AsbasesdaReformaUniversitariadaditaduramilitarnoBrasil.pdf. Acesso em: 7 out. 2023.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Regulação da radiodifusão educativa**. Brasília: Câmara dos Deputados, Consultoria Legislativa, 2011. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/5964>. Acesso em: 7 abr. 2023.

LOPEZ, Debora Cristina *et al.* Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissoras tradicionais. **Rádio-Leituras**, Ouro Preto, v. 10, n. 1, p. 60-78, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/3993/3053>. Acesso em: 23 dez. 2023.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom, 2010. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

LUNARDELLI, Fatimarlei. **Vozes do Rádio**. Porto Alegre, 24 nov. 2011. Entrevistadores: alunos do Curso de Jornalismo da PUCRS em 2011. Disponível em: <https://vozesdoradiomaha20112.wordpress.com/2011/11/24/entrevista>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MACEDO, Luiz Antônio Souza Lima de. **Ofício nº 522/1977**. Brasília, DF: Programa Nacional de Teleeducação, 13 mai. 1977. Assunto: Rádio Universitária.

MANSAN, Jaime Valim. **Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da ditadura civil-militar (1964 e 1969)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MAROCCO, Marco Aurélio. Professora Sandra de Deus é Cidadã de Porto Alegre. **Câmara Municipal de Porto Alegre**, Porto Alegre, 23 jun. 2022. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/professora-sandra-de-deus-e-cidada-de-porto-alegre>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15–35, jan. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100002>. Acesso em: 7 out. 2023.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 74, p. 17-33, mar./abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.63035>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MARTINS, Maria do Carmo. Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 51, p. 37-50, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/35821/22090>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEDINA, Cremilda. **Depoimento sobre a ocupação da Rádio da Universidade em abril de 1964**. São Paulo, 11 jun. 2023. Depoimento por escrito (3f.).

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Francisco de (org.). **O novo rádio: cenário da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Senac, 2010. p. 203-238.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO, Itamar. Um tesouro desfigurado pelo tempo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 jul. 1999, p. 56-57. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

MESTRES da Música Alemã. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 mai. 1957, p. 8-9.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Acordo de Cooperação nº 6/2021. Acordo de Cooperação nº 6/2021 que entre si celebram a União, por intermédio do Ministério da Educação – MEC e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT, para os fins que especifica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 7 dez. 2012. Seção 3, p. 69. Disponível em: https://www.abert.org.br/pdf/Convenio_2021.pdf. Acesso em 2 jul. 2023.

- MONTEIRO, Graça França. A notícia institucional. *In*: DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 142-160.
- MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 364.
- MOSCO, Vincent. Repensando e renovando a economia política da comunicação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 97–114, dez. 1998.
- MOSCO, Vincent. Current trends in the political economy of communication. **Global Media Journal - Canadian Edition**, v. 1, n. 1, p. 45–63, 2008.
- MOSCO, Vincent. **The political economy of communication**. 2. ed. London: Sage Publications, 2009.
- MOTTA, Marly. Teotônio das Alagoas: o menestrel da abertura. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 8, p. 259–282, dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/12782>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- MUCCILLO, Torino. **Rádio Educativo: Relações entre Legislação e Programação - Estudo das emissoras educativas da região metropolitana de Porto Alegre**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2001.
- MULHER OCUPA chefia de rádio no Sul. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 jul. 1968. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana Martins de. Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** [...] São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <https://www.portaintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0078-1.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- NASCIMENTO, Helio. **Depoimento**. Porto Alegre, 2007. Entrevistadora: Rejane Salvi em novembro de 2007. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- NASCIMENTO, Helio. **Depoimento**. Porto Alegre, 2019. Entrevistadores: Ana Laura Colombo de Freitas e André Grassi em 26 de março de 2019. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- NASCIMENTO, Hélio; STOSCH, Sergio. **Ensaio sobre a programação musical da Rádio da Universidade**. Porto Alegre, RS, nov. 1991. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.
- NEWTON, Gregory D. Marketing radio. *In*: EASTMAN, Susan Tyler; FERGSON, Douglas A.; KLEIN, Robert A. **Media promotion and marketing for broadcasting, cable and the internet**. 5. ed. Oxford: Elsevier, 2006, p. 31-36.
- NOGUEIRA, Marcos Pupo. A música do Brasil e do mundo. *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (coord.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012, p. 122-125.

NOVOS HORIZONTES para a Rádio da Universidade. **Inf. Porto Alegre**, Porto Alegre, abr./jun. 1979. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

NÚCLEO INTEGRADO DE COMUNICAÇÃO E CULTURA. **Projeto programa de rádio Sintonia da Terra**. Porto Alegre, RS, jul. 1996. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

OBINO, Aldo. A RCTE da UFRGS. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 9 fev. 1973. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

OJEDA, Francisco. Está no ar a voz da universidade. **Jornal O Coruja**, Porto Alegre. Ano VI, nº 9, p. 3-5, jun. 1959.

OLIVEIRA, Gesner; TUROLLA, Frederico. Política econômica do segundo governo FHC: mudança em condições adversas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 195–217, nov. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000200008>. Acesso em: 18 nov. 2023.

OLIVEIRA, Patrícia. Janaína Paschoal: denúncia é formada por pedaladas fiscais e investigações da Lava Jato. **Agência Senado**, Brasília, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/28/janaina-paschoal-denuncia-e-formada-por-pedaladas-fiscais-e-investigacoes-da-lava-jato>. Acesso em: 2 jan. 2024.

OLIVEIRA, Samir. **Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013**, o ano que não terminou. Sul21, Porto Alegre, 25 dez. 2013. Disponível em: <https://10anos.sul21.com.br/2013/12/25/2013-retrospectiva-dos-protestos-em-porto-alegre-2013-o-ano-que-nao-terminou>. Acesso em: 29 dez. 2023.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina O.; SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 5, p. 403–414, out. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000500011>. Acesso em: 28 out. 2023.

OS 30 ANOS da rádio. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, out./nov. 1987. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

PAGLIOLI, Elyseu. **Universidade do Rio Grande do Sul - uma fase em sua história**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade, 1964.

PARECER Nº 120. **Comissão Técnica de Rádio**. Rio de Janeiro, RJ, 4 fev. 1955.

PARECER Nº 122. **Comissão Técnica de Rádio**. Rio de Janeiro, RJ, 4 fev. 1955.

PARKER, Marcelo Xavier. **Visibilidade, deliberação e afetos: comunicação e política nas ocupações da UFRGS em 2016**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PATRÍCIO, Edgard. Educação e comunicação no contexto de criação da Rádio MEC do Rio de Janeiro. In: BIANCO, Nélia Del; KLÖCKNER, Luciano; FERRARETTO, Luiz Artur (org.). **80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS,

2017. p.174-192. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170915>. Acesso em: 30 mar. 2023.

PCB, Partido Comunista Brasileiro. **História**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/historia.html>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PEC que restringe gastos públicos é aprovada e vai a promulgação. **Agência Senado**, Brasília, 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>. Acesso em: 2 jan. 2024.

PEREIRA, Ester Liberato; LYRA, Vanessa Bellani; MAZO, Janice Zarpellon. UNIVERSIDADE DE 1963: PORTO ALEGRE SEDIA UM EVENTO ESPORTIVO MUNDIAL. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8238>. Acesso em: 28 set. 2023.

PEREZ, Tatiana Spalding. 50 anos de cultura. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212935>. Acesso em: 27 set. 2022.

PFEIFER, Marcos Almeida. **Nativismo no rádio do Rio Grande do Sul**: o fortalecimento da identidade cultural do povo gaúcho. 2009. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PIERANTI, Octavio Penna. **O processo sem fim**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2021. Disponível em: <https://faclivros.wordpress.com/2021/04/13/lancamento-fac-livros-o-processo-sem-fim>. Acesso em: 6 jun. 2022.

PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas Públicas de Radiodifusão no Governo Dilma**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/9788593078279>. Acesso em 4 jan. 2024.

PILLA, Maria Regina. Rádio da Universidade vai da ópera ao jazz. **Zero Hora**, 4 dez. 1968, p. 34-35. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

PIMENTEL, Fábio Prado. **Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica**. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 2004.

PINHEIRO, Márcio. Uma experiência que recupera a Era do Rádio. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 ago. 1992, p. 4. Segundo Caderno. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

PINHO, José Benedito. **Propaganda institucional: usos e funções da propaganda em relações públicas**. São Paulo: Summus, 1990.

PINTO, Eduardo Costa; PINTO, José Paulo Guedes; BARUCO, Grasiela; SALUDJIAN, Alexis; BALANCO, Paulo; SCHONERWALD, Carlos; NOGUEIRA, Isabela. **A economia política dos governos Dilma: acumulação, bloco no poder e crise**. Textos para discussão. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2016/06/Economia-pol%C3%ADtica-governo-Dilma.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2023.

PINTO, Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 100, p. 119–153, jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-119153/100>. Acesso em: 2 jan. 2024.

PREFEITURA da cidade do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**: compromisso com a verdade. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2001. (Caderno de Comunicação: Série Memória).

PREFEITURA reforma prédio da UFRGS. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 set. 2000. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

PROFESSORES gaúchos no Rio. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1959.

PROGRAMA de rádio aborda questões ambientais. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/programa-de-radio-aborda-questoes-ambientais,195682.jhtml>. Acesso em: 27 nov. 2023.

PROGRAMA de rádio aborda responsabilidade social. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/programa-de-radio-aborda-responsabilidade-social,191795.jhtml>. Acesso em: 27 nov. 2023.

PROGRAMA de rádio fala sobre cursos e profissões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 26 dez. 1997, p. 45. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

PROEXT, Pró-Reitoria de Extensão. **O papel da Rádio da UFRGS: uma pesquisa de audiência e de opinião**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981m

PROTESTOS pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos. **G1**, São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>. Acesso em 29 dez. 2023.

PRYTOLUK, André Luis. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 18 de outubro de 2023.

PRYTOLUK, André Luis. **Sobre a suspensão do programa Entrevista Coletiva em 2016**. Porto Alegre, 5 jan. 2024. Depoimento por escrito (1f.).

PSDB diz que não é possível auditar sistema do TSE e pede voto impresso. **G1**, Brasília, 30 out. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/auditoria-do-psdb-nao-encontra-fraudes-no-2-turno-das-eleicoes-2014.html>. Acesso em 2 jan. 2024.

PSDB pede ao TSE auditoria para verificar 'lisura' da eleição. **G1**, Brasília, 4 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>. Acesso em 2 jan. 2024.

RÁDIO COM NOVA ORIENTAÇÃO. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, jul. 1981, p. 11. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UFRGS apresenta peça de Scliar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 dez. 1992. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UFRGS avalia que entrevista de cientista político ‘provavelmente’ não fere lei eleitoral. **Sul21**, Porto Alegre, 9 set. 2016. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2016/09/radio-da-ufrgs-avalia-que-entrevista-de-cientista-politico-provavelmente-nao-fere-lei-eleitoral>. Acesso em: 23 dez. 2023.

RÁDIO DA UFRGS está voltando com técnica e programação novas. **Boletim UFRGS**, Porto Alegre, ano 3, n. 10, p. 1, 1ª quinzena nov. 1991.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 mai. 1967. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE comemora 33 anos com programa especial. **Roteiro radiofônico**. Porto Alegre, RS, nov. 1990. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE comemora 43 anos. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 15 nov. 2000, capa. Caderno Panorama. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE em situação precária. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 out. 1987, p. 13. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE FORA DO AR. **Zero Hora**, Porto Alegre, 7 ago. 1989, p. 37. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE funcionará 24 horas. **Boletim UFRGS**, Porto Alegre, n. 9, p. 6, 1ª quinzena mar. 1994.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE inaugura novos estúdios. **Zero Hora**, Porto Alegre 12 dez. 1991. Segundo Caderno. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE já entrou na era do CD. **Boletim UFRGS**, Porto Alegre, ano 2, n. 4, p. 2, 16 set. 1990.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE PODE VOLTAR a funcionar. **Zero Hora**, Porto Alegre 8 ago. 1989. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE selecionará estagiários de jornalismo. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 28 mar. 1967. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Cerimônia de aniversário de 60 anos da Rádio da Universidade**. Porto Alegre, 18 nov. 2017. Facebook: Rádio da Universidade @radioufrgs. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/128972974403947>. Acesso em 23 dez. 2023.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **História**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/radio/quem-somos>. Acesso em: 5 jan. 2023.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Informações da rádio**. Porto Alegre, RS, 1986. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Informações sobre a emissora.** Porto Alegre, RS, 2001. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Jornal Laboratório de Comunicação UFRGS,** Porto Alegre, out. 1989. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Postagem Estação Cidadania.** Porto Alegre, 16 jul. 2015. Facebook: Rádio da Universidade @radioufrgs. Disponível em: <https://www.facebook.com/radioufrgs/photos/a.589793374386069/985961791435890>. Acesso em 26 dez. 2023.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Postagem Extensão em Foco.** Porto Alegre, 22 jul. 2016. Facebook: Rádio da Universidade @radioufrgs. Disponível em: <https://www.facebook.com/radioufrgs/photos/a.589793374386069/1200845266614207>. Acesso em 26 dez. 2023.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Postagem Nota Musical.** Porto Alegre, 6 mar. 2015. Facebook: Rádio da Universidade @radioufrgs. Disponível em: <https://www.facebook.com/radioufrgs/photos/a.589793374386069/918803558151714>. Acesso em 23 dez. 2023.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Programação do dia 27 de outubro a 07 de novembro de 2017.** Porto Alegre, out. 2017. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171029132914/http://www.radio.ufrgs.br/prog.html>. Acesso em 23 dez. 2023.

RÁDIO DA UNIVERSIDADE. **Programas.** Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20131012220201/http://www.radio.ufrgs.br/programa.html>. Acesso em 23 dez. 2023.

RÁDIO DA URGS: união entre o povo e a universidade. **Correio do Povo,** 18 nov. 1957.

RÁDIO UNIVERSIDADE faz programa para empreendedor. **Coletiva.net,** Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/radio-universidade-faz-programa-para-empreendedor,195252.jhtml>. Acesso em: 27 nov. 2023.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA integra-se na campanha de alfabetização. **Correio da Manhã,** Rio de Janeiro, 19 abr. 1959, p. 5 e 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/104776 e http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/104787. Acesso em: 30 set. 2023.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA: cultura para o povo. **Correio da Manhã,** Rio de Janeiro, 10 nov. 1957. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RADIODIFUSÃO DA UNIVERSIDADE é cultura e boa música para todos. **Folha da Tarde,** Porto Alegre, 6 mai. 1958.

RADIODIFUSÃO DA UNIVERSIDADE. **Jornal do Dia,** Porto Alegre, 8 fev. 1958, p. 4.

RADIODIFUSÃO DA URGS. **Regimento interno.** Porto Alegre, RS, 1964. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RADIONOVELAS vêm em nova roupagem. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 ago. 1992, p. 19. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

REFORMA trabalhista completa um ano sob questionamentos e sem desfecho. **Agência Senado**, Brasília, 9 nov. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/11/09/reforma-trabalhista-completa-um-ano-sob-questionamentos-e-sem-desfecho>. Acesso em: 2 jan. 2024.

REGULAMENTO INTERNO. **Estação Rádio da Universidade**. Porto Alegre, ago. 1953.

REZENDE, Carlos. Rádio da Universidade em nova fase, após 11 anos. **Correio do Povo**, 17 nov. 1968. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RIBEIRO, Adriana Gomes. **Vontade de educar: entre a ciência e a política: a PRD5 – Rádio-escola Municipal do Distrito Federal, seu contexto e sua história**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2009.

RICHERS, Raimar. Segmentação de mercado: uma visão de conjunto. *In*: RICHERS, Raimar; LIMA, Cecília Pimenta (org.). **Segmentação: opções estratégicas para o mercado brasileiro**. São Paulo: Nobel, 1991, p. 13-24.

RIES, Al; TROUT, Jack. **Posicionamento: a batalha pela sua mente**. São Paulo, SP: M.Books, 2009. 214 p.

ROCHA, Mariana Vieira da. **A Rádio Sociedade e a educação para Roquette-Pinto**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, Carlos Henrique Lopes; JURGENFELD, Vanessa Follmann. Desnacionalização e financeirização: um estudo sobre as privatizações brasileiras (de Collor ao primeiro governo FHC). **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 393-420, maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n2art05>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Relatório da diretoria da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro apresentado em 20 de abril de 1930**. Rio de Janeiro, 1930. Disponível em: https://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/3521_720px.jpg. Acesso em: 30 mar. 2023.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RUSCHEL, Nilo. **Ofício nº 242/1963**. Porto Alegre, RS: Radiodifusão da UFRGS, 30 out. 1963. Assunto: informação à Divisão de Contabilidade. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

RUSCHEL, Nilo. **Intervenção na rádio**. Porto Alegre, RS: Radiodifusão da UFRGS, 26 jun. 1964. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SALLUM JR, Brasílio. Governo Collor: o reformismo liberal e a nova orientação da política externa brasileira. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, p. 259–288, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582011000200002>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SALOMÃO, Lucas. **Saiba quais indícios motivaram investigação de políticos na Lava Jato**. G1, Brasília, 7 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2015/03/saiba-quais-os-indicios-motivaram-investigacao-de-politicos-na-lava-jato.html>. Acesso em 2 jan. 2024.

SALVI, Rejane. Rádio da Universidade – 1080 – depoimento, análise, observações ou elocubrações. Porto Alegre, RS, [jul. 1991]. In: Departamento de Jornalismo: seminário **Reouvir a Rádio**. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SANDRA de Deus: Feita de retalhos (e não de atalhos). **Coletiva.net**, Porto Alegre, 1º set. 2023. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/sandra-de-deus-feita-de-retalhos-e-nao-de-atalhos,432862.jhtml>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SANTIAGO, Diná Pettenuzzo. **Jogos Mundiais Universitário de 1963**: repercussões no associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre/RS. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Caetano Maschio; FERREIRA, Amanda Moreira. Músicas do Mundo: Etnomusicologia, Cidadania e Participação. In: SALÃO DE EXTENSÃO, 18., out. 2017, Porto Alegre. **Cadernos de Resumos**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/185517>. Acesso em 26 dez. 2023.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Poder e política**: crônica do autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a los estudios de la Comunicación. In.: JENSEN, Klaus Bruhn; JANKOWSKI, Nicholas W. (ed). **Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993. p. 211-228.

SCLIAR, Moacyr. Nas ondas de uma pequena rádio. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 nov. 1997, p. 3. Revista ZH. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SEÇÃO ADMINISTRATIVA. **Informe da Seção Administrativa quanto aos serviços do Serte na rádio**. Porto Alegre, RS, 1967. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO. **Relatório 2005 e metas 2006**. Porto Alegre, RS, [2005]. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SECRIERU, Silvia. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 18 de outubro de 2023. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SENADO aprova reforma do ensino médio, que segue para sanção. **Agência Senado**, Brasília, 8 fev. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/08/senado-aprova-reforma-do-ensino-medio-que-segue-para-sancao>. Acesso em: 2 jan. 2024.

SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **Projeto de Acessibilidade ao Prédio da Rádio da Universidade**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/patrimoniohistorico>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **Rádio da Universidade**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/patrimoniohistorico/radio-da-universidade>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SILVA, Caroline da. **Na trilha dos filmes em cena: um panorama do cinema no rádio de Porto Alegre**. 2005. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, Mozart Pereira. Um presentia à comunidade gaúcha. **Zero Hora**, Porto Alegre, 3 ago. 2002, p. 5. Segundo Caderno. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

SPERANCINI, José Henrique Bassi Souza; DANTAS, Paulo Pio. o colapso do ciclo econômico brasileiro no período militar. **Informe GEPEC**, Toledo, v. 27, n. 2, p. 48–65, 2023. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/30263>. Acesso em: 28 out. 2023.

STOSCH, Sergio. **Briefing gestão 1992/1997**. Porto Alegre, RS, 30 jun. 1997. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

STOSCH, Sergio. **Rádio da Universidade – 30 anos: a história de sua implantação**. 1987. Trabalho de Conclusão (Curso de Jornalismo) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

STOSCH, Sergio. **Depoimento**. Porto Alegre, 2007. Entrevistador: André Grassi em novembro de 2007. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

STOSCH, Sergio. **Vozes do Rádio**. Porto Alegre, [201-]. Entrevistadores: alunos do Curso de Jornalismo da PUCRS em [201-].

SZWAKO, José; SANTOS, Fabiano. Da ruptura à reconstrução democrática no Brasil. **Saúde debate**, v. 40, n. esp., p. 114-121, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042016S10>. Acesso em: 2 jan. 2024.

TANCREDO é presidente com 480 votos. **Acervo Correio Braziliense**, Brasília, 18 abr. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/04/18/interna_cidadesdf,845315/tancredo-e-presidente-com-480-votos.shtml. Acesso em: 28 out. 2023.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou** – do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo: Negócio, 1997.

TECNOLOGIA moderna na Rádio da UFRGS. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 12 dez. 1991. Panorama. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

TEIXEIRA, Luiz Sperotto. [Carta] **Destinatário: Carlos Urbim**, diretor. Porto Alegre, 17 jul. 1991. 2 fls. Assunto: sugestões para a Rádio da Universidade. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

TEIXEIRA, Luiz Sperotto. **Currículo do sistema Lattes**. Brasília, 24 jul. 2014. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3064826838489607>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TEIXEIRA, Luiz Sperotto. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 13 de dezembro de 2023.

TERMO DE CONVÊNIO PRONTEL UFRGS. **Convênio para a execução de um projeto que visa a efetivação do aumento de potência para a Rádio do Centro de Teledifusão Educativa Emissora ZYH – 100**. Rio de Janeiro, RJ: 1977.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Resultados eleições 2010**. Brasília, 2010. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/resultado-da-elei%C3%A7%C3%A3o?session=308463111357450>. Acesso em: 29 dez. 2023.

TSE diploma Dilma Rousseff e Michel Temer presidente e vice-presidente da República. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 18 dez. 2014. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2014/Dezembro/tse-diploma-dilma-rousseff-e-michel-temer-presidente-e-vice-presidente-da-republica>. Acesso em 2 jan. 2024.

UFRGS justifica exoneração de jornalista. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 9 jul. 2002. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/ufrgs-justifica-exoneracao-de-jornalista,199041.jhtml>. Acesso em: 26 nov. 2023.

UFRGS TV. **Cerimônia de Aniversário dos 60 anos da Rádio**. Acontece na UFRGS. Porto Alegre, 21 nov. 2017. 1 vídeo (7min10s). Disponível em: <https://youtu.be/c5lx-ePav8o?si=dhKGtRETrxHCNF1b>. Acesso em: 23 dez. 2023.

UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Histórico**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em: 3 dez. 2023.

UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Prestação de Contas Ordinária Anual Relatório de Gestão do Exercício de 2014**. Porto Alegre, RS, mar. 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/arquivos/relatorios-de-gestao/relatorio-de-gestao-2014>. Acesso em: 23 dez. 2023.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS. **Rádio Universidade comemora 50 anos de história**, Pelotas, 20 jul. 2017. Notícias. Disponível em: <https://ucpel.edu.br/noticias/radio-universidade-comemora-50-anos-de-historia>. Acesso em: 2 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Centro de Teledifusão Educativa. **A história da música na Rádio da Universidade**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade, [1986]. 1 panfleto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Centro de Teledifusão Educativa. **A história da música na Rádio da Universidade**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade, [1986]. 1 panfleto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Coperse. **Manual do Candidato Vestibular 2000**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1999. p. 42.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Rádio da Universidade. **Tributo à Paz Mundial**. Porto Alegre: [S. n.], [2001]. 1 panfleto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Rádio da Universidade. **Rádio da Universidade 1080 – 60 anos**. Porto Alegre: [S. n.], [2017]. 1 cartaz.

URBIM, Carlos. **Depoimento**. Porto Alegre, 2007. Entrevistadora: Silvia Secieru em novembro de 2007. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

URBIM, Carlos. **Ofício nº 049/1982**. Porto Alegre, RS: Centro de Teledifusão Educativa, 16 mar. 1982. Assunto: programação prevista para os 25 anos da Rádio da Universidade e 10 anos do Planetário Prof. José Baptista Pereira

URBIM, Carlos. **Ofício nº 210/1983**. Porto Alegre, RS: Centro de Teledifusão Educativa, 16 set. 1983. Assunto: relatório das atividades do Centro de Teledifusão Educativa de 1982.

URBIM, Carlos. **Projeto formação de núcleo de peças radiofônicas e radionovelas da Rádio da Universidade**. Porto Alegre, RS, jun. 1991. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

URBIM, Carlos. Rádio da UFRGS. [Entrevista cedida a] Associação dos Antigos Alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Boletim da Associação dos Antigos Alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, p. 7, dez. 1991.

URBIM, Carlos. Rádio da Universidade. **Boletim da Associação dos Antigos Alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 31, p. 2, mai. 1990.

URBIM, Carlos. Uma proposta de rádio. **Extensão/UFRGS**, Porto Alegre, mai./jun. 1982. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

VEIGA, Luciana Fernandes; DUTT-ROSS, Steven; MARTINS, Flávia Bozza. Os efeitos da economia e da Operação Lava-Jato na popularidade da Presidente Dilma Rousseff no período pré-impedimento. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 27, n. 72, p. e002, dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-987319277202>. Acesso em: 2 jan. 2024.

VERARDI, Fábio Romani. O tango volta à programação da Rádio. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, jul. 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/210195/2017-203.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2023.

VERGARA MARQUES: A voz do turfe. **Coletiva.net**, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/vergara-marques-a-voz-do-turfe,145611.jhtml>. Acesso em: 27 out. 2023.

VERSALIC, Portal de visualização do sistema de apoio às leis de incentivo à cultura. **Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS - Rádio da UFRGS - Acessibilidade Universal ao Edifício**. Brasília, 2023. Disponível em: <http://versalic.cultura.gov.br/#/projetos/164938>. Acesso em: 26 dez. 2023.

VOTAÇÃO do estatuto será aberta. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1º out. 1991. Recorte sem numeração de página. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

WARREN, Steve. **Radio: the book**. For creative professional programming. 4. ed. Burlington: Focal Press, 2005.

WEISS, Milton Pedro. **Ofício 265/1977**. Porto Alegre, RS: Diretoria Regional do Departamento Nacional de Telecomunicações, 1º jun. 1977. Assunto: Alteração de indicativos de chamada de estações de radiodifusão.

WEISSHEIMER, Marco. **Cientista político denuncia censura de entrevista na rádio da UFRGS**. Sul21, Porto Alegre, 8 set. 2016. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2016/09/cientista-politico-denuncia-censura-de-entrevista-na-radio-da-ufrgs>. Acesso em: 23 dez. 2023.

WEISSHEIMER, Marco. **UFRGS repudia censura e comenta decisão de não veicular entrevista de cientista político**. Sul21, Porto Alegre, 9 set. 2016. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2016/09/ufrgs-repudia-censura-e-comenta-decisao-de-nao-veicular-entrevista-de-cientista-politico>. Acesso em: 23 dez. 2023.

WEYNE, Rubens Constantino Volpe. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 6 de novembro de 2023.

WINK, Ilgo. **Apresentação sobre a Rádio da Universidade**. Porto Alegre, RS, [1999]. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

WINK, Ilgo. **Depoimento sobre a Rádio da Universidade**. Porto Alegre, RS, 15 jul. 1991. In: Departamento de Jornalismo: seminário Reouvir a Rádio. Não paginado. Disponível nos arquivos da Rádio da Universidade.

WINK, Ilgo. **Depoimento**. Porto Alegre, 2023. Entrevistadora: Mariane Souza de Quadros em 10 de julho de 2023.

WINK, Ilgo. Sobre o jornalista. **Blog do Ilgo**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.blogdoilgo.com.br>. Acesso em: 6 dez. 2023.

WOLFF, Renato Nunes. **Universidade é notícia?** Estudo de caso sobre o jornalismo da Rádio da UFRGS. 1992. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2012.